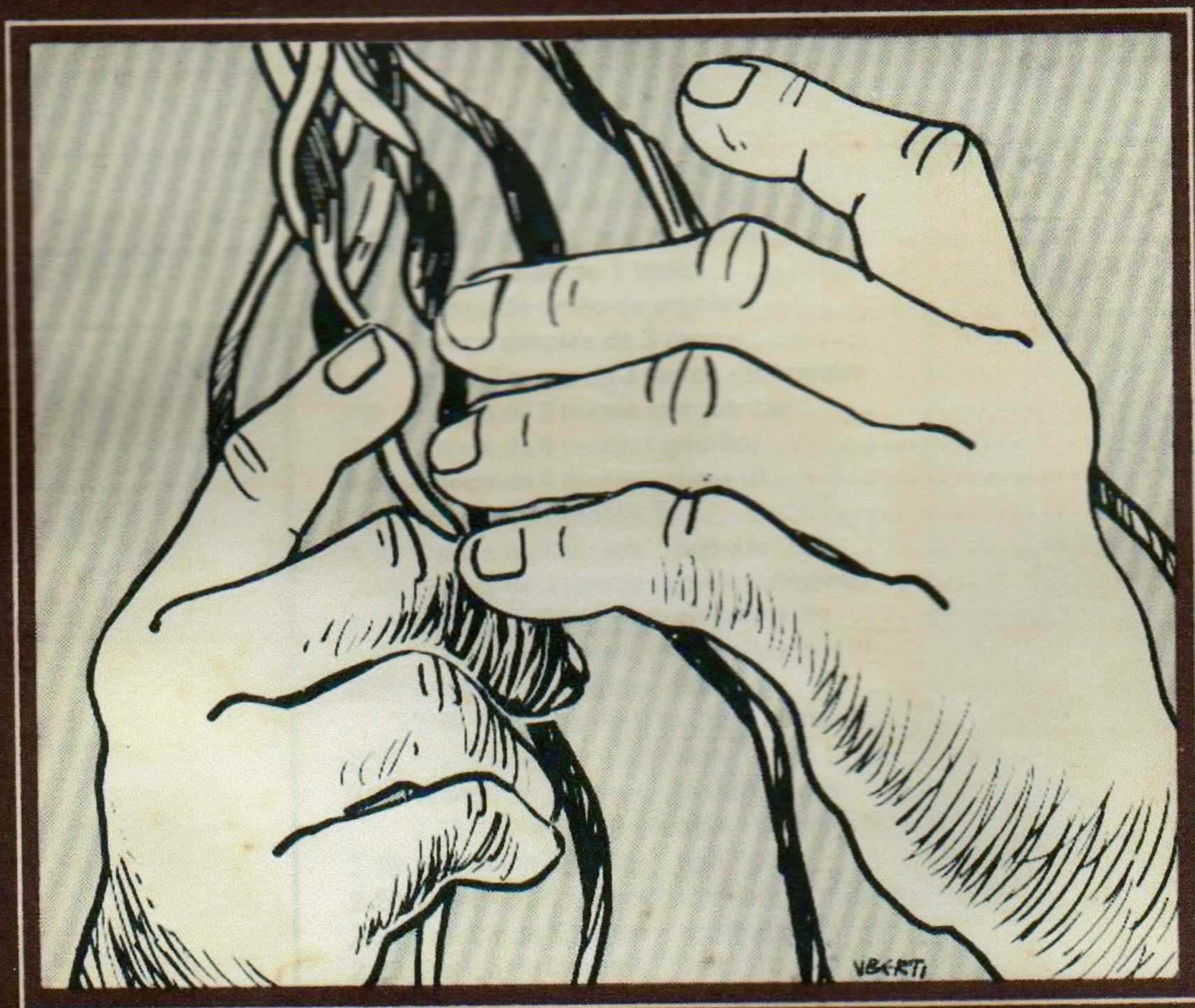


Mão Gaúcha

TRANÇADOS EM COURO



Ministério do Trabalho
Secretaria do Trabalho e Ação Social
Fundação Gaúcha do Trabalho

$\$51 + 30 = \81

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	25
1. PRELIMINARES.....	27
1.2 A coureada.....	27
1.3 A raspagem do pelo.....	28
1.4 Estaqueamento.....	28
1.5 Partes do couro para tentos.....	28
1.6 Obtenção dos tentos.....	29
1.7 Desborde dos tentos.....	30
2. TRANÇAS.....	31
2.1 Generalidades.....	31
2.2 Corda torcida de um tento.....	31
2.3 Corda torcida de dois tentos.....	31
2.4 Corda torcida de três tentos.....	31
2.5 Trança falsa de 1 tento.....	32
2.6 Trança de união de argolas.....	32
2.7 Trança simples de 3 tentos.....	32
2.7.1 Trança de 3 tentos - triangular.....	34
2.8 Trança de 3 tentos sem pontas.....	35
2.9 Trança de 4 tentos (padrão).....	35
2.10 Trança de 4 tentos - chata (I).....	35
2.11 Trança de 4 tentos (II).....	36
2.12 Trança de 4 tentos - redonda.....	36
2.13 Trança de 4 tentos - de revestimento.....	37
2.14 Trança de 4 tentos - quadrangular.....	37
2.15 Trança de 4 tentos - revestimento (II).....	38
2.16 Trança de 5 tentos - chata.....	38
2.16.1 Trança de 5 tentos - chata (I).....	38
2.17 Trança de 5 tentos - chata (II).....	39
2.18 Trança de 5 tentos - de duas faces.....	39
2.18.1 Trança de 5 tentos - de revestimento.....	40
2.19 Trança de 5 tentos - tipo "gaita".....	40
2.20 Trança de 5 tentos - quadrangular de revestimento.....	41
2.21 Trança de 6 tentos - chata (I).....	41
2.22 Trança de 6 tentos - chata (II).....	42
2.23 Trança de 6 tentos - chata (III).....	42
2.24 Trança de 6 tentos - "barriga de cobra".....	43
2.25 Trança de 6 tentos - redonda.....	43
2.26 Trança de 6 tentos - revestimento.....	44
2.27 Trança de 7 tentos - chata (I).....	45
2.28 Trança de 7 tentos - chata (III).....	45
2.28.1 Trança de 7 tentos - chata (III).....	46

2.29	Trança de 7 tentos - duas "caras"	46
2.30	Trança de 7 tentos - revestimento	47
2.30.1	Trança de 7 tentos - quadrangular	48
2.31	Trança de 8 tentos - chata	48
2.32	Trança de 8 tentos - redonda	49
2.33	Trança de 8 tentos - revestimento	50
2.34	Trança de 8 tentos - quadrangular	51
2.35	Trança de 8 tentos - quadrada	52
2.36	Trança de 8 tentos - "boca de doma"	53
2.37	Trança de 9 tentos - chata (I)	53
2.38	Trança de 9 tentos - chata (II)	54
2.39	Trança de 9 tentos - chata (III)	54
2.40	Trança de 9 tentos (IV)	55
2.41	Trança de 10 tentos	55
2.41.1	Trança de 10 tentos - revestimento	56
2.42	Trança de 10 tentos - quadrangular	56
2.43	Trança de 10 tentos - "bocal de doma"	57
2.44	Trança de 11 tentos - chata (I)	57
2.45	Trança de 11 tentos (II)	58
2.46	Trança de 11 tentos (III)	58
2.47	Trança de 12 tentos - chata	59
2.48	Trança de 12 tentos - quadrangular	60
2.49	Trança de 12 tentos - revestimento	61
2.50	Trança de 12 tentos - redonda	61
2.51	Trança de 12 tentos (II)	61
2.52	Trança de 13 tentos - chata (I)	62
2.53	Trança de 13 tentos - chata (II)	62
2.54	Trança de 13 tentos - quadrangular	63
2.55	Trança de 14 tentos - revestimento	64
2.56	Trança de 15 tentos	64
2.57	Trança de 16 tentos - revestimento	64
2.58	Trança de 16 tentos	65
2.59	Trança de 17 tentos (I)	66
2.60	Trança de 17 tentos (II)	66
2.61	Trança de 18 tentos - revestimento	67
2.62	Trança de 19 tentos - chata	67
2.63	Trança de 20 tentos - revestimento	68
2.64	Trança de 21 tentos - chata	68
2.65	Trança de 22 tentos - chata	68
2.66	Tranças de revestimento (modelos)	69
2.67	Observação	69
3.	CORREDORES	71
3.1	Generalidades	71
3.2	Corredor de "volta e meia"	72
3.2.1	Aumento de armação	73
3.3	Corredor de "volta e meia" - armação dupla	73
3.4	Ajuste do corredor	75
3.5	Corredor de volta e meia - armação triplice	76
3.5.1	Armação de corredor com qualquer número de voltas	78
3.6	Corredor de volta e meia - armação dupla tecido por dois	78
3.7	Corredor de três voltas - armação simples	80
3.7.1	Corredor de 4 voltas	82
3.8	Corredor para forrar botão	83
3.9	Armação dupla do corredor de forrar botão	84
3.10	Armações triplice, quádrupla, etc.	85
3.11	Corredor de forrar botão - "tecido por dois"	85

3.12	Corredor tecido por dentro - armação dupla.....	86
3.13	Corredor tecido por fora.....	88
3.14	Observação sobre o tecido.....	89
3.15	Corredor "tecido por três".....	90
3.16	Armação de corredor em torno de objetos esféricos.....	92
3.17	Corredor de "cinco".....	92
3.18	Corredor de "cinco" - armação dupla.....	94
3.19	Corredor de "cinco" - armação tríplice.....	94
3.20	Corredor de "cinco" - armação simples - tecido por dois.....	95
3.21	Corredor de "cinco" - tecido por três.....	96
3.22	Corredor de "cinco" - armação dupla - "tecido por dois".....	97
3.23	Corredor de duas voltas - armação dupla - "tecido por dois".....	100
3.24	Amostra de corredores.....	103
3.25	Corredor de duas voltas - armação quádrupla - "tecido por dois"....	103
3.26	Corredor de duas voltas - armação quádrupla - "tecido por três"....	107
3.27	Corredor - "passador".....	109
3.28	Observação sobre corredores.....	109
4.	NÓS.....	111
4.1	Nó de tronco.....	111
4.2	Nós de presilha.....	111
4.3	Nós de palanque.....	111
4.4	Nó de calhandra.....	111
4.5	Nó quadrado.....	112
4.6	Nó de soga.....	112
4.7	Nó olho de caranguejo.....	112
4.8	Nó múltiplo.....	112
4.9	Nó corrediço.....	112
4.10	Nó de "gringo".....	113
4.11	Nó pata de gato.....	113
4.12	Nó pata de cachorro.....	113
4.13	Nó pata de ganso.....	113
4.14	Nó de macega.....	113
4.15	Nó de carpinteiro.....	113
4.16	Nó de laçada.....	113
4.17	Nó de artífice.....	113
4.18	Nó de amarre.....	114
4.19	Nó de canhão.....	114
4.20	Nó de galera.....	114
4.21	Nó presilhado.....	114
4.22	Nó cruzado.....	114
4.23	Nó arnês.....	114
4.24	Nó de emenda.....	114
4.25	Nó de meia-chave.....	115
4.26	Nó de pescador.....	115
4.27	Nó de "sapo".....	116
4.28	Nó frontal (testeira).....	116
4.29	Nó de alça.....	117
5.	BOTÕES — Generalidades.....	119
6.	CONCLUSÃO.....	122

INTRODUÇÃO

Em realidade, BAÚ CAMPEIRO nasceu há alguns anos, em consequência do entusiasmo contagiante de João Carlos Paixão Côrtes — uma das mais legítimas expressões de nosso folclore. Sob essa influência originou-se a pesquisa no setor do artesanato e dela surgiu o presente trabalho.

Sua unidade fundamental reside no artesanato em couro cru. Nesse sentido, o presente manual parece ter sua razão de ser, uma vez que visa a despertar e mesmo interessar os leitores para esse lado verdadeiramente artístico das tradições gaúchas. Pretende, nessa forma, reavivar um pouco daquela arte que vem sendo esquecida e conseqüentemente abandonada.

Hoje em dia é raro encontrar-se nos estabelecimentos rurais aqueles verdadeiros artífices do couro cru — os conhecidos "guasqueiros". E, por incrível que pareça, os apetrechos de couro cru já começam a ser confeccionados em sua maioria, nas correarias das cidades e não mais em seu lugar de origem: a campanha. É comum observar-se a sua substituição por similares de material sintético ou couro curtido ("sola") — sinal evidente da crescente mudança nos hábitos e costumes tradicionalistas, como evidencia a "quadrinha" gauchesca:

*"a gaita matou a viola,
o fósforo matou o isqueiro;
a bombacha, o chiripá,
a moda, o uso campeiro". (*)*

Por questões de ordem didática — foi utilizado na confecção do mostruário, material diverso do couro cru. Isso não altera em nada a estrutura do presente manual, uma vez que sua finalidade precípua é a de **ensinar como fazer**, não importando aqui o material com que se trabalha nas fases de aprendizagem.

Os desenhos correspondentes, mostram por si próprios, a seqüência dos trabalhos a serem executados, sendo complementados pelo texto.

(*) autor desconhecido.

1. PRELIMINARES

1.1. Ao artesanato de uso campeiro, na base do couro cru, dá-se o nome, de modo geral, de trabalho em "corda". "Guasqueiro" é o apelido pelo qual é conhecido o homem do campo que se dedica a esse tipo de artesanato.

São variados os "pertences" de uso campeiro, confeccionados em couro cru. Destacam-se, entre outros, as "cordas" trançadas (rédeas, laços, cabrestos, etc.) — feitos de couro vacum — e os "corredores" (revestimentos) — feitos de couro cavalariço.

Além dos couros vacum e cavalariço, são também utilizados: o couro de cabra ("chibo"), para tranças de rédeas; a pele de enguia ("muçum"), para revestimento de pequenos objetivos. Até bem pouco tempo, utilizavam-se no artesanato dessa natureza, o couro de capivara ("capincho"), para "cordas" torcidas; o couro de veado para pequenas tranças e revestimentos e o couro de lagarto para forro de boleadeiras. Hoje, por razões de ordem ecológica, essa prática vem sendo abandonada.

1.2. A Coureada

Diz-se "courear" ao ato de despegar o couro do animal morto.

Para fins de artesanato, um couro deve ser o mais limpo possível, livre de gordura, resíduos de carne e coágulos de sangue. Alguns "guasqueiros" observam a fase da lua, para efeitos de coureada (lua minguante). É crença mais ou menos generalizada, que o couro obtido na lua nova torna-se quebradiço e de pouca resistência. Outros preferem "courear" quando se inicia o processo de putrefação (caso de animais mortos no campo), tão logo o animal começa a inchar. Entendem que, dessa forma, facilita-se a posterior depilação do couro.



FIG. 1

1.3. A raspagem do pelo (depilação)

A esta operação dá-se o nome de "lonqueamento". "Lonca" é o nome dado ao couro já desprovido de todos os pelos. A parte interna do couro recebe o nome de "carnal", e a parte externa, de "flor". Do couro "lonqueado" cortam-se os tentos — que são tiras ou fios de couro.

O "lonqueamento" é efetuado com o couro ainda úmido ("verde"). Os processos de "lonqueamento" são variados. O mais usual e original é o que consiste na raspagem do pêlo, com o couro estendido sobre a perna do "guasqueiro" — ver figura nº 1. De cócoras e com o auxílio de uma faca bem afiada, ele vai raspando o pelo, no sentido da raiz do mesmo para as pontas. É operação que requer muita habilidade. Após o "lonqueamento", o couro é lavado, posto a "orear" (secar ligeiramente à sombra e ao vento), para logo a seguir ser estaqueado.

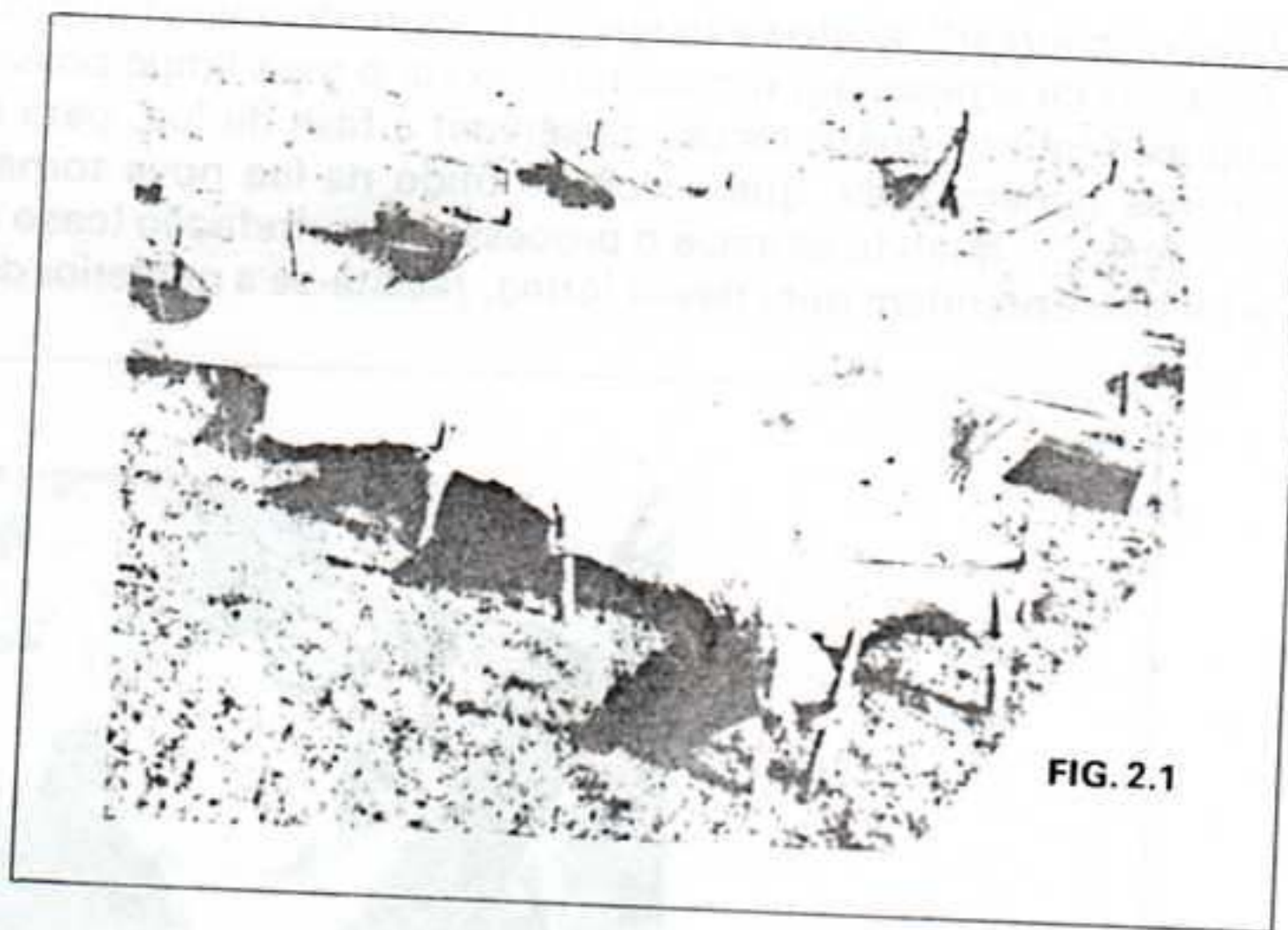
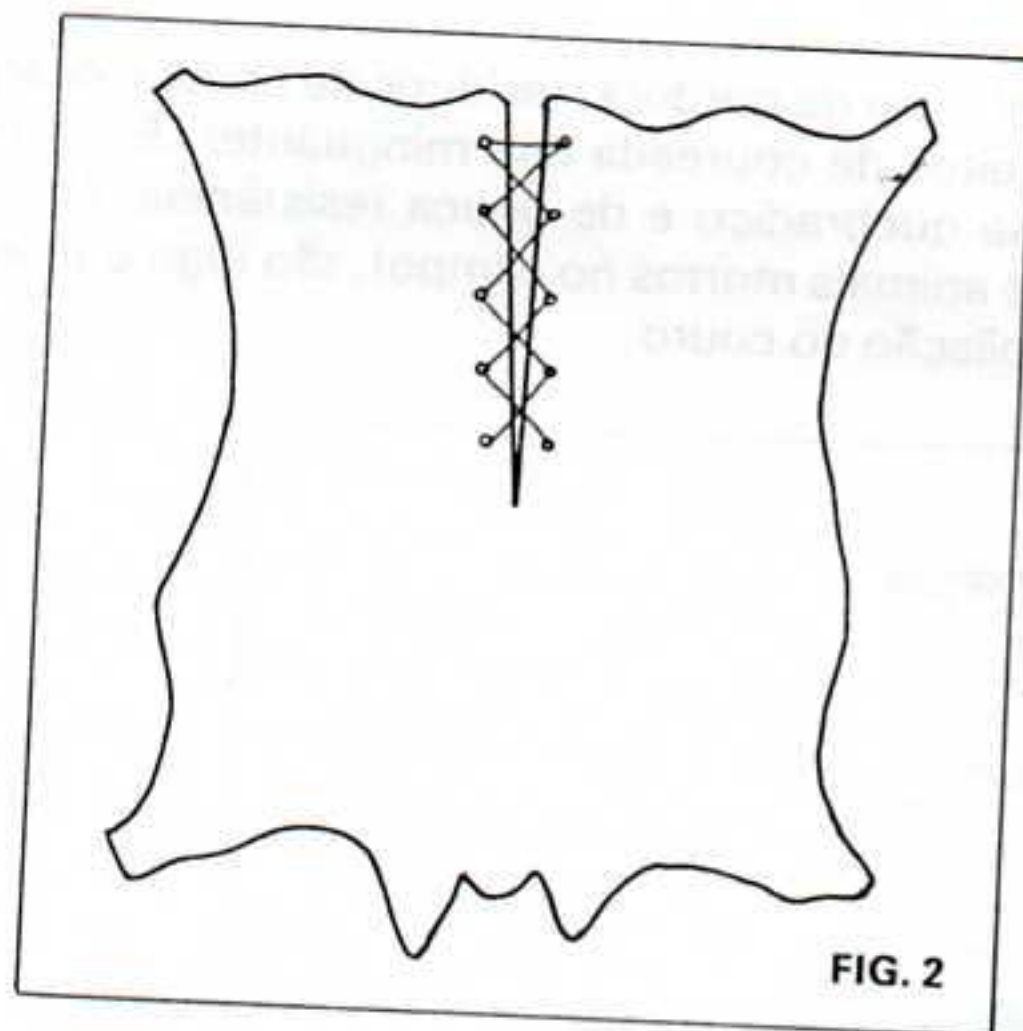
Um outro processo, muito em uso, é o de deixar-se por uns dois dias o couro imerso em água com cal apagada. Os pelos afrouxam e podem — na maioria dos casos — ser arrancados do couro com extrema facilidade. Para tal, usa-se uma faca: o pelo apertado entre a faca e o dedo polegar é puxado para fora. Outro processo: deixar o couro enrolado com cinza úmida, por alguns dias. Dessa forma, consegue-se também uma fácil depilação.

1.4. Estaqueamento

O rendimento de um couro depende em grande parte do modo de estaqueamento. Um bom estaqueamento deve preencher certos requisitos, tais como:

- a — o couro estaqueado deve estar limpo, livre de gordura, resíduos de carne e coágulos de sangue;
- b — no verão, o estaqueamento deve ser feito com sol indireto; a ação direta dos raios solares sobre o couro torna-o quebradiço e ressequido;
- c — o couro deve ser estaqueado com o carnal para cima;
- d — o estaqueamento feito sobre uma parede de madeira, com o uso de pregos, é o mais indicado; nesse caso, a parte do couro correspondente à cabeça do animal deve ficar para baixo;
- e — se o estaqueamento for feito sobre o chão, convém que o seja em terreno inclinado (a parte do couro correspondente à cabeça, para baixo).

A figura 2 mostra um tipo de estaqueamento muito original (e pouco conhecido). Faz-se um corte, no "fio do lombo" (da parte traseira até o meio do couro). A seguir estaqueia-se numa parede e costura-se depois essa parte cortada com um tento forte, procurando aproximar-se o mais possível a parte cortada. Quando seco, nesse processo, o couro apresenta uma maior uniformidade, quanto à espessura, nessa região. A figura 2.1 mostra um couro estaqueado no chão.



1.5. Partes do couro para tentos

As figuras 3 e 4 mostram, nas partes tracejadas (retângulos), as regiões que fornecem os tentos. As regiões A, B, C e D fornecem tentos para "cordas" diversas. As regiões E e F (zona da "barrigueira") fornecem tentos mais delgados.

A figura 5 mostra as regiões aproveitáveis num couro cavalár. A parte A, que abrange a "tábua do pescoço", é a que fornece tentos longos e resistentes. A região B, da anca, fornece tentos mais espessos e mais duros. A região C, da barriga, fornece tentos delgados. A região D, do garrão, fornece couro para forro ("retovo") de boleadeiras, sendo também utilizada, essa parte, na confecção da chamada "bota de garrão de potro" (espécie de calçado rústico do homem do campo).

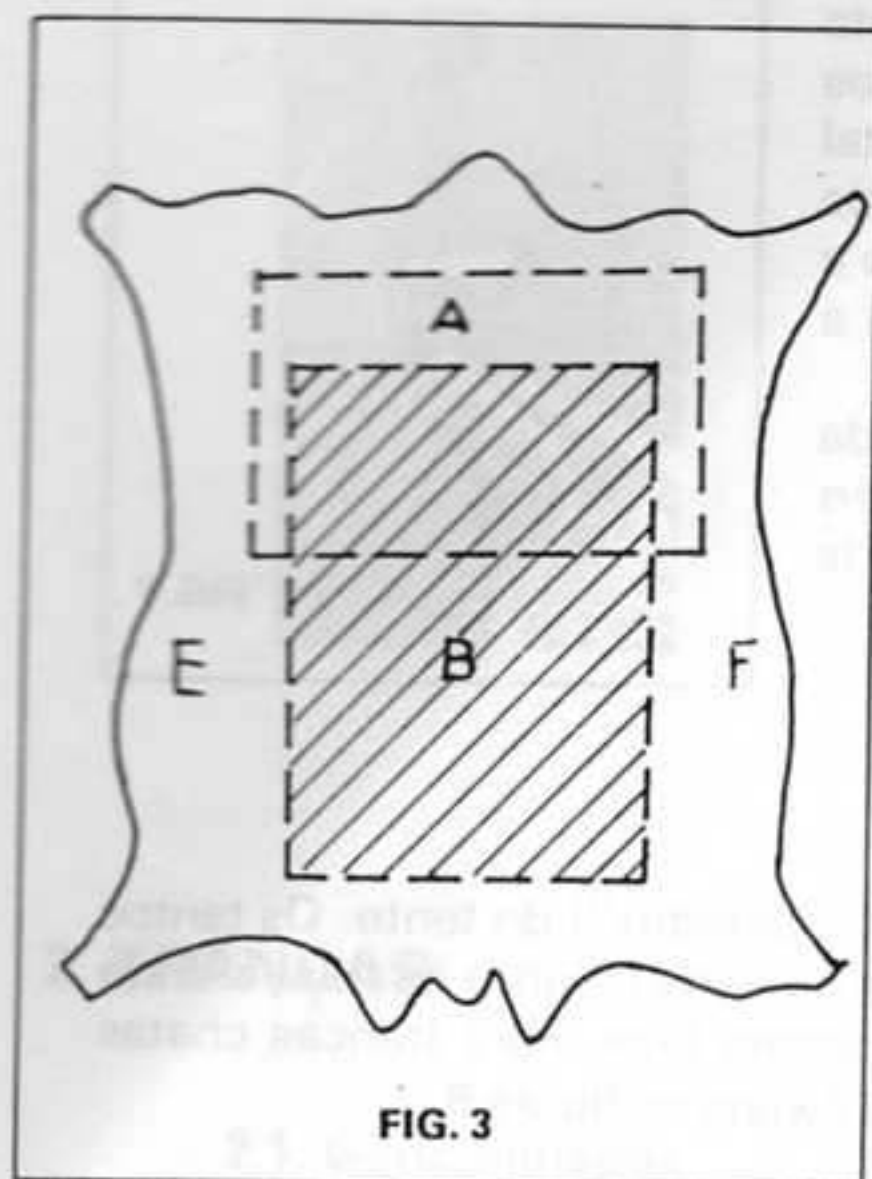


FIG. 3

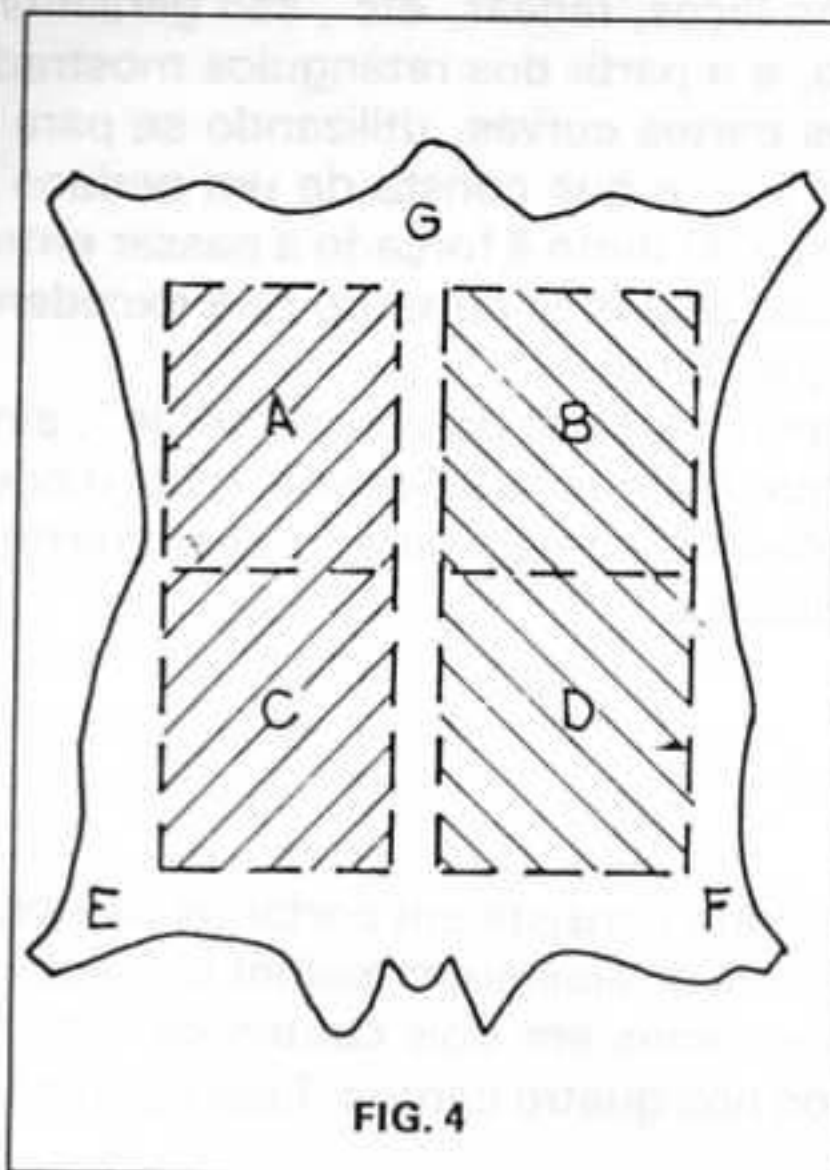


FIG. 4

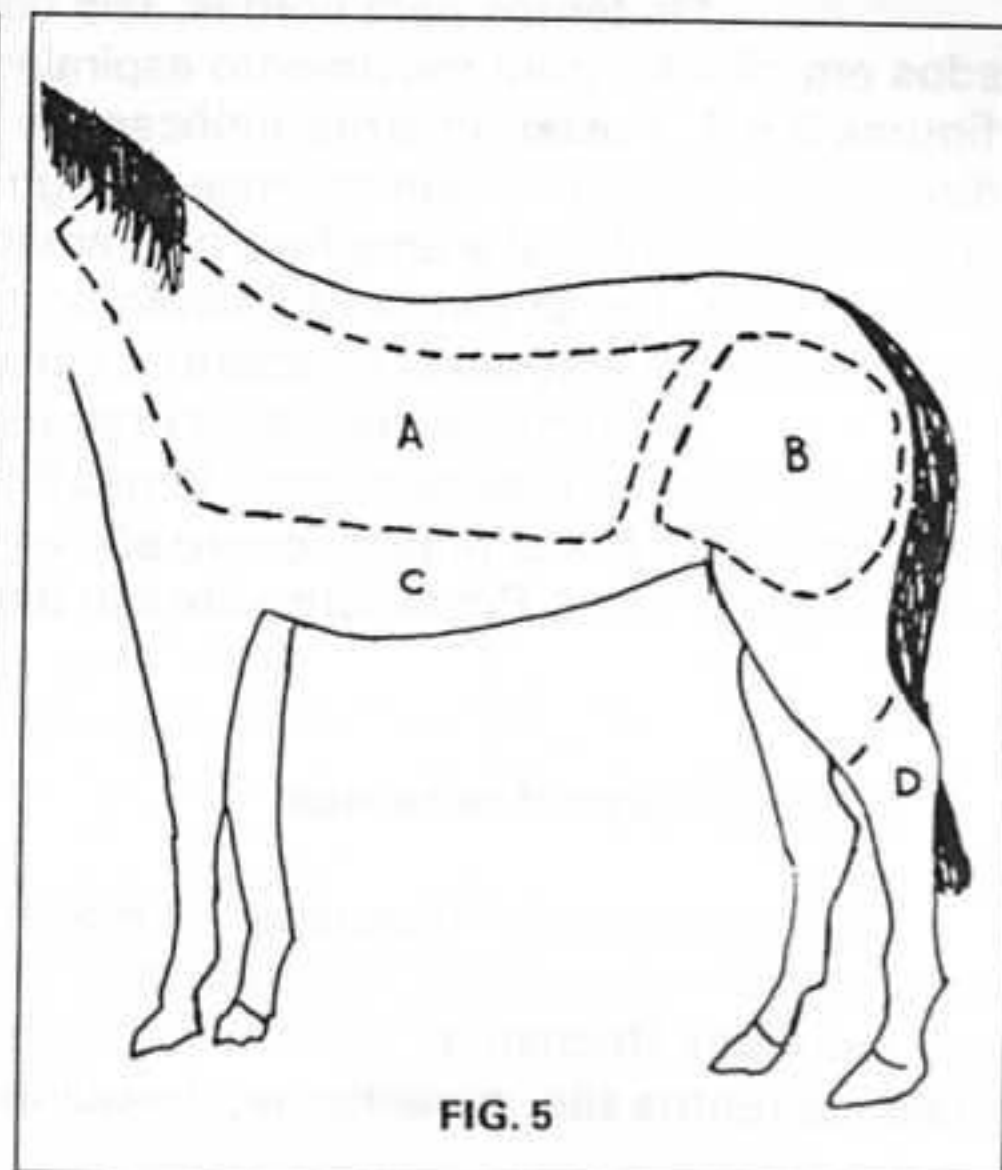


FIG. 5

O "garrão de potro" é cantado em versos gauchescos de Orestes M. Ferreira:

*"Feita do garrão de potro
e virada do avesso,
não tinha forma nem preço
cada qual fazia a sua;
pilcha pro campo e pra sua
pelo ficava pra dentro
costura na ponta e centro
tudo de matéria crua".*

1.6. Obtenção dos tentos

A figura 6 mostra o processo mais comum para o corte de tentos, a partir de uma tira mais larga (lonca). O dedo polegar é que regula a largura do tento a ser cortado. É notável a habilidade com que certos "guasqueiros" cortam tentos, perfeitamente uniformes em toda sua extensão, utilizando apenas uma faca.

Existem, em certos lugares, pequenos aparelhos feitos de bronze, com os quais se cortam tentos em qualquer largura. A figura 6.1 mostra um desses aparelhos.



FIG. 6

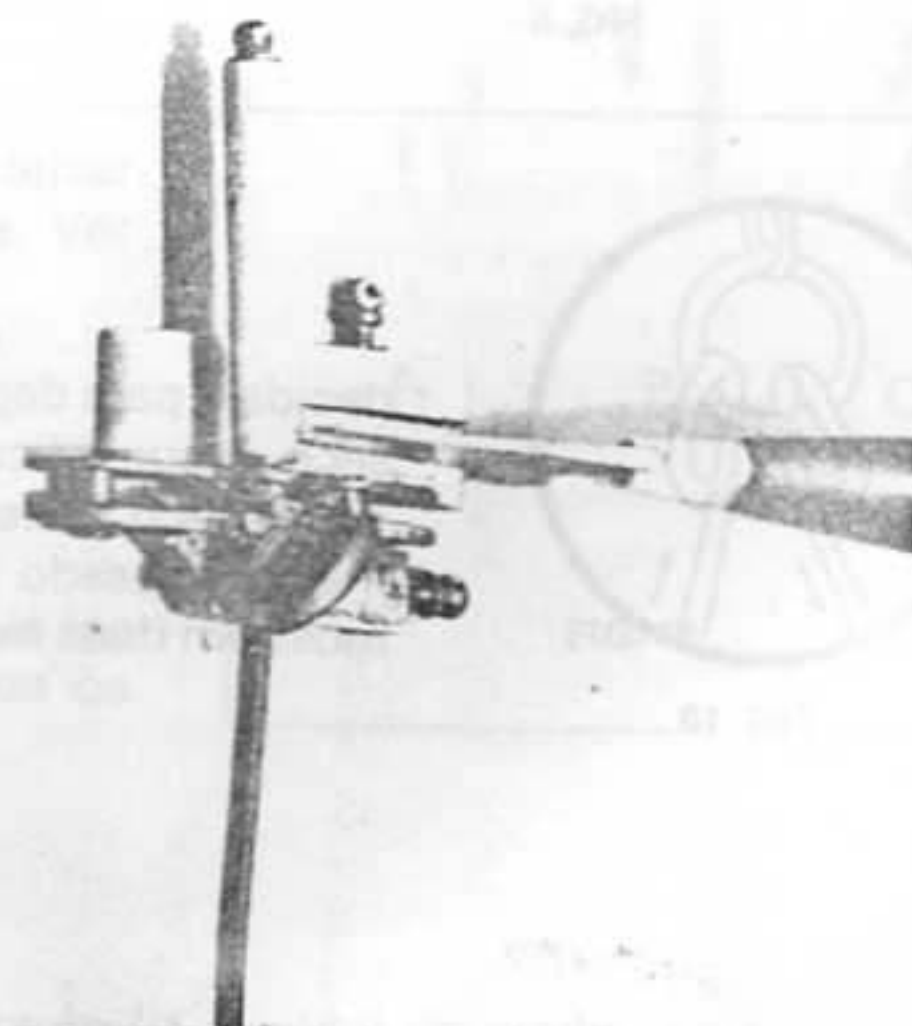


FIG. 6.1

Os tentos para cordas, tais como laços, rédeas, etc., são geralmente cortados em círculo, num movimento espiralado, e a partir dos retângulos mostrados nas figuras 3 e 4. Posteriormente retificam-se as partes curvas, utilizando-se para tal um dispositivo prático — que aparece na figura 7 — e que consta de um pedaço de tábua (com uma ranhura) e uma faca nela amarrada. O tento é forçado a passar entre a madeira e a faca. Dessa forma vão sendo cortadas as partes do tento que excedem a largura, previamente regulada na abertura correspondente.

Costuma-se também cortar os tentos a partir do couro "verde", ainda com pelo. Cortam-se tiras bem mais largas do que realmente se deseja (pois o couro encolhe, ao secar). Essas tiras de couro são enroladas ("carnal" para fora) em torno de uma árvore, para secar. Posteriormente são depiladas.

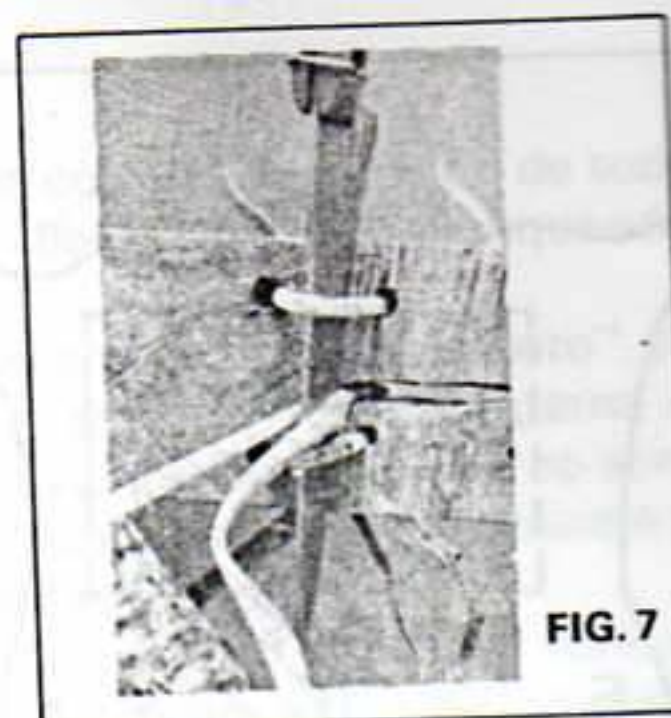


FIG. 7

1.7. Desborde dos tentos

Dá-se o nome de "desquinar" à operação que consiste em cortar os cantos ("costados") do tento. Os tentos — para tranças — devem ser "desquidados" a fim de se ajustarem melhor uns aos outros no conjunto da trança. Para tranças redondas (fechadas) os tentos são desquidados em dois cantos de uma mesma face. Para tranças chatas (abertas), os tentos são, geralmente, desquidados nos quatro cantos. Essa operação é vista na figura 8.

1.7.1. Observação:

Os tentos (principalmente os de couro cavalari) quando muito secos, tendem a curvar-se. Consegue-se a retificação dos mesmos com o auxílio de um "cravador" (pedaço de arame pontiagudo). Aperta-se o tento entre o dedo polegar e o "cravador". Num movimento firme de vai-e-vem, desliza-se o "cravador" ao longo do fio, ora num, ora noutro lado, até obter-se o efeito desejado. Ver figura 8.1.

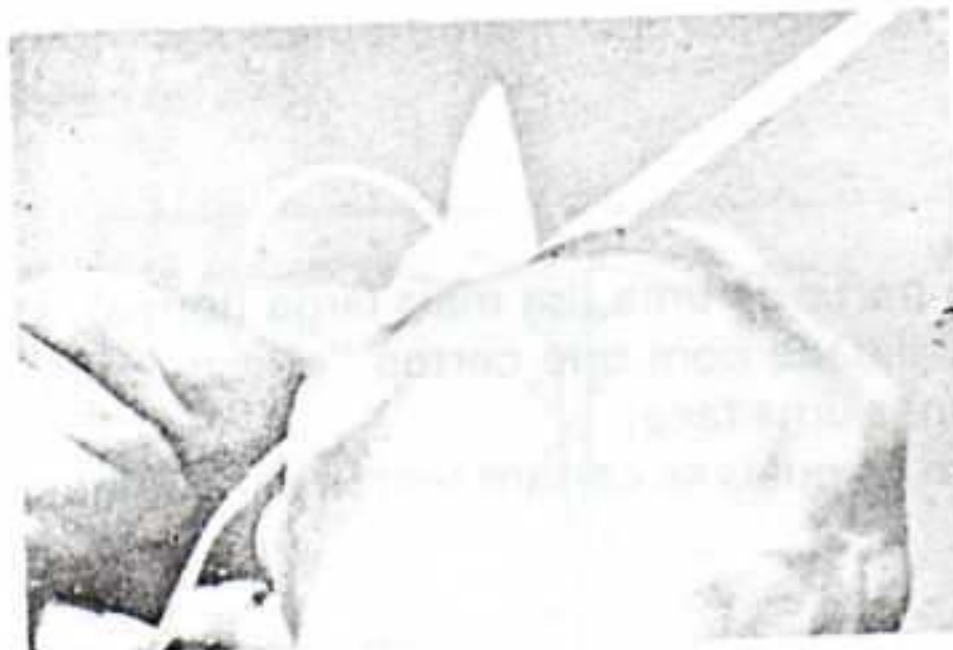


FIG. 8



FIG. 8.1



FIG. 9



FIG. 10

As tiras de couro, quando muito secas, devem ser previamente umedecidas, para depois serem cortados os tentos. No verão o couro torna-se duro e muito seco, o que dificulta o trabalho "em corda". Costuma-se então "macetar" ("sovar") o couro seco, antes de usá-lo para "cordas". O "macete" é uma espécie de martelo de madeira, usado para "amolecer" o couro, mediante pancadas. As figuras 9 e 10 mostram duas maneiras distintas de "sovar" um pedaço de couro.

2. TRANÇAS

2.1. Generalidades

a — Trança: um conjunto de tentos (fios) entrelaçados.

As tranças são confeccionadas, desde o início, com os tentos ajustados uns aos outros. Os tentos devem ser previamente umedecidos, pois dessa forma é mais fácil manuseá-los. Além disso, ao secarem, darão à trança um aspecto mais uniforme e uma outra forma duradoura. Ao terminar uma trança, costuma-se "maceteá-la" levemente, acomodando-se as partes que não ficaram bem assentadas umas nas outras.

b — Os desenhos que se referem às tranças mostram os tentos bem separados uns dos outros, a fim de que o leitor possa ter uma melhor visão do movimento dos mesmos, no conjunto. Ao efetuar-se a trança, cada tento é bem ajustado na forma definitiva.

c — No final do trabalho, a trança terá suas pontas (terminais) "arrematadas".

d — As tranças são classificadas em dois grupos distintos:

- 1 — tranças chatas, também ditas "abertas", nas quais aparecem as duas faces do tento, o "carnal" e a "flor";
- 2 — tranças redondas, também ditas "fechadas", nas quais só aparece a "flor" do tento.

2.2. "Corda" torcida de um tento

a — Umedecer o tento;

b — Fixar um dos extremos;

c — Começar a torcer o tento pelo outro extremo, de modo que o "carnal" fique para dentro. Na medida em que se formam algumas espiras, efetuar movimentos de tração no tento, para que as mesmas se alinhem umas com as outras;

d — Terminada a operação de torção, fixar o extremo livre e deixar secar, o tento mantém a forma espiralada que lhe foi dada. Ver figura 11-A.

2.3. "Corda" torcida de 2 tentos

a — Torcer, separadamente, dois tentos;

b — Torcer juntos, esses dois tentos, como se fôssemos enrolá-los um no outro. De quando em quando afastar as mãos que os seguram, a fim de ajustar o conjunto. Ver figura 11-B.

2.4. "Corda" torcida de 3 tentos

A partir da corda torcida de 2 tentos, acomoda-se um terceiro tento (já torcido) de modo que o mesmo se encaixe nos vãos existentes na corda torcida de 2 tentos. Deve-se operar com os tentos úmidos. Ver figura 11-C.

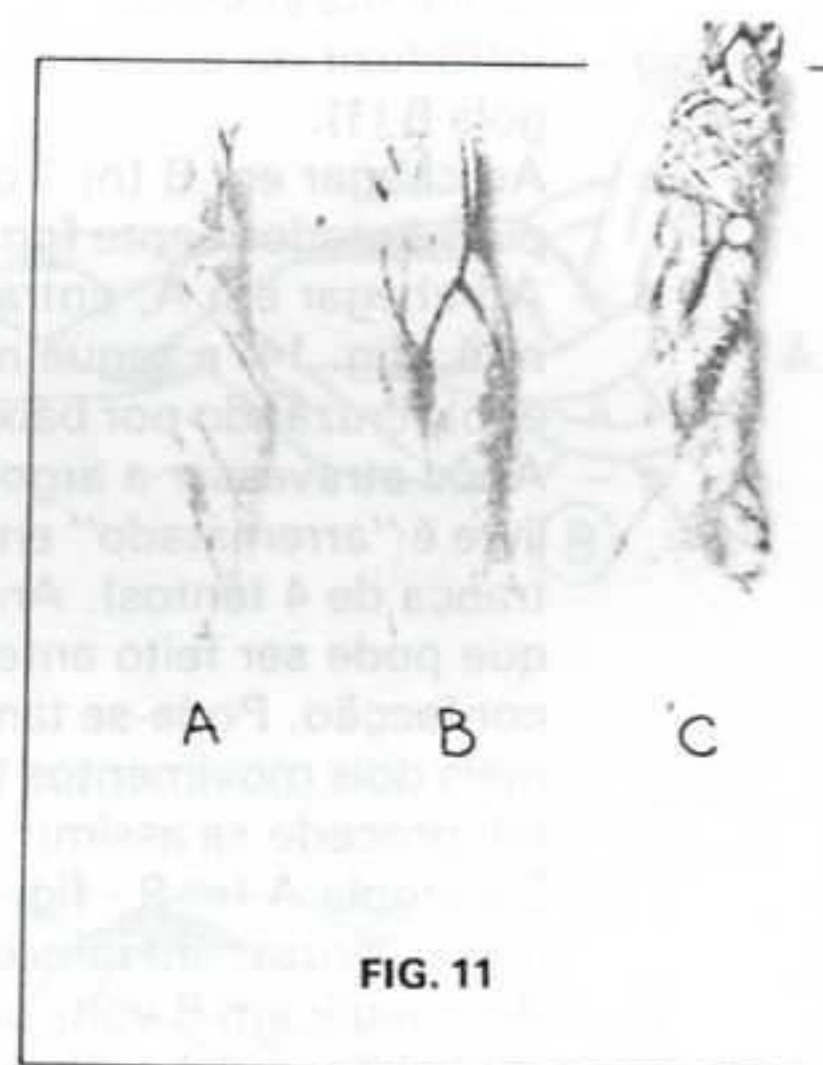


FIG. 11

Os tentos torcidos são de grande aplicação no uso campeiro. Além de serem mais flexíveis que as "cordas" trançadas, são bem mais resistentes. As cordas utilizadas para prender bois em carreta, arado, etc., são em sua maioria, "cordas" torcidas. A conservação das "cordas" é obtida em parte pelo, pelo engraxe adequado das mesmas, usando-se para tal, gordura animal ("sebo").

2.5. Trança falsa de 1 tento

A figura 12 mostra como confeccioná-la. Enfia-se uma curva na outra, ajustando-se o conjunto de vez em quando. É dita "falsa" porque é suficiente puxar-se uma das pontas para que toda a trança se desfça. É de uso muito limitado, restringindo-se de modo geral, à dobra do "maneador" (espécie de tira de couro longa e de uns dois dedos de largura, utilizada para amarrar o cavalo). O "maneador" assim dobrado, é carregado sobre o "lombilho" (parte da montaria). Ver figura 13.

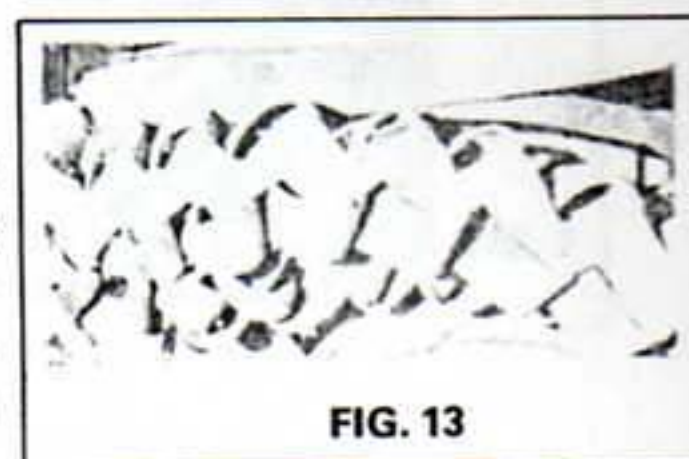


FIG. 13

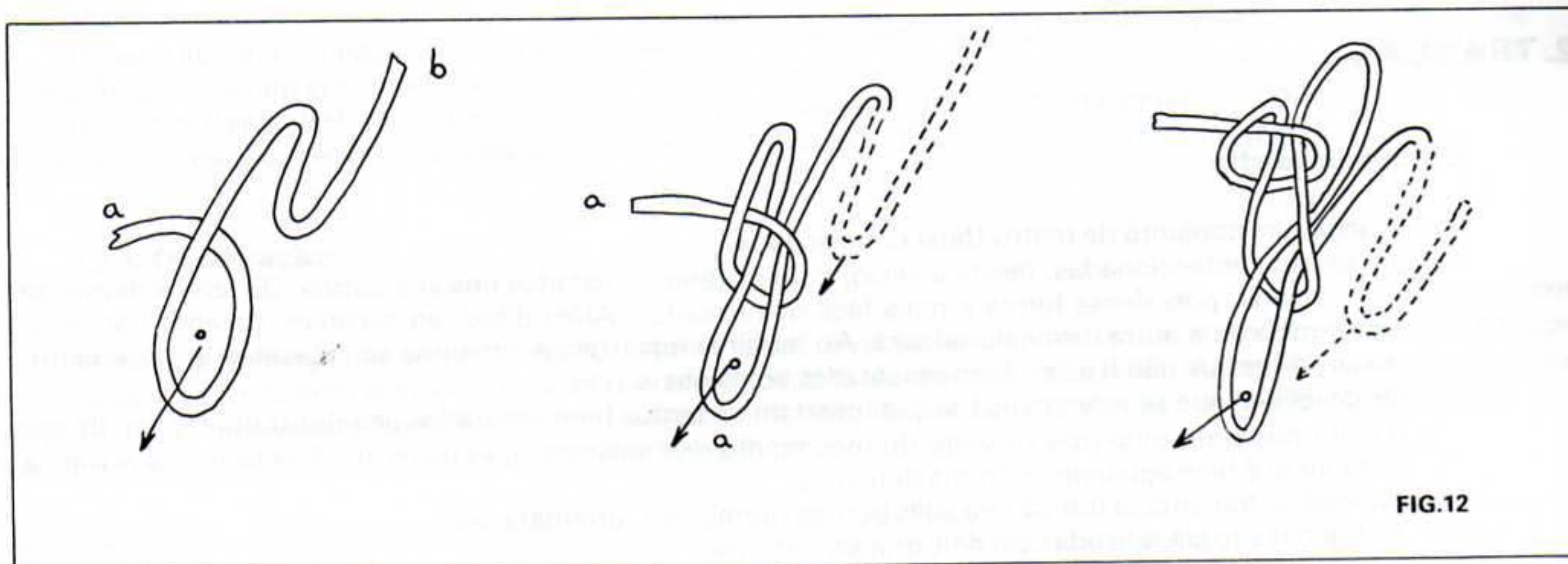


FIG. 12

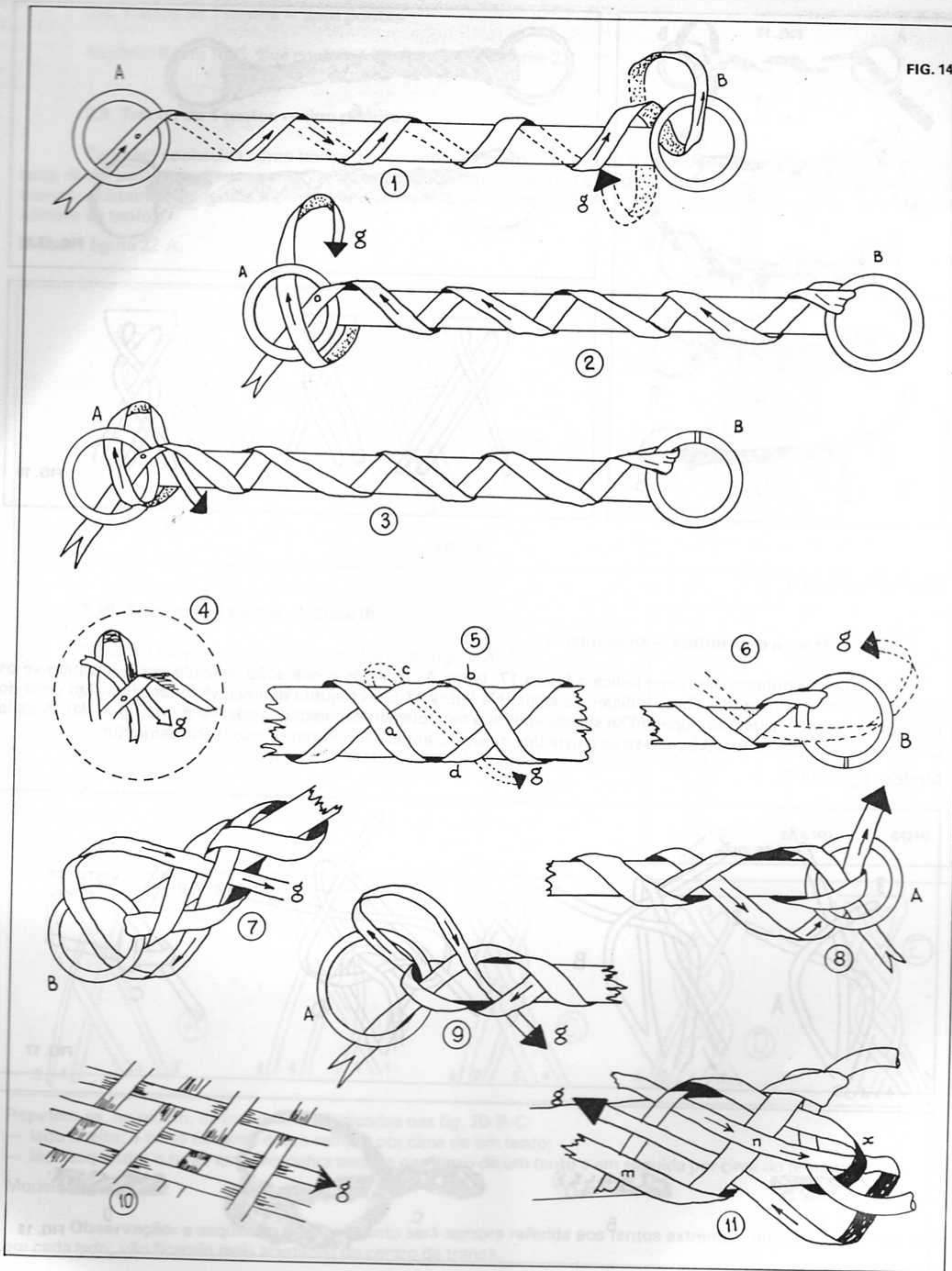
2.6. Trança de um tento — de união

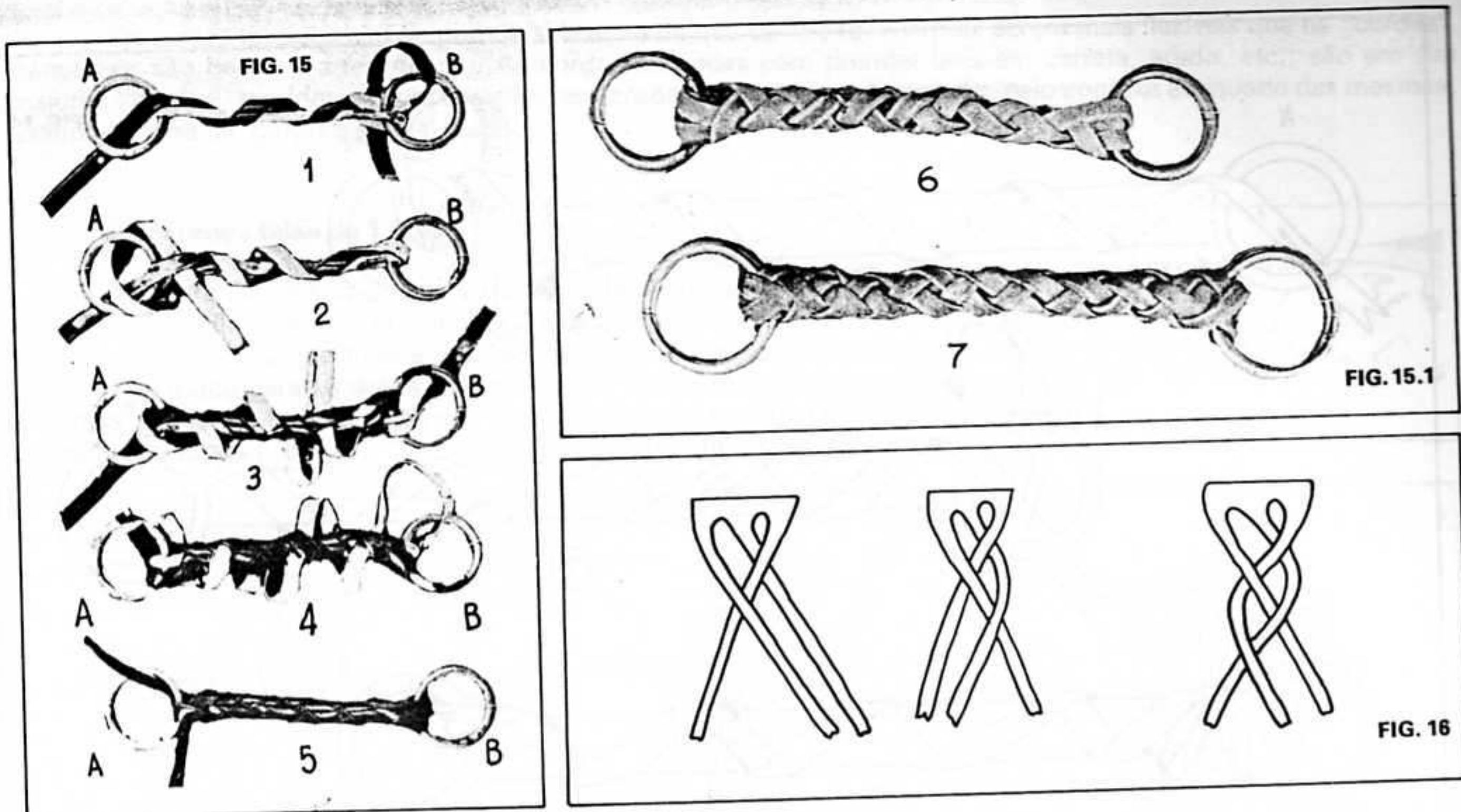
- a — Unir provisoriamente duas argolas A e B (figura 14) com um pedaço de arame (ou outro material) utilizando fita adesiva.
- b — Introduzir na argola A um extremo do tento. Em movimento espiralado o outro extremo vai até a argola B (1).
- c — Ao chegar em B (nº 1 da figura 14) o extremo livre volta, em direção da argola A, cruzando com as espiras anteriormente formadas (ver nº 2 - fig. 14).
- d — Ao chegar em A, entra por baixo do ramo assinalado com um ponto (ver detalhe dessa passagem no nº 4 - fig. 14) e segue novamente em direção a B, em movimento espiralado; segue entre os ramos (a) e (b), cruzando por baixo de ramos como (c) e (d) até chegar em B (ver nºs 5, 6 - fig. 14).
- e — Após atravessar a argola B volta para A, conforme mostra a fig. 14 - nº 7. Ao chegar em A o extremo livre é "arrematado" entre uma das voltas da trança. Nesta fase fica terminada a trança (com aspecto de trança de 4 tentos). Antes de arrematar, retira-se o objeto de união provisória entre as duas argolas (o que pode ser feito antes). A fig. 15.1 - nº 6 mostra a trança concluída. A figura 15 mostra fases dessa confecção. Pode-se também continuar o trajeto do extremo livre (após o indicado no nº 8 - fig. 14). Com mais dois movimentos (ida e volta) obtém-se uma trança semelhante à trança redonda de 8 tentos. Para tal, procede-se assim:
- f — Da argola A (nº 9 - fig. 14) o extremo livre dobra e segue em direção a B, tramando de um em um (tramar = cruzar um ramo com outro) conforme mostra o desenho nº 10 - fig. 14.
- g — Ao chegar em B volta como mostra o nº 11 e vem em direção de A, tramando de um em um.
- h — Ao chegar em A a ponta livre é "arrematada", cortando-se a parte excedente. Ver figura 15.1 nº 7.

2.7. Trança de 3 tentos

A figura 16 mostra como confeccionar este tipo simples de trança. Os tentos extremos (que ficam do lado de fora, mas afastados do centro da trança) vão dobrando, em cada lado, um por cima de outro.

FIG. 14



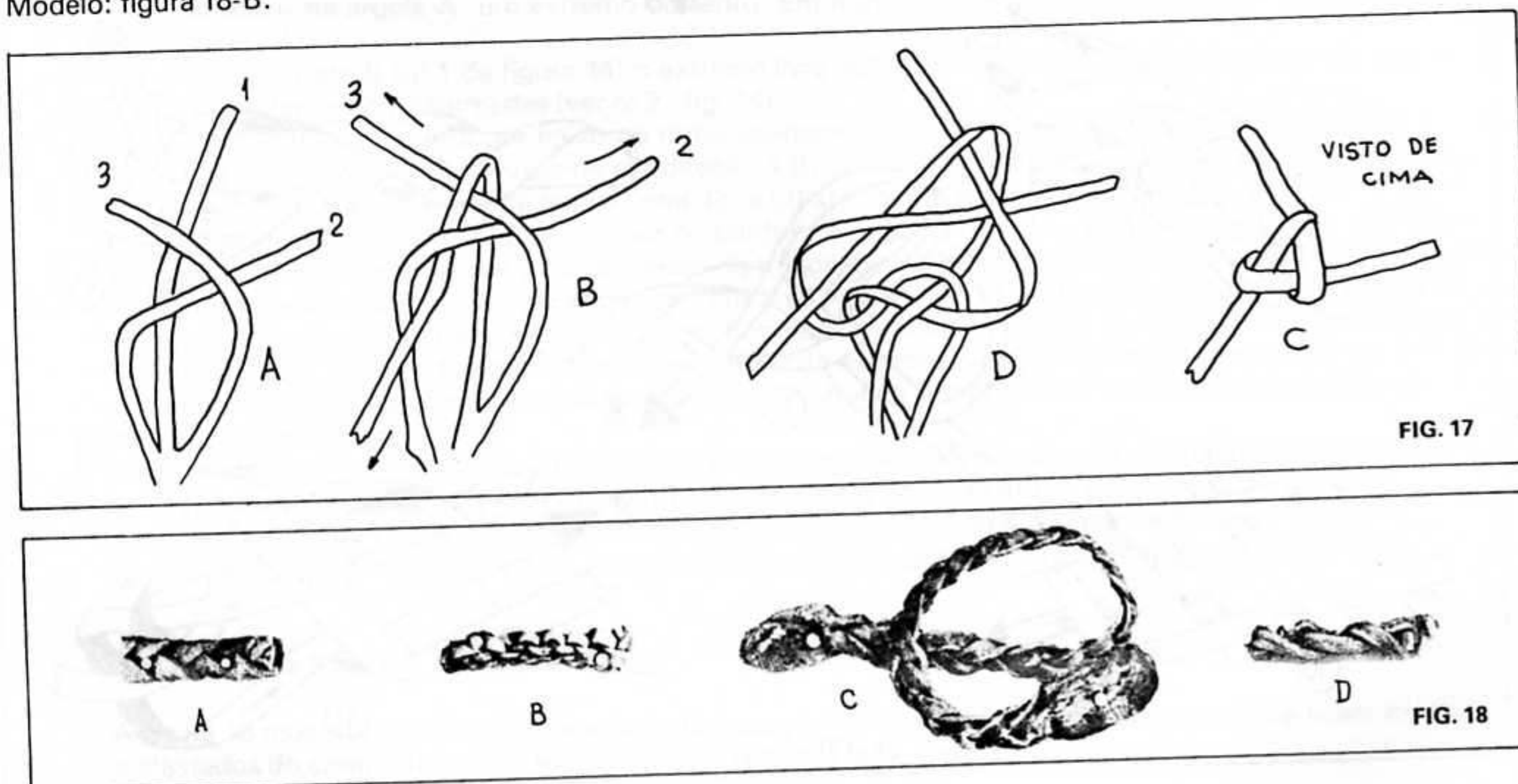


Modelo: figura 18-A

2.7.1. Trança de 3 tentos — triangular

Os tentos dobram conforme indica a figura 17, letras A, B. Após a operação indicada em B, ajustam-se os tentos, puxando-os para fora como indicam as setas. Na figura 17-C o conjunto aparece visto em cima. Em cima do triângulo formado e ajustado, repetem-se sucessivamente os movimentos indicados em A e B (ver figura D). A cada cruzamento dos três tentos, procede-se ao ajuste dos mesmos, antes de se iniciar o cruzamento seguinte.

Modelo: figura 18-B.



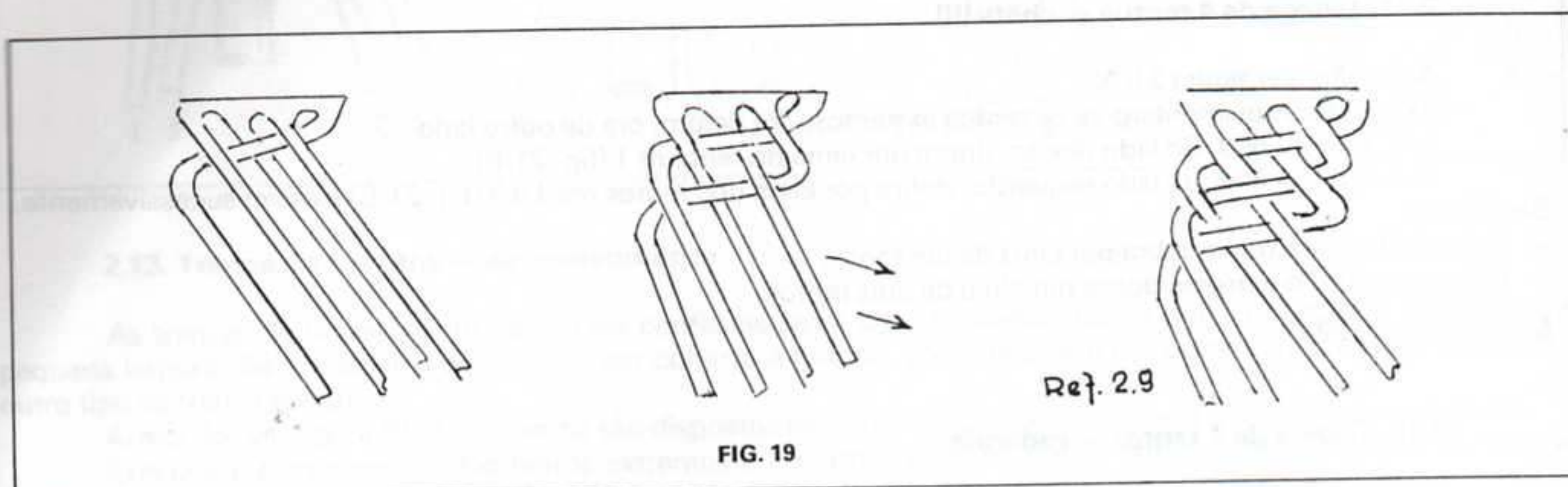
2.8. Trança de 3 tentos — sem pontas

Modelo: figura 18-C. Sua confecção é assunto do volume 2.

2.9. Trança de 4 tentos — tipo padrão

Também conhecida como trança de "caracol". O tento extremo do lado direito (pode-se iniciá-la por qualquer lado) dobra para a esquerda, tramando de um em um, conforme indica a figura 19. Na medida em que se efetuam as tramas, ajustam-se os tentos inclinando-os como indicam as setas. Este tipo de trança pode ser feito com qualquer número de tentos.

Modelo: figura 22-A.



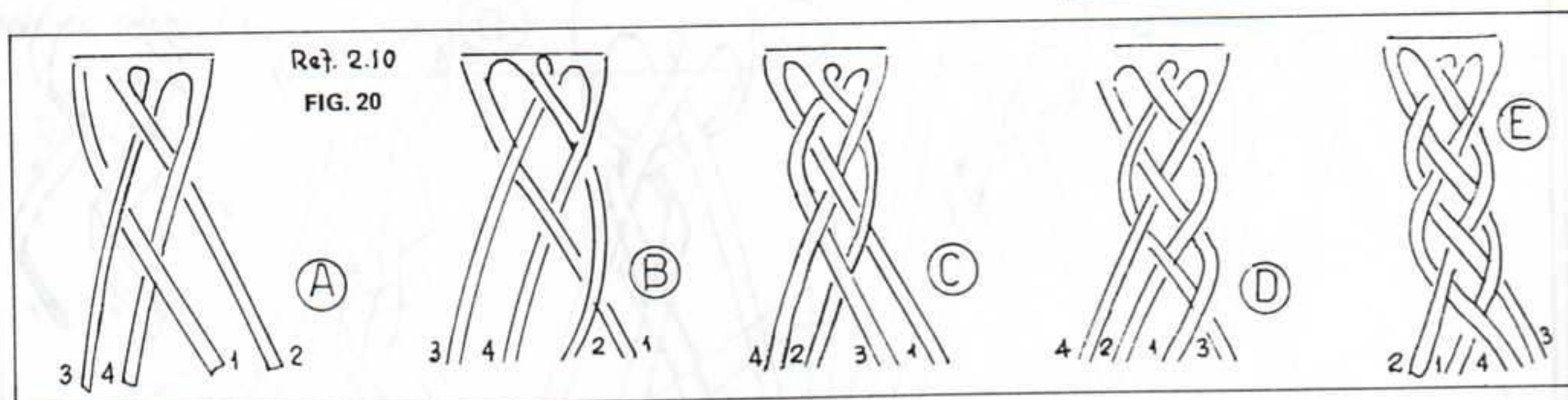
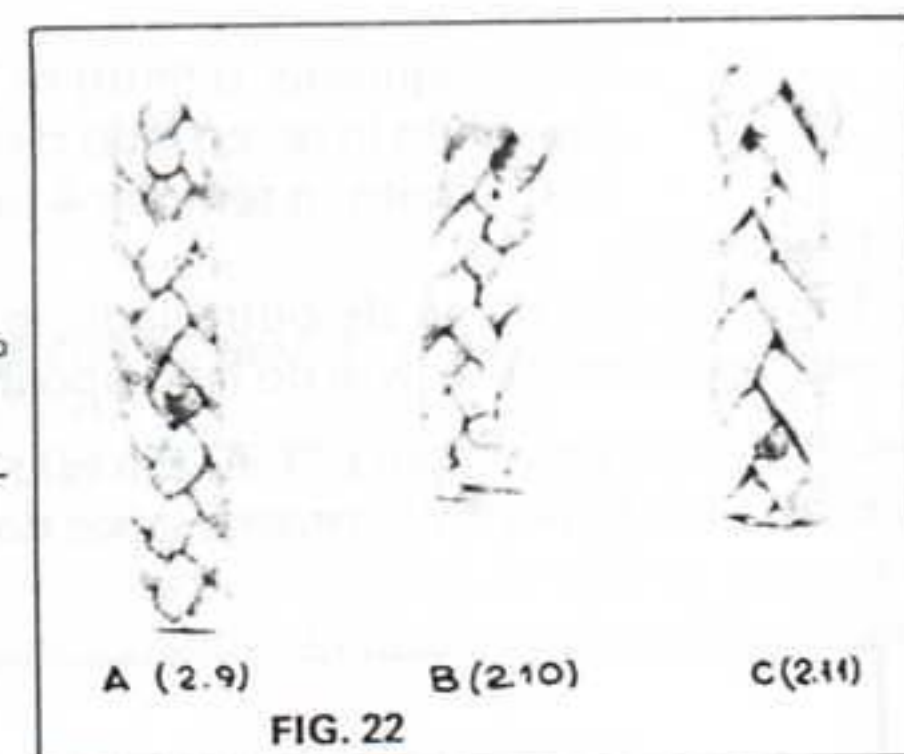
2.10. Trança de 4 tentos — chata (I)

Armação (disposição inicial dos tentos): ver figura 20-A.

Execução:

- a — o tento nº 2 dobra por cima do tento nº 1 (fig. 20-B);
- b — o tento nº 3 dobra por baixo do tento nº 4 e por cima do tento nº 2 — (fig. 20-C);
- c — o tento nº 1 dobra por cima do tento nº 3 (fig. 20-D) e assim sucessivamente.

Seqüência dos movimentos:

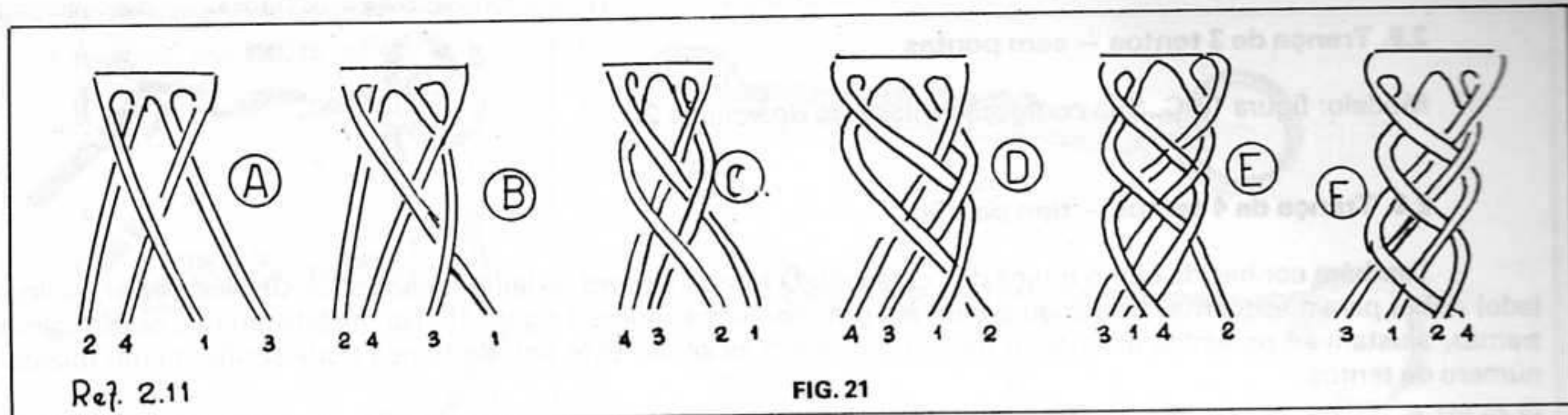


Repetem-se, na ordem, os movimentos indicados nas fig. 20-B-C:

- lado direito: o tento extremo dobra sempre por cima de um tento;
- lado esquerdo: o tento extremo dobra sempre por baixo de um tento e em seguida por cima do tento seguinte.

Modelo: figura 22-B.

Observação: a seqüência do movimento será sempre referida aos tentos extremos, ou seja, aos tentos que, em cada lado, vão ficando mais afastados do centro da trança.



2.11. Trança de 4 tentos — chata (II)

Armação: ver figura 21-A.

Execução: movimentam-se os tentos extremos, ora de um, ora de outro lado.

a — o tento nº 3, do lado direito, dobra por cima do tento nº 1 (fig. 21-B);

b — o tento nº 2, do lado esquerdo, dobra por cima dos tentos nºs 4 e 3 (fig. 21-C) e assim sucessivamente.

Seqüência:

— lado direito: o extremo dobra por cima de um tento;

— lado esquerdo: o extremo dobra por cima de dois tentos.

Modelo: figura 22-C.

2.12. Trança de 4 tentos — redonda

Armação: ver figura 23-A.

Execução:

— lado esquerdo: o tento nº 1 dobra por trás da trança; vem para a frente, passando por cima do tento nº 2 e deixando livre, no lado direito, o tento nº 4 (fig. 23-B);

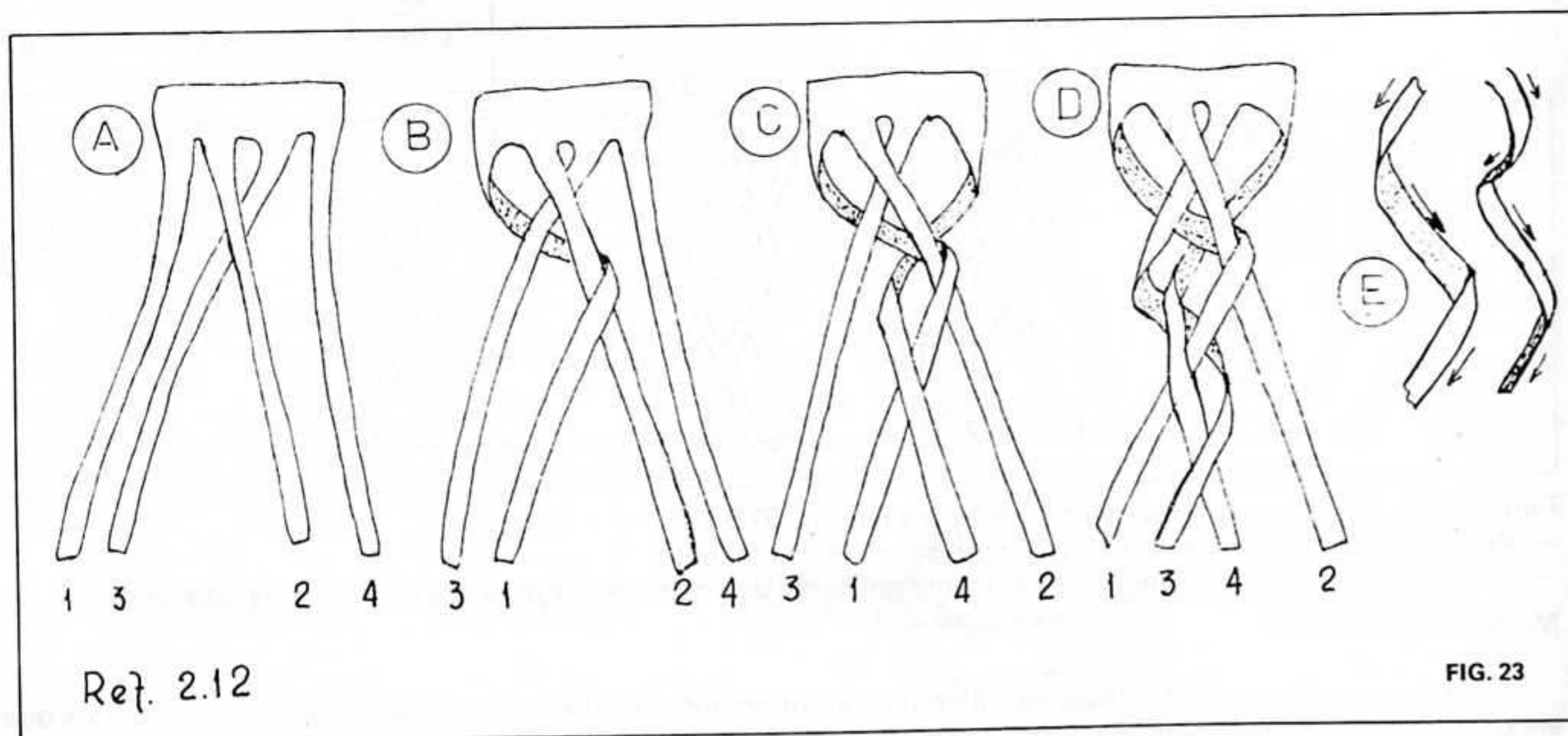
— lado direito: o tento nº 4 faz o mesmo pelo outro lado.

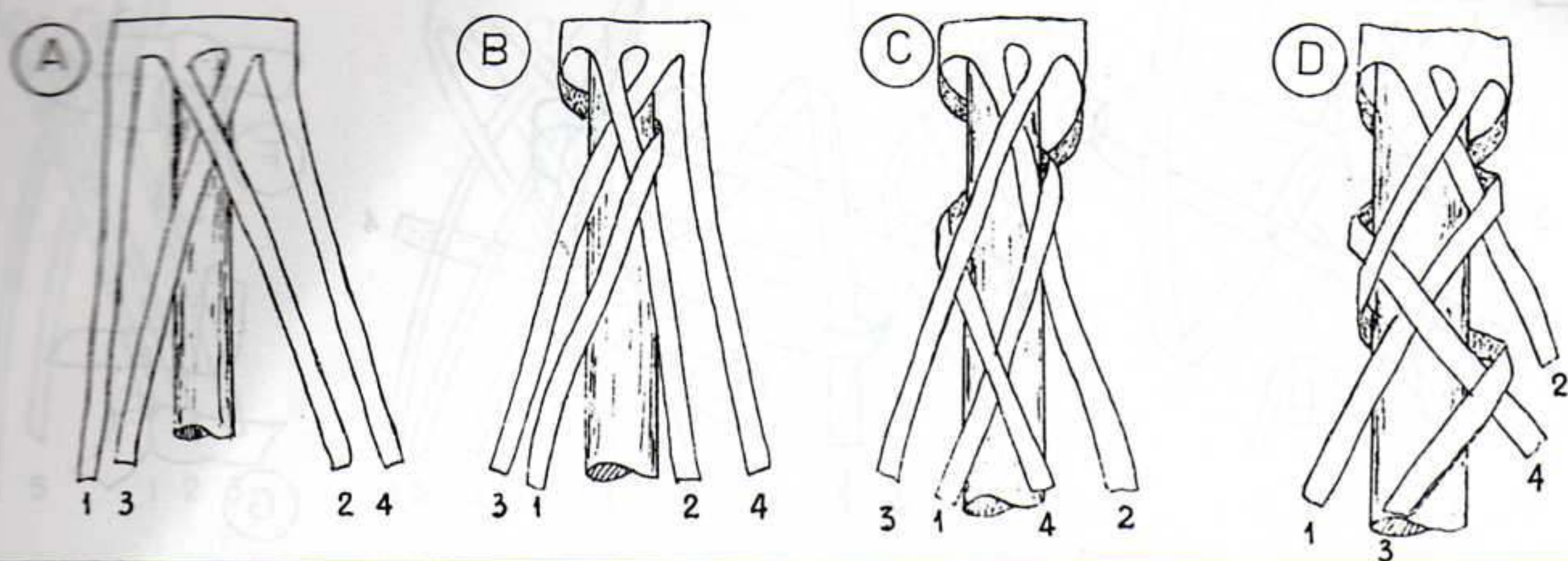
Seqüência:

Tanto de um como de outro lado, o tento extremo dá volta por trás e vem para a frente, para o lado donde saiu, deixando um tento livre do lado oposto.

Modelo: figura 27-A. É o tipo de trança para laços.

A figura 23-E mostra como dobrar o tento a fim de que a parte da "flor" fique para fora da trança.





2.13. Trança de 4 tentos — de revestimento

As tranças de revestimento devem ser confeccionadas bem ajustadas, desde o início. Utilizam-se tentos de pequena largura. Se o diâmetro do objeto a ser coberto é grande, convém sejam utilizados vários tentos, com um outro tipo de trança similar.

Armação: ver figura 24-A. Os tentos são dispostos em torno do "recheio", ou seja, do objeto a ser coberto.

Execução: o movimento dos tentos extremos é o mesmo visto na trança anterior, do número 2.12, com a única diferença de que aqui os tentos dão volta por trás do "recheio".

As figuras 24-B, C e D, mostram as fases iniciais desse tipo de trança.

Modelo: figura 27-B.

2.14. Trança de 4 tentos — quadrangular

Também conhecida como "trança de gaita". É o ponto de partida para a confecção de "botões".

Armação: ver figura 25; os tentos são separados como mostra a figura 25-A.

Execução: dobrar os tentos de um sobre o outro, conforme mostram as figuras 25-B, C e D; ao dobrar-se o 4º tento (fig. 25-E) introduz-se sua ponta por dentro da curva do tento nº 2, formando-se dessa maneira, um tipo de quadrado que deve ser ajustado (ver fig. 25-F). A figura 25-G mostra a outra face desse quadrado. Em cima do quadrado já ajustado, repetem-se os movimentos anteriores, formando-se um segundo quadrado que também deverá ser ajustado. E assim sucessivamente.

Modelo: figura 27-C.

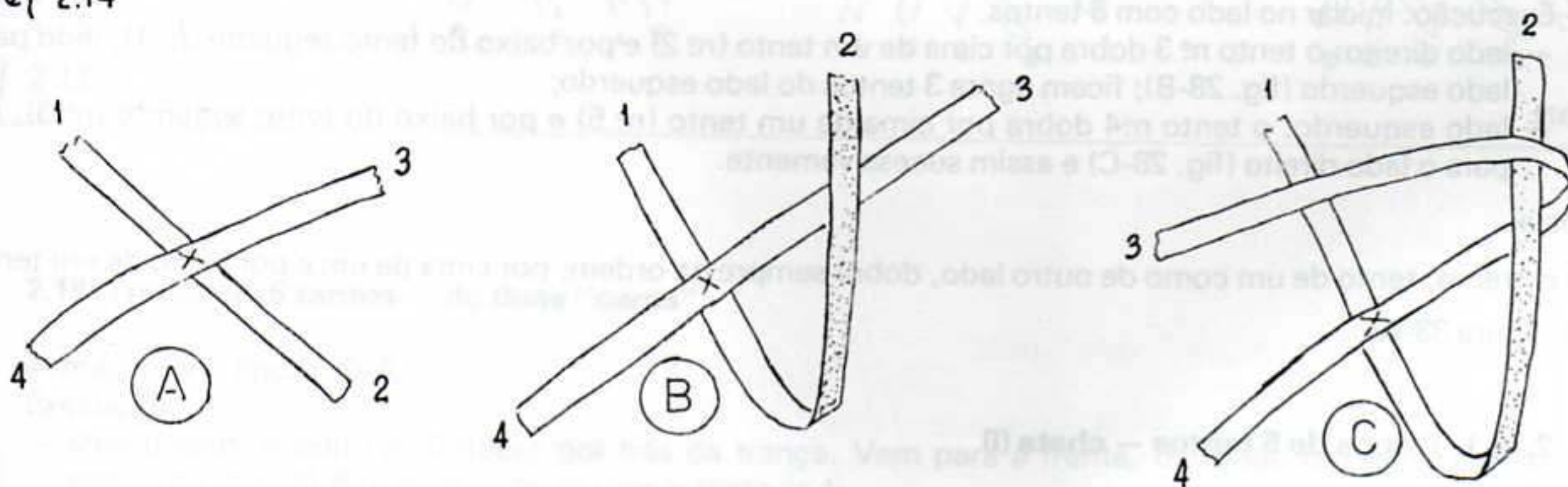
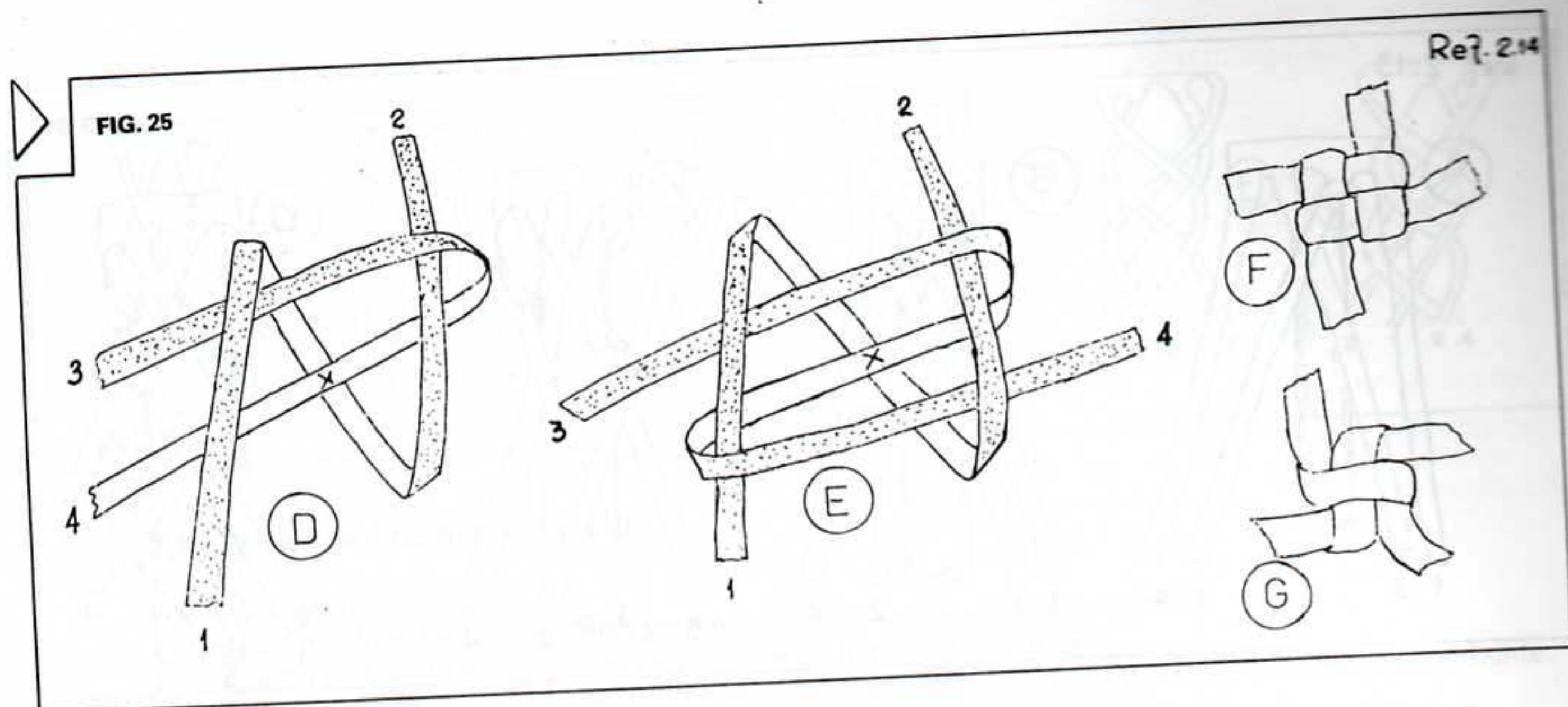


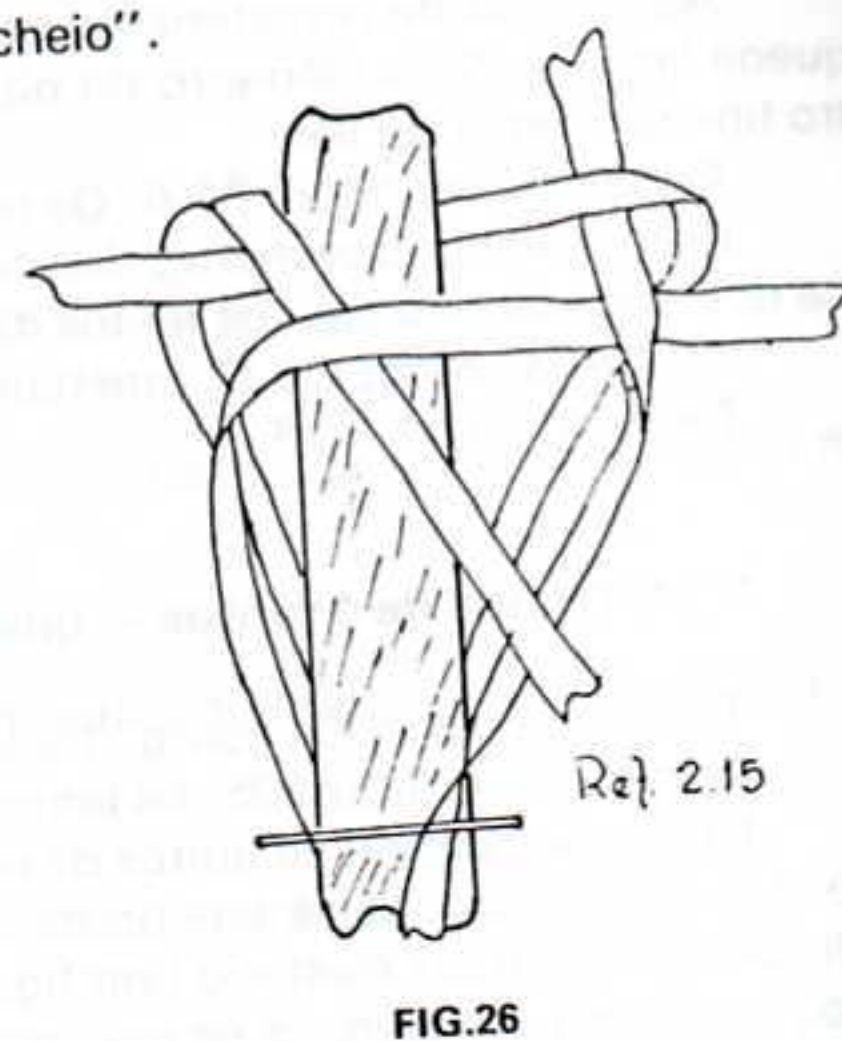
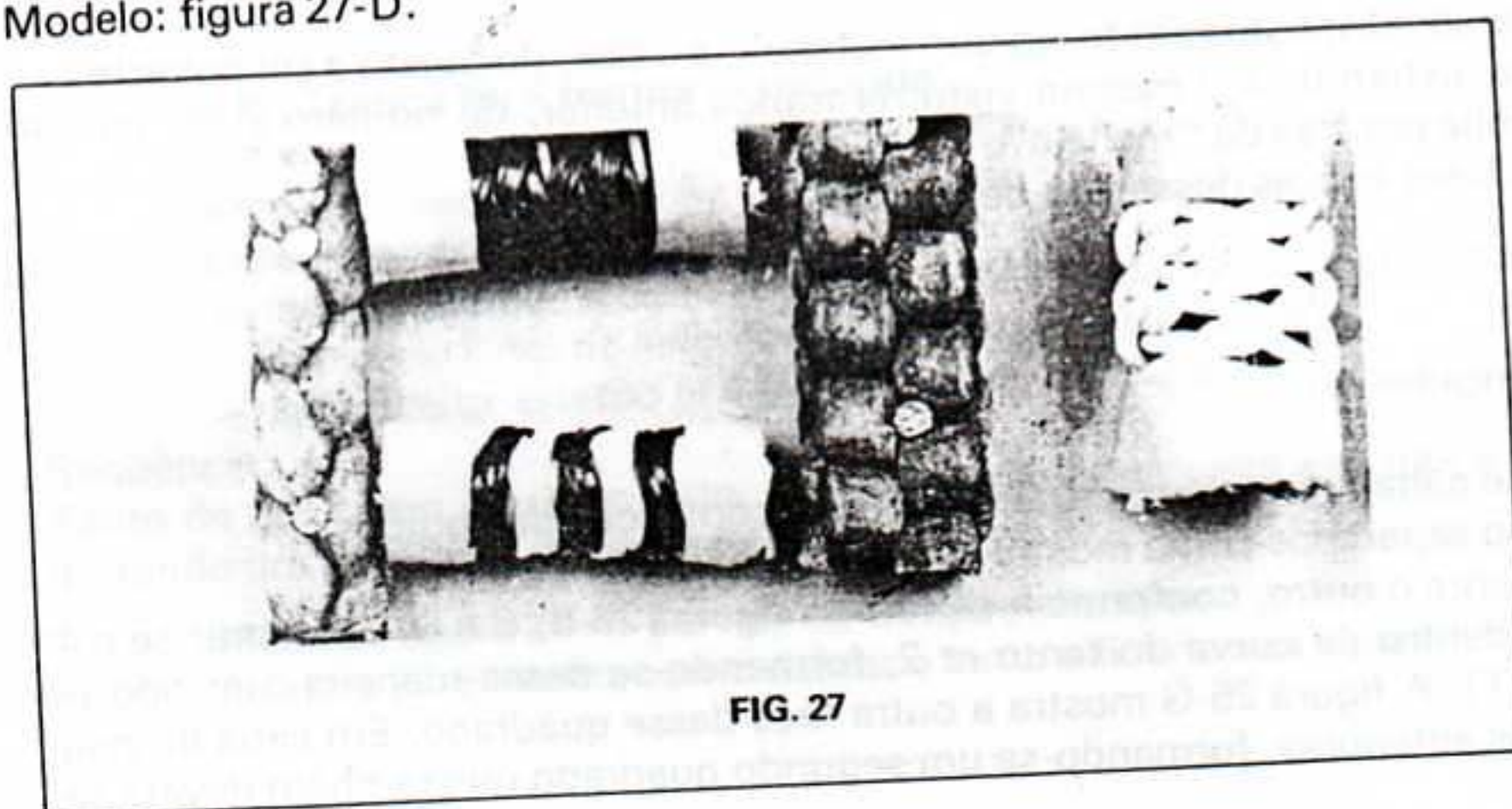
FIG. 25



2.15. Trança de 4 tentos — de revestimento

É a mesma trança do nº 2.14, agora confeccionada em torno de um "recheio".

Modelo: figura 27-D.



2.16. Trança de 5 tentos — chata

Armação: ver figura 28-A.

Execução: iniciar no lado com 3 tentos.

- lado direito: o tento nº 3 dobra por cima de um tento (nº 2) e por baixo do tento seguinte (nº 1), indo para o lado esquerdo (fig. 28-B); ficam agora 3 tentos do lado esquerdo;
- lado esquerdo: o tento nº 4 dobra por cima de um tento (nº 5) e por baixo do tento seguinte (nº 3), indo para o lado direito (fig. 28-C) e assim sucessivamente.

Seqüência:

O tento extremo, tento de um como de outro lado, dobra sempre na ordem: por cima de um e por baixo de um tento.

Modelo: figura 33-A.

2.16.1. Trança de 5 tentos — chata (I)

De confecção semelhante à trança similar vista no número 2.9.

Modelo: figura 33-E.

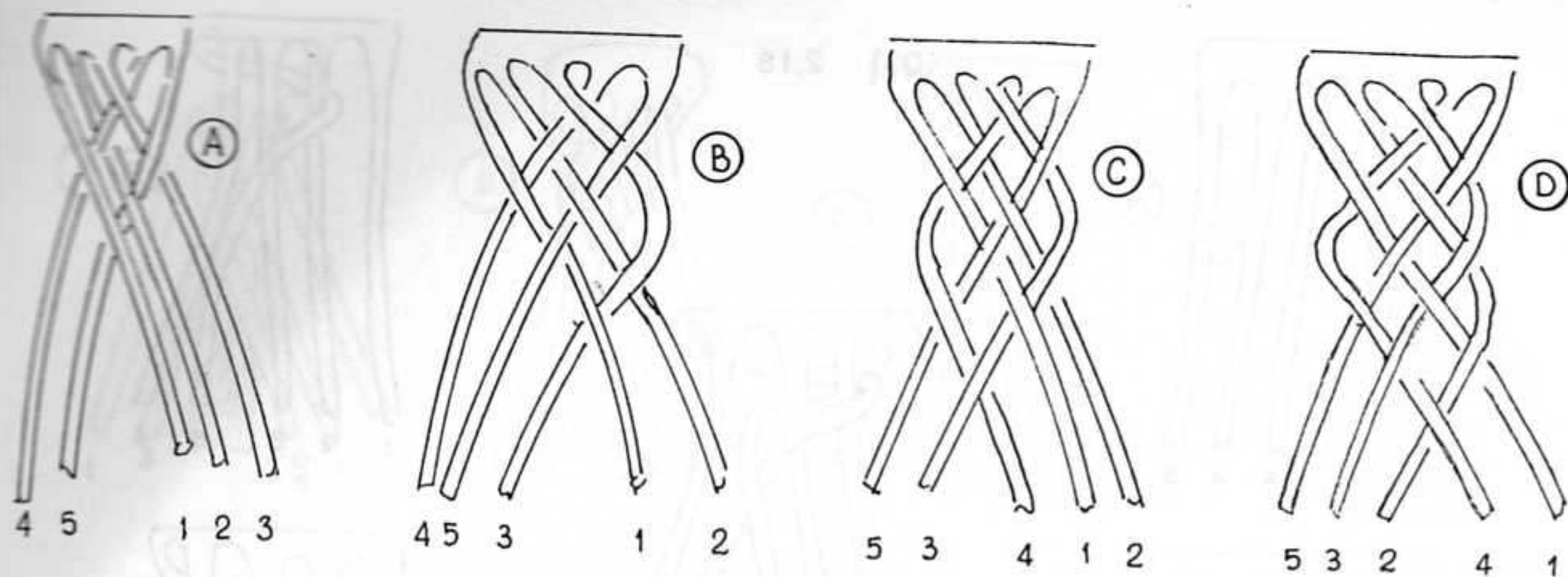


FIG. 28

2.17. Trança de 5 tentos — chata (II)

Armação: ver figura 29-A.

Execução: iniciar no lado com 3 tentos;

— lado esquerdo: o tento nº 3 dobra por cima de dois tentos (fig. 29-B); indo para o outro lado, que agora fica com 3 tentos;

— lado direito: o tento nº 2 (extremo) dobra por cima de dois outros (fig. 29-C), e assim sucessivamente.

Seqüência:

O tento extremo, ora de um, ora de outro lado, dobra sempre por cima de dois tentos.

Modelo: fig. 33-B.

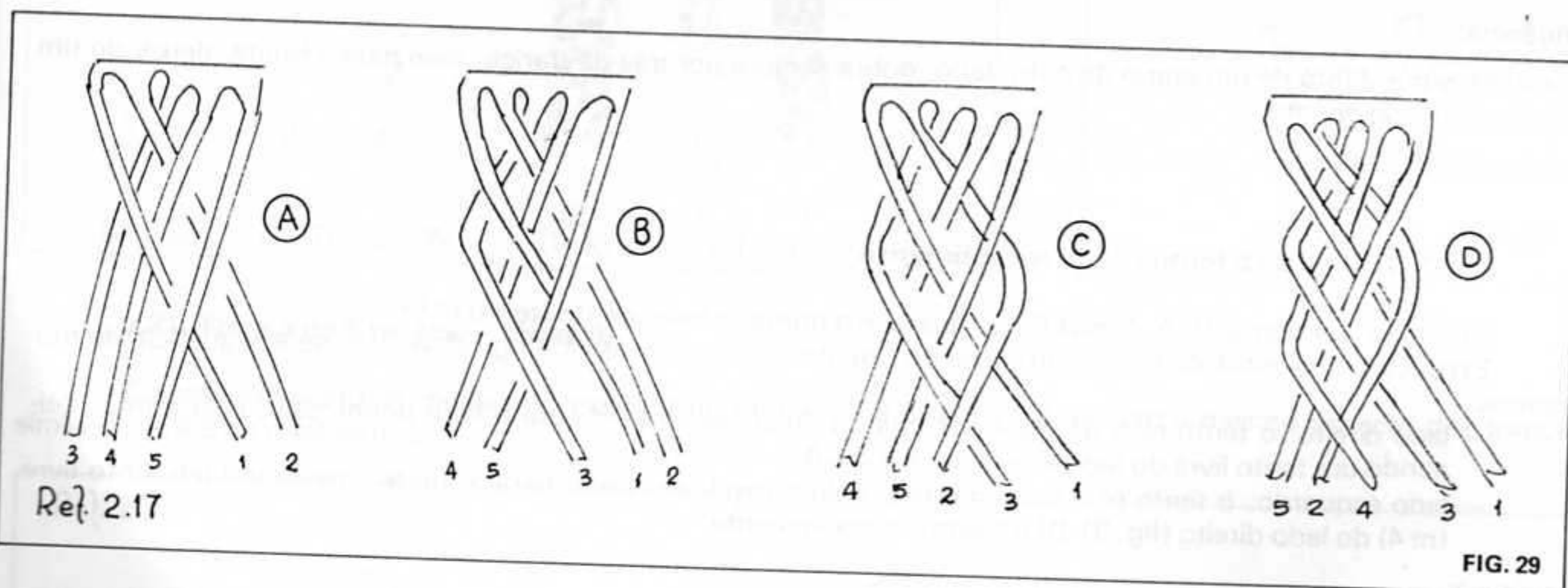


FIG. 29

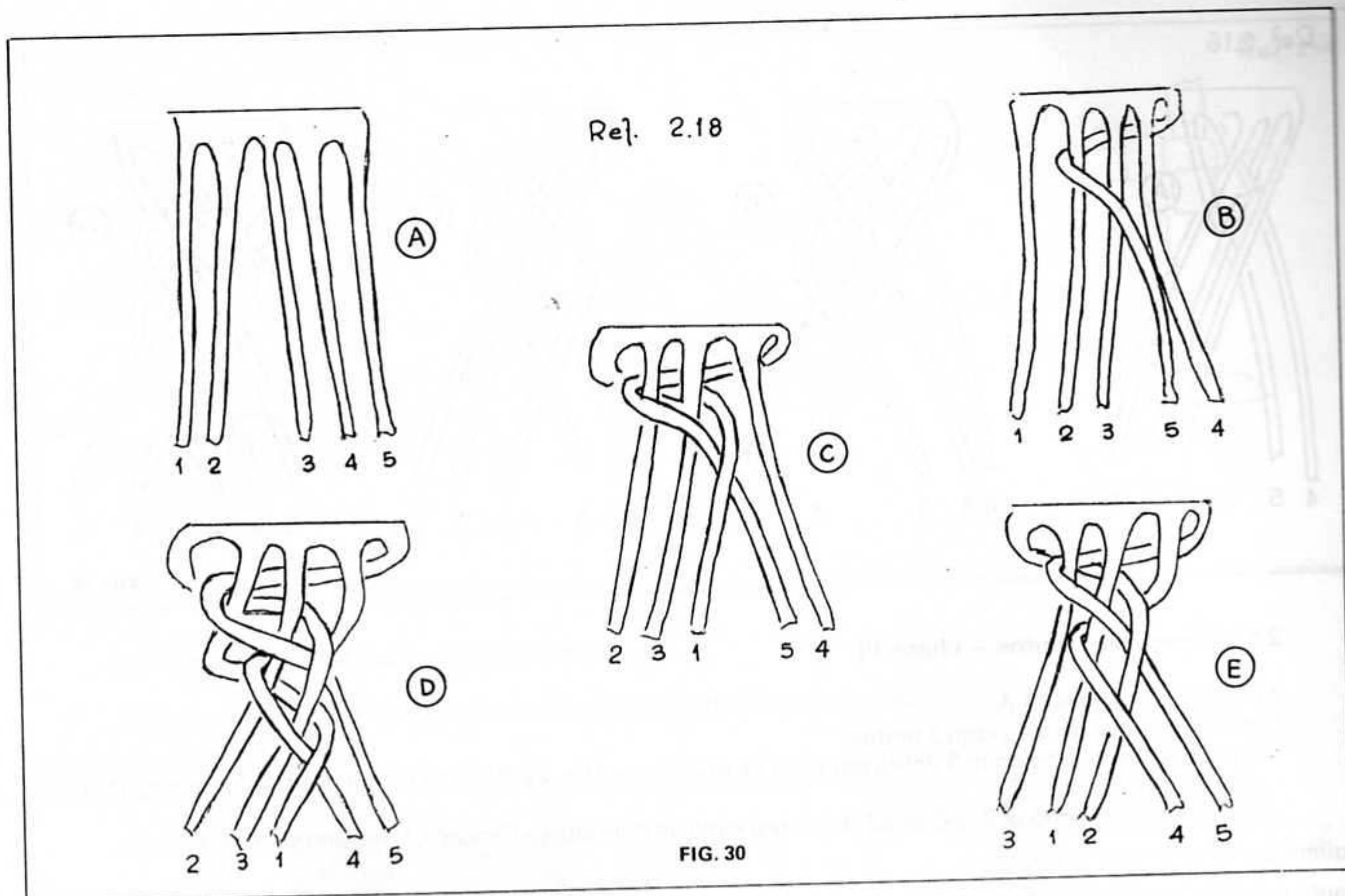
2.18. Trança de 5 tentos — de duas "caras"

Armação: ver figura 30-A.

Execução:

— lado direito: o tento nº 5 dobra por trás da trança. Vem para a frente, deixando um tento livre do lado esquerdo (fig. 30-B) e alinhando-se com o tento nº 4;

— lado esquerdo: o tento nº 1, extremo esquerdo, dobra da mesma forma, deixando um tento livre do lado direito e alinhando-se com o tento nº 3, fig. 30-C, e assim sucessivamente.



Seqüência:

O tento extremo, tanto de um como de outro lado, dobra sempre por trás da trança, vem para a frente, deixando um tento livre do lado oposto.

Modelo: figura 33-C.

2.18.1. Trança de 5 tentos — de revestimento

Armação: ver figura 31-A. Nessa figura aparece o primeiro movimento (tento nº 5).

Execução: dispostos os tentos em torno do "recheio", como mostra a fig. 31-A, tem-se a seqüência de movimentos:

- lado direito: o tento nº 5 dá volta por trás do "recheio" e vem para o lado donde saiu, pela frente, deixando um tento livre do lado esquerdo (fig. 31-A);
- lado esquerdo: o tento nº 1 faz o mesmo, pelo outro lado, vindo para a frente e deixando um tento livre (nº 4) do lado direito (fig. 31-B) e assim sucessivamente.

Seqüência:

O tento extremo, de um e outro lado, dá volta por trás e vem para a frente, para o mesmo lado donde saiu, deixando um tento livre do lado oposto.

2.19. Trança de 5 tentos — tipo "gaita"

Ver figura 32. A execução é feita nos moldes da trança do número 2.14. A figura 32-A mostra o entrelaçamento dos cinco tentos. Na fig. 32-B os tentos aparecem ajustados. Repete-se até o final a operação mostrada na fig. 32-A, efetuando-se os cruzamentos uns sobre os outros.

Modelo: figura 33-D.

Ref. 2.18.1

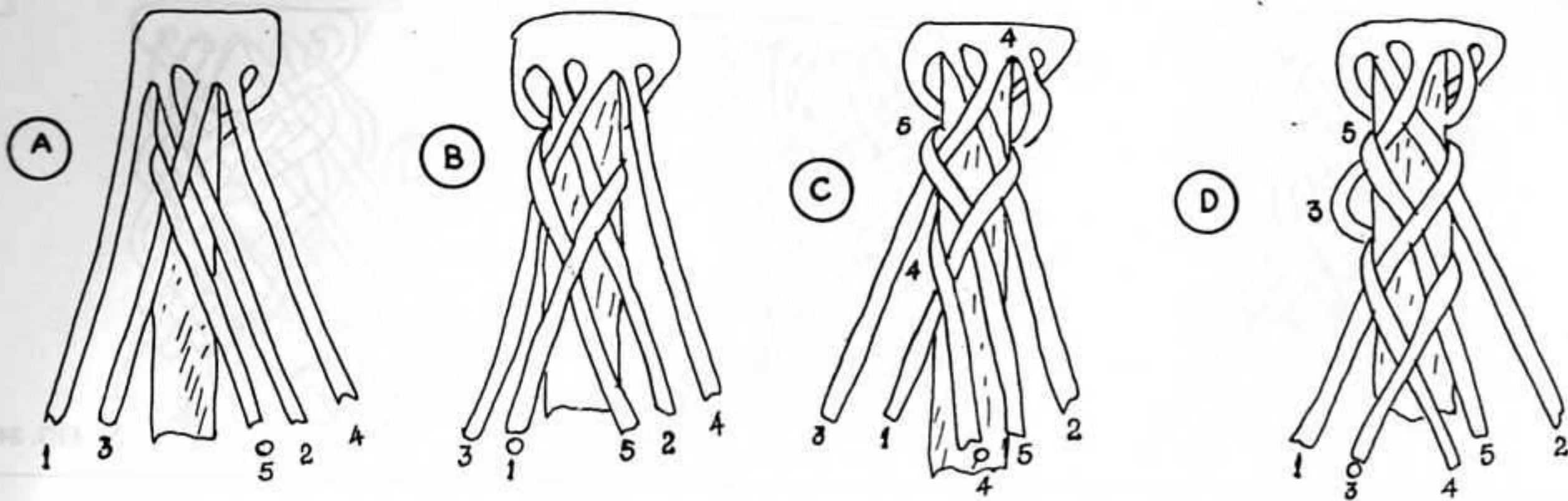


FIG. 31

2.20. Trança de 5 tentos — quadrangular de revestimento

É feita em torno do objeto (cilíndrico ou quadrangular) a ser revestido. Tem confecção semelhante ao exposto no número 2.15.
Modelo: figura 33-F.

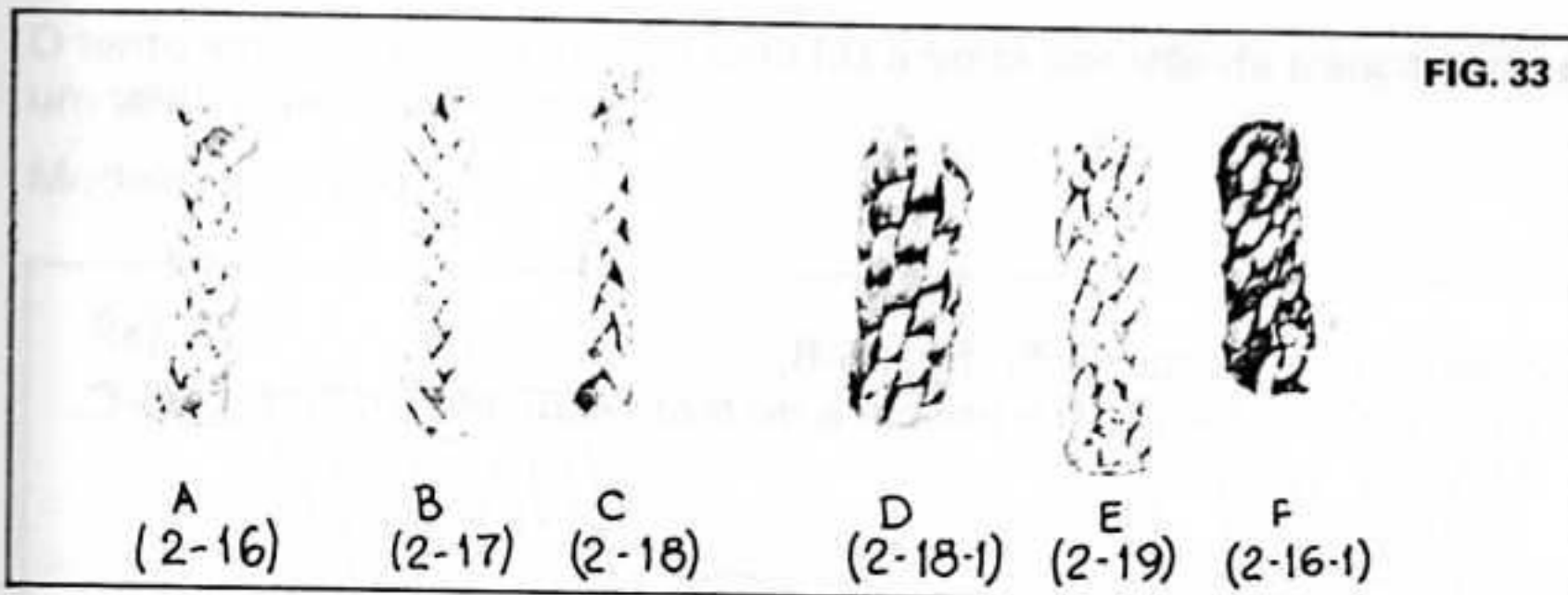


FIG. 33

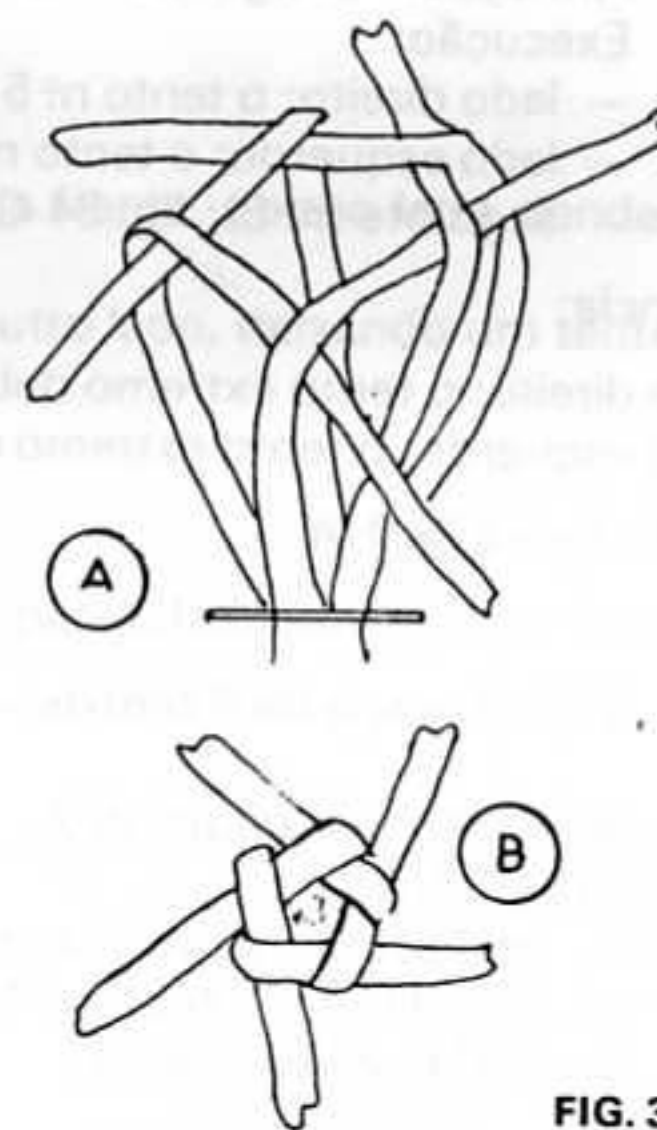


FIG. 32

2.21. Trança de 6 tentos — chata (I)

É confeccionada nos moldes do exposto no número 2.9. Apresenta-se com o mesmo aspecto das tranças similares de 4,5 ou mais tentos.

Ref. 2.22

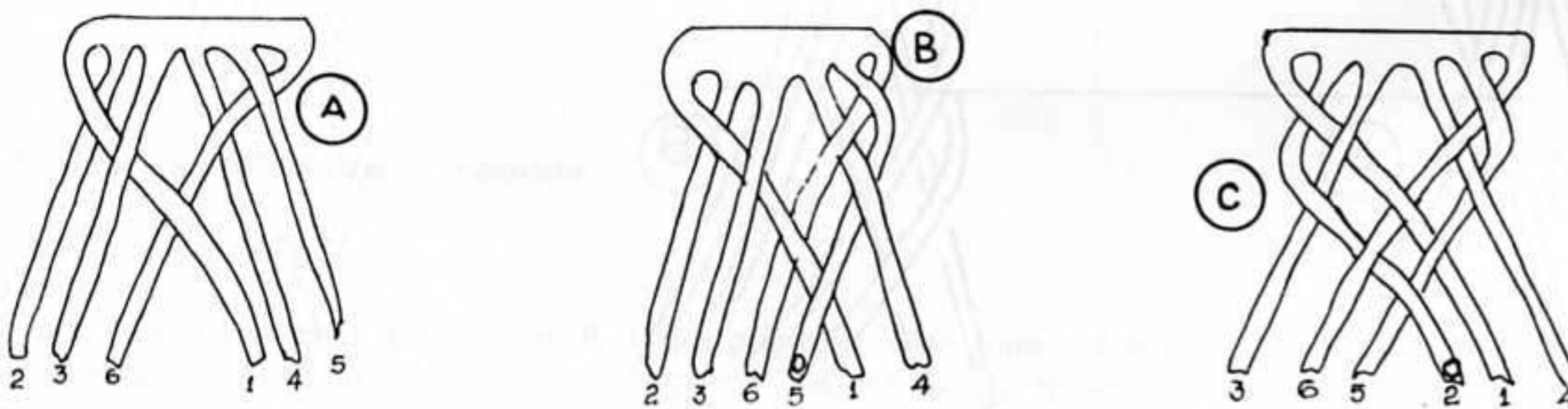
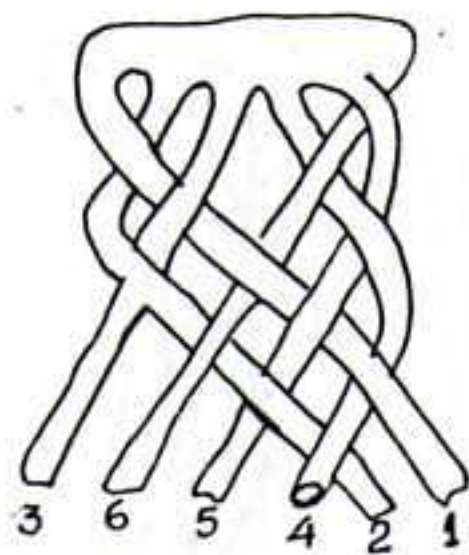


FIG. 34



(D)



(E)



(F)

FIG. 34

2.22. Trança de 6 tentos — chata (II)

Armação: ver figura 34-A. Ficam 3 tentos para cada lado (com 2 cruzados no centro).

Execução:

- lado direito: o tento nº 5 dobra por baixo de um tento (nº 4) e por cima do tento seguinte (nº 1) (fig. 34-B);
- lado esquerdo: o tento nº 2 dobra por cima de um tento (nº 3), por baixo de outro (nº 6) e por cima do tento seguinte (nº 5); fig. 34-C.

Seqüência:

- lado direito: o tento extremo dobra sempre por baixo de um e por cima de um tento;
- lado esquerdo: o tento extremo dobra sempre por cima de um, por baixo de um e por cima de um tento.

Modelo: figura 38.1-A.

2.23. Trança de 6 tentos — chata (III)

Armação: ver figura 35-A.

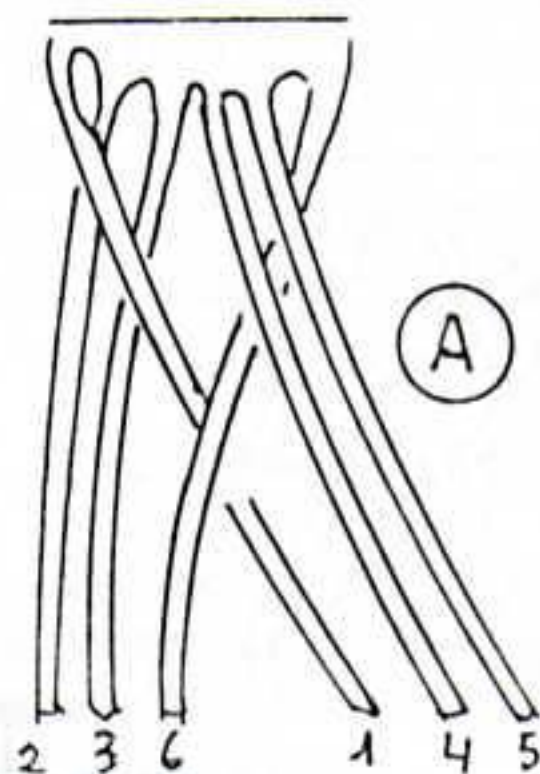
Execução:

- lado esquerdo: o tento nº 2 dobra por cima de dois tentos (3, 6), fig. 35-B;
 - lado direito: o tento nº 5 dobra por baixo de dois tentos (4, 1) e por cima do tento seguinte (nº 2); fig. 35-C.
- Assim sucessivamente.

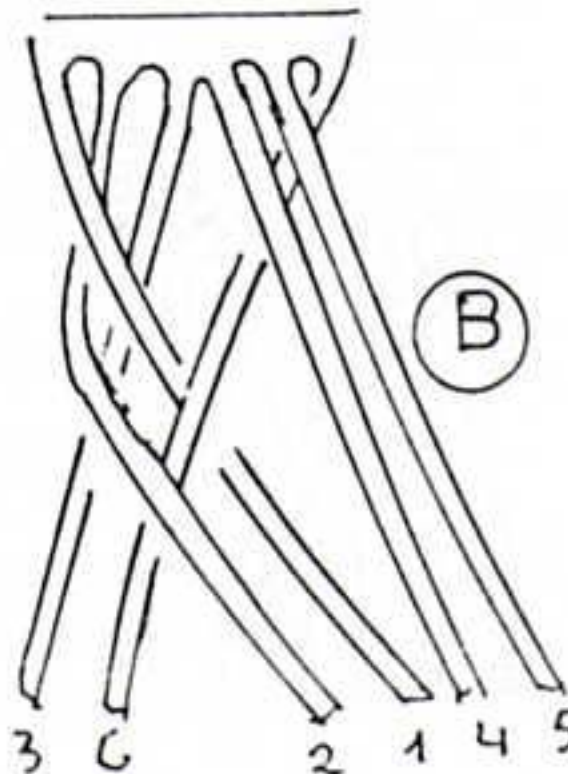
Seqüência:

- lado esquerdo: o tento extremo dobra sempre por cima de dois tentos;
- lado direito: o tento extremo dobra sempre por baixo de dois e por cima de um tento.

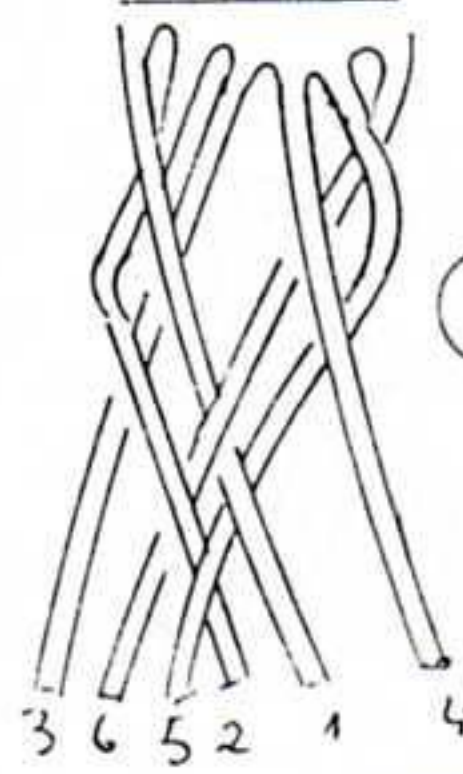
Modelo: fig. 38.1-B.



(A)

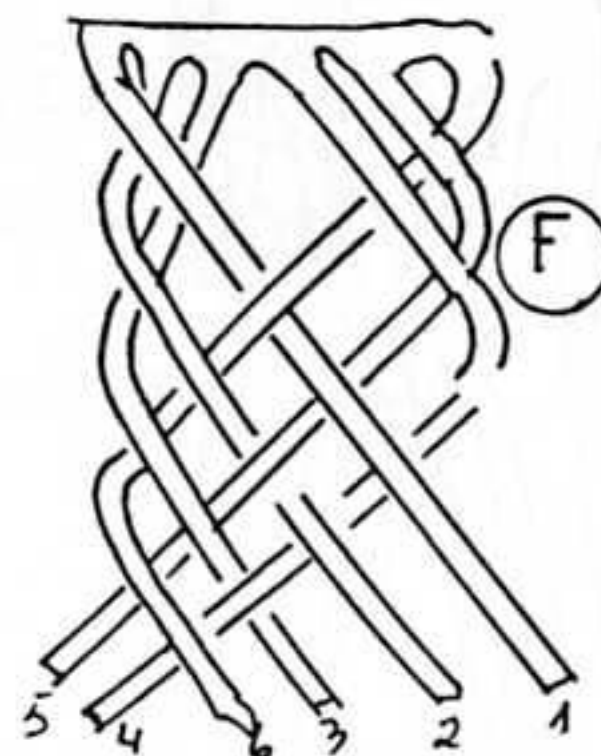
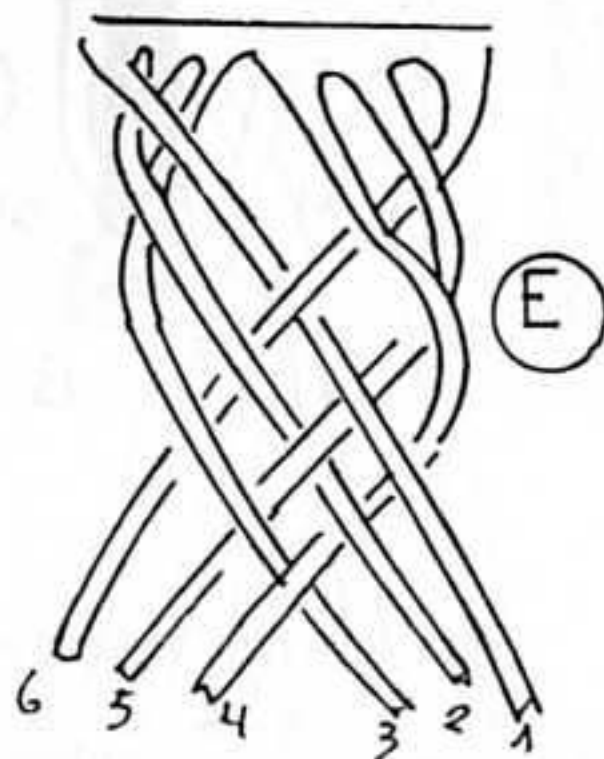
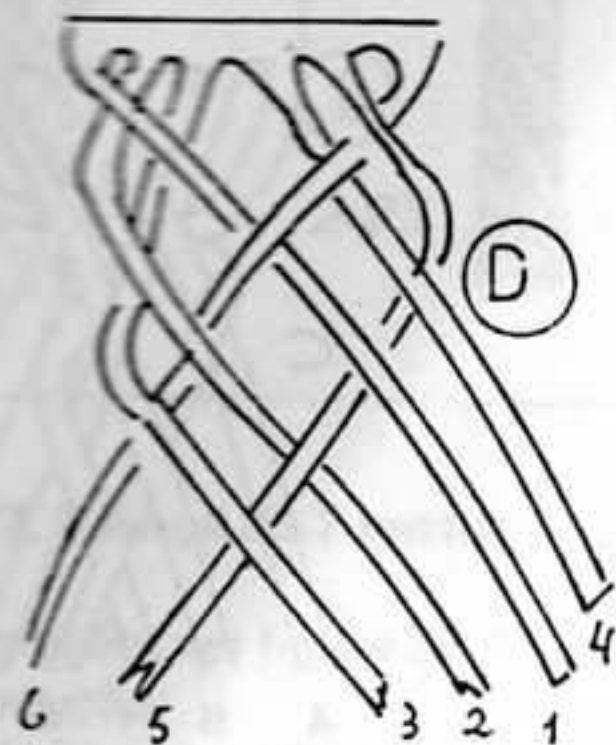


(B)



(C)

FIG. 35



2.24. Trança de 6 tentos — "barriga de cobra"

Armação: ver figura 36-A.

Execução:

- lado direito: o tento extremo nº 6 dá volta por trás da trança e vem pela frente, para o lado donde saiu, deixando um tento livre do lado esquerdo (nº 1); fig. 36-B;
- lado esquerdo: o tento extremo nº 1 faz o mesmo que o nº 6, mas pelo outro lado, deixando um tento livre do lado oposto, o nº 5.

Assim sucessivamente.

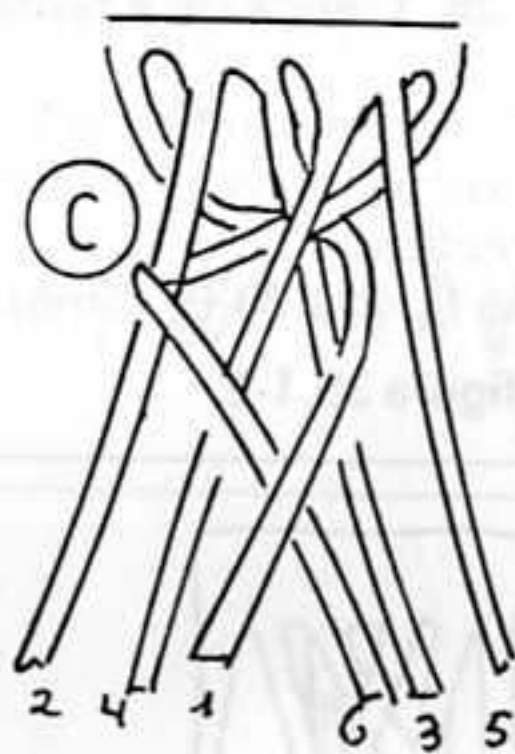
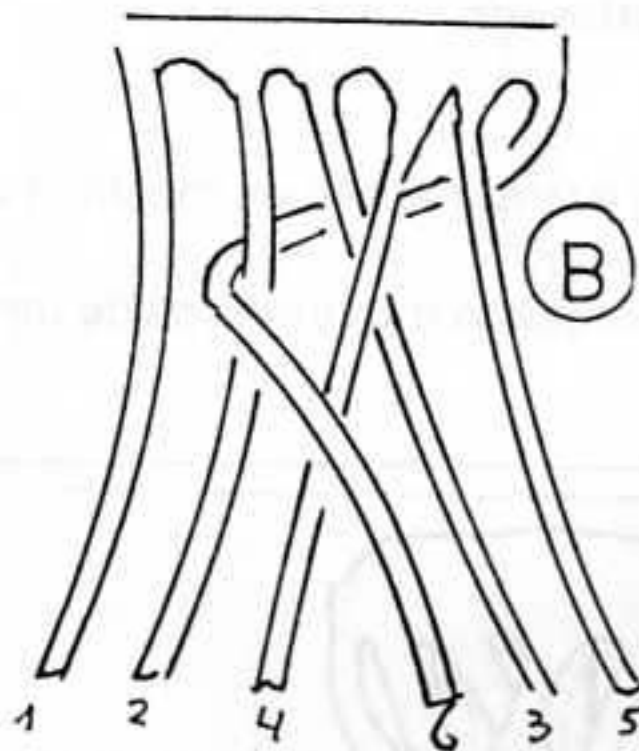
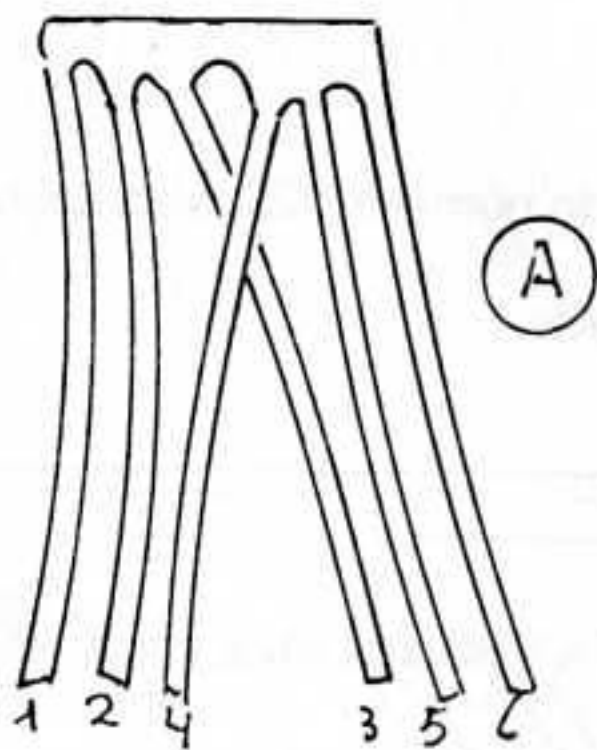
Seqüência:

O tento extremo de um e outro lado faz a volta por trás da trança, vem para a frente, para o lado donde saiu, deixando um tento livre do lado oposto.

Modelo: figura 38.1-C.

Ref. 2.24

FIG. 36



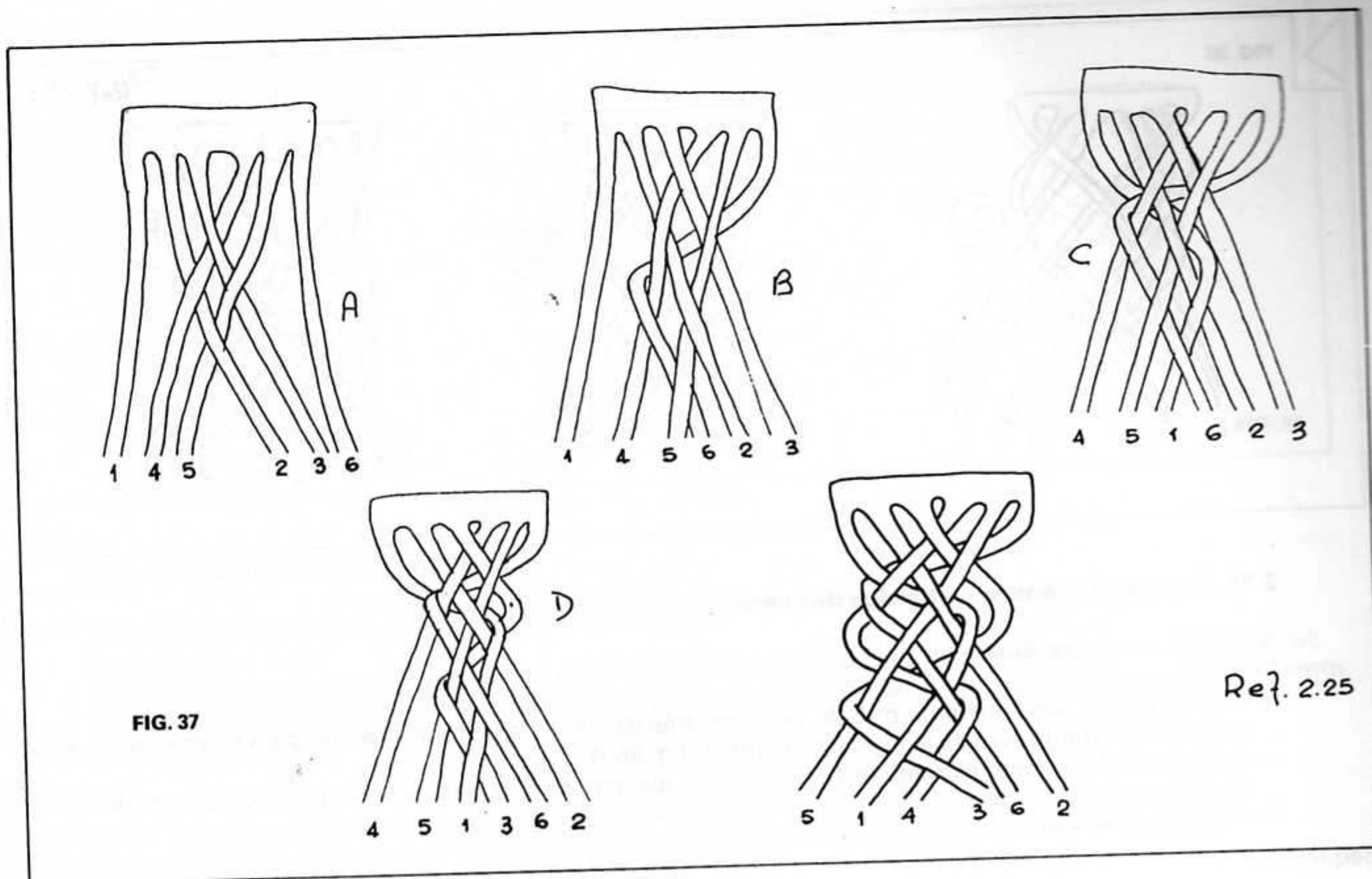
2.25. Trança de 6 tentos — redonda

Armação: ver figura 37-A.

Execução:

- lado direito: o tento extremo nº 6 dobra por trás, vem para a frente, deixando um tento livre do lado oposto e passando por cima de um tento (nº 4) e por baixo do tento seguinte (nº 5); fig. 37-B;
- lado esquerdo: o tento nº 1, fig. 37-C, faz o mesmo pelo outro lado, passando por cima de um (nº 2), por baixo do tento seguinte (nº 6) e deixando um tento livre do lado oposto.

Assim sucessivamente.



Seqüência:

A partir da armação, o tento extremo de um e outro lado dá volta por trás da trança, vem para a frente, passando por cima de um tento e por baixo do tento seguinte, deixando um tento livre do lado oposto.

Modelo: figura 38.1-D.

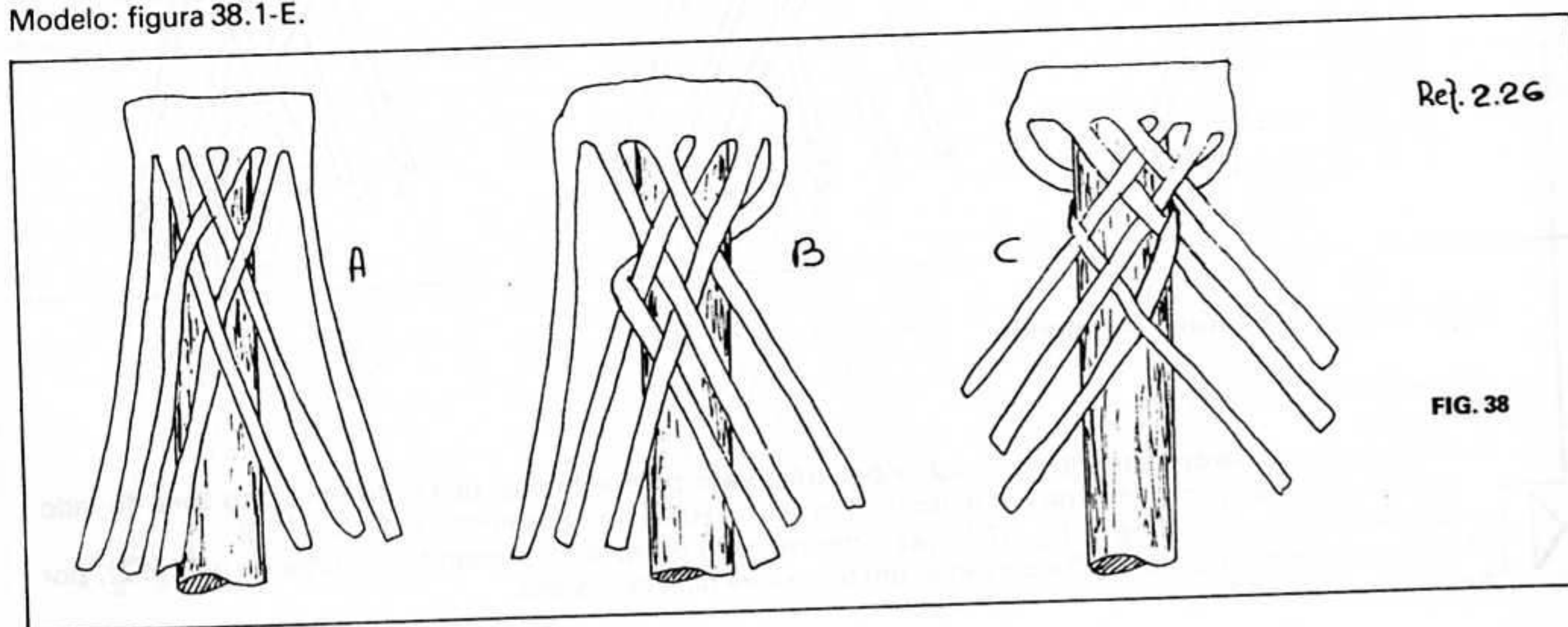
2.26. Trança de 6 tentos — de revestimento

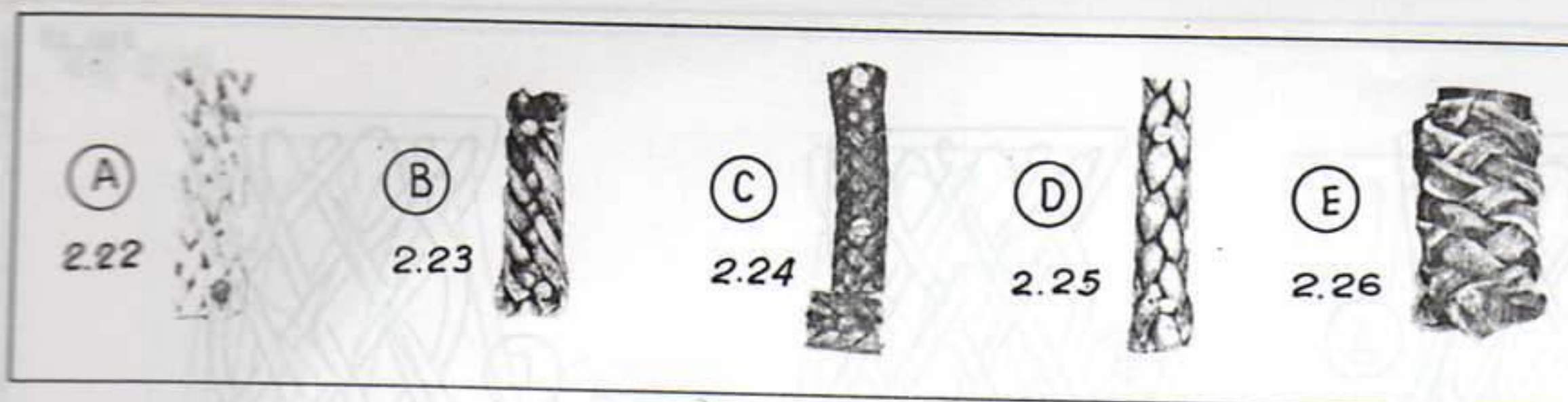
Armação: ver figura 38-A.

Execução: os movimentos dos tentos extremos são os mesmos da trança do número 2.25, mas desta vez, por trás do "recheio".

As figuras 38-B, C mostram os dois primeiros movimentos de um e outro lado.

Modelo: figura 38.1-E.





Ref. 38.1

2.27. Trança de 7 tentos — chata (I)

Armação: ver figura 39-A. Ficam 4 tentos para o lado esquerdo.

Execução:

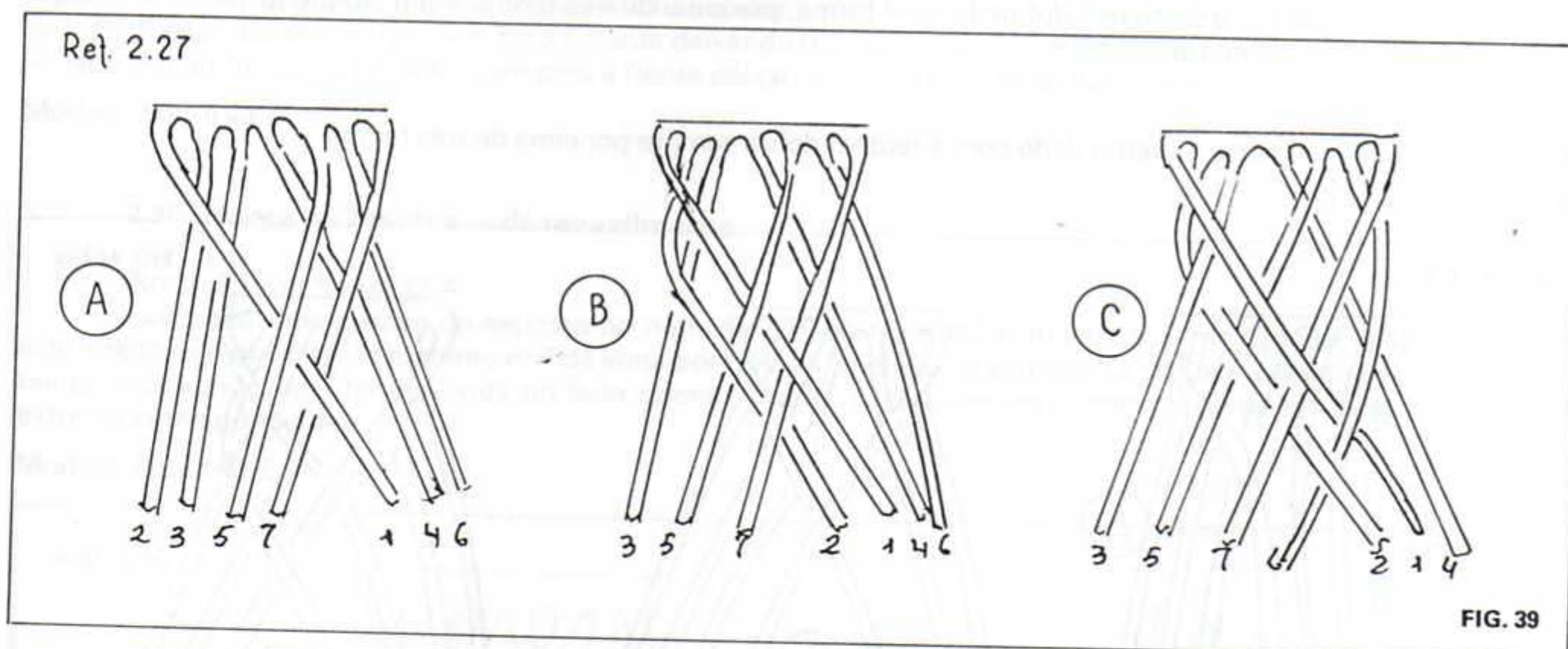
- lado esquerdo: o tento extremo nº 2 dobra por cima de dois tentos (3 e 5) e por baixo do tento seguinte (nº 7), alinhando-se com o tento nº 1; ficam 4 tentos do lado direito (fig. 39-B);
- lado direito: o tento nº 6 dobra para o lado esquerdo por cima de dois tentos (4 e 1) e por baixo do tento seguinte (nº 2), conforme mostra a figura 39-C.

Assim sucessivamente.

Seqüência:

A partir da armação, o tento extremo, tanto de um como de outro lado, dobra sempre por cima de dois tentos e por baixo do tento seguinte, nessa ordem.

Modelo: figura 43-A.



2.28. Trança de 7 tentos — chata (II)

Armação: ver figura 40-A. Ficam 4 tentos de um lado e 3 do outro.

Execução:

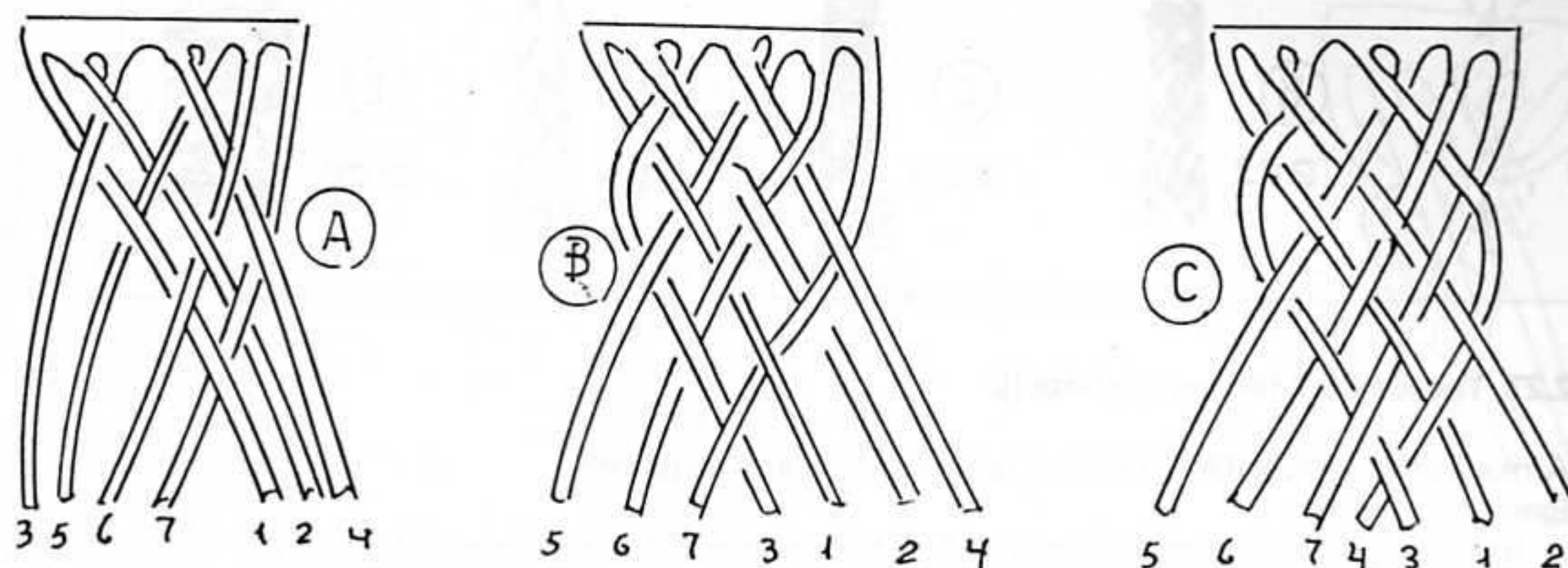
- lado esquerdo: o tento nº 3 dobra por baixo de um (nº 5), por cima de outro (nº 6) e por baixo do tento seguinte (nº 7); ficam 4 tentos no lado direito, fig. 40-B;
- lado direito: o tento extremo nº 4 faz o mesmo para a esquerda, dobrando por baixo de um, por cima de outro e por baixo do tento seguinte (fig. 40-C).

Assim sucessivamente.

Seqüência:

A partir da armação, o tento extremo (do lado com 4 tentos) dobra sempre, na ordem: por baixo de um, por cima de um e por baixo de um tento.

Modelo: figura 43-B.



2.28.1. Trança de 7 tentos — chata (III)

Armação: separar os tentos em dois grupos (de 4 e 3 tentos).

Execução:

— lado direito: o tento extremo nº 7 dobra por cima de três tentos, alinhando-se com o tento nº 3; ficam 4 tentos do lado esquerdo — fig. 40-bis-A.

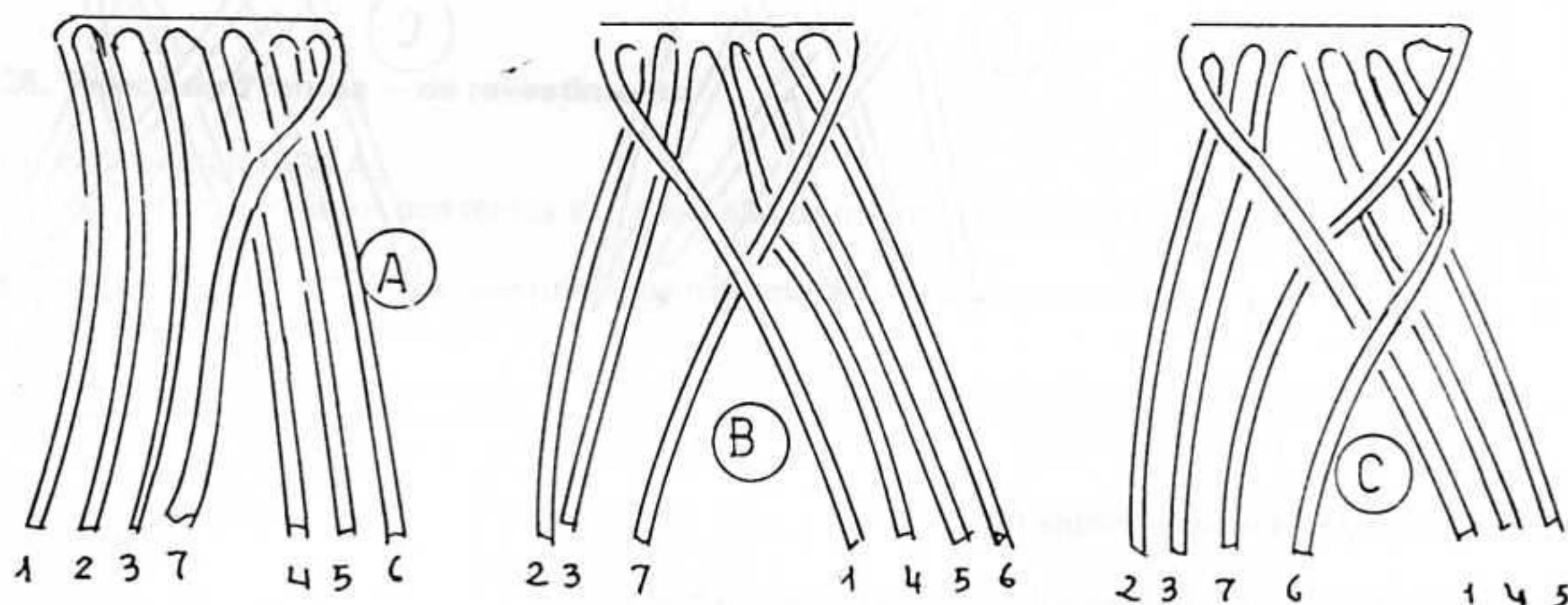
— lado esquerdo: o tento nº 1 dobra de igual forma, por cima de três tentos — fig. 40-bis-B.

Assim sucessivamente.

Seqüência:

A partir da armação, o tento extremo (lado com 4 tentos) dobra sempre por cima de três tentos.

Modelo: figura 43-C.



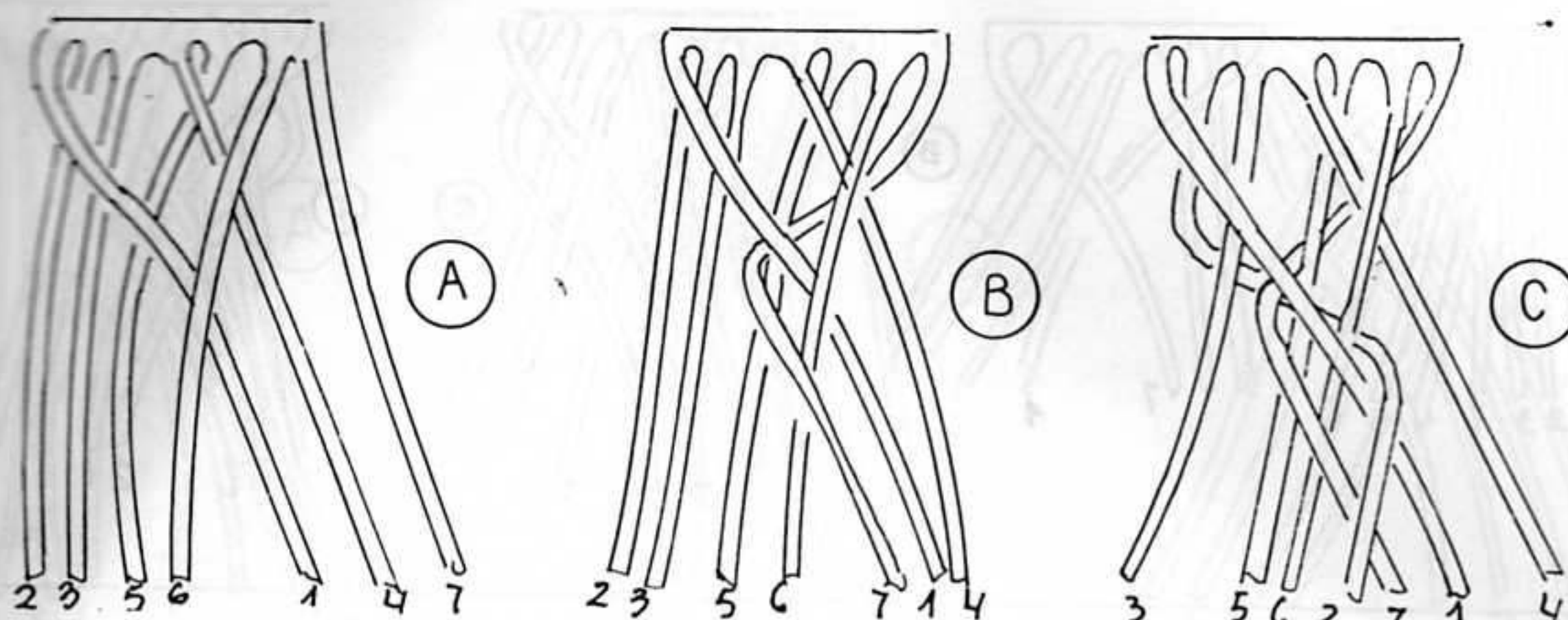
2.29. Trança de 7 tentos — de duas "caras"

É semelhante à trança de 6 tentos "barriga de cobra".

Armação: ver figura 41-A; ficam 4 tentos para um lado, 3 para o outro.

Execução:

— lado direito: (com menos tentos) — o tento nº 7 dobra por trás da trança, vem para a frente deixando livres dois tentos do lado oposto — fig. 41-B;



— lado esquerdo: o tento nº 2 dá volta por trás, vem para a frente deixando apenas um tento livre do lado direito — fig. 41-C.
Assim sucessivamente.

Seqüência:

A partir da armação o tento extremo movimenta-se assim:

- lado direito: dobra por trás, vem para a frente deixando dois tentos livres do lado oposto;
- lado esquerdo: dobra por trás, vem para a frente deixando um tento livre do lado oposto.

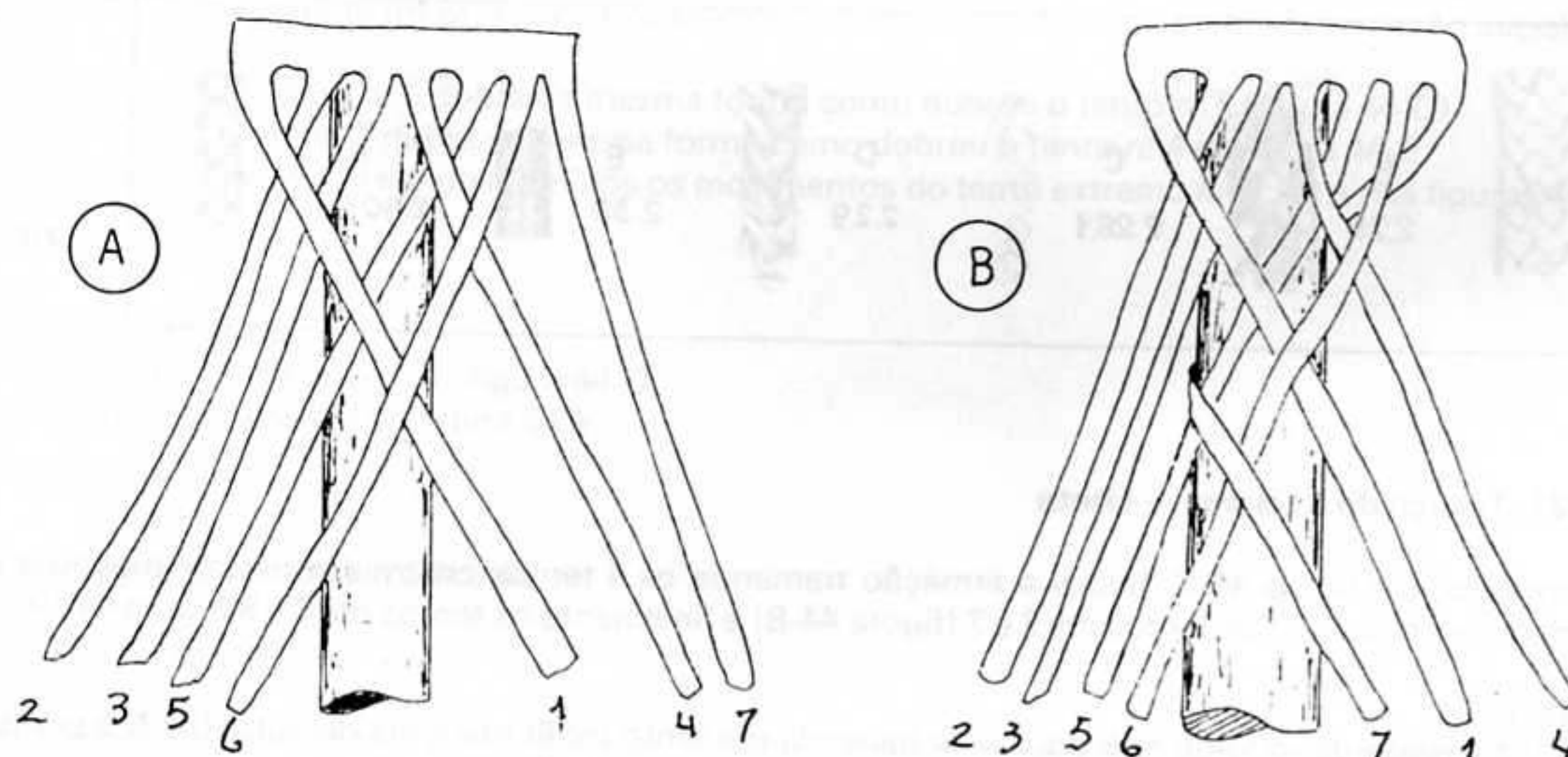
Modelo: figura 43-D.

2.30. Trança de 7 tentos — de revestimento

Armação: ver figura 42-A.

Execução: nos moldes do exposto no número 2.29. A figura 42-B mostra o primeiro movimento a partir do lado direito, em que o tento extremo nº 7 dá volta por trás do "recheio" e vem para a frente passando por cima de dois tentos e deixando dois tentos livres no lado oposto. Assim sucessivamente movimenta-se em cada lado o tento extremo correspondente.

Modelo: figura 43-E.



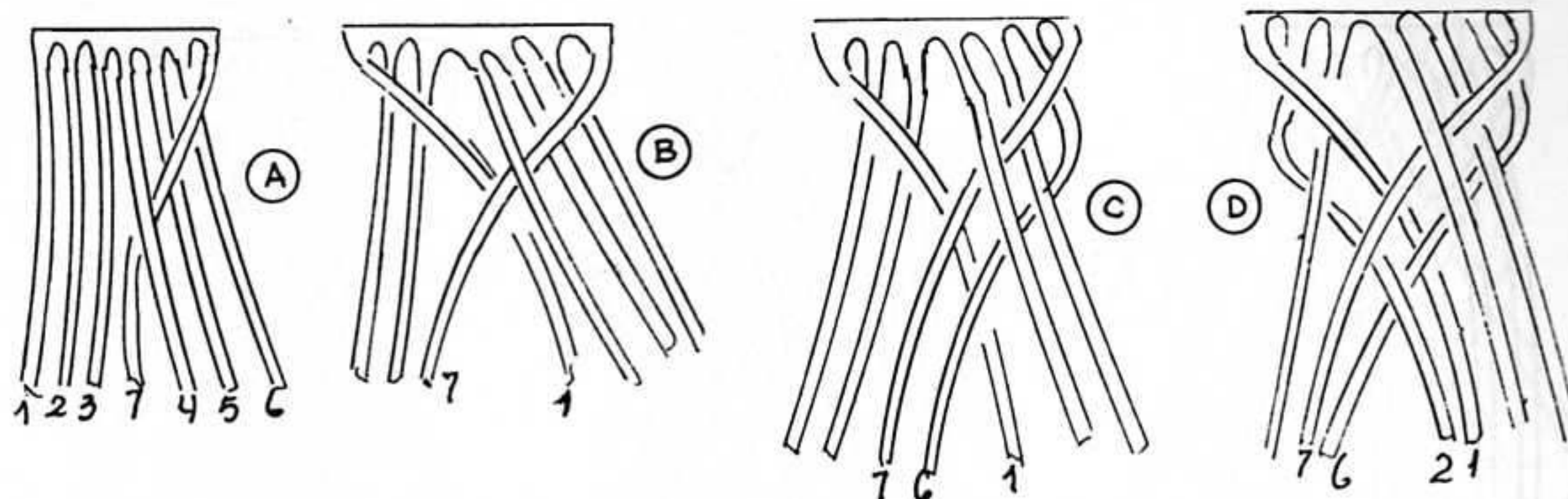


FIG. 42 bis

2.30.1. Trança de 7 tentos — quadrangular de duas "caras"

É uma trança muito ornamental e utilizada na confecção de rédeas.

Armação: separar os tentos em dois grupos (com 4 e 3 tentos).

Execução: iniciar no lado com 4 tentos.

- lado direito: o tento nº 7 dobra por cima de dois tentos e por baixo do tento seguinte. Ver figura 42-bis-A.
- lado esquerdo: o tento nº 1 dobra por cima de dois tentos e por baixo do tento seguinte. Ver figura 42-bis-B.
- lado direito: o tento extremo nº 6 dobra por baixo de dois tentos e por cima do tento seguinte. Ver figura 42-bis-C.
- lado esquerdo: o tento nº 2 dobra por baixo de dois tentos e por cima do tento seguinte. Ver figura 42-bis-D.

Assim sucessivamente repetem-se os movimentos acima, indicados nas figuras 42-bis-A, B, C, D.

Observação: são sempre dois movimentos iguais nos dois lados.

Seqüência:

A partir da armação, o tento extremo de um e outro lado movimenta-se assim:

- por cima de dois tentos e por baixo do tento seguinte (nos dois lados); inverte-se a ordem para:
- por baixo de dois e por cima de um tento (nos dois lados); e assim se alterna a ordem de cruzamento do tento extremo a cada dois movimentos consecutivos.

Modelo: figura 43-F. Esta trança deve ser muito bem ajustada desde o seu início.

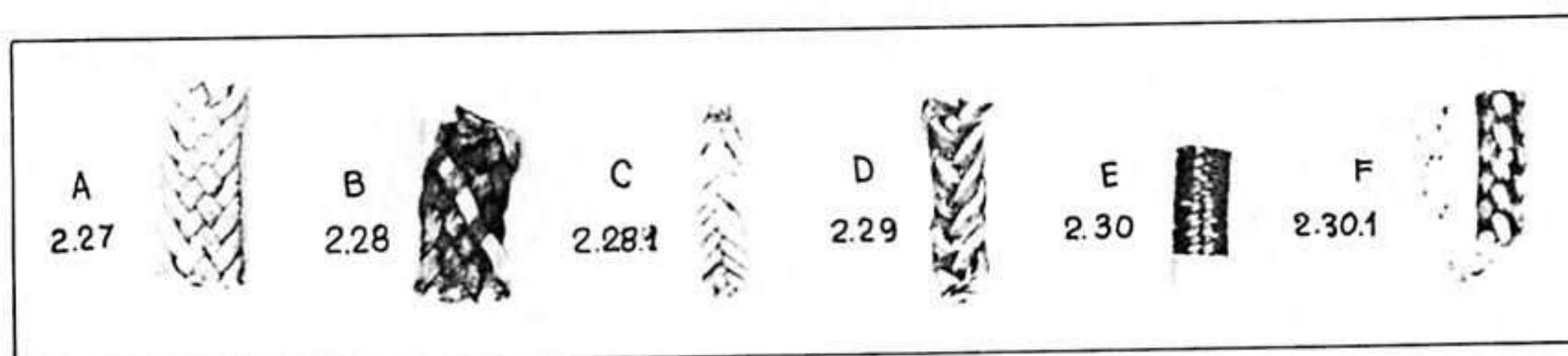


FIG. 43

2.31. Trança de 8 tentos — chata

Armação: ver figura 44-C. Iniciar a armação tramando os 4 tentos centrais conforme mostra a figura 44-A. Depois tramar de um em um os tentos nºs 2 e 7 (figura 44-B) e finalmente os tentos nºs 1 e 8 (figura 44-C).

Execução:

- lado esquerdo: o tento nº 5 dobra por baixo de um tento (nº 6), por cima de outro (nº 7) e por baixo do tento seguinte (nº 8). Ficam 5 tentos do lado direito — figura 44-D.

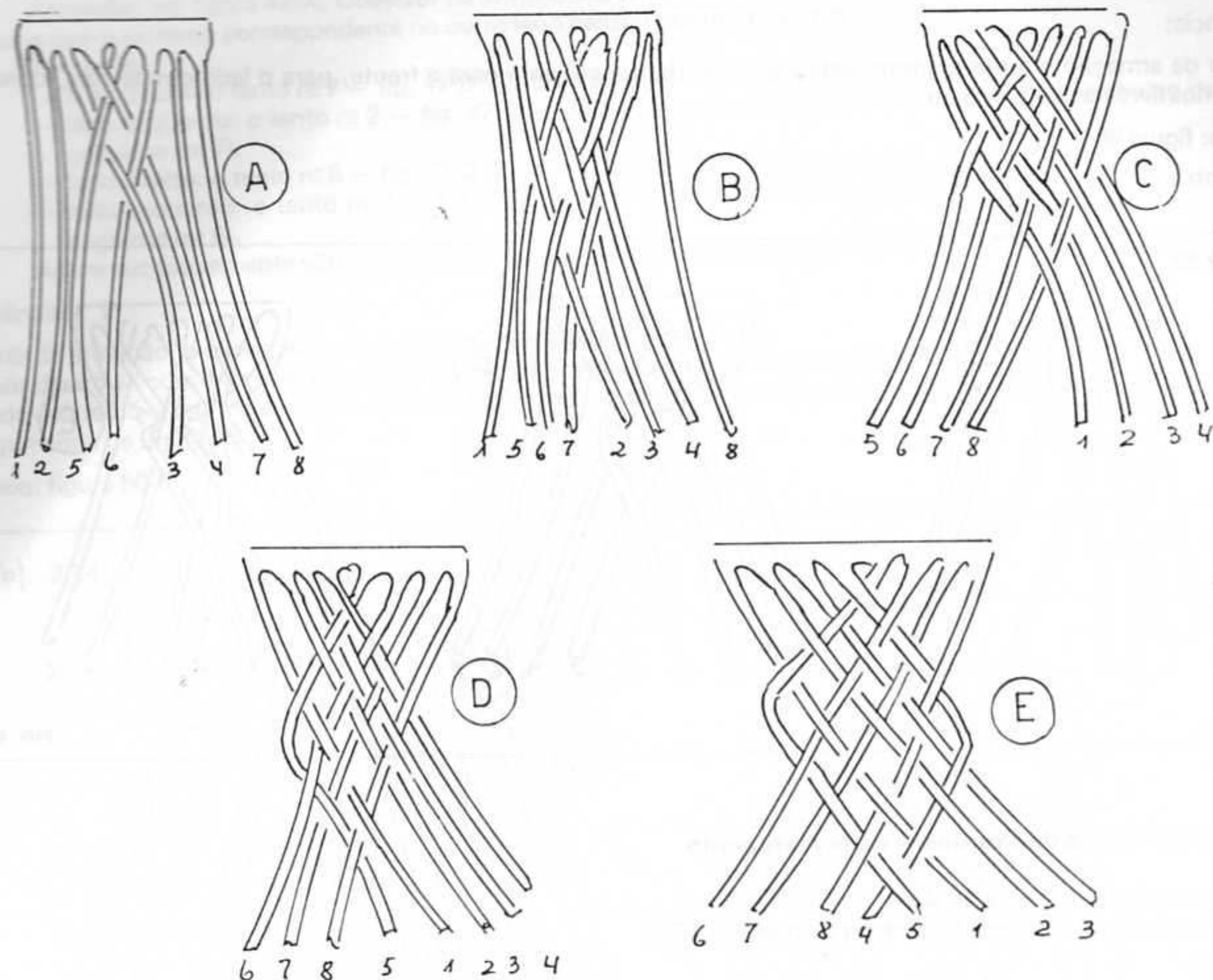


FIG. 44

- lado direito: o tento nº 4 dobra por cima de um (nº 3), por baixo de um (nº 2), por cima de um (nº 1 e por baixo do tento seguinte (nº 5). Ficam novamente 4 tentos de cada lado, como na armação inicial da figura 44-C.
 - lado esquerdo: o tento nº 6 dobra da mesma forma como dobrou o tento nº 5 (figura 44-D).
 - lado direito: o tento nº 3 dobra da mesma forma como dobrou o tento nº 4 na figura 44-E.
- Assim sucessivamente vão sendo repetidos os movimentos do tento extremo indicados nas figuras 44-D, E.

Seqüência:

Movimento do tento extremo:

- lado esquerdo: como o do tento nº 5 - figura 44-D.
- lado direito: como o do tento nº 4 - figura 44-E.

Modelo: figura 50-A.

2.32. Trança de 8 tentos — redonda

Armação: ver figura 45-A.

Execução:

- lado esquerdo: o tento nº 1 dobra por trás, vem para a frente para o lado donde saiu, deixando 2 tentos livres do lado oposto - figura 45-B.

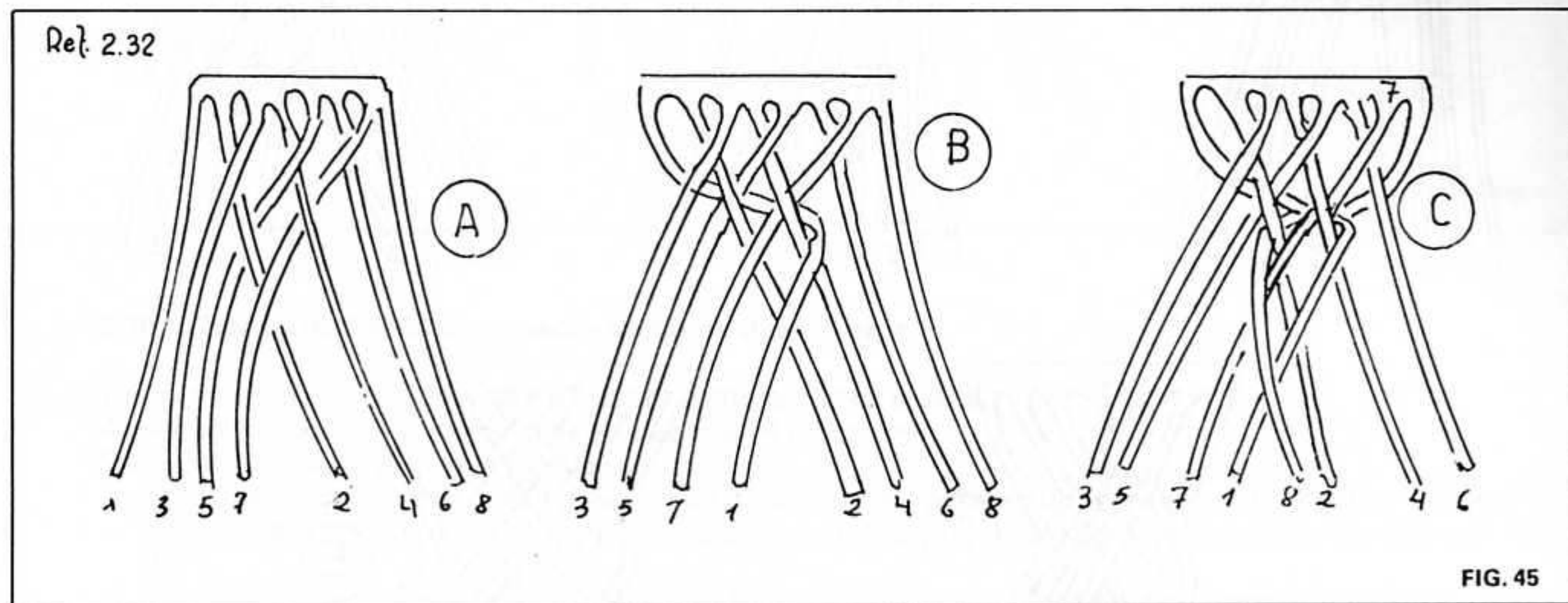
— lado direito: o tento nº 6 faz o mesmo pelo outro lado - figura 45-C.

Assim sucessivamente.

Seqüência:

A partir da armação o tento extremo dobra por trás da trança, vem para a frente, para o lado donde saiu, deixando dois tentos livres do lado oposto.

Modelo: figura 50-B.



2.33. Trança de 8 tentos — de revestimento

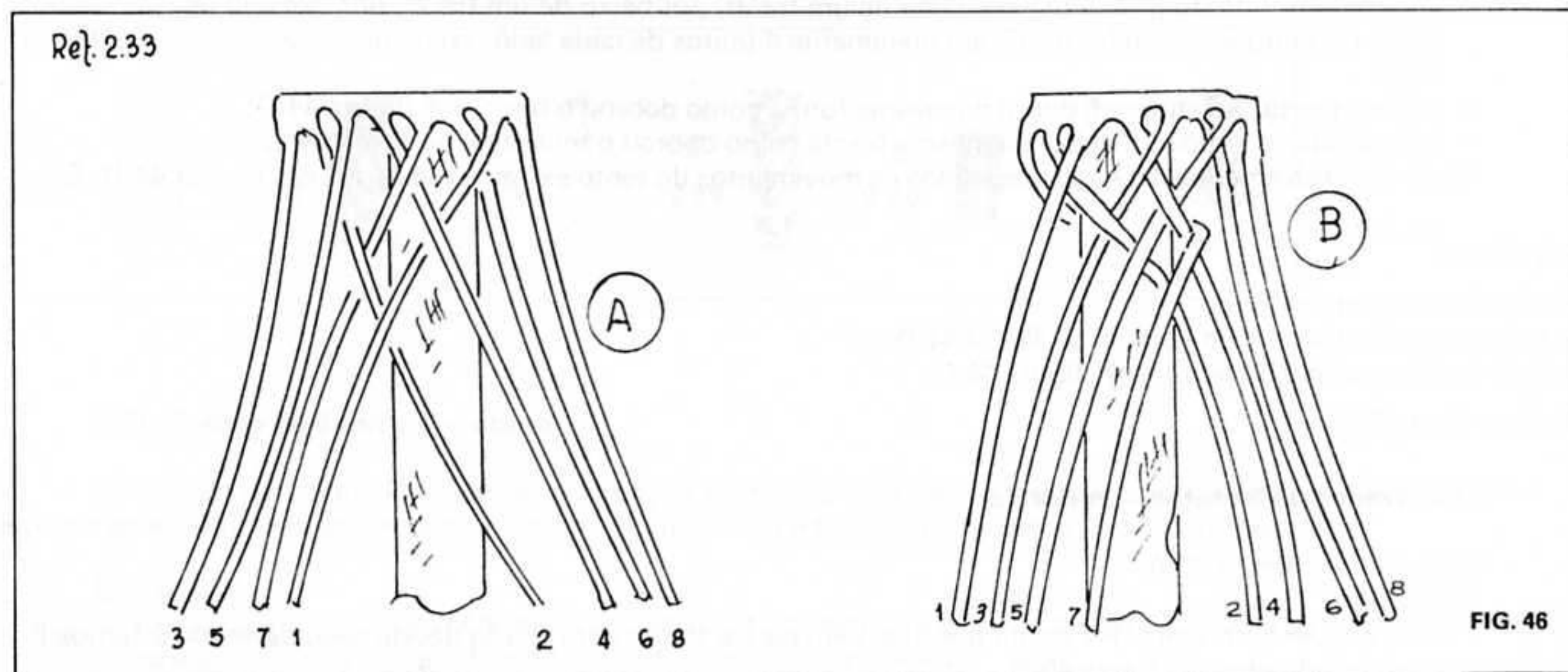
Armação: ver figura 46-A.

Execução: nos moldes da trança do número 2.32.

Seqüência:

O tento extremo, tanto de um como de outro lado, dobra por trás do "recheio" e vem para a frente, deixando dois tentos livres do lado oposto.

Modelo: figura 50-C.



2.34. Trança de 8 tentos — de quatro “caras”

Armação: ver figura 47-A. Observar na armação: o tento extremo de um lado passou por cima de três tentos enquanto que o extremo correspondente no outro lado passou por baixo de três tentos.

Execução:

- lado direito: o tento nº 7 — fig. 47-B — dobra por baixo de três tentos (nºs 6, 5, 1);
- lado esquerdo: o tento nº 2 — fig. 47-C — dobra por cima de três tentos (nºs 3, 4, 8) e por baixo do tento seguinte (nº 7);
- lado direito: o tento nº 6 — fig. 47-D — dobra por cima de três tentos (nºs 5, 1, 2);
- lado esquerdo: o tento nº 3 — fig. 47-E — dobra por baixo de três tentos (4, 8, 7) e por cima do tento seguinte (nº 6).

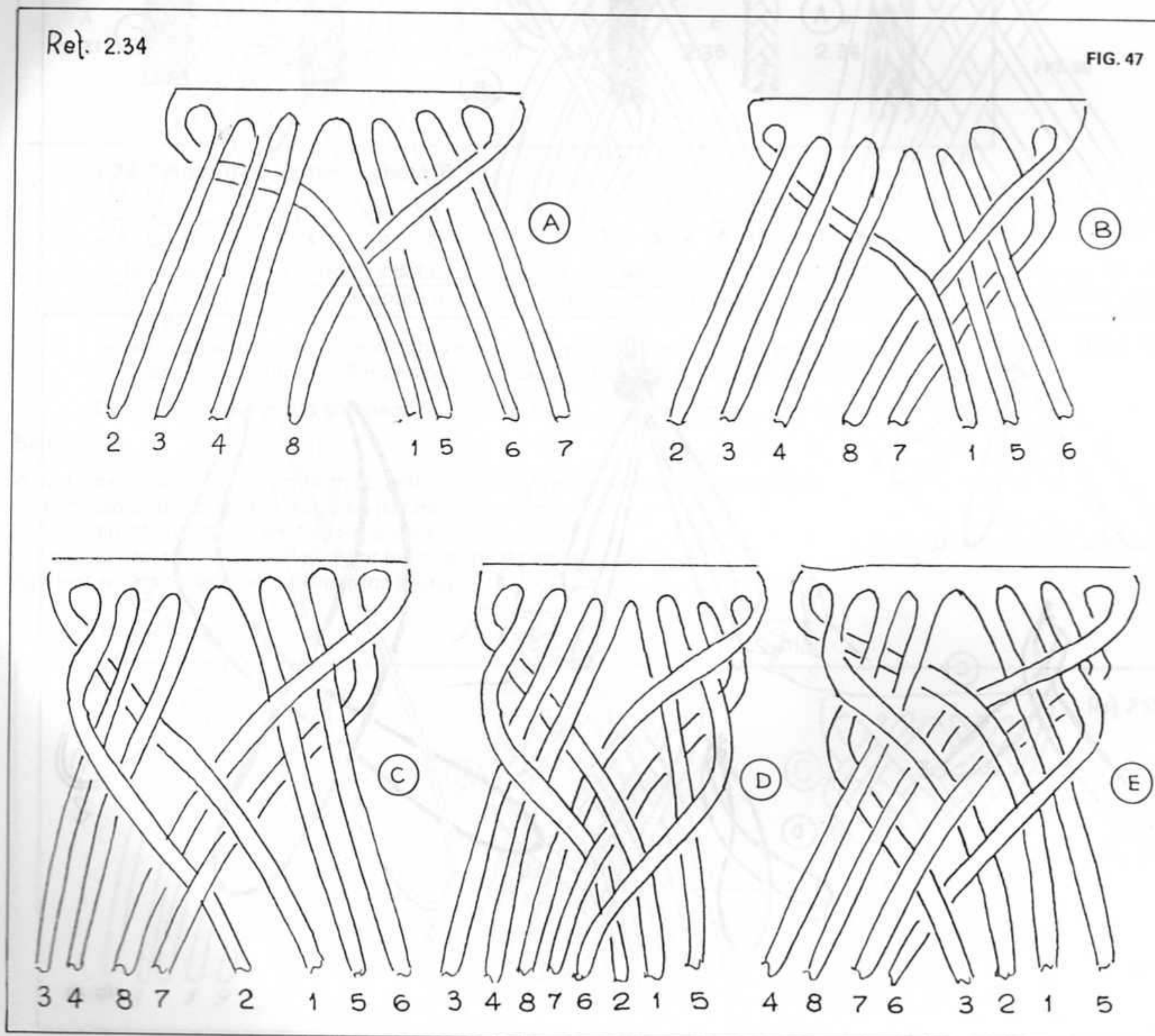
Assim sucessivamente vão sendo repetidos, na ordem, os movimentos acima descritos.

Seqüência:

A partir da armação, o movimento do tento extremo é o seguinte:

- lado direito — com 4 tentos: o extremo dobra ora por baixo de três, ora por cima de três tentos;
- lado esquerdo — com 5 tentos: o extremo dobra ora por cima de três e por baixo de um tento; ora por baixo de três e por cima de um tento.

Modelo: figura 50-D.



2.35. Trança de 8 tentos — quadrada

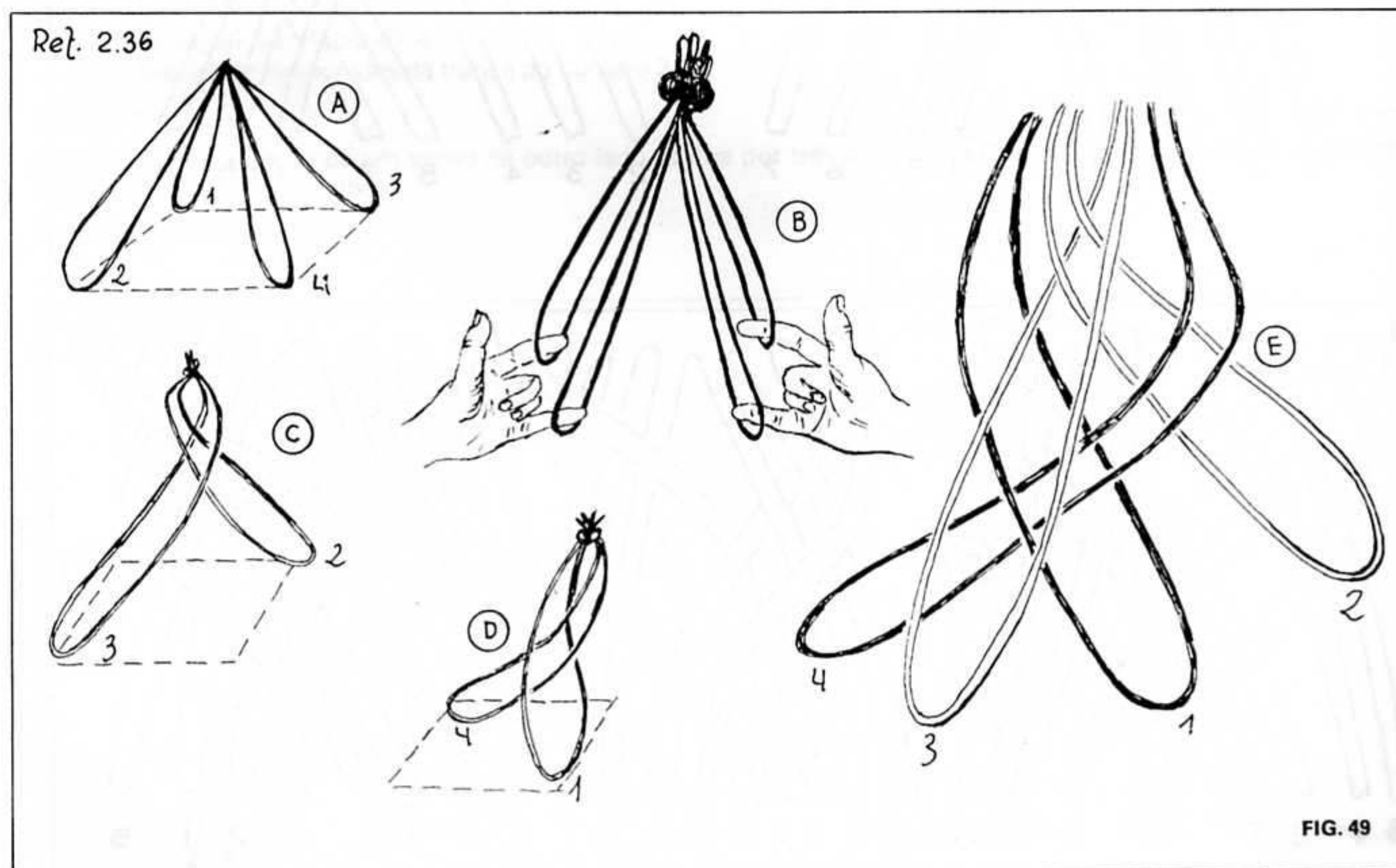
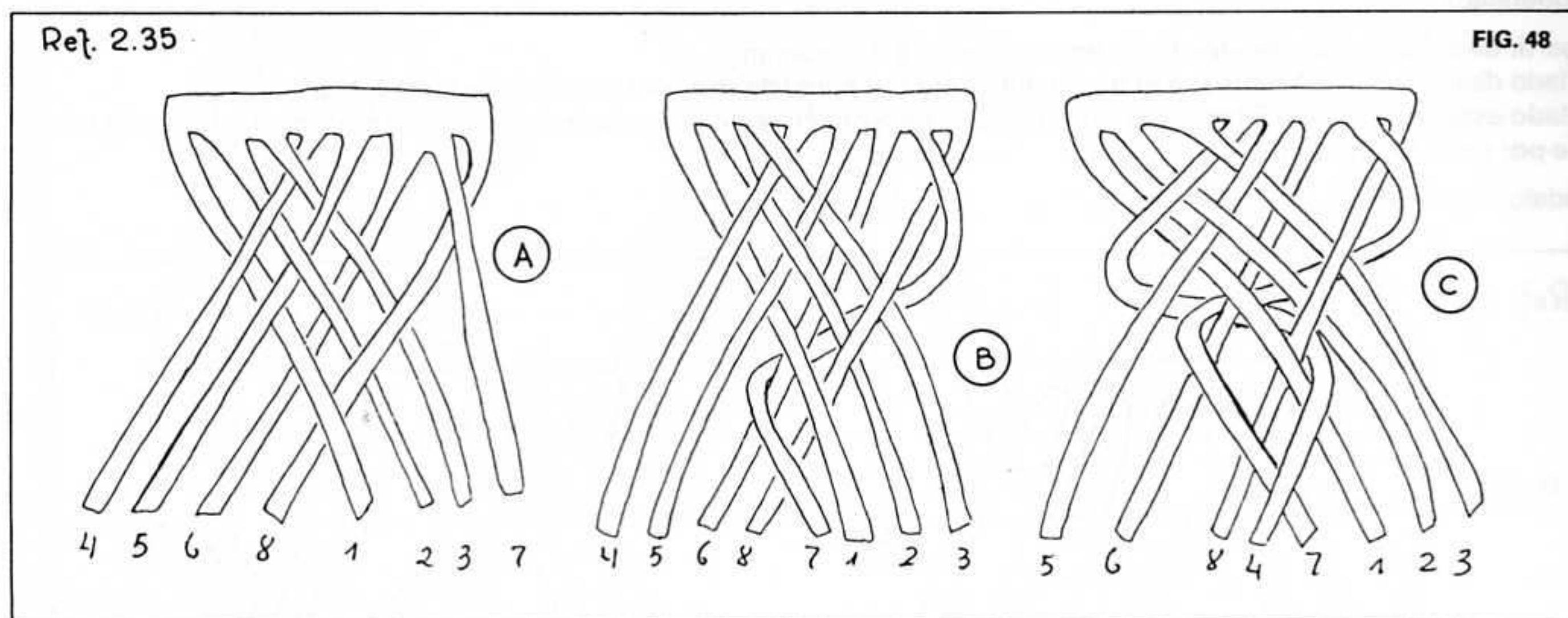
Armação: ver figura 48-A. Sugestão: primeiramente inclinar para a esquerda os tentos 4, 5, 6, 8; a seguir, tramar com eles, um a um, os tentos 3, 2, 1, como mostra a figura correspondente.

Execução: o movimento do tento extremo é sempre o mesmo nos dois lados. A figura 48-B mostra o primeiro movimento e correspondente ao tento nº 7. A figura 48-C mostra o segundo movimento e correspondente ao tento extremo do lado oposto.

Seqüência:

O tento extremo — de um e outro lado — dá volta por trás da trança; vem para a frente, para o lado donde saiu, deixando dois tentos livres do lado oposto.

Modelo: figura 50-E.



2.36. Trança de 8 tentos — de laçadas

Armação: ver figura 49-A. Dispor de 4 tentos longos, dobrados ao meio e formando 4 laçadas. Situar as laçadas em dois planos como indicam as linhas pontilhadas na figura. As laçadas 2 e 1 são presas pelos dedos indicador (i) e mínimo (m) da mão esquerda, respectivamente; as laçadas 4 e 3, pelos dedos correspondentes da mão direita.

Execução: aproximando-se as mãos, efetuam-se as trocas de laçadas entre os dedos. A laçada 2 troca de posição com a laçada 3 (faz-se passar a laçada 2 por dentro da laçada 3) - figura 49-C. A seguir faz-se a troca das laçadas 1 e 4 (a laçada 4 passando por dentro da laçada 1) - fig. 49-D. Após cada troca afastam-se as mãos lateralmente, a fim de que a trança se ajuste na parte superior. A figura 49-E mostra a situação das 4 laçadas após as duas primeiras trocas.

Este tipo de trança é usado para "bocal" de doma de potros. De modo geral é confeccionado com tentos roliços e flexíveis.

Modelo: figura 50-F.

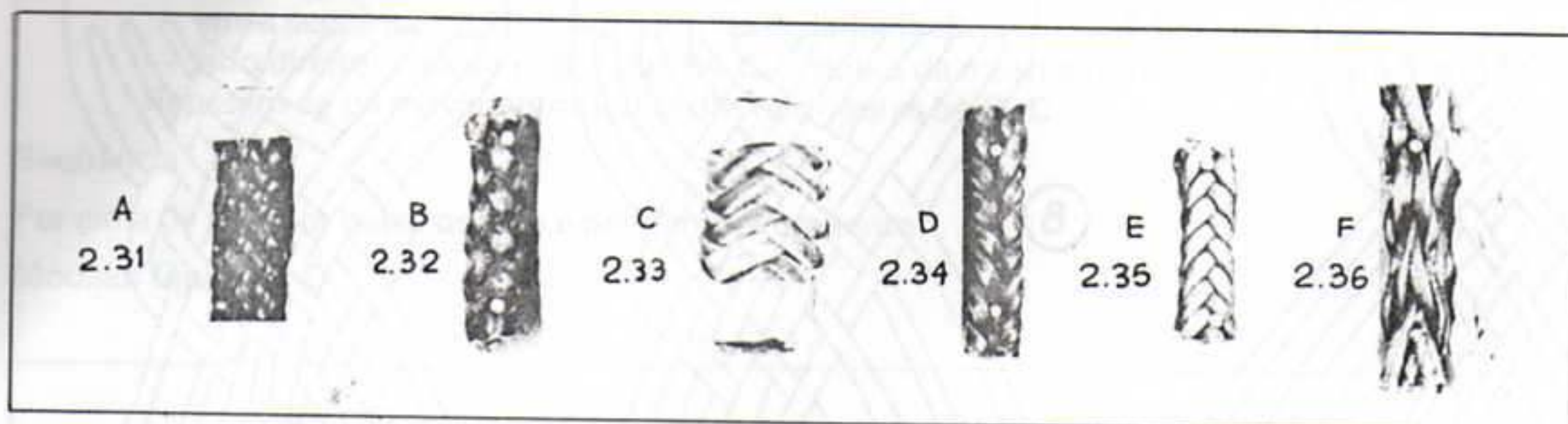


FIG. 50

2.37. Trança de 9 tentos — chata (I)

Armação: ver figura 51-A.

Execução:

- lado esquerdo: o tento nº 3 dobra por cima de dois tentos (4, 7) e por baixo de dois outros (8, 9) - fig. 51-B;
- lado direito: o tento nº 6 dobra por baixo de dois tentos (5, 2) e por cima dos dois tentos seguintes (1, 3) - fig. 51-C;
- lado esquerdo: o tento nº 4 dobra por baixo de dois tentos (7, 8), e por cima de dois outros (9, 6);
- lado direito: o tento nº 5 dobra por cima de dois tentos e depois por baixo dos dois seguintes.

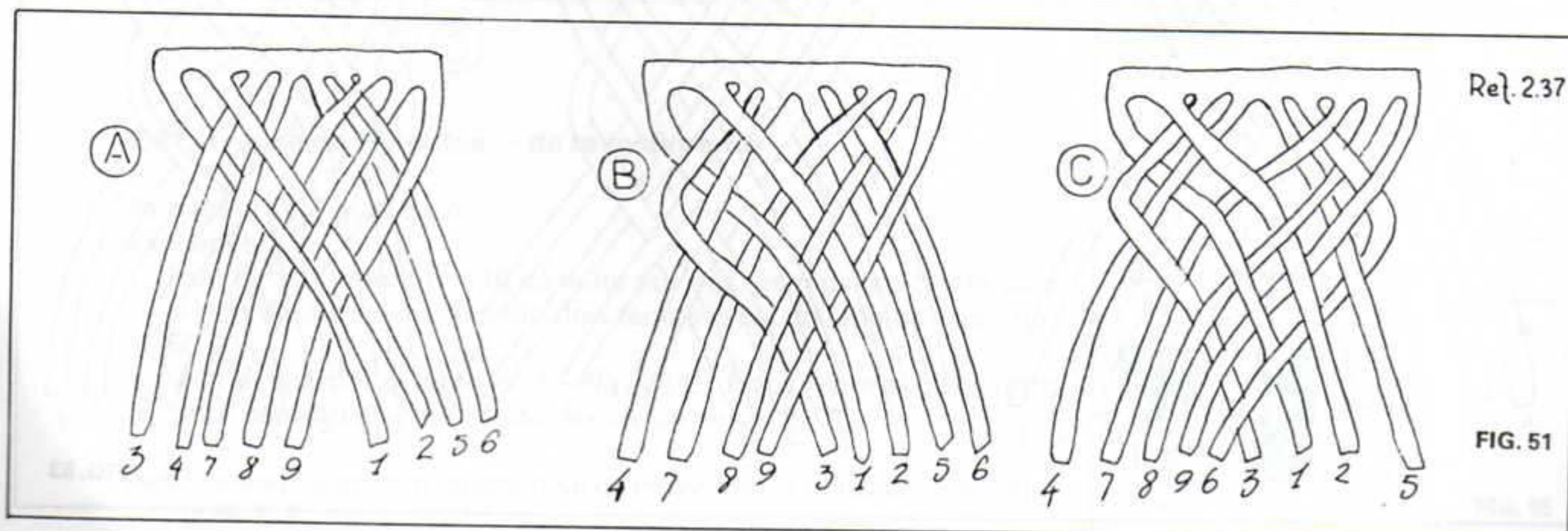
Observar o movimento alternado do tento extremo, em cada lado.

Seqüência:

A partir da armação, o movimento do tento extremo é, alternadamente, o seguinte:

- lado esquerdo: por cima de dois e por baixo de dois tentos;
 - lado direito: por baixo de dois e por cima de dois tentos;
 - lado direito: por cima de dois e por baixo de dois tentos;
- repetem-se, na ordem, os movimentos acima.

Modelo: figura 55-A.



Ref. 2.37

FIG. 51

2.38. Trança de 9 tentos — chata (II)

Armação: ver figura 52-A. Proceder como nos casos anteriores para obter-se a armação básica inicial, inclinando primeiramente um grupo de tentos para depois tramar os restantes, um a um.

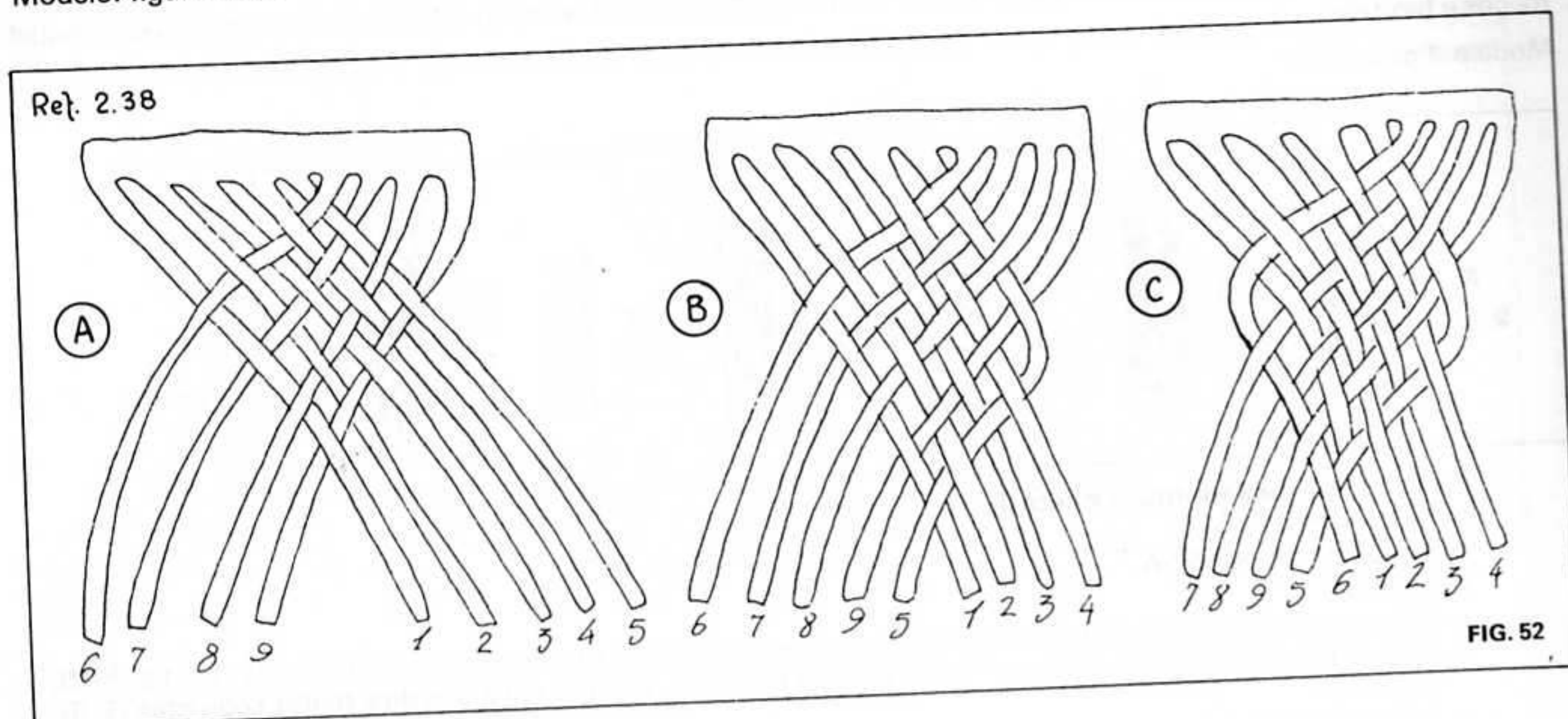
Execução:

- lado direito: o tento nº 5 dobra, tramando de um em um, como mostra a fig. 52-B.
- lado esquerdo: o tento nº 6 faz o mesmo para o outro lado, como mostra a figura 52-C.

Seqüência:

O tento extremo, de um e outro lado, dobra tramando de um em um.

Modelo: figura 55-B.

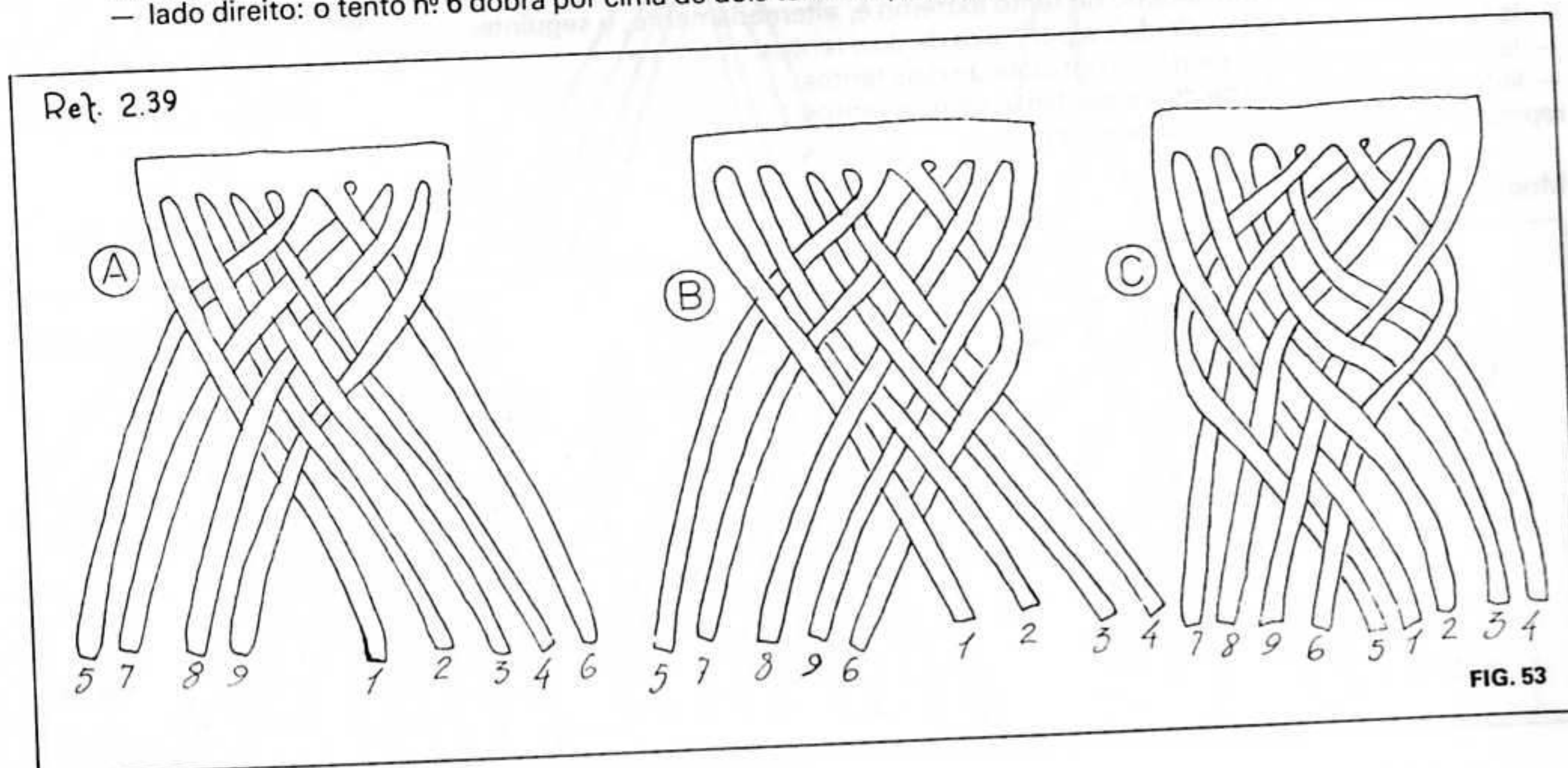


2.39. Trança de 9 tentos — chata (III)

Armação: dispor os tentos como mostra a figura 53-A.

Execução:

- lado direito: o tento nº 6 dobra por cima de dois tentos e por baixo dos dois tentos seguintes — fig. 53-B;



— lado esquerdo: o tento nº 5 faz o mesmo, dobrando por cima de dois tentos e por baixo dos dois tentos seguintes — fig. 53-C.

Assim sucessivamente vão sendo repetidos os movimentos acima.

Seqüência:

- movimento de cada extremo:
- por cima de dois e por baixo de dois tentos.

Modelo: figura 55-C.

2.40. Trança de 9 tentos (IV)

Armação: ver figura 54-A.

Execução:

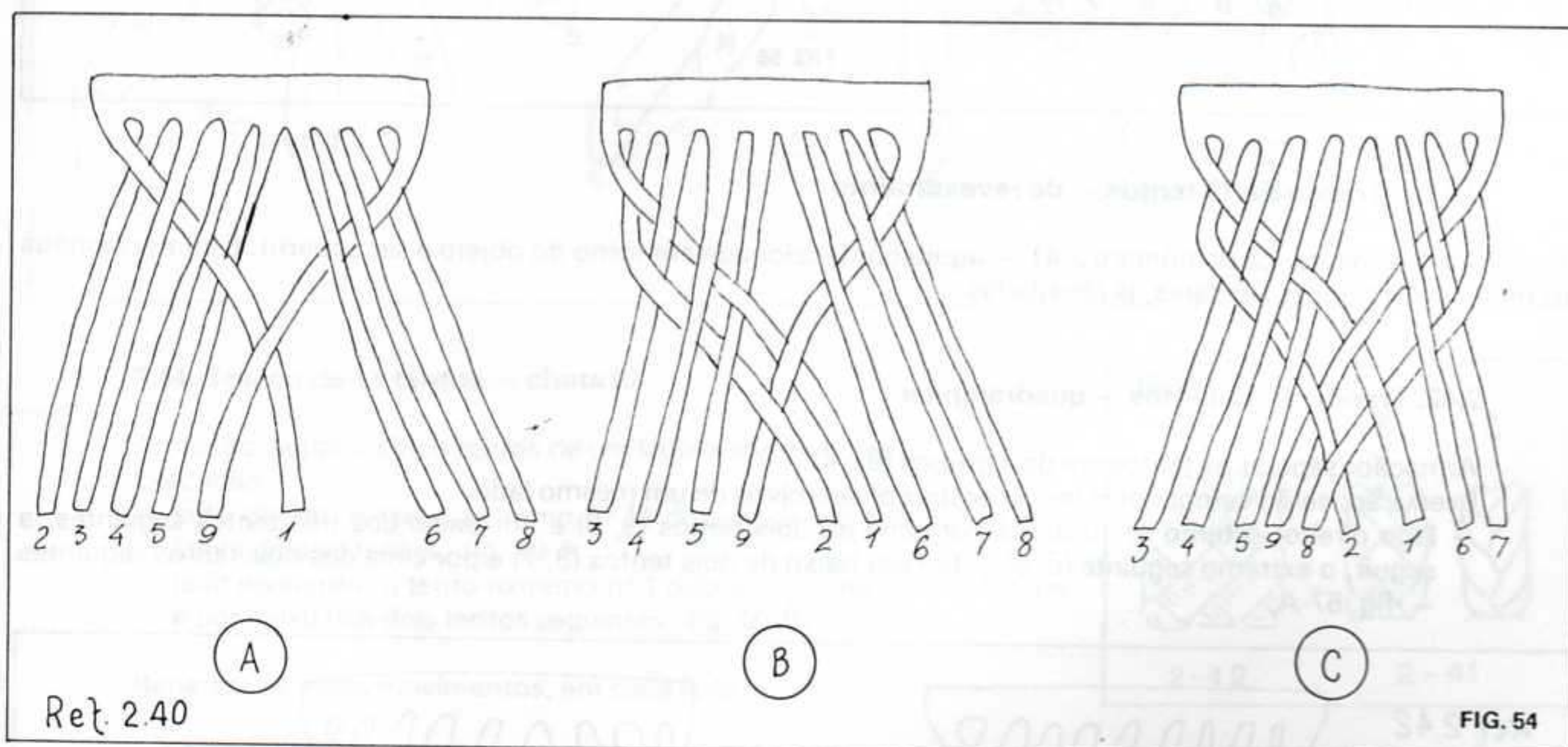
- lado esquerdo: o tento nº 2 dobra por cima de um tento (nº 3), por baixo de dois outros (4, 5) e por cima do tento seguinte (nº 9); ficam 5 tentos do lado direito — fig. 54-B;
- lado direito: o tento nº 8 — fig. 54-C — dobra da mesma forma, para o outro lado.

Repetem-se os movimentos indicados nas figuras 54-B, C.

Seqüência:

Por cima de um, por baixo de dois e por cima de um tento.

Modelo: figura 55-D.



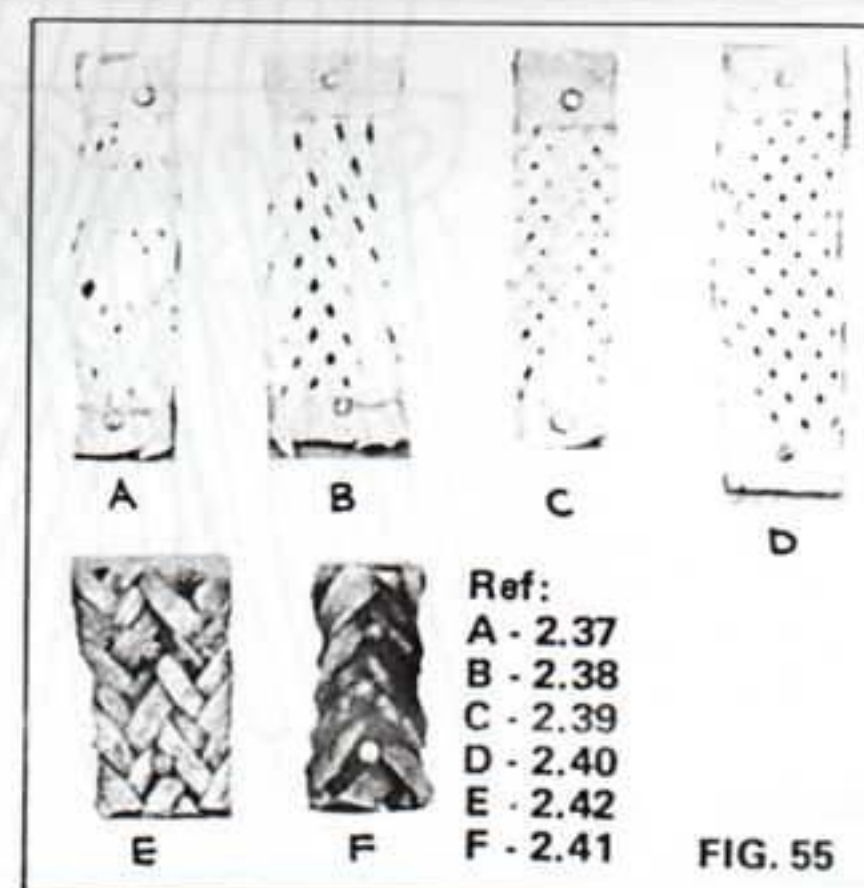
2.41. Trança de 10 tentos — de revestimento

Armação: ver figura 56-A.

Execução:

- lado direito: o tento nº 10 dá volta por trás, vem para a frente para o lado donde saiu, deixando dois tentos livres do lado oposto - fig. 56-B;
- lado esquerdo: o tento nº 1 - fig. 56-C, faz o mesmo pelo outro lado, deixando livres do lado direito, os tentos 8 e 9.

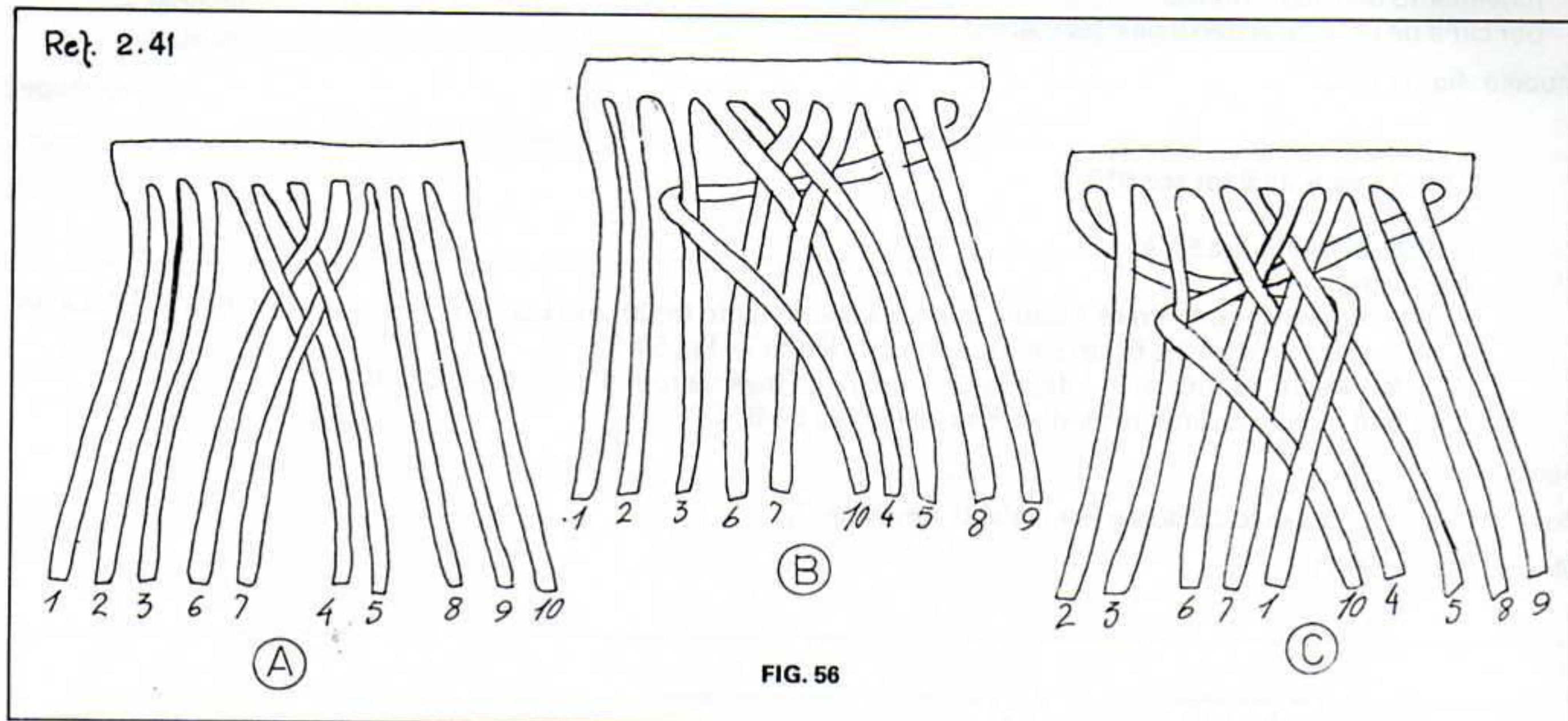
Assim sucessivamente repetem-se os movimentos indicados nas figuras 56-B-C.



Seqüência:

O tento extremo dá volta por trás, vem para a frente, para o lado donde saiu, deixando dois tentos livres do lado oposto.

Modelo: figura 59-B.



2.41.1. Trança de 10 tentos — de revestimento

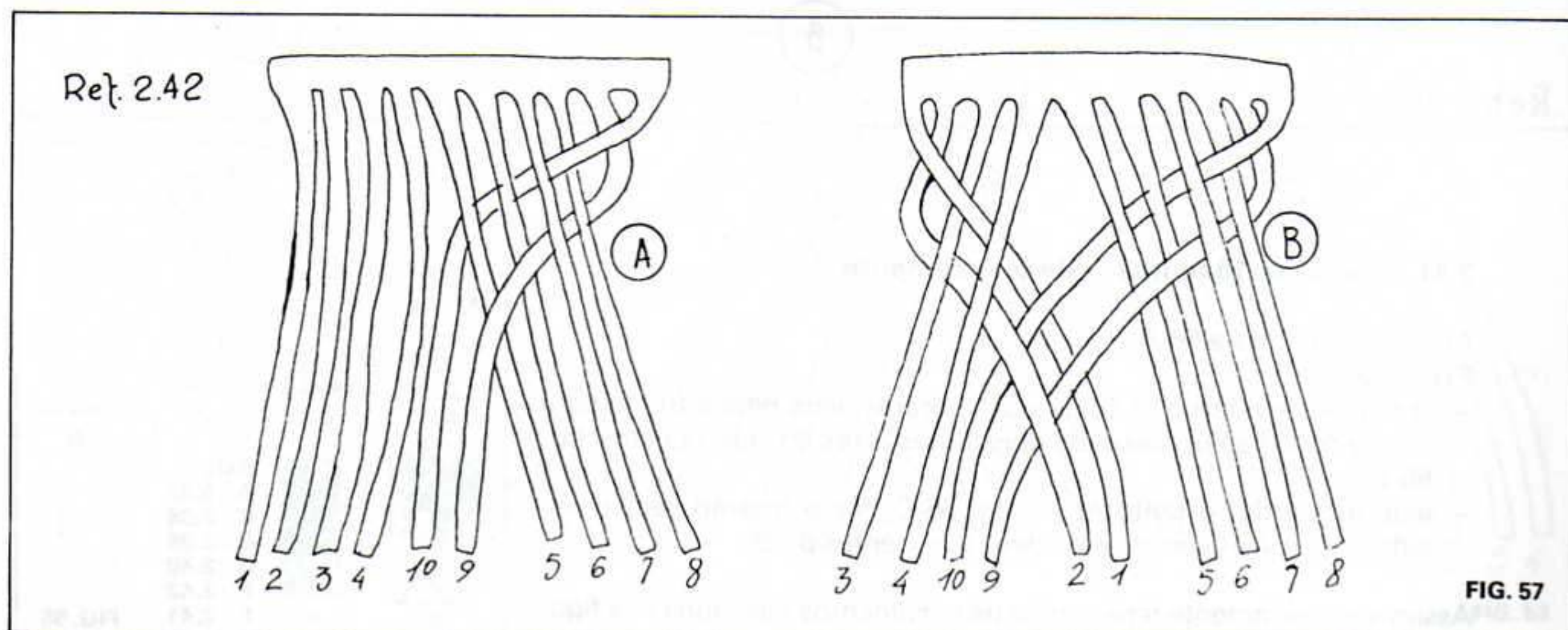
É a mesma trança do número 2.41 — agora confeccionada em torno do objeto a ser coberto. É confeccionada nos moldes das tranças similares, já abordadas.

2.42. Trança de 10 tentos — quadrangular

Armação: separar os tentos em dois grupos (6 e 4);

Execução: serão sempre dois movimentos consecutivos de um mesmo lado.

— lado direito: o tento nº 10 dobra por cima de dois tentos (9, 8) e por baixo dos três tentos seguintes; a seguir, o extremo seguinte (nº 9) dobra por baixo de dois tentos (8, 7) e por cima dos dois tentos seguintes — fig. 57-A;



- lado esquerdo: o tento nº 1 dobra por cima de dois tentos e por baixo dos três tentos seguintes; a seguir, o tento nº 2 dobra por baixo de dois tentos e por cima dos dois tentos seguintes — fig. 57-B.
- Repetem-se sucessivamente os movimentos indicados nas figuras 57-A-B.

Sequência:

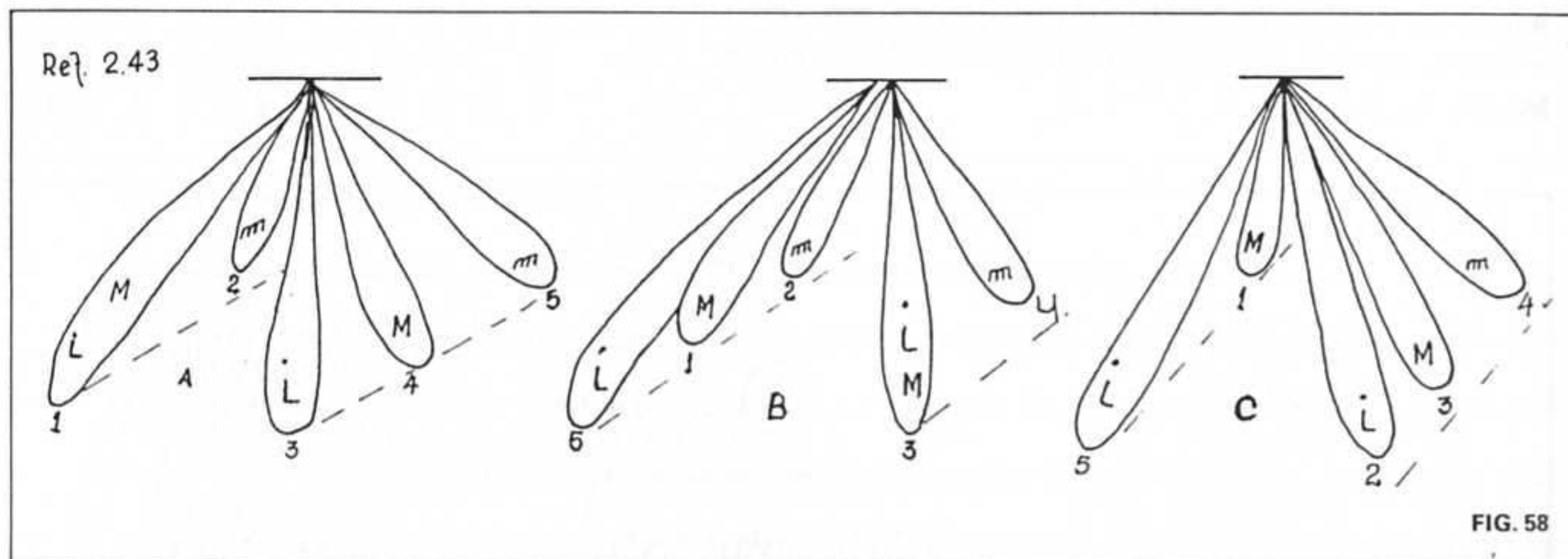
Movimentam-se os dois tentos extremos, de um mesmo lado, na ordem:

- 1º extremo (mais afastado do centro): por cima de dois e por baixo de três tentos;
- 2º extremo (do mesmo lado): por baixo de dois e por cima de dois tentos.

Modelo: figura 59-A.

2.43. Trança de 10 tentos — tipo “bocal de doma”

É semelhante à trança de 4 laçadas vista no número 2.36. A figura 58 mostra como dispor as laçadas iniciais (fig. 58-A). Em B, C aparecem as laçadas após as trocas. Sua confecção é assunto do volume 2.



2.44. Trança de 11 tentos — chata (I)

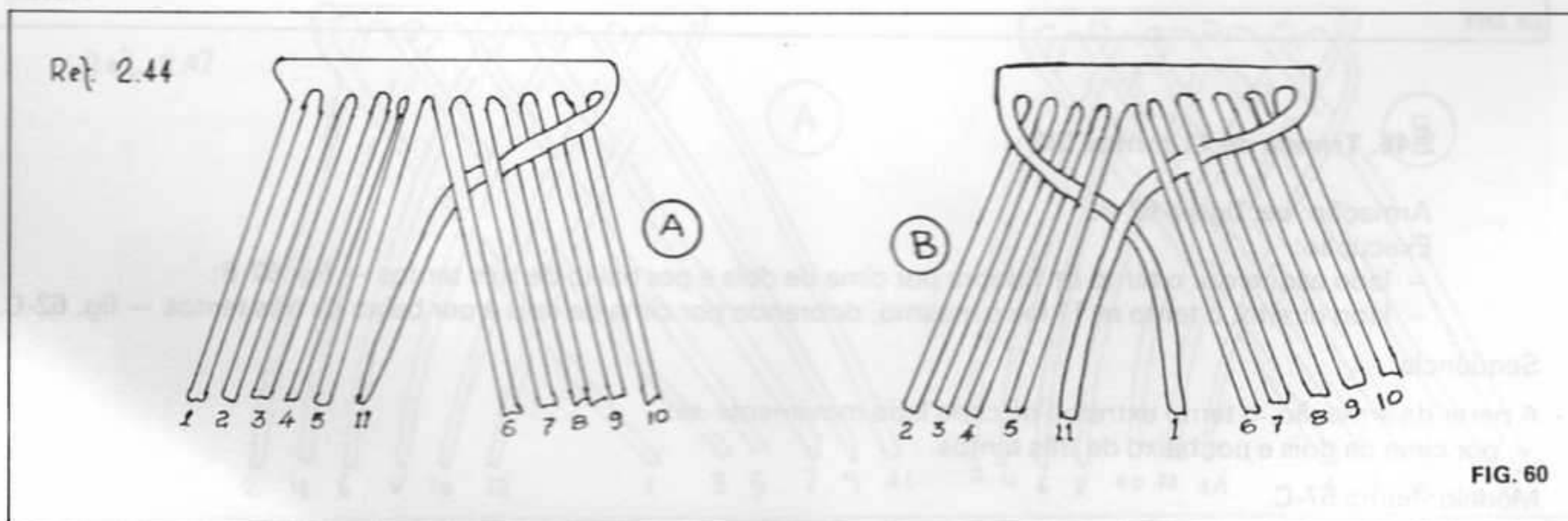
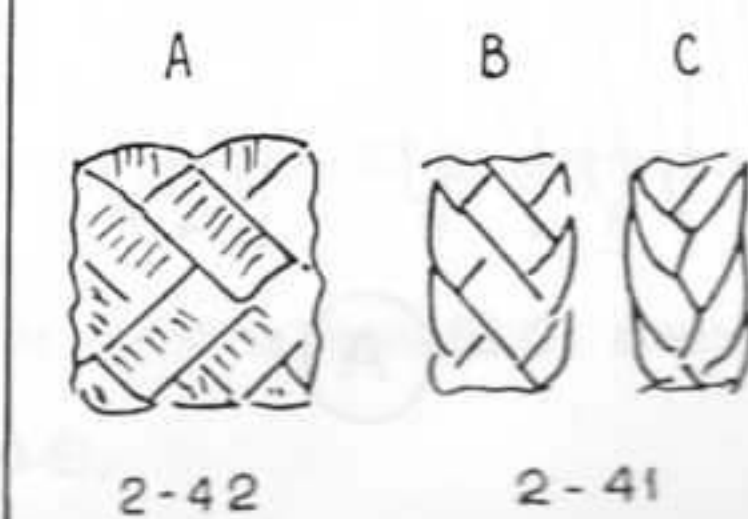
Armação: separar cinco tentos de um lado e seis de outro.

Execução:

- lado direito: o tento extremo nº 11 dobra por cima de três e por baixo de dois tentos - fig. 60-A.
- lado esquerdo: o tento extremo nº 1 dobra por cima de três tentos e por baixo dos dois tentos seguintes - fig. 60-B.

Repetem-se esses movimentos, em cada lado.

FIG. 59



Seqüência:

Por cima de três e por baixo de dois tentos, nessa ordem.

Modelo: figura 67-A.

2.45. Trança de 11 tentos (II)

Armação: ver figura 61-A.

Execução:

- lado direito: o tento nº 11 dobra por cima do tento nº 10, por baixo dos tentos 8 e 6 e por cima dos tentos — fig. 61-B;
- lado esquerdo: o tento nº 1 faz o mesmo movimento para o outro lado, ou seja, dobra por cima do tento nº 3, por baixo dos tentos 5 e 7 e por cima dos tentos 9 e 11 — fig. 61-C.

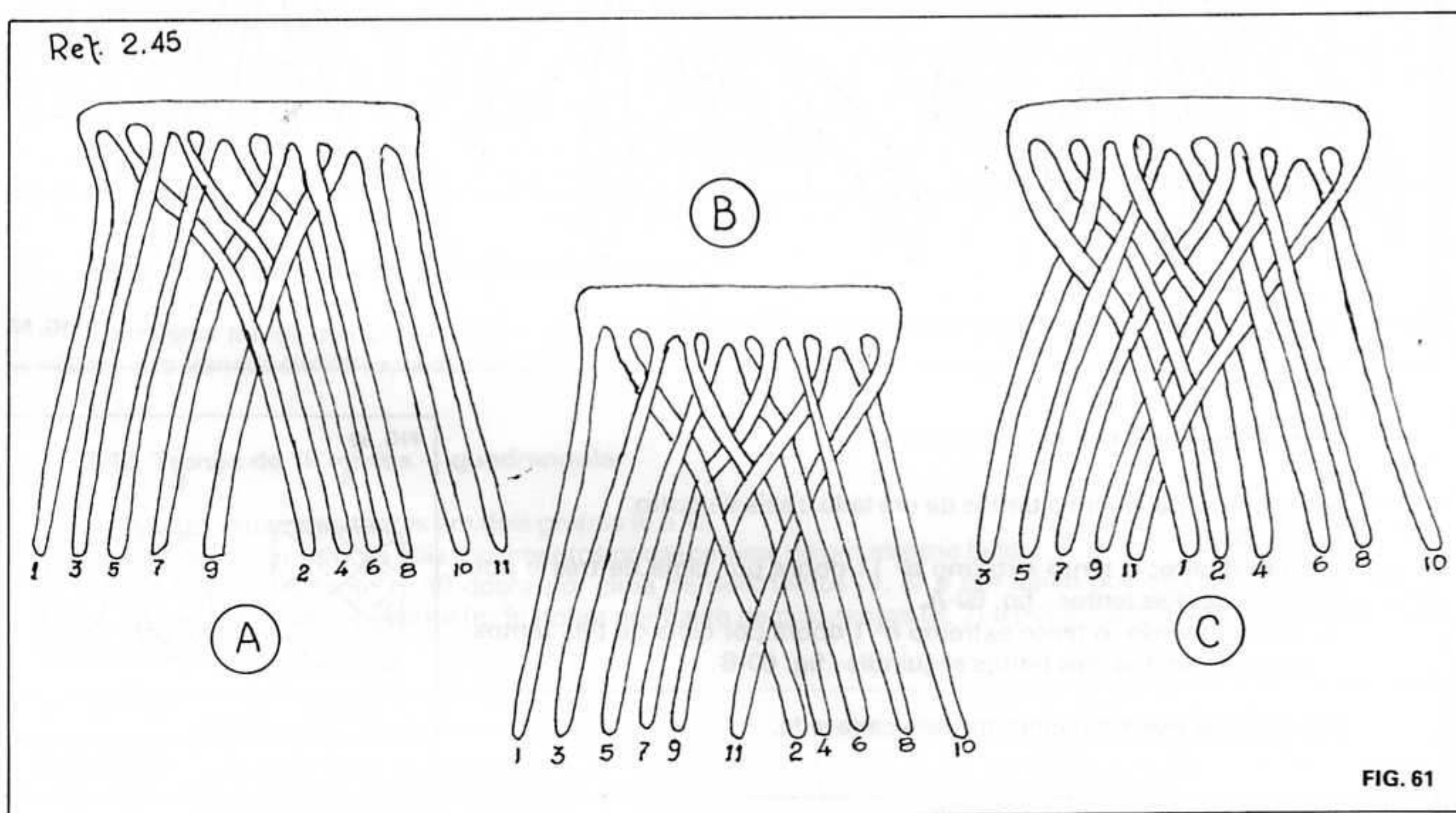
Repetem-se os movimentos indicados nas figuras 61-B, C.

Seqüência:

A partir da armação, o tento extremo em cada lado dobra:

- por cima de um, por baixo de dois e por cima de dois tentos.

Modelo: figura 67-B.



2.46. Trança de 11 tentos (III)

Armação: ver figura 62-A.

Execução:

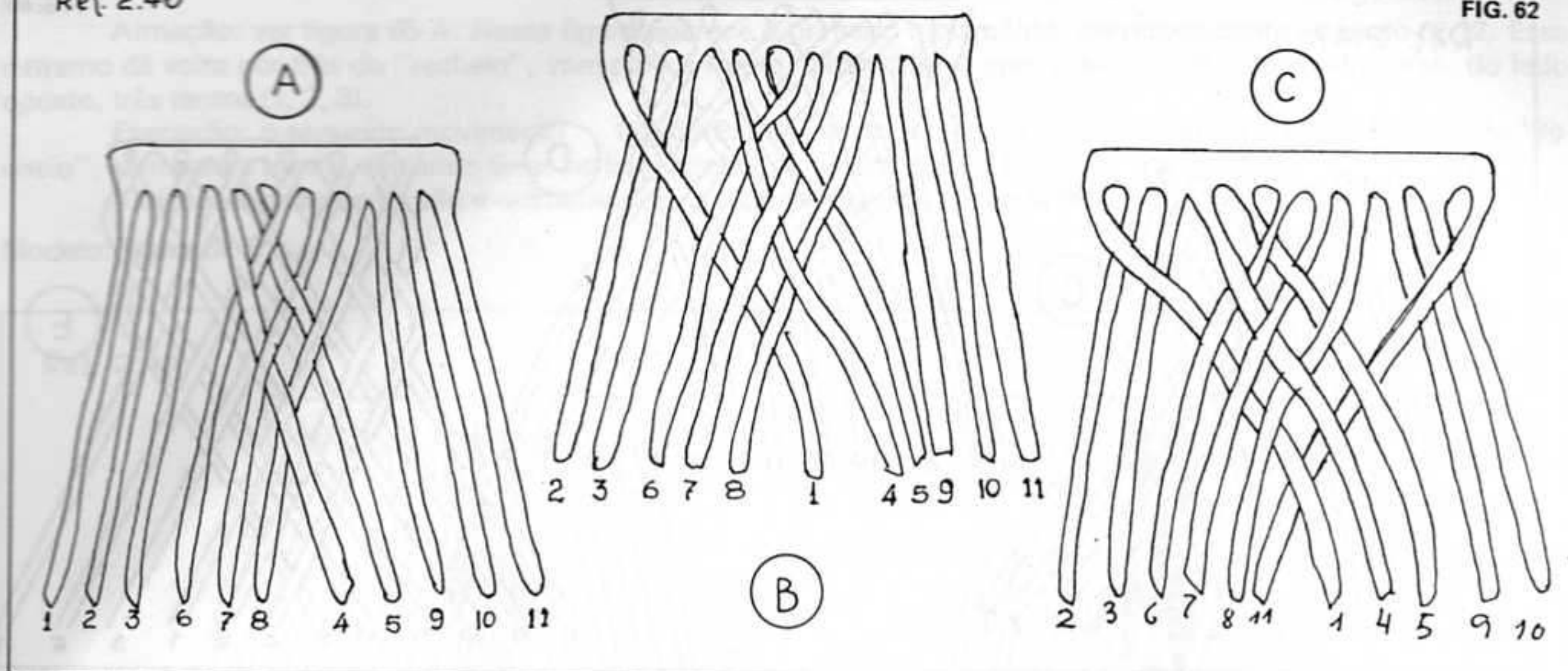
- lado esquerdo: o tento nº 1 dobra por cima de dois e por baixo de três tentos — fig. 62-B;
- lado direito: o tento nº 11 faz o mesmo, dobrando por cima de dois e por baixo de três tentos — fig. 62-C.

Seqüência:

A partir da armação, o tento extremo de cada lado movimenta-se:

- por cima de dois e por baixo de três tentos.

Modelo: figura 67-C.



2.47. Trança de 12 tentos — chata

Armação: ver figura 63-A. Rer o número 2.35 — parte referente à armação.

Execução:

- lado direito: o tento nº 11 dobra por cima dos tentos 7 e 9, por baixo dos tentos 3 e 5 e por cima do tento nº 1 — fig. 63-B;
- lado esquerdo: o tento nº 2 dobra por baixo de dois tentos (4, 6), por cima de dois outros (8, 10) e por baixo dos dois tentos seguintes (12, 11) — fig. 63-C.
- lado direito: o tento nº 9 dobra por baixo de dois (5, 7), por cima de dois (3, 1) e por baixo de um (nº 2) — fig. 63-D;
- lado esquerdo: o tento nº 4 dobra por cima de dois (6, 8), por baixo de dois (10, 12) e por cima de dois tentos (11, 9) — fig. 63-E.

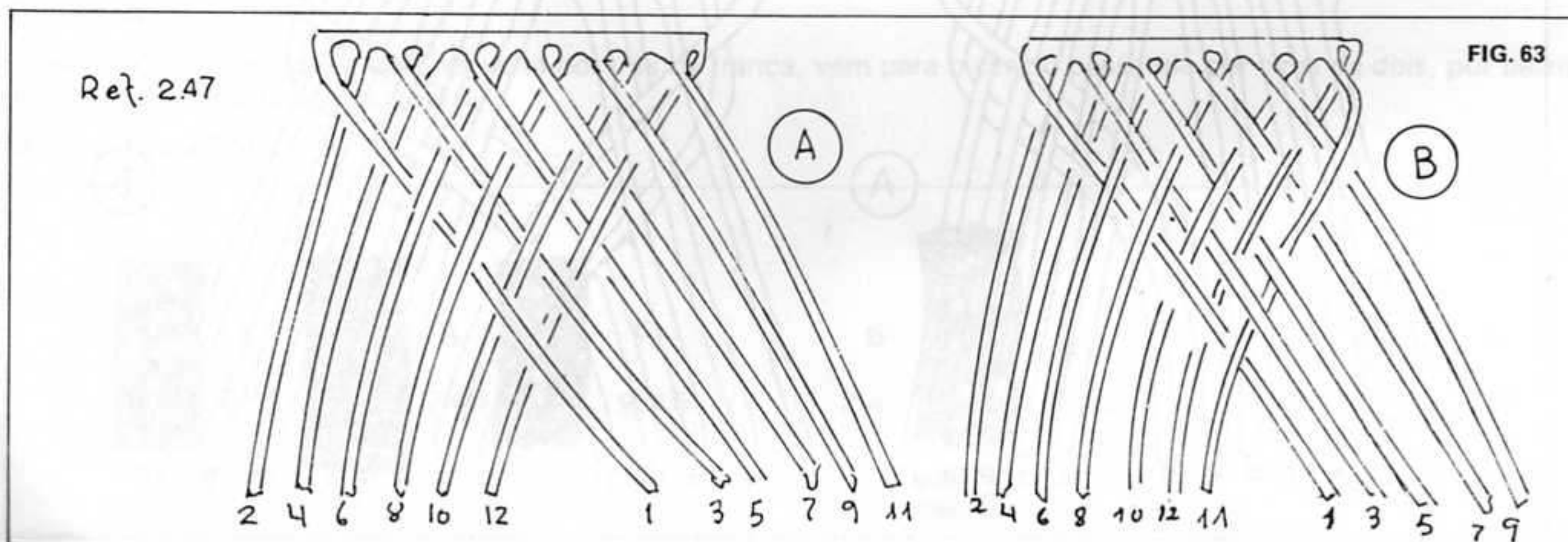
Repetem-se, na ordem, os movimentos indicados nas figuras 63-B, C, D, E.

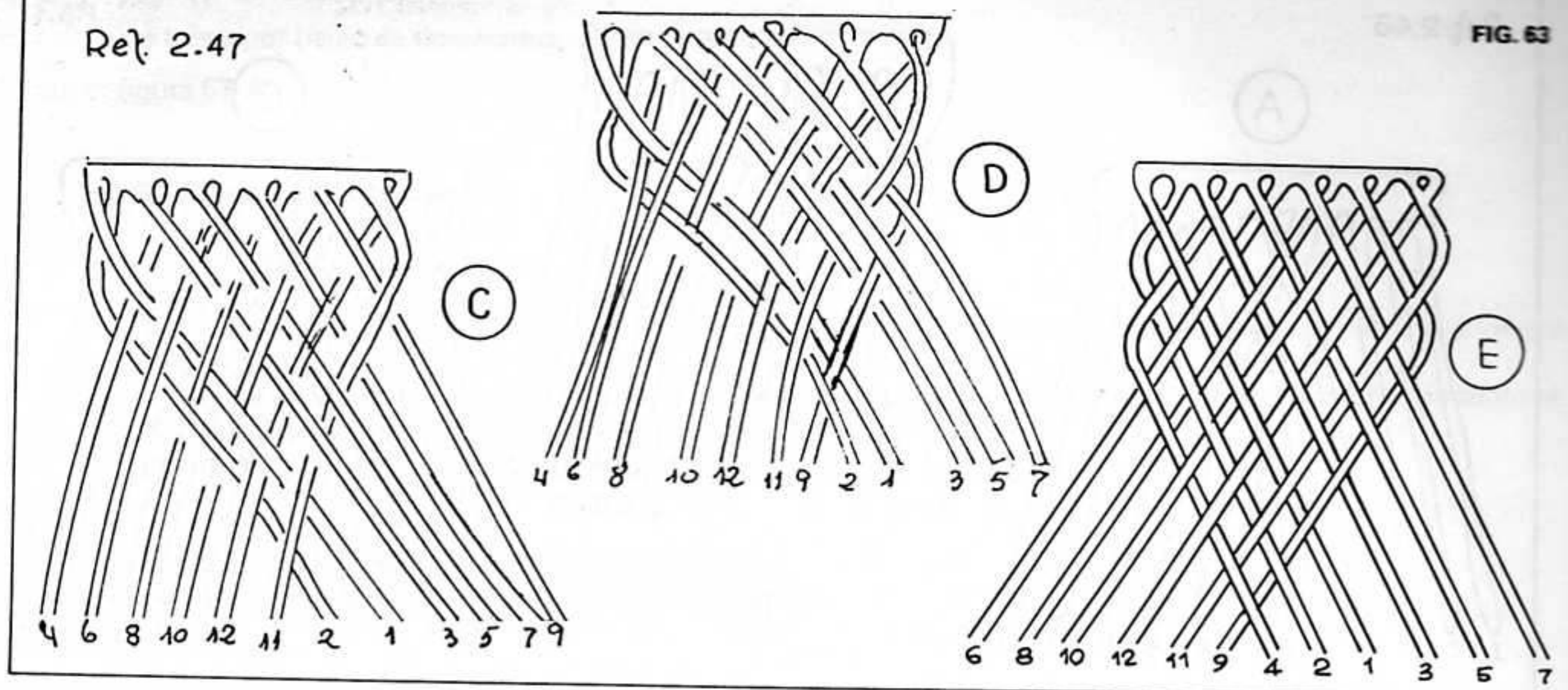
Seqüência:

A partir da armação o tento extremo é movimentado assim:

- lado com 6 tentos: por cima de dois, por baixo de dois, por cima de um tento (como na figura 63-B), alternando (no próximo movimento do lado com 6 tentos) para:
- por baixo de dois, por cima de dois, por baixo de um tento (como na fig. 63-D).
- lado com 7 tentos: por baixo de dois, por cima de dois, por baixo de dois tentos (como na figura 63-C), alternando (no próximo movimento do lado com 7 tentos) para:
- por cima de dois, por baixo de dois, por cima de dois tentos (como na figura 63-E).

Modelo: figura 67-D.





2.48. Trança de 12 tentos — tipo quadrangular

Armação: separar os tentos em dois grupos (com 7 e 5).

Execução: iniciar do lado com 7 tentos. São sempre dois movimentos consecutivos de um mesmo lado.

— lado direito: o tento nº 12 — fig. 64-A — dobra por cima de três tentos (11, 10, 9) e por baixo dos três tentos seguintes (8, 7, 6); a seguir o tento nº 11 (2º extremo) dobra para o mesmo lado por baixo de três e por cima de dois tentos. Ficam 7 tentos do lado esquerdo. A figura 64-A mostra esses dois movimentos.

— lado esquerdo: o tento nº 1 dobra por cima de três e por baixo de três tentos — fig. 64-B; a seguir, o tento nº 2 dobra por baixo de três e por cima de dois tentos — fig. 64-B.

Repetem-se em cada lado os mesmos movimentos.

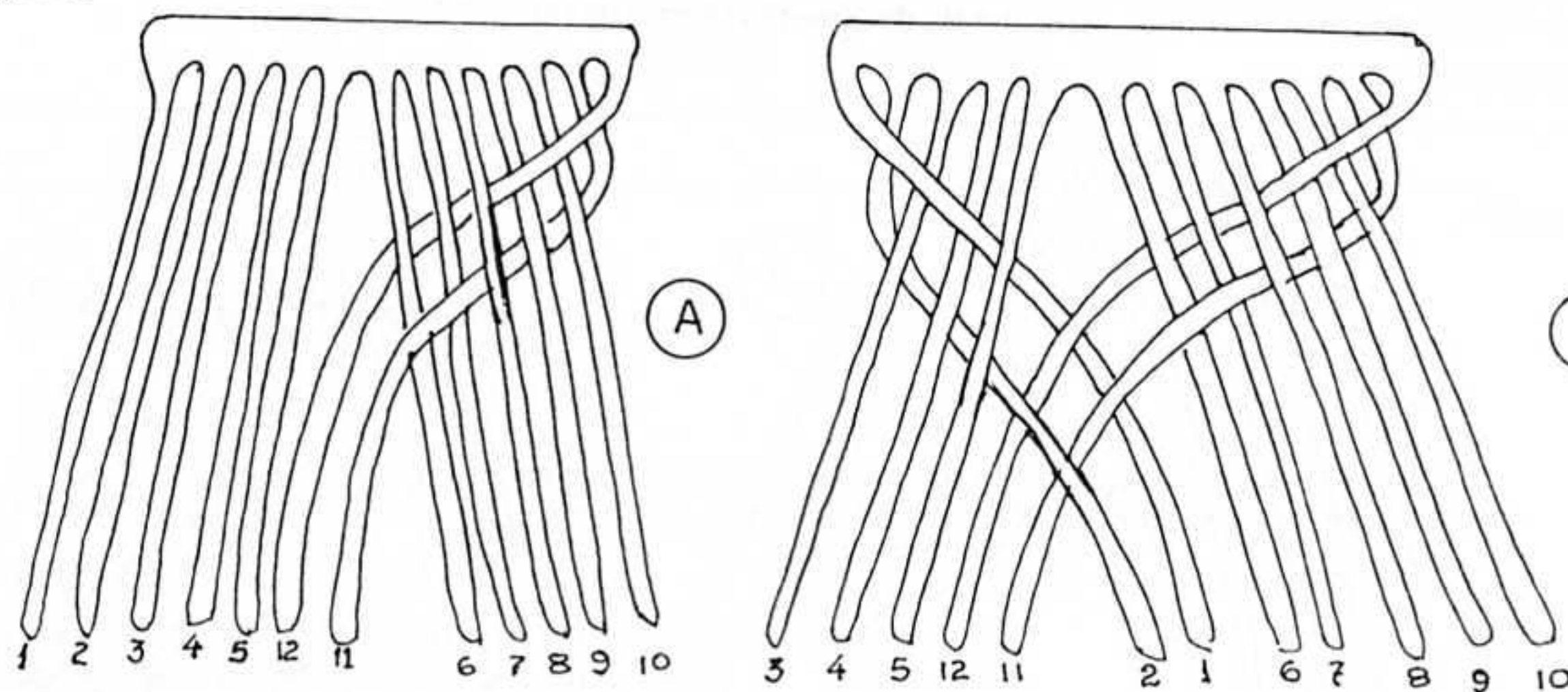
Seqüência:

1º extremo: por cima de três, por baixo de três tentos;

2º extremo: por baixo de três, por cima de dois tentos.

Modelo: figura 67-E.

Para se obter um conjunto uniforme, é preciso que a trança seja muito bem ajustada, desde o seu início. Os tentos para sua confecção devem ser uniformes na largura e espessura.



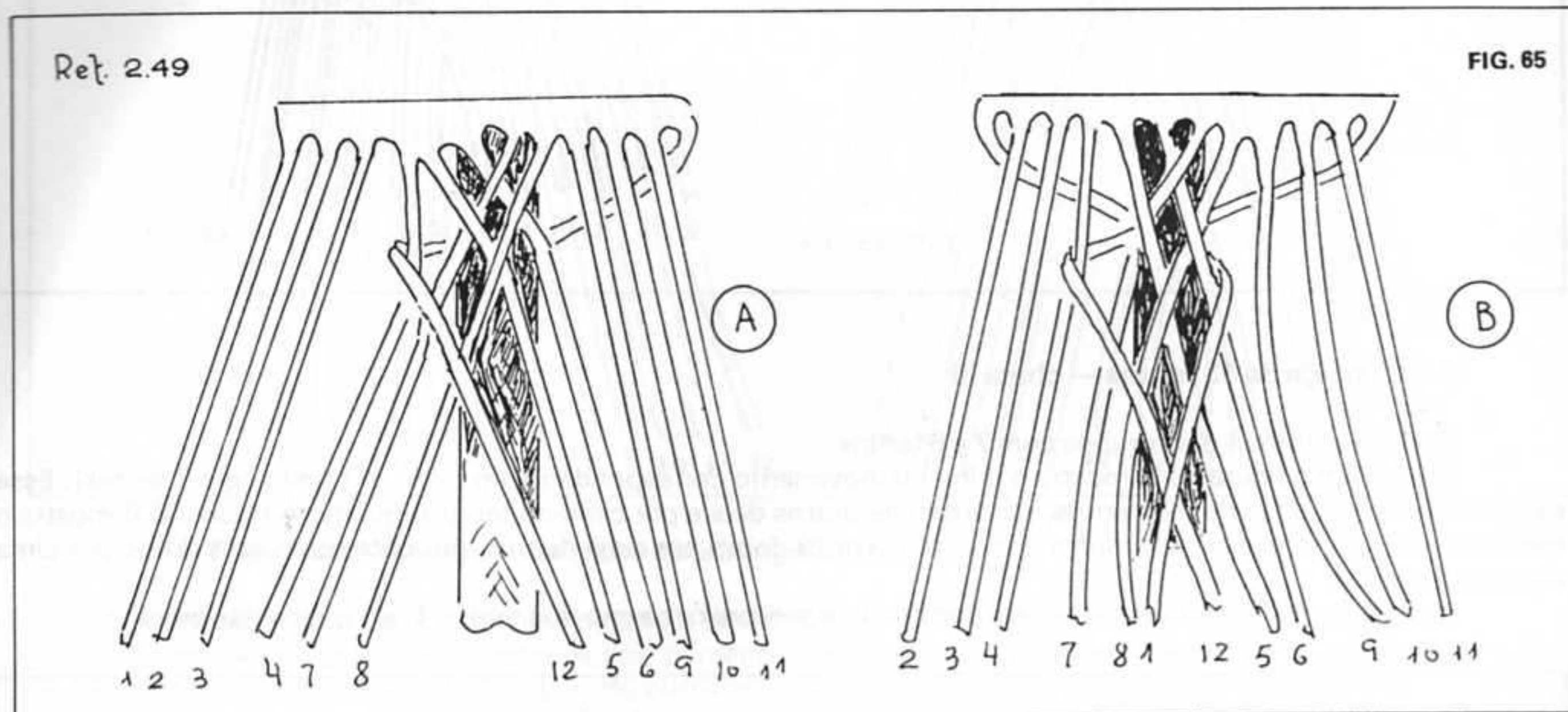
2.49. Trança de 12 tentos — de revestimento

Armação: ver figura 65-A. Nessa figura aparece o primeiro movimento, correspondente ao tento nº 12. Esse extremo dá volta por trás do "recheio", vem para a frente, alinhando-se com o tento nº 5 e deixando livres, do lado oposto, três tentos (1, 2, 3).

Execução: o segundo movimento — fig. 65-B — pertence ao tento nº 1. Efetuando a volta por trás do "recheio", vem para a frente, deixando livres no lado direito, os tentos 9, 10, 11.

Assim sucessivamente são movimentados os tentos extremos em cada lado.

Modelo: figura 67-F.



2.50. Trança de 12 tentos — redonda (I)

Suprimindo-se o "recheio" (desde o início) da trança do número 2.49 obtém-se a trança redonda, oca. O movimento dos tentos extremos é sempre o mesmo.

2.51. Trança de 12 tentos (II)

Armação: separar os tentos em dois grupos de 6.

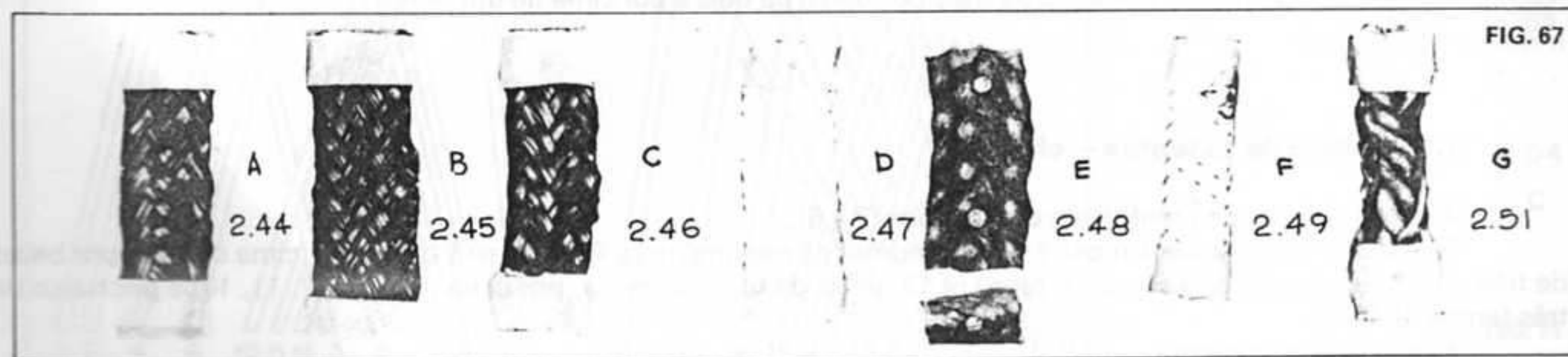
Execução: a figura 66-A mostra o primeiro movimento e corresponde ao tento nº 12. Esse extremo faz a volta por trás da trança e vem para o centro alinhando-se com o tento 7, tramando de dois em dois como mostra a figura. A seguir, o tento nº 1 do lado esquerdo faz o mesmo para o outro lado, como mostra a figura 66-B.

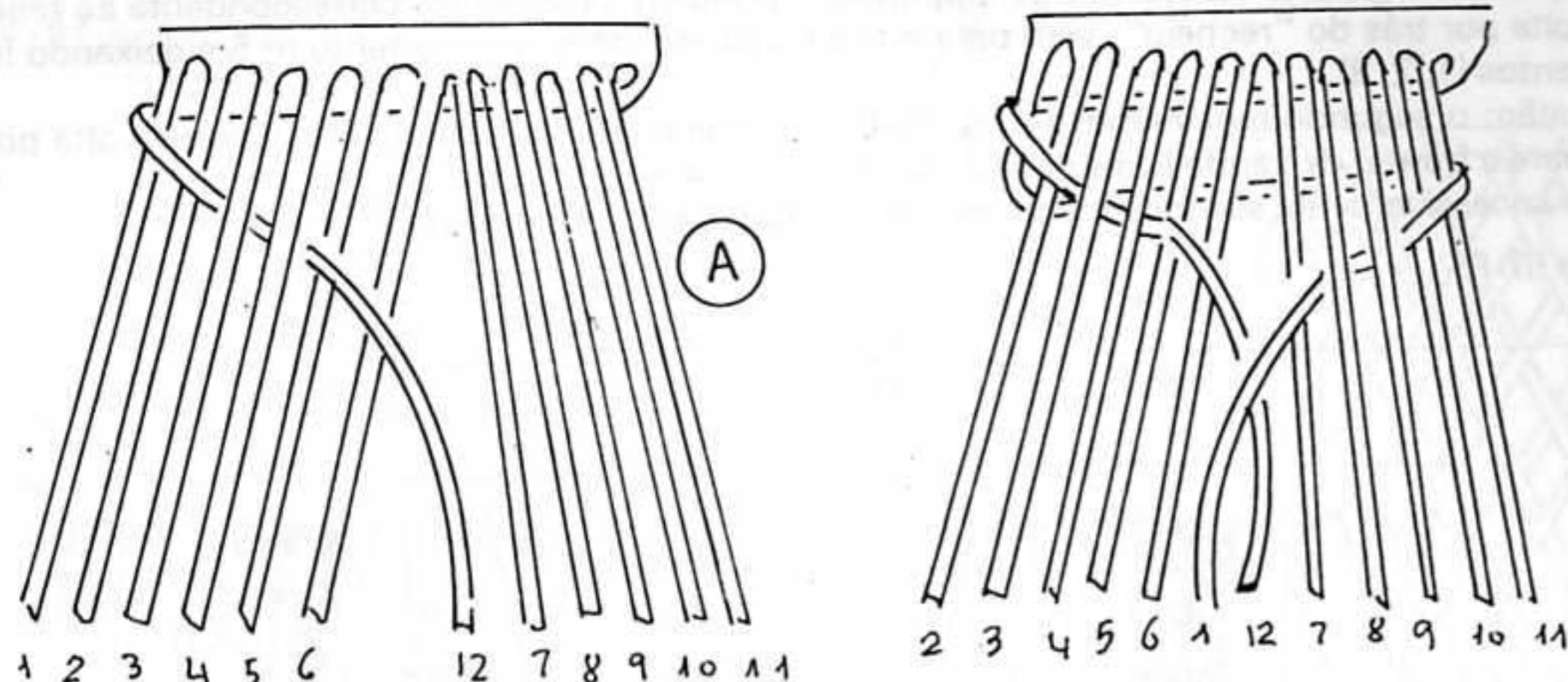
Repetem-se para cada extremo os movimentos dos tentos 12 e 1, ora de um ora de outro lado.

Seqüência:

O tento extremo, em cada lado, dá volta por trás da trança, vem para o centro passando por cima de dois, por baixo de dois e por cima de dois tentos.

Modelo: figura 67-G.



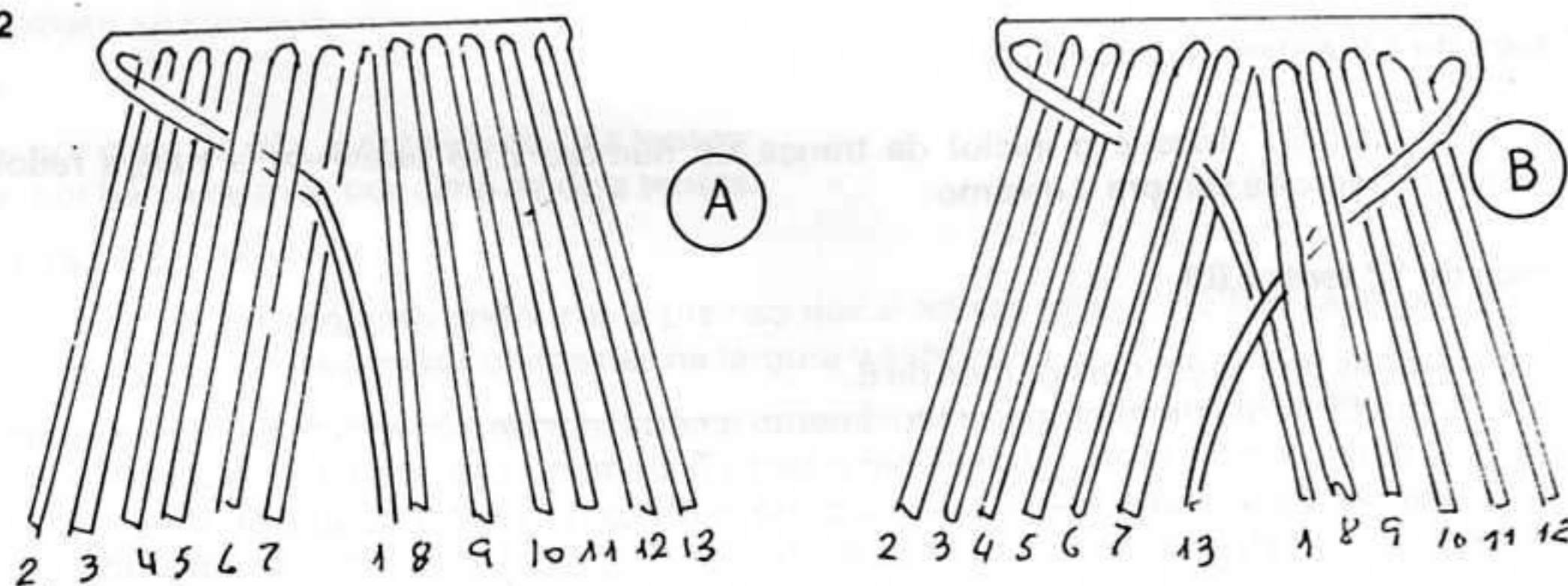


2.52. Trança de 13 tentos — chata (II)

Armação: formar dois grupos com 7 e 6 tentos.

Execução: a figura 68-A mostra o primeiro movimento correspondente ao tento nº 1 (lado com 7 tentos). Esse extremo dobra por cima de três tentos, por baixo de outros dois e por cima do tento seguinte. A figura 68-B mostra o movimento do tento extremo no outro lado: o tento nº 13 dobra por cima de três, por baixo de outros dois e por cima do tento seguinte.

O movimento de cada extremo, em cada lado, é sempre o mesmo dos tentos 1, e 13, respectivamente.



Seqüência:

Movimento do tento extremo: por cima de três, por baixo de dois e por cima de um tento.

Modela: figura 71-A.

2.53. Trança de 13 tentos — chata (II)

Armação: separa os tentos em dois grupos (7 e 6).

Execução: a figura 69-A mostra os dois primeiros movimentos. O tento nº 1 dobra por cima de três, por baixo de três, indo para o centro; a seguir, o tento nº 13 dobra da mesma forma, por cima de três (12, 11, 10) e por baixo de três tentos (9, 8, 1).

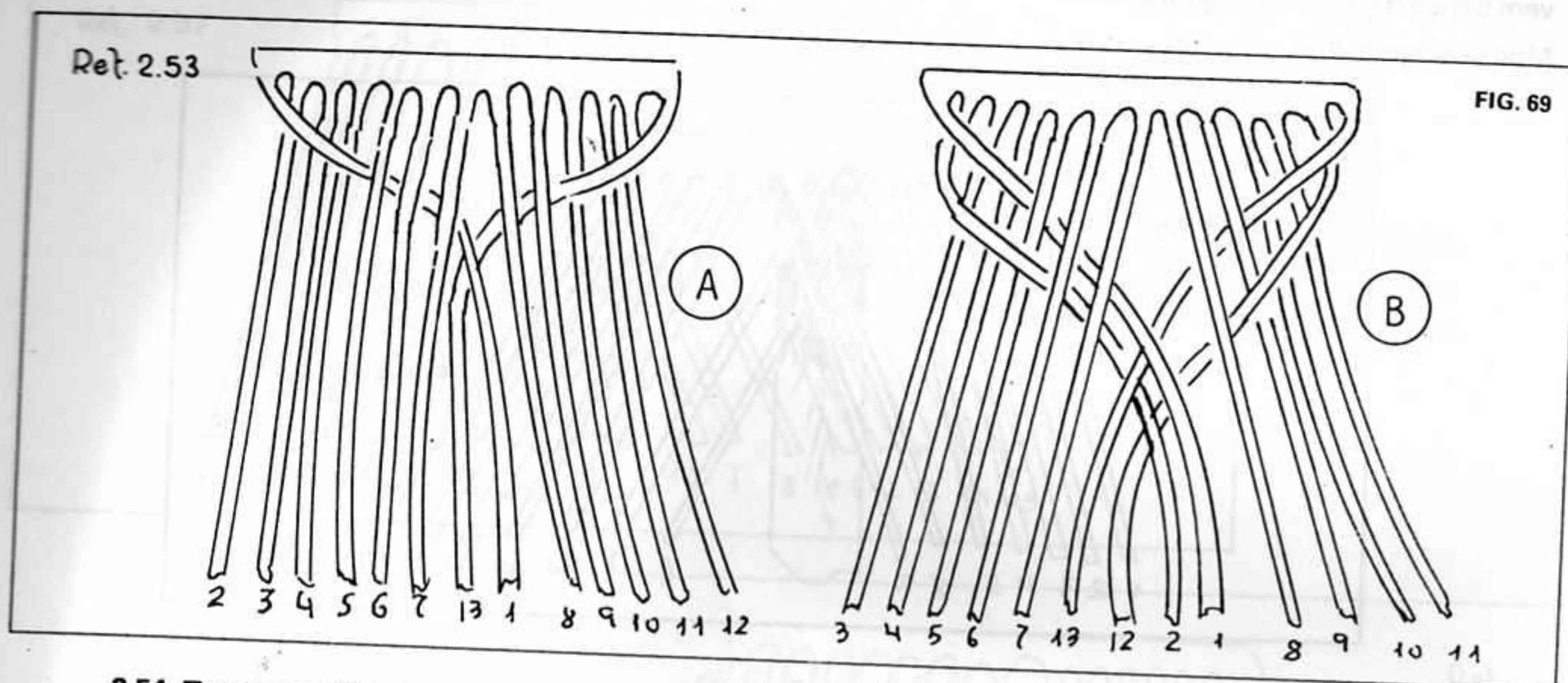
Assim sucessivamente.

Seqüência:

Movimento do tento extremo, na ordem:

— por cima de três e por baixo de três tentos.

Modelo: figura 71-B.



2.54. Trança de 13 tentos — de faces quadrangulares

Armação: dispor os tentos como mostra a figura 70-A.

Execução: a figura 70-B mostra os dois primeiros movimentos: o tento nº 1 (lado de 7 tentos) dobra por baixo de três e por cima de três tentos: a seguir, do outro lado, o tento extremo nº 13 dobra da mesma forma, ou seja, por baixo de três e por cima de três tentos. O próximo movimento do lado esquerdo será agora, na ordem: por cima de três e por baixo de três tentos. Do lado direito o tento extremo segue a mesma ordem, ou seja, por cima de três e por baixo de três tentos.

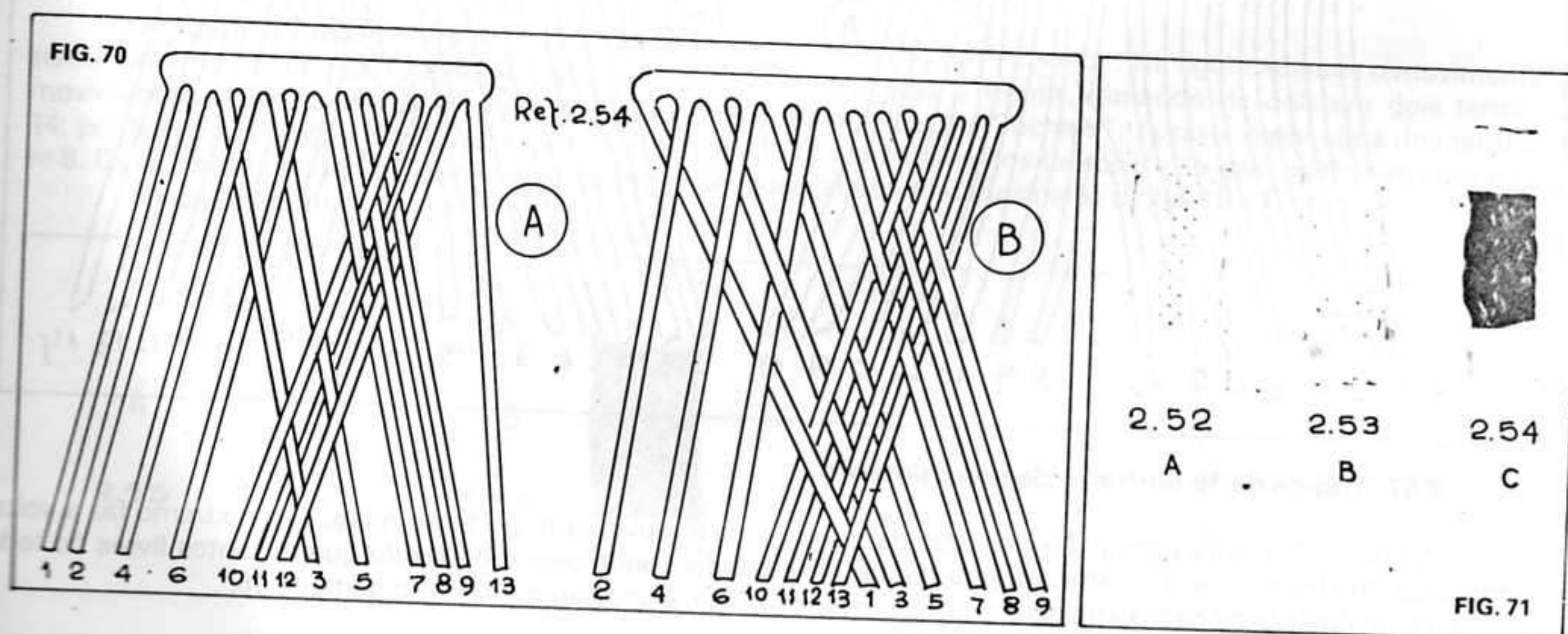
São, pois, movimentos iguais para os dois lados e que se alternam na etapa seguinte.

Seqüência:

Movimento do tento extremo:

- por baixo de três, por cima de três tentos (nos dois lados);
 - por cima de três, por baixo de três tentos (nos dois lados);
 - por baixo de três, por cima de três tentos (nos dois lados);
- e assim sucessiva e alternadamente.

Modelo: figura 71-C.

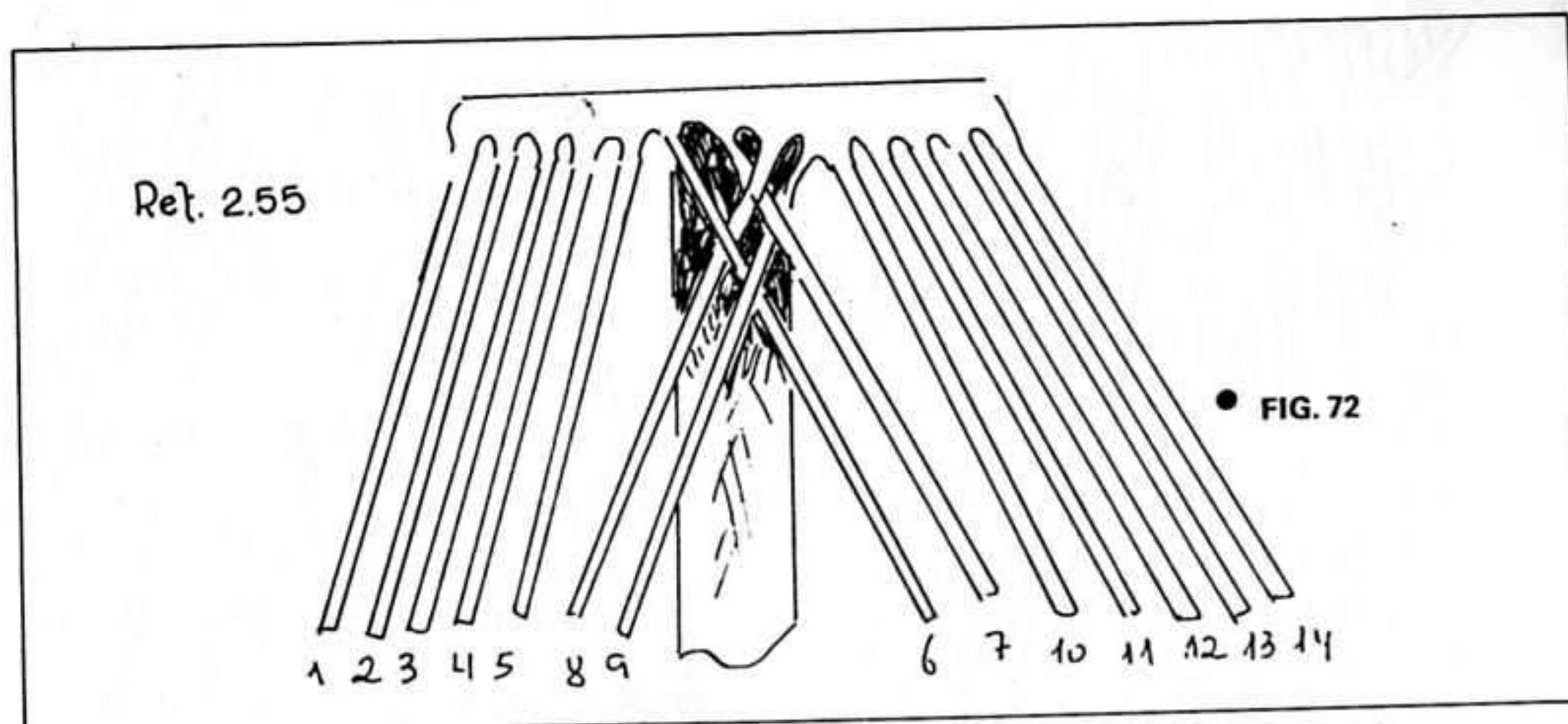


2.55. Trança de 14 tentos — de revestimento

Armação: ver figura 72-A.

Execução: de confecção semelhante à trança de 12 tentos. O tento extremo faz a volta por trás do "recheio", vem para a frente, deixando três tentos livres do lado oposto.

Modelo: figura 76-A.



2.56. Trança de 15 tentos

Armação: separar os tentos em dois grupos (8 e 7).

Execução: o tento nº 15 — fig. 73-A — dobra por cima de três tentos, por baixo de outros três e por cima de um tento; do outro lado o tento nº 1 dobra da mesma forma: por cima de três, por baixo de três e por cima de um tento. (fig. 73-B).

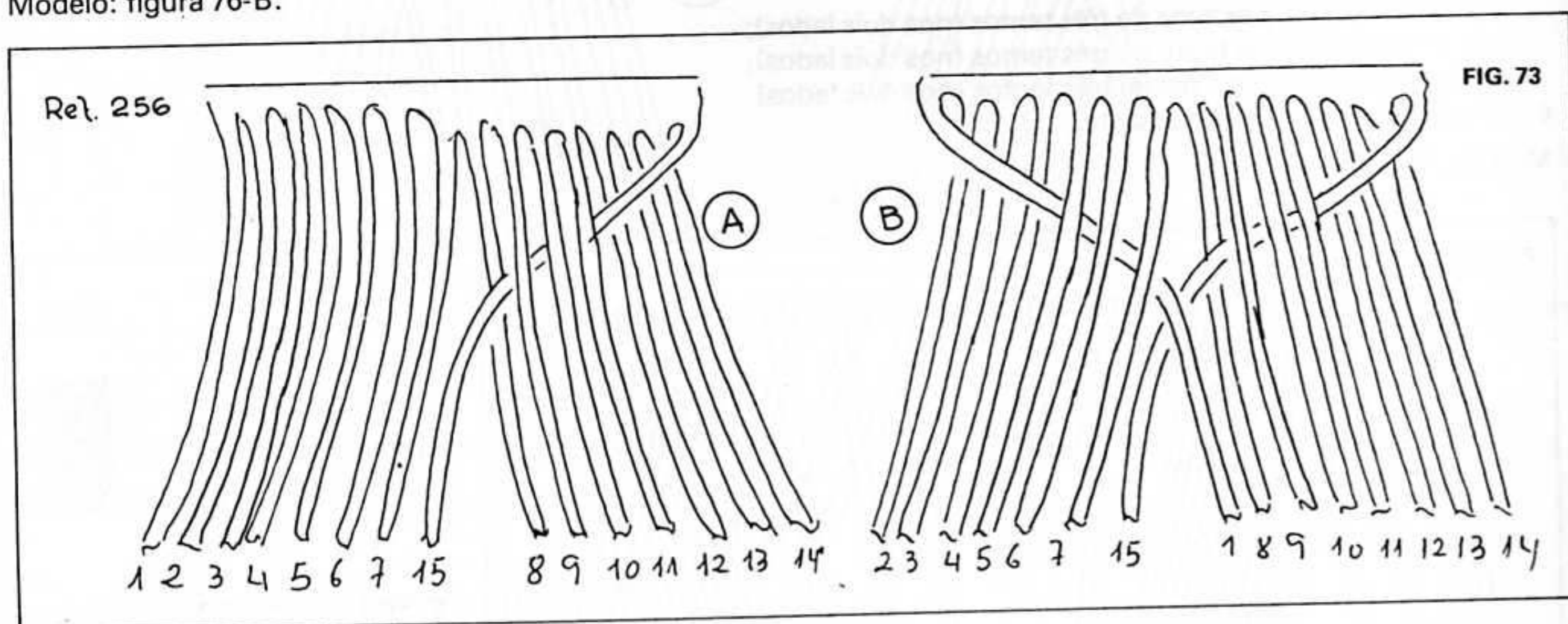
Assim sucessivamente.

Seqüência:

Movimento do tento extremo, na ordem:

— por cima de três, por baixo de três e por cima de um tento.

Modelo: figura 76-B.

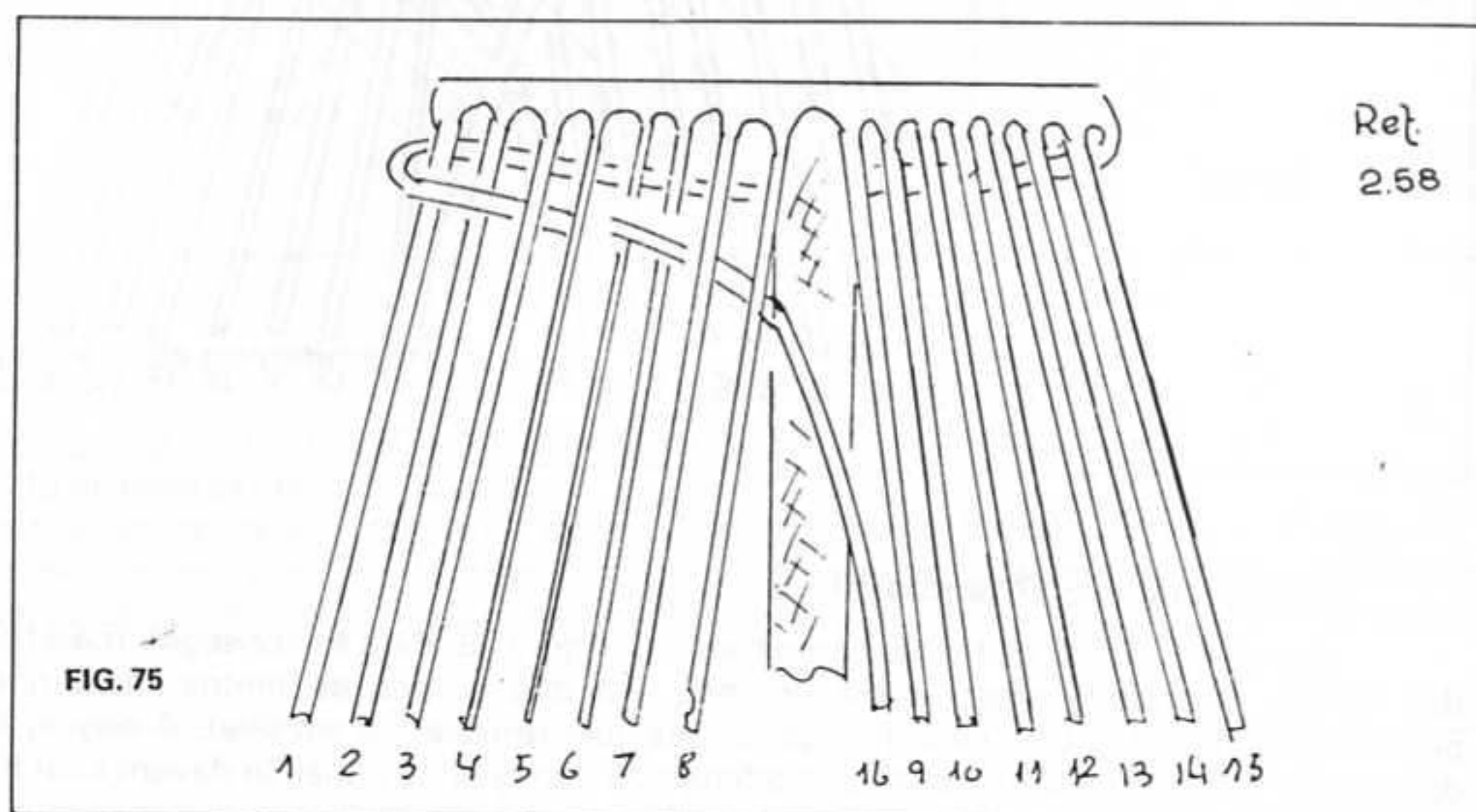
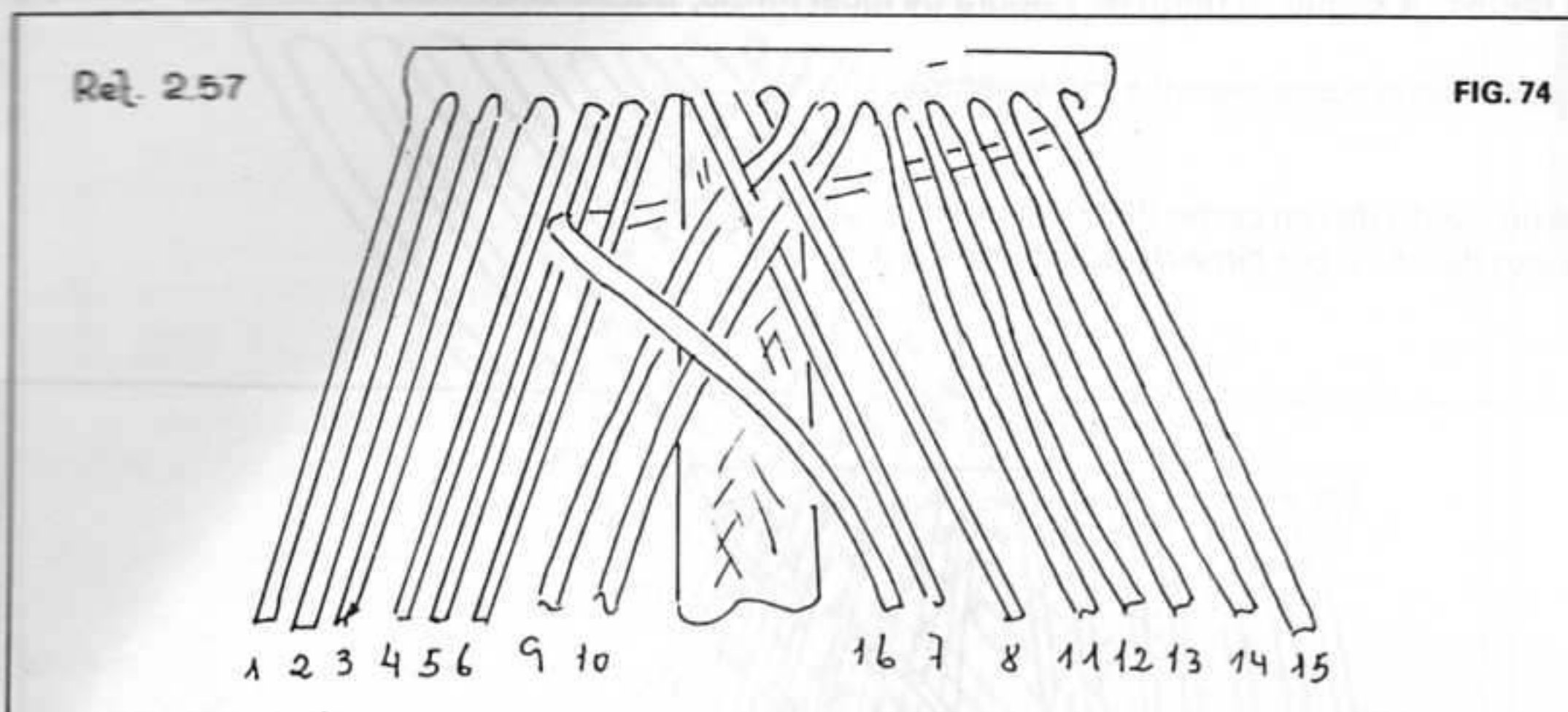


2.57. Trança de 16 tentos — de revestimento

A figura 74 mostra a armação e o início da trança com o movimento do tento nº 16. Esse extremo faz a volta por trás do "recheio" como mostra a figura, vindo para o lado donde saiu e deixando quatro tentos livres do lado oposto. O movimento de cada extremo, no lado correspondente, é igual ao movimento do tento 16.

Pode-se alterar a ordem de passagem do tento extremo, quando de sua vinda para a frente, obtendo-se dessa forma outro aspecto para a trança.

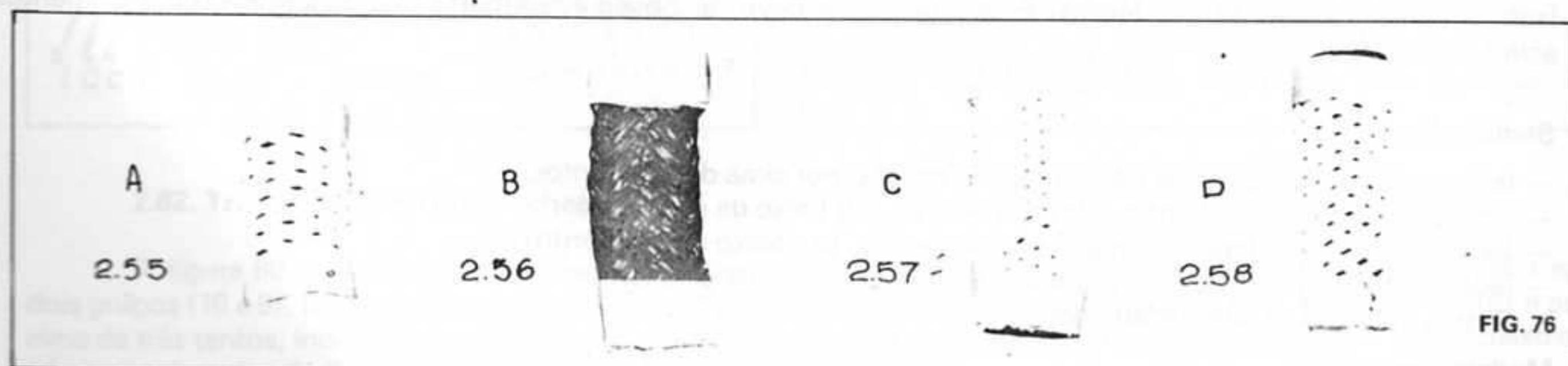
Modelo: figura 76-C.



2.58. Trança de 16 tentos

A figura 75 mostra outra disposição para os tentos em torno do "recheio". Na figura aparece o movimento do tento extremo nº 16, que dobra por trás do "recheio", vem para a frente tramando de dois em dois tentos. O movimento seguinte pertence ao tento nº 1 que fará a volta por trás do "recheio", passando por cima dos tentos 15, 14; por baixo dos tentos 13 e 12; por cima dos tentos 11, 10 e por baixo dos tentos 9 e 16 para alinhar-se com o tento nº 8. Os demais movimentos, para cada extremo, são iguais aos executados pelos tentos 16 e 1.

Modelo: figura 76-D.



2.59. Trança de 17 tentos (I)

Armação: separar os tentos em dois grupos (9 e 8).

Execução: a figura 77 mostra os dois primeiros movimentos. O tento nº 17 dobra por cima de três, por baixo de três e por cima de dois tentos. A seguir, o tento nº 1 dobra de igual forma, por cima de três, por baixo de três e por cima de dois tentos.

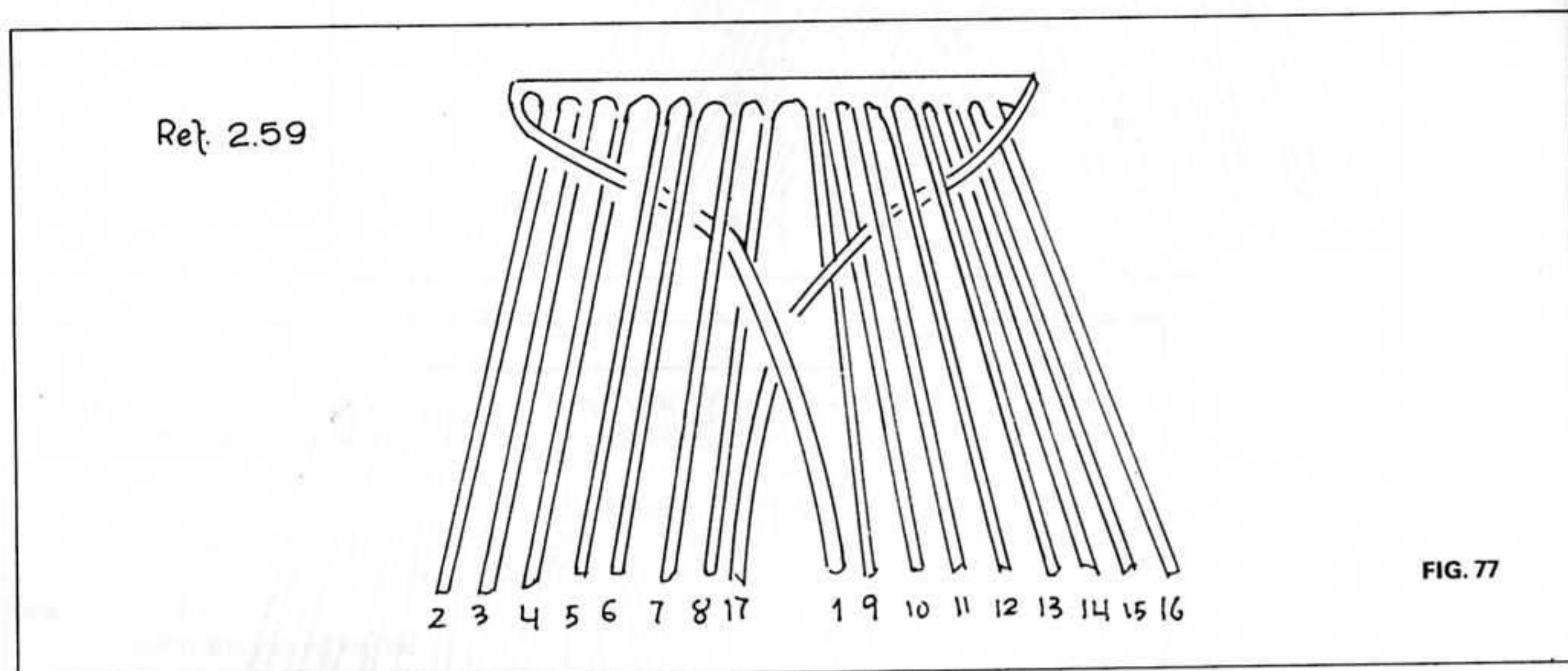
Repetem-se sucessivamente esses mesmos movimentos.

Seqüência:

Movimento do tento extremo, tanto de um como de outro lado:

— por cima de três, por baixo de três e por cima de dois tentos.

Modelo: figura 79-A.



2.60. Trança de 17 tentos (II)

Armação: dispor os tentos como mostra a figura 78. Para se conseguir mais facilmente essa disposição inicial dos tentos, convém inclinar, primeiramente, um dos grupos de tentos (para direita ou esquerda), fixando-os provisoriamente sobre uma superfície plana qualquer (utilizar fita adesiva). A seguir, trama-se um por um, os tentos do outro grupo e de conformidade com a figura 78. No final da armação devem ficar 9 tentos para um lado e 8 para o outro.

Execução: iniciar pelo lado com 9 tentos.

- lado esquerdo: o tento nº 9 dobra por cima de três (10, 11, 12), por baixo de três (13, 14, 15) e por cima de dois tentos (16, 17). Ficam agora 9 tentos do lado direito;
- lado direito: o tento nº 8 dobra por baixo de três (7, 6, 5) por cima de três (4, 3, 2) e por baixo de dois tentos (1, 9).

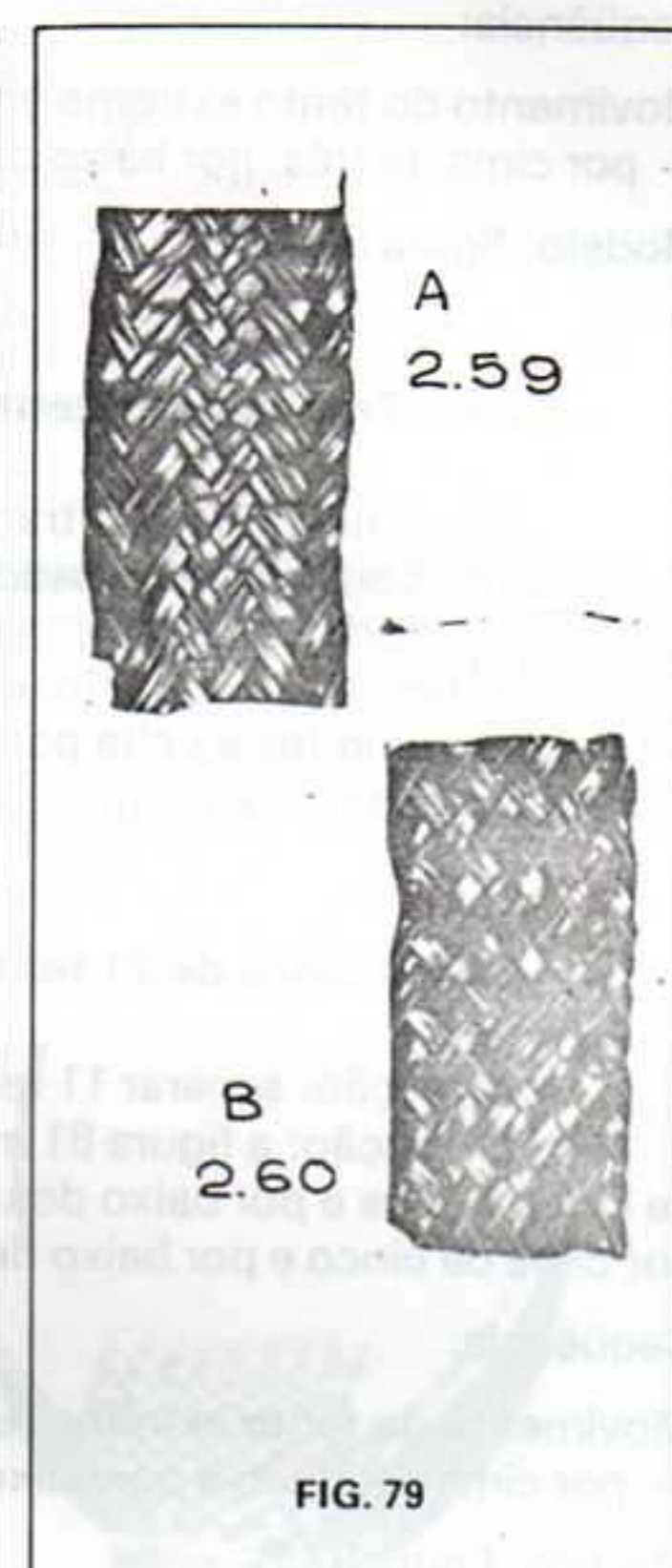
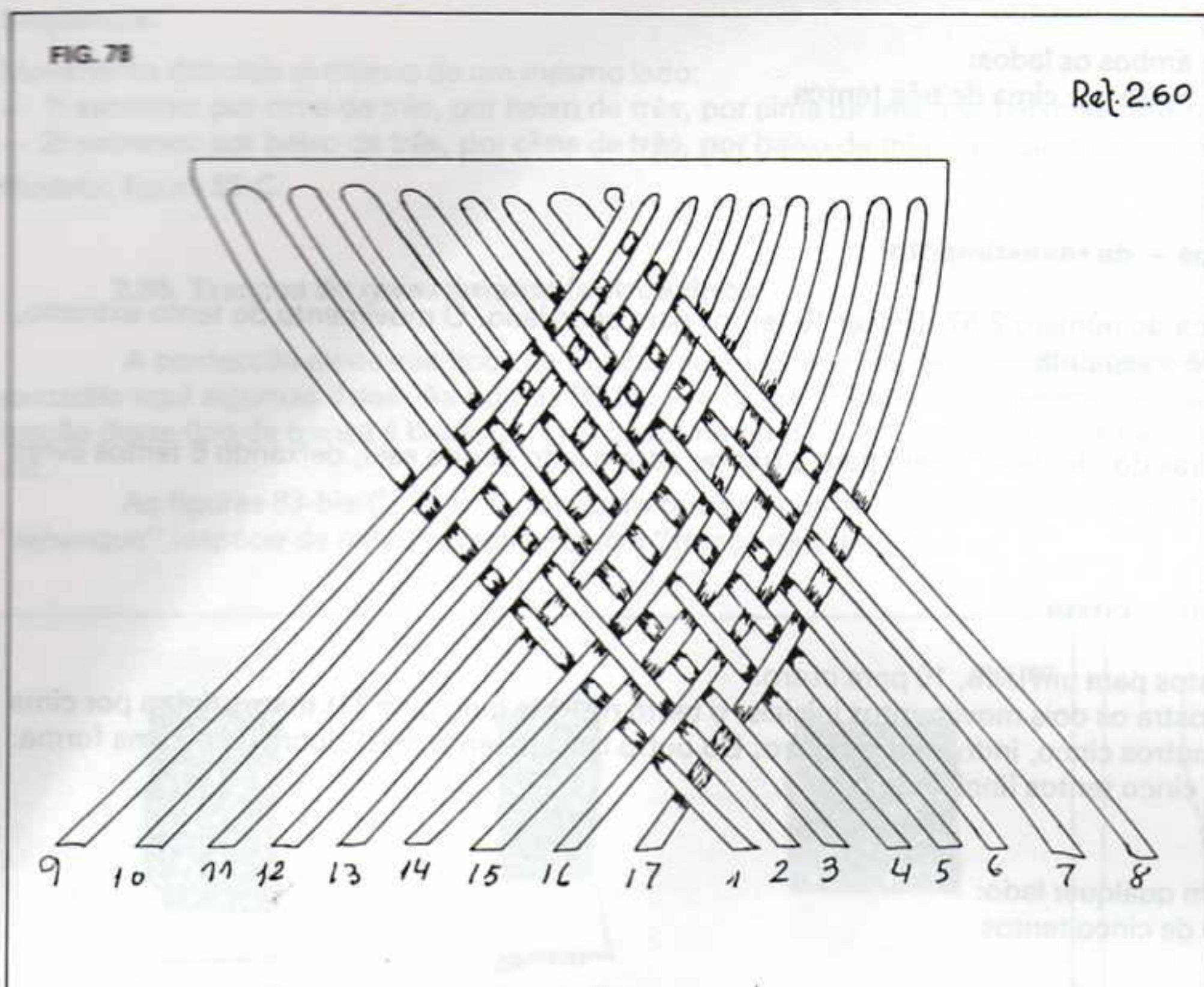
Observa-se aqui a alternância no movimento dos tentos extremos, em um mesmo lado. Por exemplo, se de um lado o tento extremo iniciou seu movimento passando por cima de três tentos, na outra passagem do mesmo lado, o fará por baixo de três tentos. Essa alternância deve ser observada a partir dos dois primeiros movimentos acima descritos.

Seqüência:

- lado esquerdo: por cima de três, por baixo de três, por cima de dois tentos;
- lado direito: por baixo de três, por cima de três, por baixo de dois tentos;
- lado esquerdo: por baixo de três, por cima de três, por baixo de dois tentos;
- lado direito: por cima de três, por baixo de três, por cima de dois tentos.

Assim, sucessiva e alternadamente.

Modelo: figura 79-B.



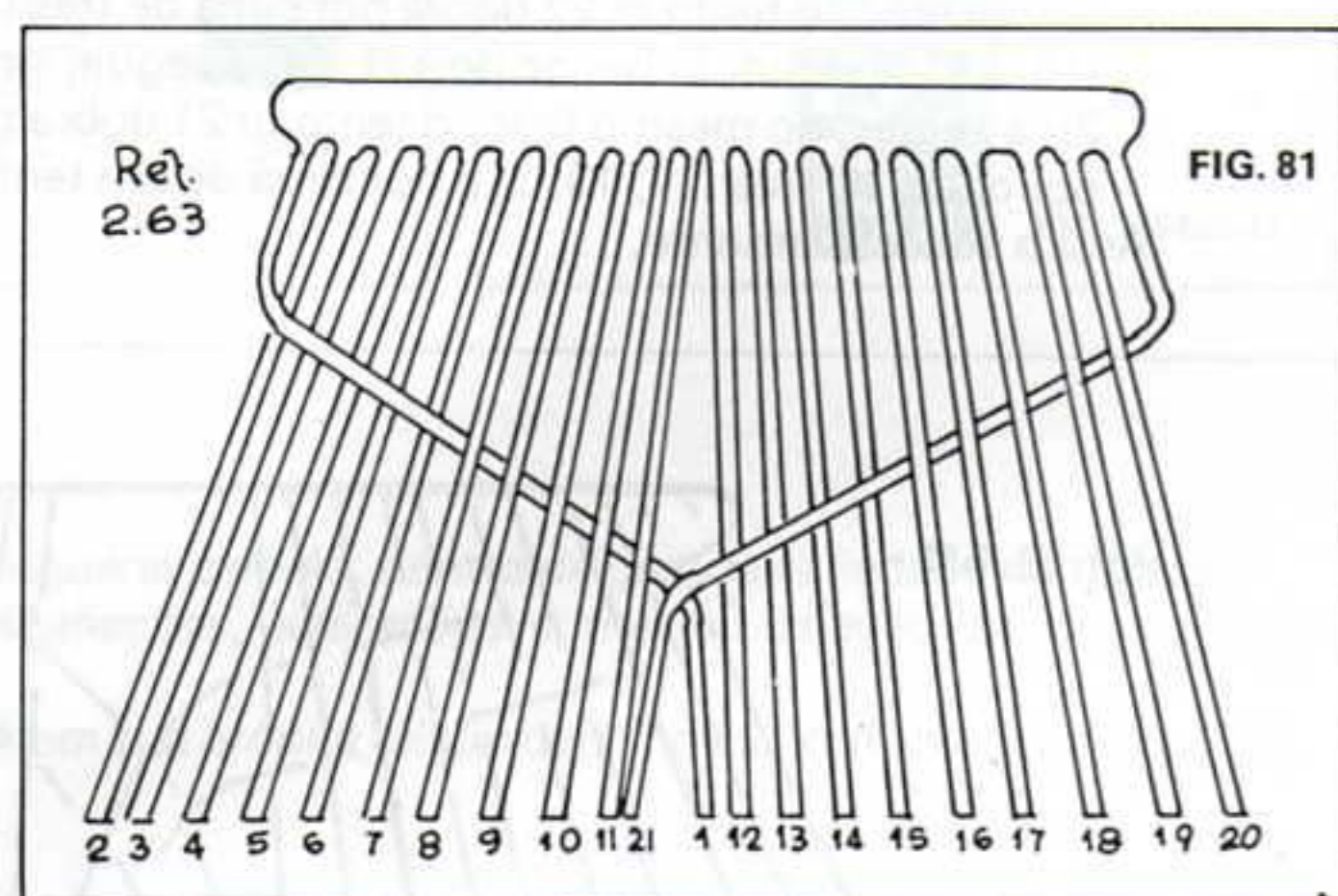
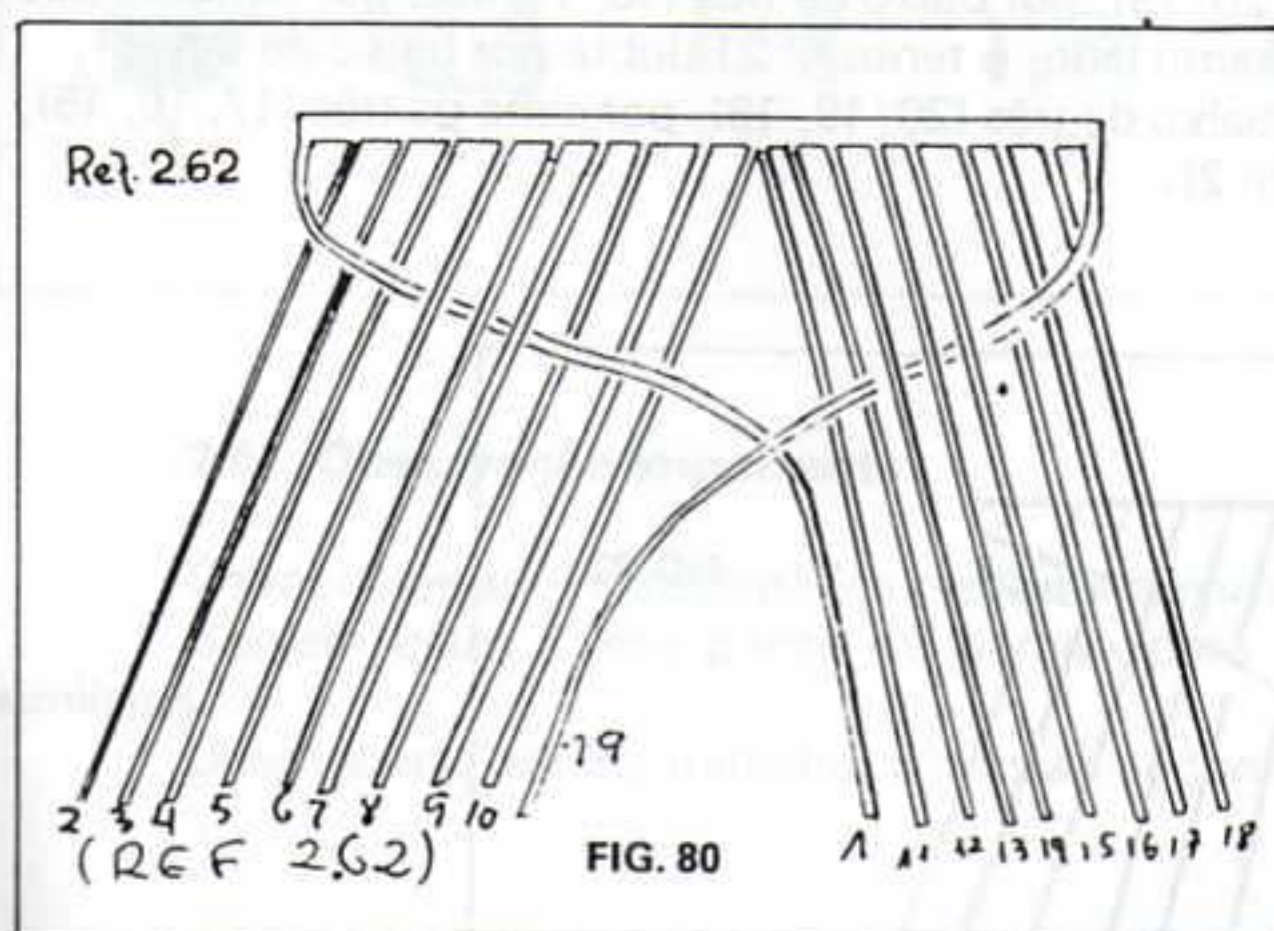
2.61. Trança de 18 tentos — de revestimento

Armação: proceder como para a trança de 16 tentos do número 2.57.

Execução: o movimento de cada extremo é o seguinte:

O tento faz a volta por trás do "recheio"; vem para a frente, deixando sempre 5 tentos livres do lado oposto.

Pode-se, como já foi dito, alterar a ordem de passagem do tento extremo, obtendo-se dessa forma outro aspecto para a trança. Nas tranças de revestimento, quanto maior for o número de tentos utilizados, menor deverá ser a largura dos mesmos.



2.62. Trança de 19 tentos — chata

A figura 80 mostra um esquema da armação e os dois primeiros movimentos. Os tentos são separados em dois grupos (10 e 9). Iniciar a trança do lado com 10 tentos. O tento nº 1 dobra por cima de três, por baixo de três e por cima de três tentos, indo para o outro lado. A seguir, o tento nº 19 dobra de igual forma: por cima de três, por baixo de três e por cima de três (incluindo o tento nº 1). E assim sucessivamente.

Seqüência:

Movimento do tento extremo em ambos os lados:

— por cima de três, por baixo de três e por cima de três tentos.

Modelo: figura 83-A.

2.63. Trança de 20 tentos — de revestimento

Serve de modelo, a trança do número 2.57. Deixar 10 tentos para cada lado. O movimento do tento extremo, tanto de um como de outro lado é o seguinte:

Seqüência:

O tento extremo faz a volta por trás do "recheio", vem para a frente, para o lado donde saiu, deixando 6 tentos livres do lado oposto.

2.64. Trança de 21 tentos — chata

Armação: separar 11 tentos para um lado, 10 para outro.

Execução: a figura 81 mostra os dois movimentos iniciais: o tento nº 1 (do lado com 11) tentos dobra por cima de cinco tentos e por baixo dos outros cinco, indo para o centro. Do outro lado, o tento nº 21 dobra da mesma forma: por cima de cinco e por baixo de cinco tentos (incluindo o nº 1).

Seqüência:

Movimento do tento extremo, em qualquer lado:

— por cima de cinco e por baixo de cinco tentos.

Modelo: figura 83-B

2.65. Trança de 22 tentos — chata

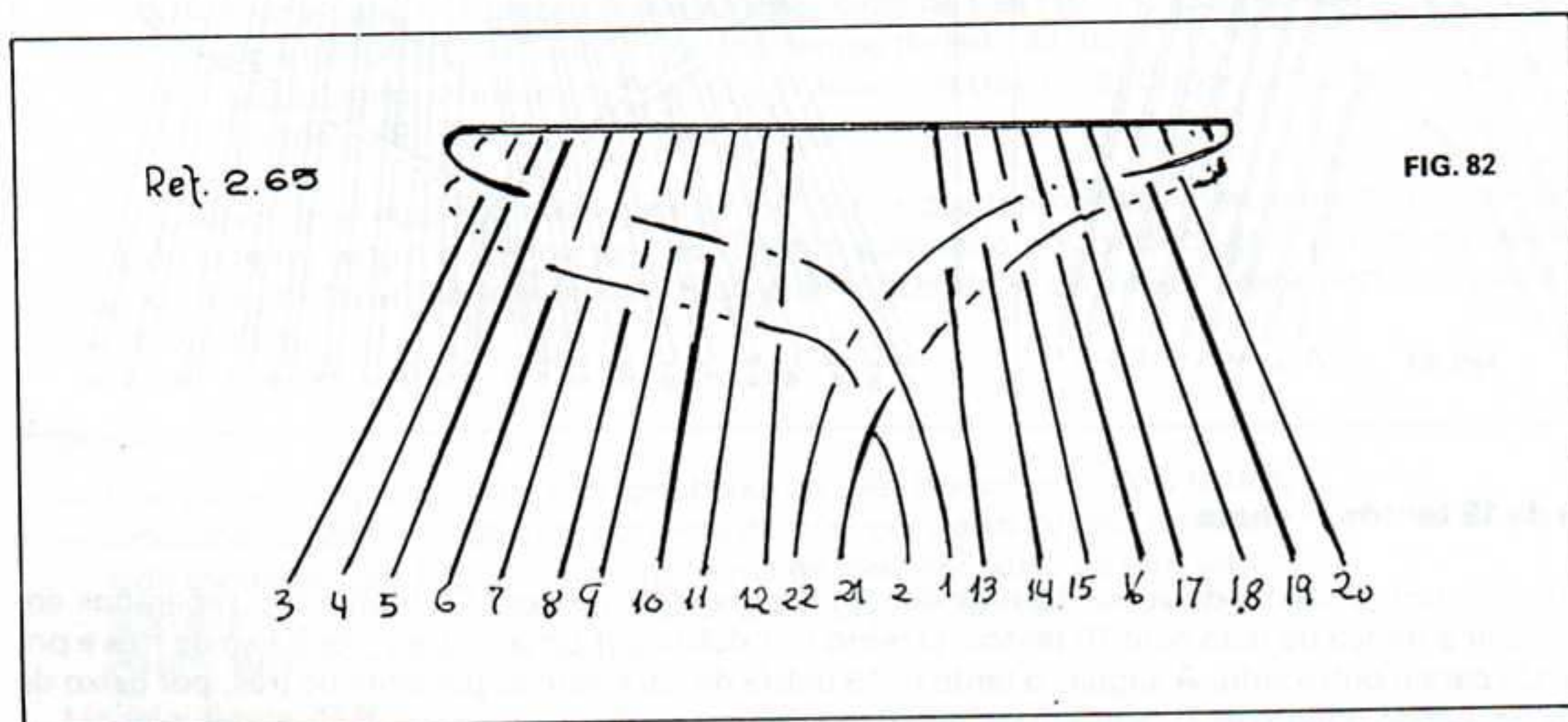
Armação: separar os tentos em dois grupos: 12 e 10.

Execução: serão sempre dois movimentos consecutivos em um mesmo lado (como no nº 2.48).

— lado esquerdo: o tento nº 1 — fig. 82 — dobra por cima de três tentos (2, 3, 4), por baixo de três (5, 6, 7), por cima de três (8, 9, 10) e por baixo de dois tentos (11, 12); a seguir, no mesmo lado, o tento nº 2 dobra por baixo de três (3, 4, 5), por cima de três (6, 7, 8), por baixo de três (9, 10, 11) e por cima de um tento (12). Ficam 12 tentos do lado direito.

— lado direito: o tento nº 22 dobra por cima de três (21, 20, 19), por baixo de três (18, 17, 16), por cima de três (15, 14, 13) e por baixo de dois (1, 2); a seguir, no mesmo lado, o tento nº 21 dobra por baixo de dois (1, 2); a seguir, no mesmo lado, o tento nº 21 dobra por baixo de três (20, 19, 18), por cima de três (17, 16, 15), por baixo de três (14, 13, 1) e por cima de um tento (nº 2).

Assim sucessivamente.



Seqüência:

Movimento dos dois extremos de um mesmo lado:

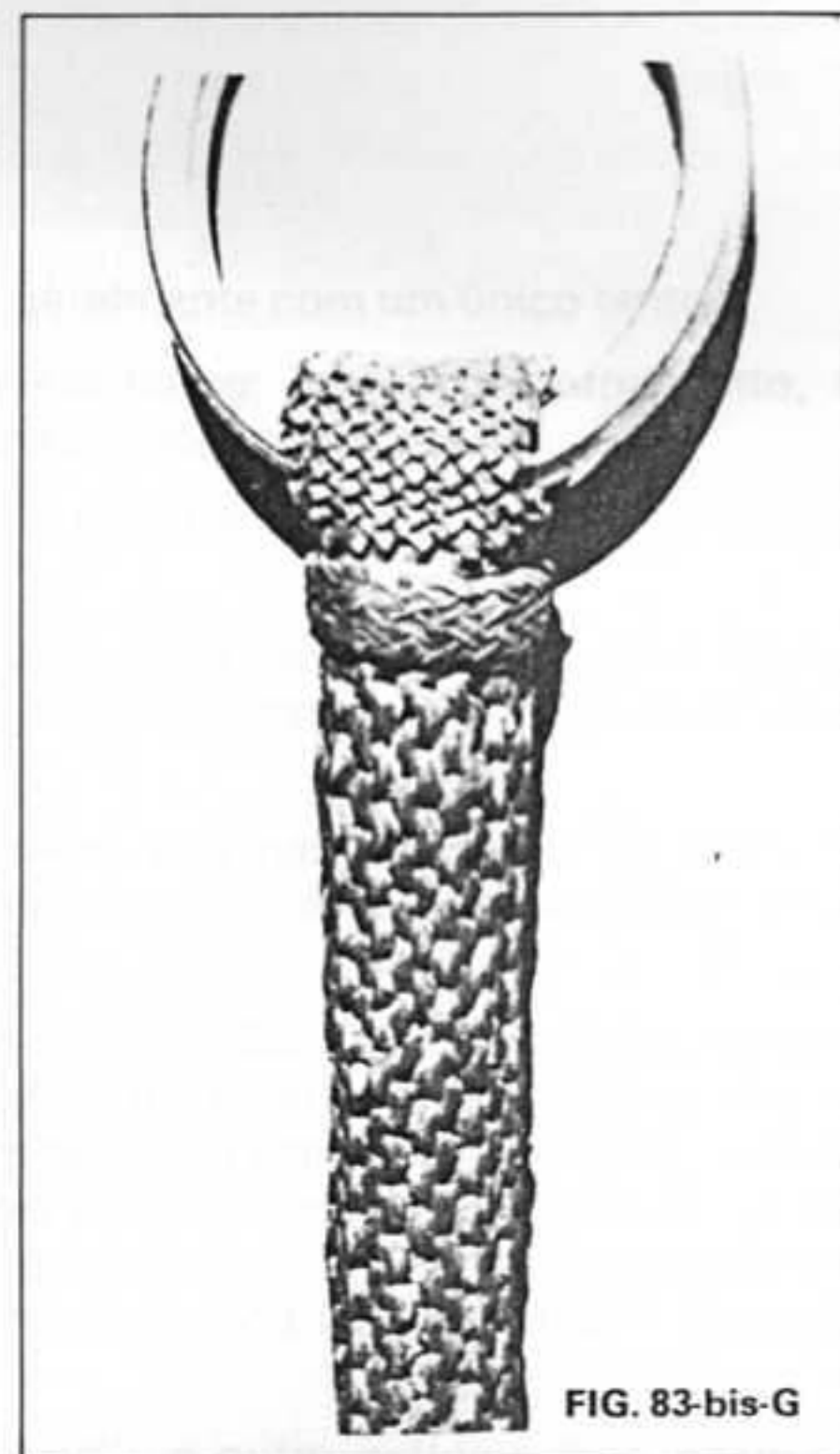
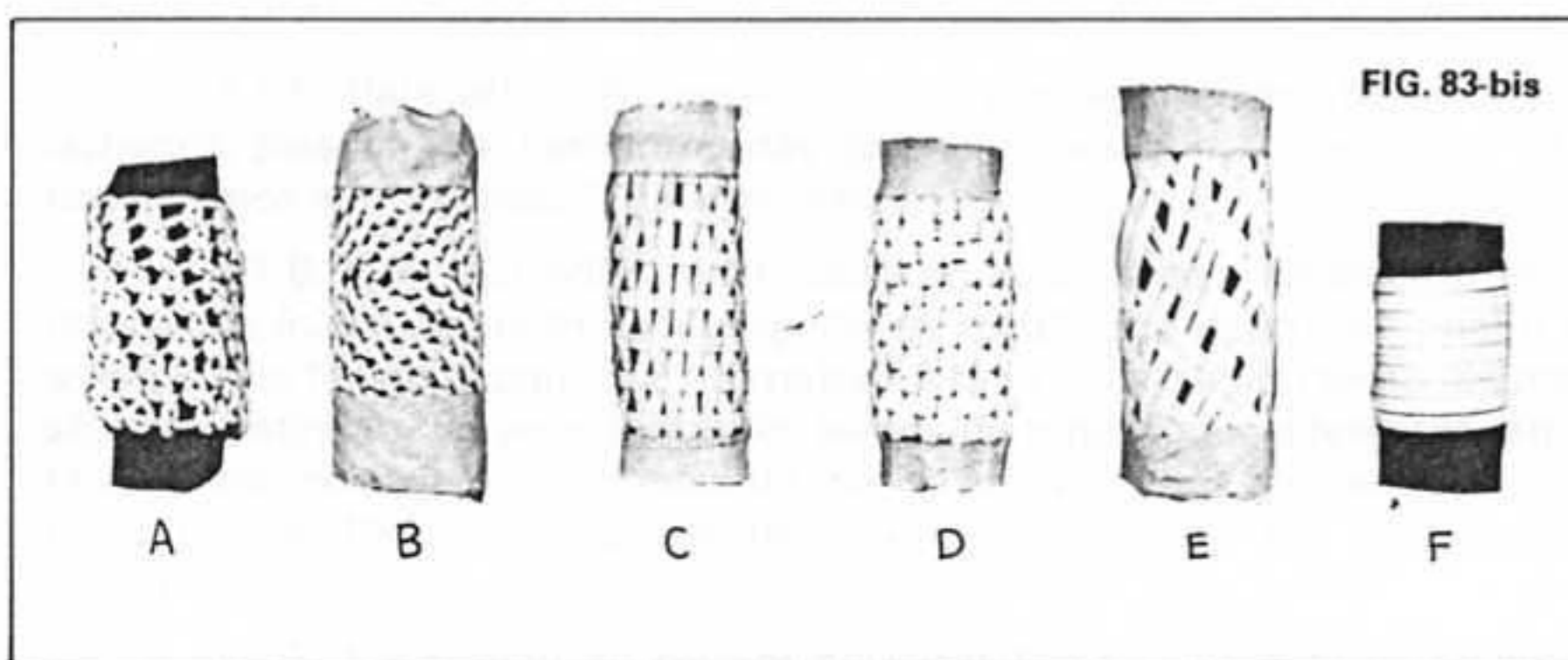
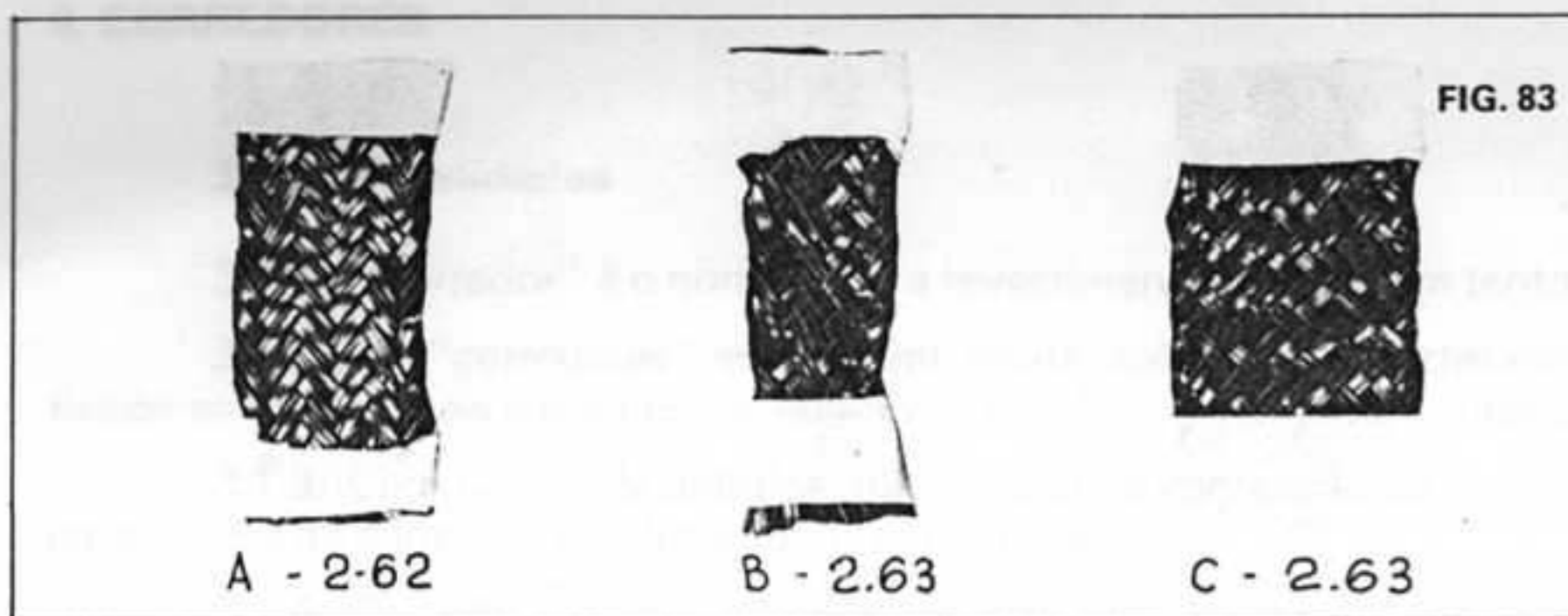
- 1º extremo: por cima de três, por baixo de três, por cima de três, por baixo de dois tentos;
- 2º extremo: por baixo de três, por cima de três, por baixo de três e por cima de um tento.

Modelo: figura 83-C.

2.66. Tranças de revestimento (outros tipos)

A confecção de outros tipos de tranças de revestimento será abordada com detalhes, no volume 2. São apresentadas aqui algumas delas. As figuras 83-bis-A e 83-bis-B mostram a trança chamada "trança de sabugo". A confecção deste tipo de trança é baseada no exposto no número 2.15, utilizando-se neste caso, um maior número de tentos.

As figuras 83-bis-C, D, E, F, mostram outros tipos de revestimento com tento. A figura 83-bis-G mostra um "rebenque" (espécie de relho) revestido com a "trança de sabugo".



2.67. Observação importante

Os modelos aqui apresentados representam uma pequena parcela, dentro da grande variedade de tranças. Servem estes como ponto de partida para combinações, alterações e mesmo criação de outros tipos similares.

Uma vez iniciado no trabalho, o artesão encontrará em sua própria criatividade novas formas e combinações.

3. CORREDORES

3.1. Generalidades

3.1.1. "Corredor" é o nome dado a revestimentos feitos com tentos, geralmente com um único tento.

3.1.2. Os "corredores" encontram muita aplicação no artesanato em couro: servem de ornamento, de fixadores de terminais e tranças, de emendas, etc. São geralmente confeccionados com couro cavalariço.

3.1.3. Com finalidade didática, foi utilizado na confecção do mostruário material sintético, em preto e branco, para efeitos de contraste nas fotografias correspondentes.

3.1.4. Os "corredores", ao contrário das tranças, devem ser feitos com folga, desde o início, a fim de que possam ser efetuados os inúmeros movimentos pertinentes à sua confecção. O ajustamento é feito no final do trabalho.

3.1.5. Para efeito de aprendizagem convém sejam utilizadas pequenas varinhas cilíndricas (de madeira, borracha, plástico, etc.) em torno das quais efetuam-se os "corredores". Um elemento necessário para a confecção dos mesmos é o "cravador" (já mencionado no capítulo 2).

3.1.6. Um "corredor" é formado de duas partes: armação e tecido. A armação nada mais é do que uma disposição inicial do tento, uma espécie de arcabouço dentro do qual o tento é movimentado. A parte contínua à armação é o tecido. Quando o "corredor" é feito de um único tento, as partes armação e tecido confundem-se numa só, sem distinção. Quando feito com tentos de tonalidades diferentes, aquelas partes ficam evidenciadas. Durante a fase de aprendizagem é conveniente que sejam utilizados tentos diferentes, para armação e tecido. Dessa forma se tornará mais fácil visualizar os movimentos do tento. Ao movimento do tento diz-se "recorrido" (caminho percorrido).

3.1.7. Na confecção de um corredor fixa-se um dos extremos, o "pé"; o outro extremo livre chama-se "guia".

3.1.8. Para simplificação, os desenhos da varinha (para a confecção do corredor) em lugar de um cilindro mostram um retângulo (correspondente à secção reta do cilindro).

3.1.9. O movimento do "guia" (extremo livre) é descrito por etapas, de figura em figura e de modo consecutivo. A sequência desse movimento, entre uma figura e a consecutiva é assegurada no desenho, por pontos de referência (numerados).

3.1.10. Ao iniciar-se a confecção — fase de aprendizagem — deve-se continuamente relacionar (conferir) o texto com a gravura correspondente.

3.1.11. A confecção da armação (fase de aprendizagem) requer de parte do leitor, certa dose de paciência a par de um pouco de habilidade manual. De modo geral, as primeiras voltas do tento na armação, são em posição falsa e que tendem a "escorregar" para dentro do conjunto, fugindo por assim dizer da posição inicial em que foram feitas. Isso pode conduzir a erro e confusão. Pode-se evitar essa situação utilizando-se para tal, fita adesiva, alfinetes, etc. com os quais se fixam provisoriamente essas partes nos seus devidos lugares. O "guasqueiro", com sua prática e habilidade, mantém essas partes nos lugares correspondentes simplesmente pressionando-as com os dedos da mão que segura a varinha.

3.1.12. O extremo livre ("guia") é que faz o "recorrido", cruzando ora por cima, ora por baixo de outros

trechos da parte já efetuada — trechos esses que aqui são mencionados como “ramos”.

Para fins de simplificação da linguagem, serão usadas aqui, convenções tais como (exemplo):

Convenções: C.1 = (cruza) por **cima** de 1 ramo
B.2 = (cruza) por **baixo** de 2 ramos
C.2 = (cruza) por **cima** de 2 ramos, etc.

3.1.13. Na medida em que se vai efetuando o corredor, vai-se girando a varinha no sentido indicado pela seta (figura correspondente) a fim de se manter a continuidade do movimento.

3.1.14. Antes de ser iniciada a confecção de um corredor, é conveniente analisar minuciosamente as figuras correspondentes, para se ter uma idéia prévia e global do tipo de movimento que o “guia” irá executar.

3.2. Corredor de “volta e meia”

Execução:

1. Fixar o “pé” na parte inferior da vara e de conformidade com a figura 84-A efetuar as voltas nela indicadas, ou seja: o “guia” sobe pela esquerda em movimento espiralado, até sair na prte superior, na posição assinalada com o número 1. As linhas pontilhadas indicam o movimento do “guia” por trás da varinha (aqui representada por um retângulo).

2. Da posição 1 — figura 84-B — o “guia” desce pelo lado esquerdo, cruzando por cima dos ramos **a** e **b**; faz a volta por trás (linha pontilhada) saindo em baixo na posição 2.

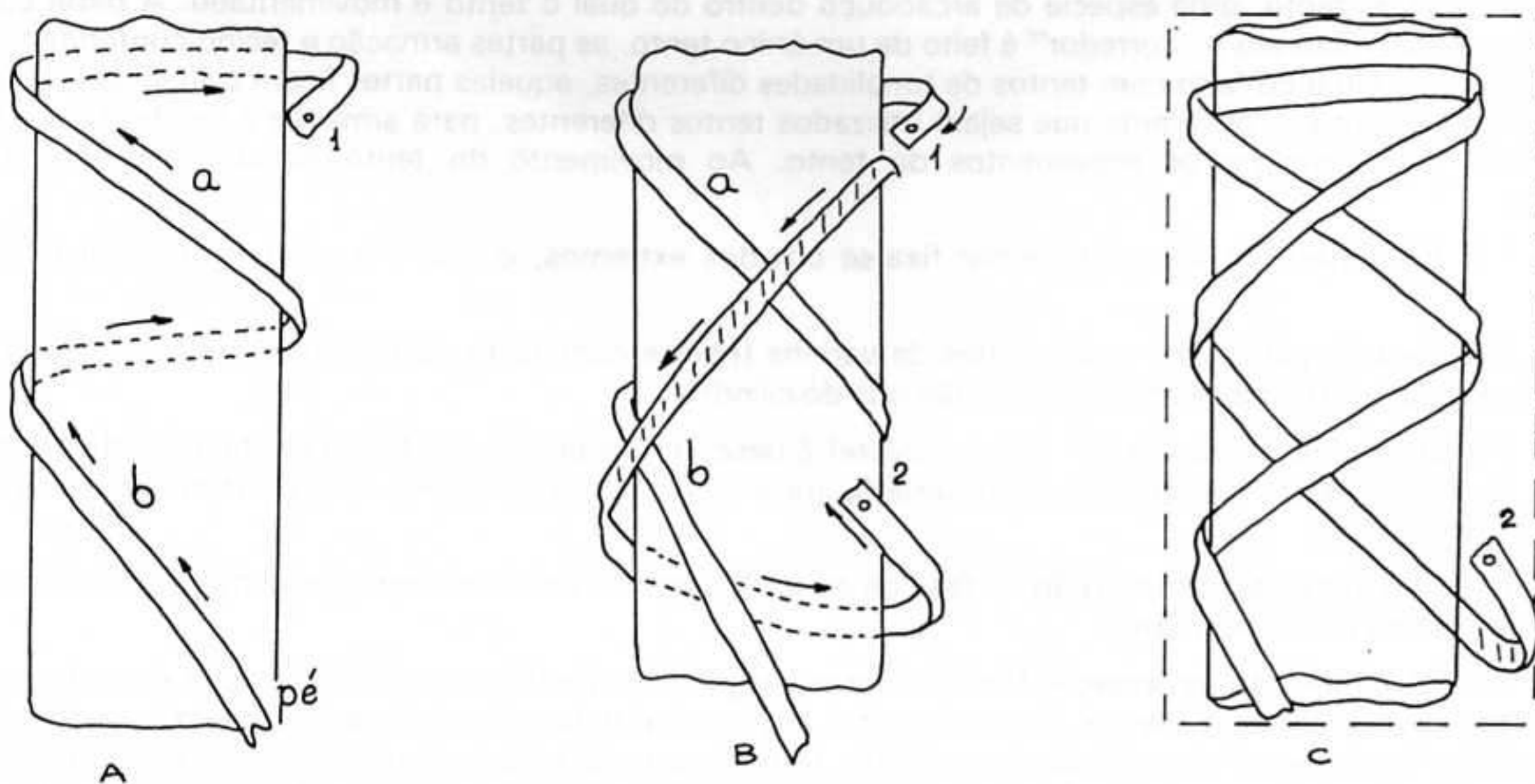
A figura 84-C é apenas complementar: mostra como seria visto o conjunto, até aqui, se o corredor fosse executado em torno de uma varinha transparente.

3. Da posição 2 (fig. 84-D) o “guia” sobe, cruzando por cima do ramo **c**, dando volta por trás e saindo na parte superior da posição 3.

Observação: aqui, lados direito e esquerdo referem-se ao leitor.

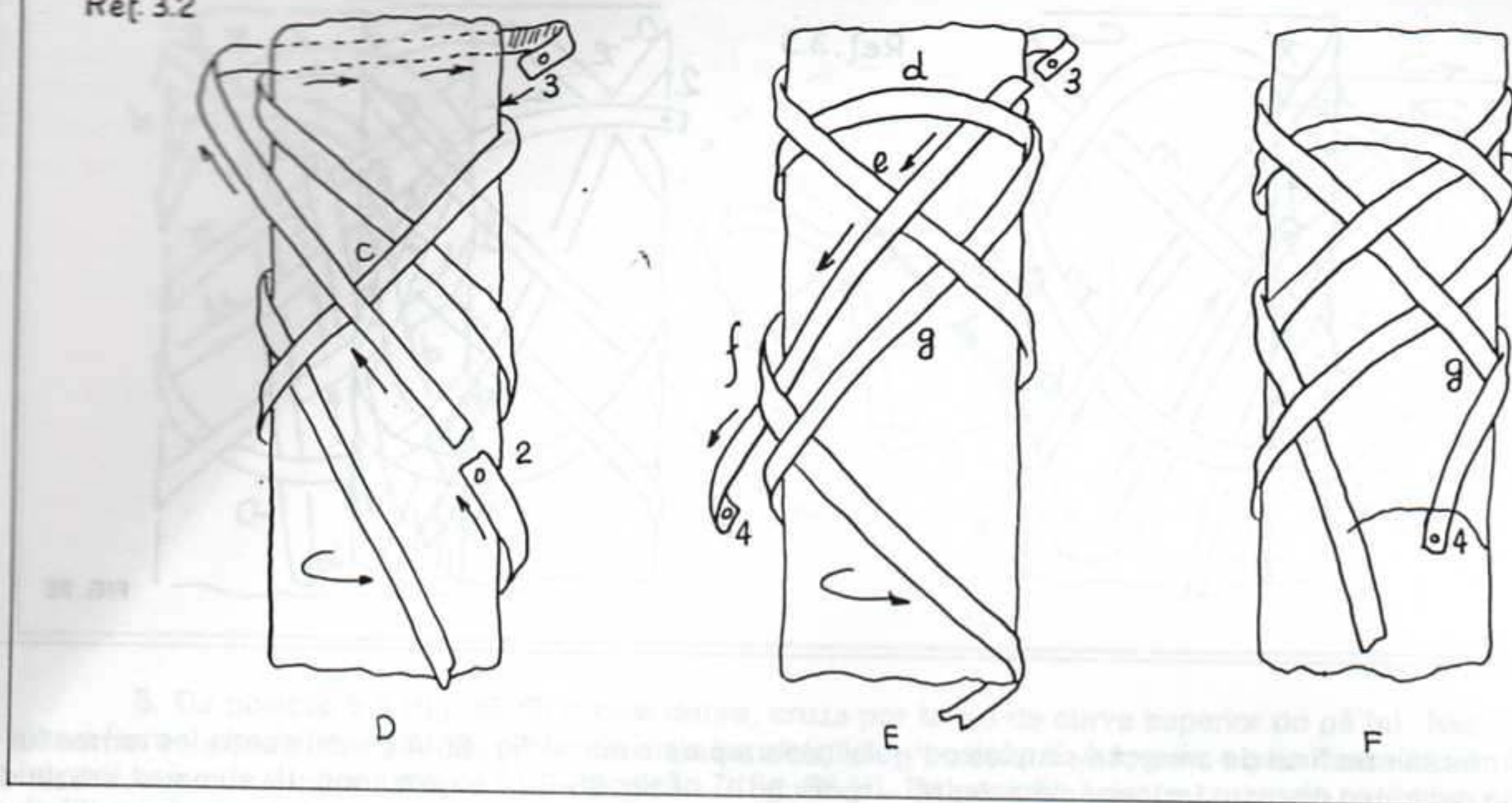
4. Girar um pouco a vara no sentido da seta (curva) que aparece na parte inferior da figura 84-D. Da posição 3 o “guia” desce conforme mostra a figura 84-E; cruza por baixo de um ramo (d), por cima de outro (e) e por baixo do ramo seguinte (f), saindo junto ao “pé”, como mostra a figura 84-F. Ao sair para a posição 4, cruza por cima da curva inferior do ramo (g) visto na figura 84-E. Fica assim concluída a armação simples.

Modelo: figura 89.1-A.



Ref. 3.2

FIG. 84



Observação: como o corredor consta de um único tento, os ramos referenciados com letras minúsculas são vistos sob ângulos diferentes no movimento de rotação da vara. Essas letras são válidas para as figuras correspondentes, não querendo significar obrigatoriamente que por exemplo, o ramo (a) assinalado em uma figura, seja o mesmo ramo (a) assinalado em outra. Há exceções.

3.2.1. Aumento de armação

Aumentar uma armação é torná-la mais compacta, mais cheia, através de movimentos complementares do "guia". No caso de aumento, a armação inicial deve ser executada com bastante folga entre os ramos de modo a permitir a sua ampliação. A passagem da armação simples (inicial) para a dupla, desta para a tríplice, etc., compreende em cada caso, 4 etapas distintas. Entende-se por etapa o movimento completo do "guia" (descendo ou subindo na armação). Essas etapas possuem características básicas fundamentais, que servirão de ponto de apoio, como referência, no aumento de armações.

1ª etapa: o guia sobe sempre pelo lado direito do "pé", passando sempre pelos mesmos lugares que ele; ao chegar na parte superior não sai da armação, mas dobra sobre o cruzamento do "pé" com outro ramo;

2ª etapa: após dobrar sobre o cruzamento anterior, o "guia" desce, agora pelo outro lado do "pé" e nas mesmas condições da 1ª etapa, isto é, passando pelos mesmos lugares onde passa o "pé"; sai na parte inferior junto ao "pé";

3ª etapa: o guia sobe novamente, pela direita do "pé", mas desta vez cruzando por caminhos contrários ao do "pé" (isto é, se o pé cruza por cima de um ramo, o guia cruzará por baixo desse ramo e vice-versa); ao chegar na parte superior sai da armação e dobra para a esquerda para descer;

4ª etapa: ao descer, o guia faz cruzando por baixo da curva superior do "pé" e ladeando-o pela esquerda (cruzando por caminhos contrários) desce até a parte inferior, tramando de um em um, todos os ramos que lhe são perpendiculares para sair na parte inferior junto ao "pé". Fica assim concluída a armação dupla.

Portanto, na execução dessas 4 etapas básicas, o ponto de apoio será sempre o "pé" (e seus ramos): o guia sobe pelo lado direito do pé e desce pelo lado esquerdo dele. Da armação dupla para a tríplice segue-se o mesmo processo.

3.3. Corredor de "volta e meia" — armação dupla

Execução:

1. Efetuar primeiramente a armação simples do número 3.2 — figura 84-F. Antes de continuar convém reler o item 3.2.1.

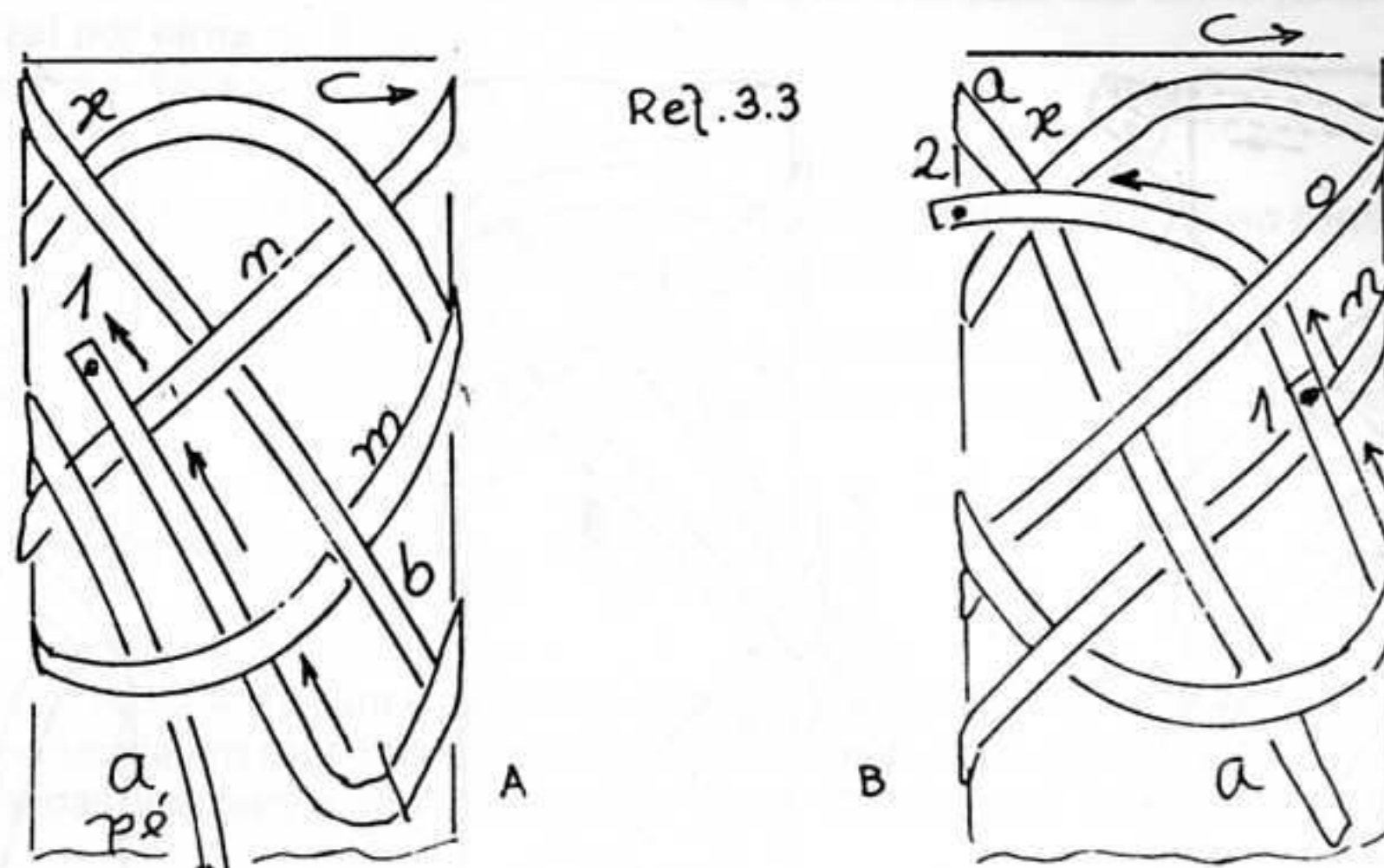


FIG. 85

2. Após sair no final da armação simples o "guia" dobra para cima — fig. 85-A e sobre entre os ramos (a) e (b), cruzando por baixo do ramo (m), por cima de (n) — posição 1. — fig. 85-B — o guia continua subindo, cruzando por baixo de (o) e dobrando para a esquerda por cima do cruzamento (x). Essa dobra deve ser fixada provisoriamente na posição correspondente. Está concluída a 1ª etapa — posição nº 2.

3. Da posição 2 (fig. 85-C) o guia desce pela esquerda de (a), cruzando por baixo de (p), por cima de (q) e (r) — posição 3. Da posição 3 cruza por baixo de (s) (fig. 85-D) e por cima de (t) saindo em baixo na posição 4. Está concluída a 2ª etapa.

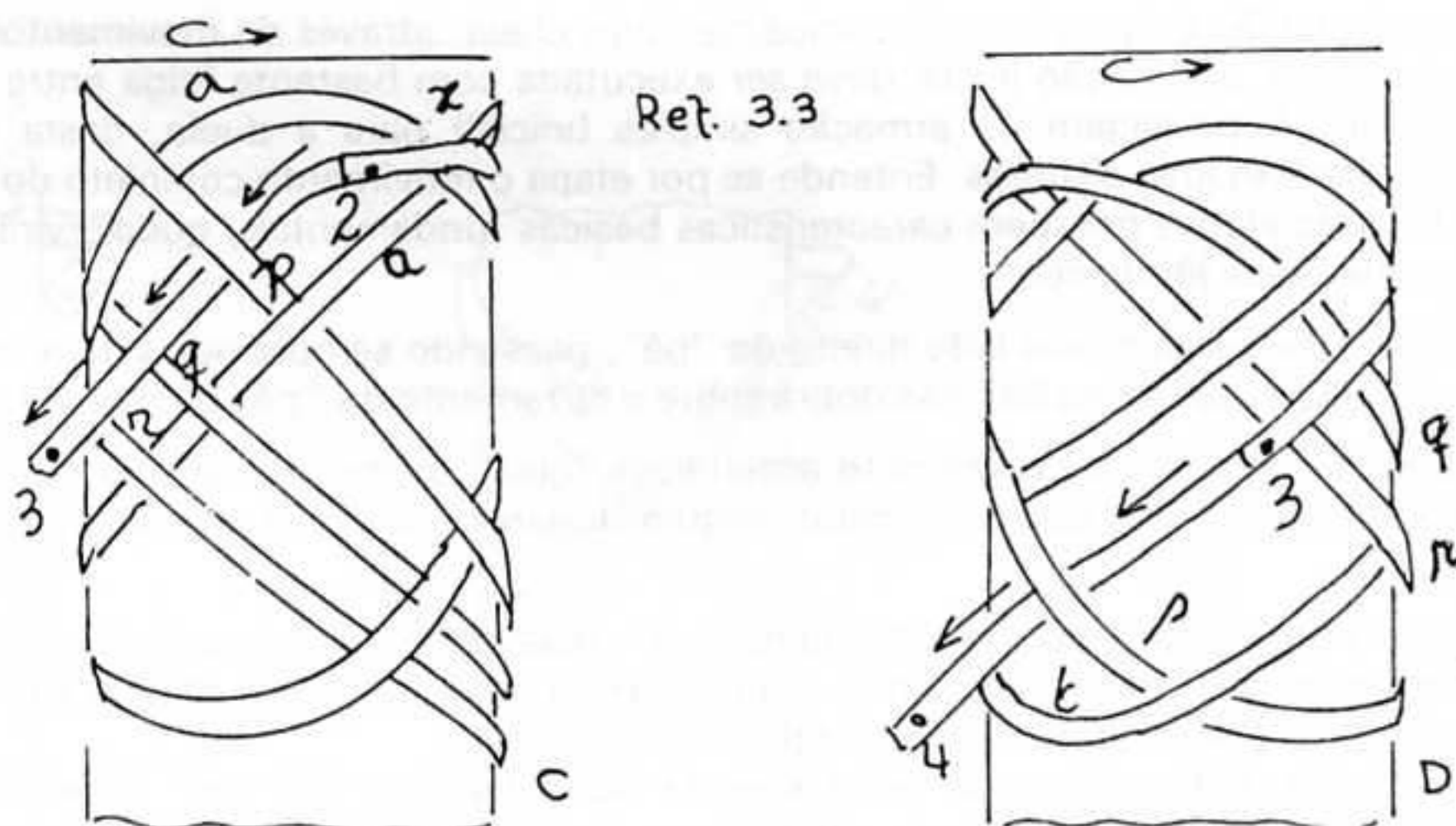
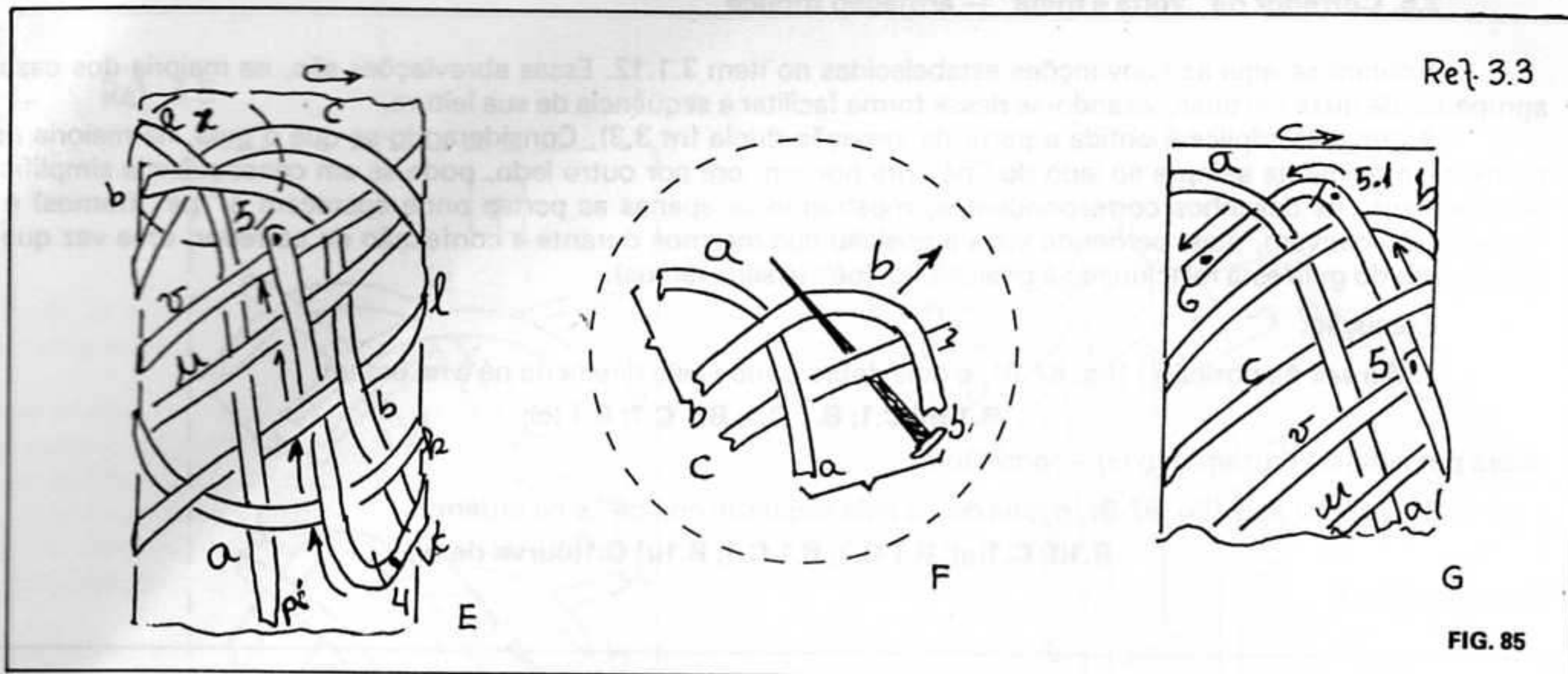


FIG. 85

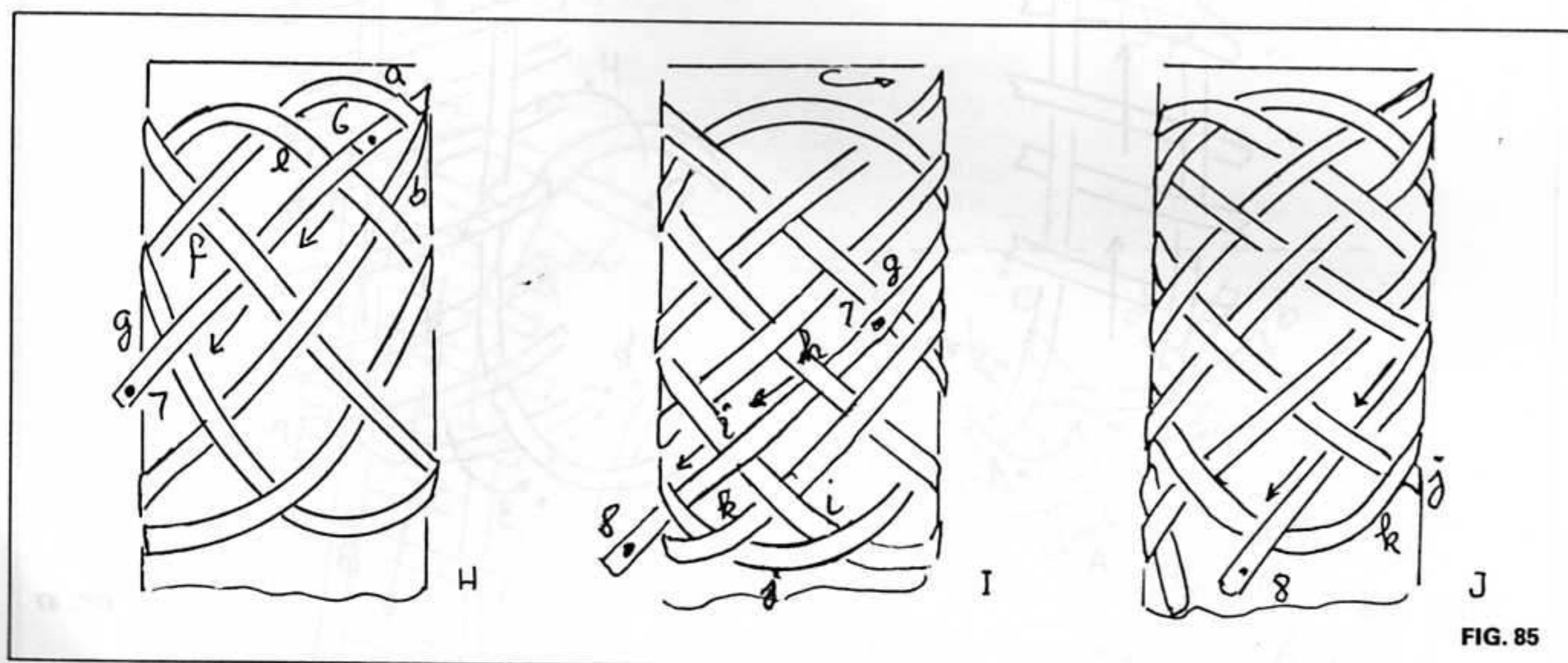
4. Da posição 4 (fig. 85-E) o guia sobe pela direita do pé cruzando por cima de (k), por baixo de (l) e por cima de (u) e (v) — posição 5.

A saída na parte superior, após a posição 5, deve ser feita com muito cuidado, pois geralmente nessa parte os ramos curvos tendem a ficar aglomerados (o que pode gerar confusão). Com o auxílio do cravador separam-se essas partes como mostra a figura 85-F. Após o afastamento dos ramos referidos, o guia, a partir da posição 5, cruza por baixo de (c) e por cima de (b) saindo na posição 5.1 — fase final da 3ª etapa.



5. Da posição 5.1 (fig. 85-G) o guia dobra, cruza por baixo da curva superior do pé (a). Nesse movimento a curva (ramo) citada fica fixa (não podendo mais escorregar) — posição 6. A seguir, o guia desce cruzando por cima de (e), por baixo de (f), por cima de (g) — posição 7 (fig. 85-H). Da posição 7 desce cruzando por baixo de (h), por cima de (i), por baixo de (j) e por cima de (k), saindo na parte inferior junto ao pé. Está concluída a 4ª etapa e com ela, a armação dupla.

Modelo: figura 89.1-B, C.



3.4. Ajuste do corredor

A figura 86 mostra como se procede para ajustar um corredor. Fixa-se um dos extremos do tento (geralmente o "pé") pressionando-o com o polegar. Com o cravador, e em direção ao outro extremo a partir do pé, levantam-se ramos desse tento, de trecho em trecho, puxando-os para cima (como se fôssemos arrancá-los de sua posição).

Assim se vai processando até chegar ao outro extremo. Aí chegando, "arremata-se" a ponta livre e corta-se o excesso (sobra).

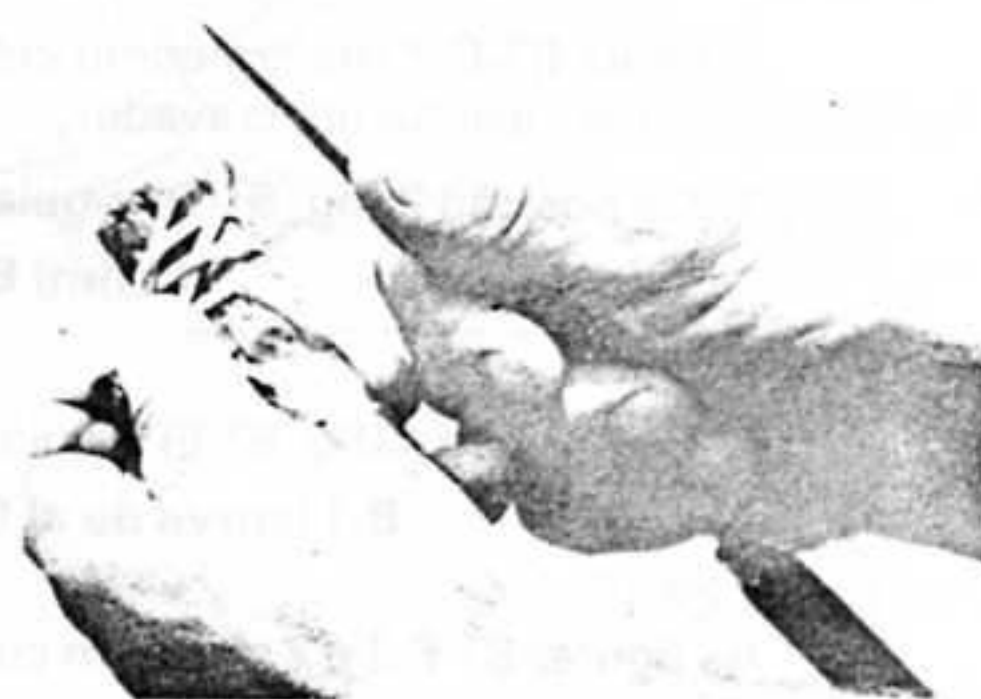


FIG. 86

3.5. Corredor de "volta e meia" — armação tríplice

Adotam-se aqui as convenções estabelecidas no item 3.1.12. Essas abreviações são, na maioria dos casos, agrupadas de duas em duas, visando-se dessa forma facilitar a seqüência de sua leitura.

A armação tríplice é obtida a partir da armação dupla (nº 3.3). Considerando-se que o guia, na maioria dos casos, se movimenta sempre ao lado do "pé" ora por um, ora por outro lado, pode-se em consequência simplificar sensivelmente os desenhos correspondentes, mostrando-se apenas as partes onde aparecem o "pé" (ramos) e o "guia". Não convém, pois, perder de vista a posição dos mesmos durante a confecção do corredor, uma vez que o movimento do guia está relacionado à posição do "pé" (e seus ramos).

Execução:

1. Ao sair na posição 1 (fig. 87-A), o guia dobra e sobe pela direita do pé e na ordem:

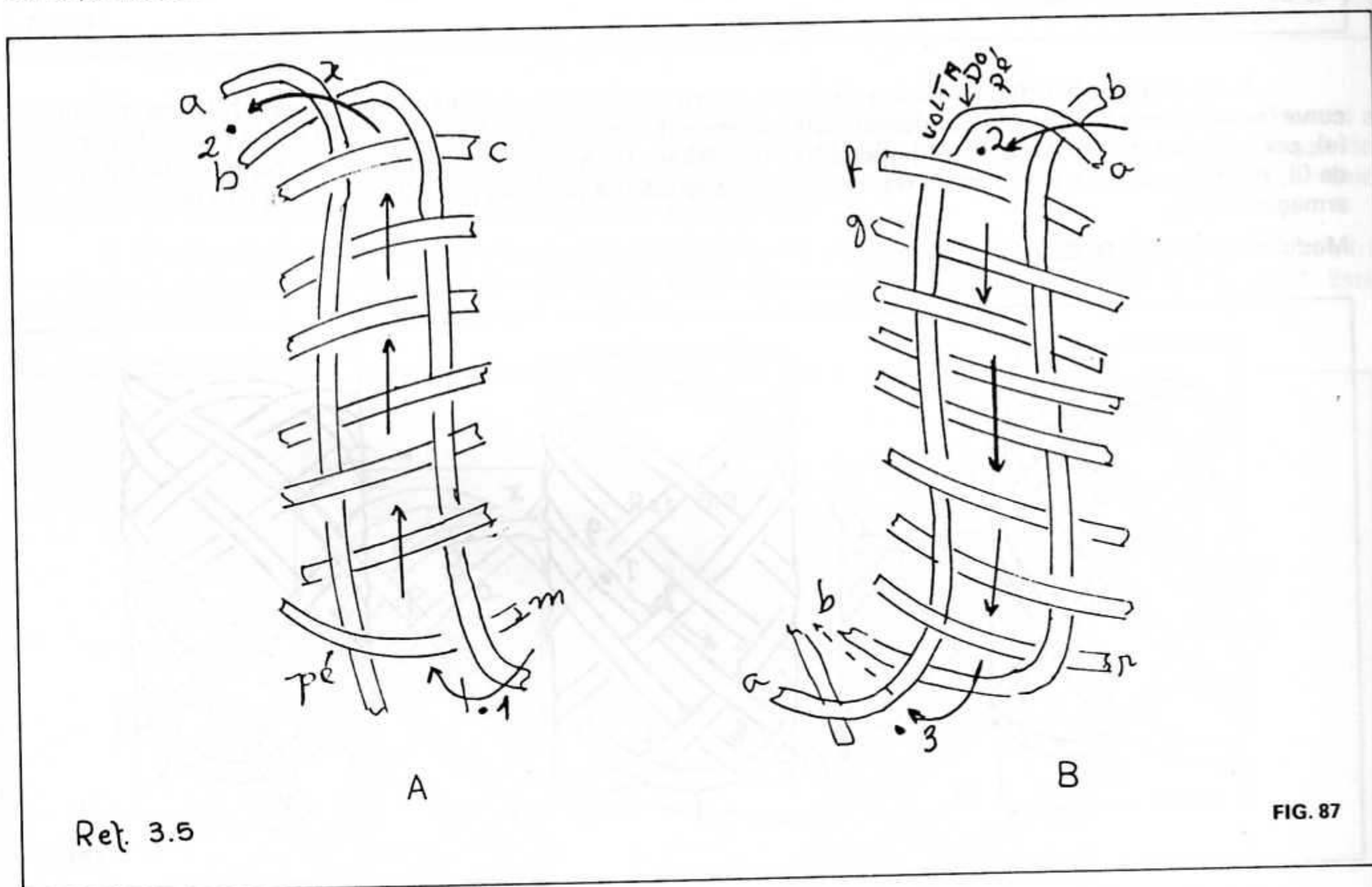
B.1(m) C.1; B.1 C.1; B.1 C.1; B.1 (c);

dobra por cima do cruzamento (x) — posição 2.

2. Da posição 2 (fig. 87-B), o guia desce pela esquerda do "pé" e na ordem:

B.1(f) C.1(g); B.1 C.2; B.1 C.1; B.1(r) C.1(curva de b);

sai na posição 3.



A figura 87-C.1 mostra como costumam ficar aglomerados os ramos na parte superior. A fig. 87-C.2 mostra como afastá-los, usando um cravador.

3. Da posição 3 (fig. 87-D) o guia sobe pela direita do pé e na ordem:

C.1(m) B.1.(n); C.1 B.1; C.2 B.1; C.1(o) B.1(c); C.1(b);

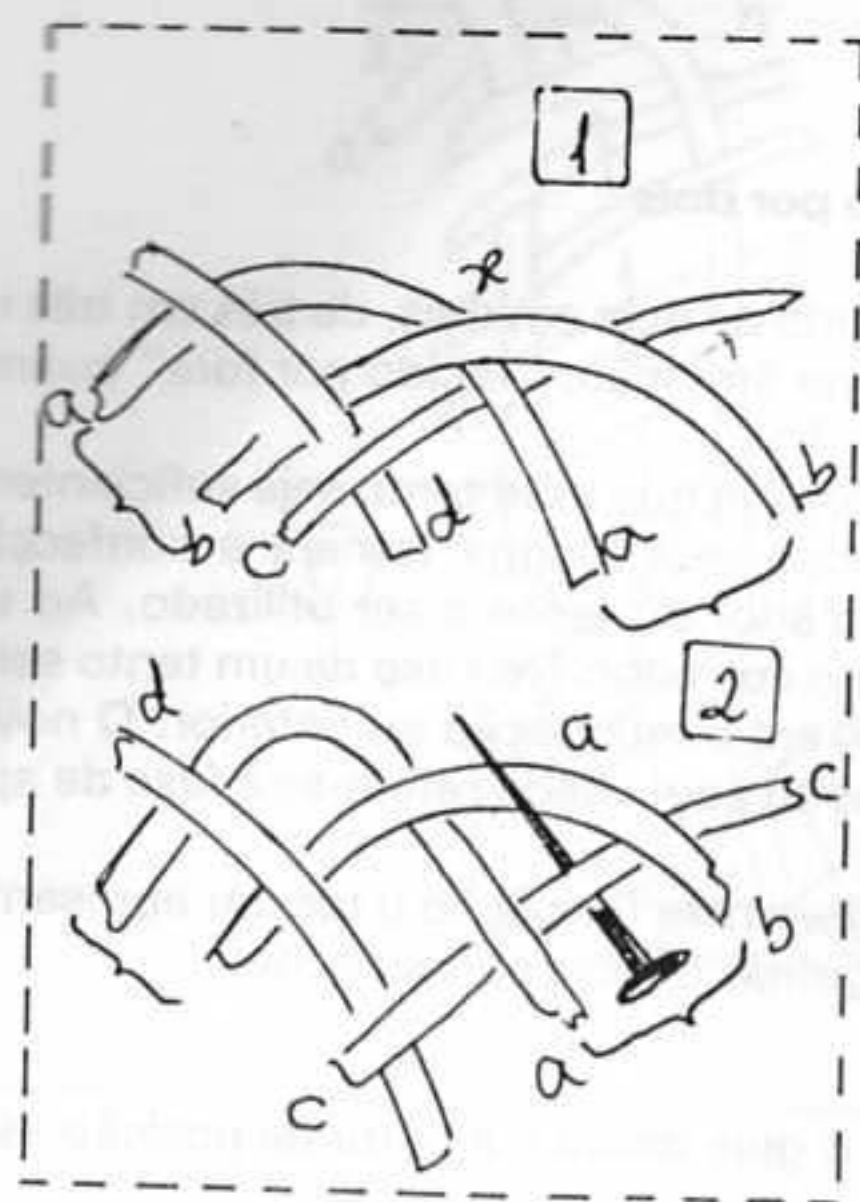
sai na posição 4.

4. Da posição 4 (fig. 87-E) o guia desce pela esquerda do pé e na ordem:

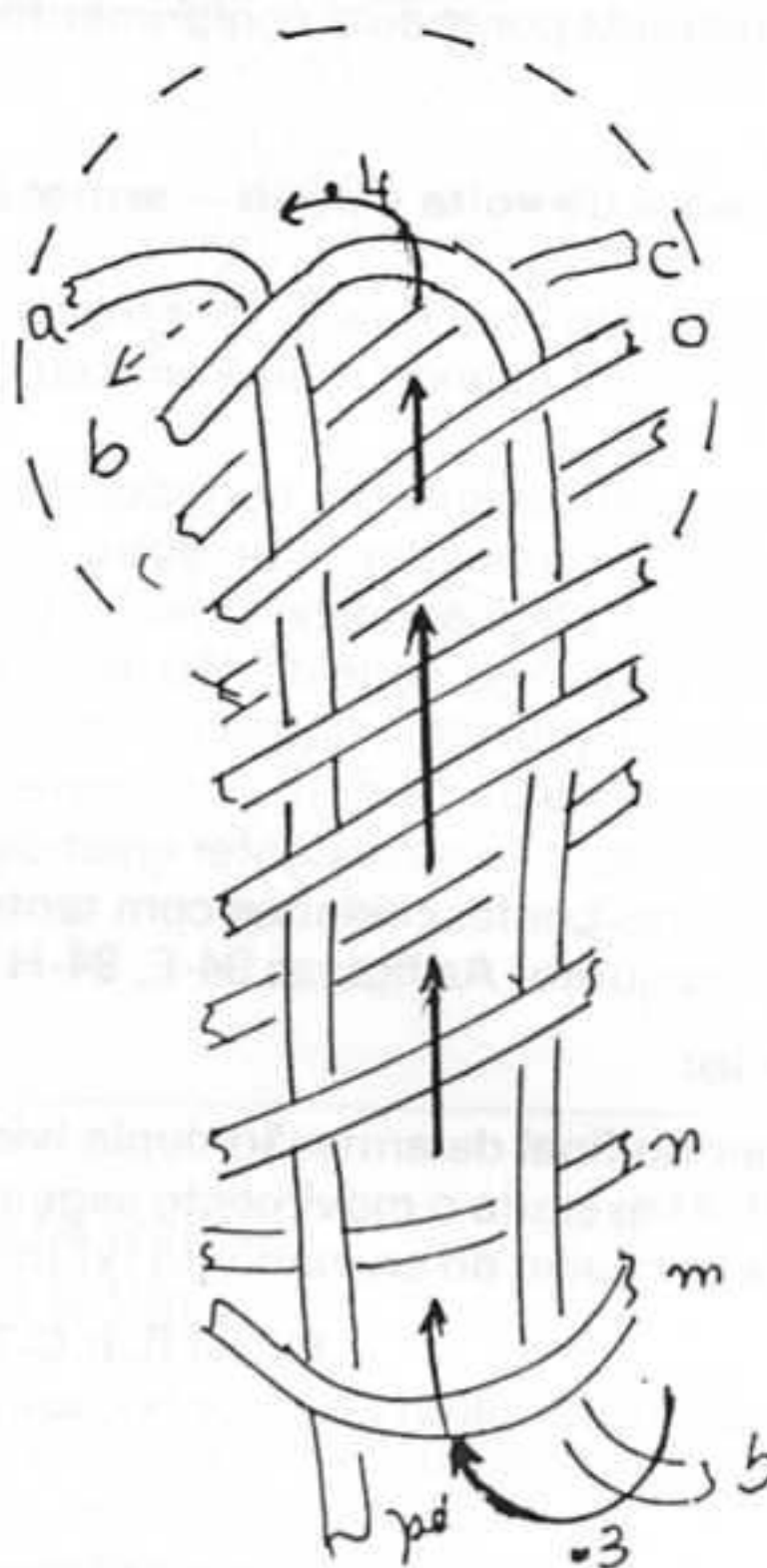
B.1 (curva de a) C.1(o); B.1 C.1 (4 vezes consecutivas); B.A(q) C.1(b);

sai na posição 5.

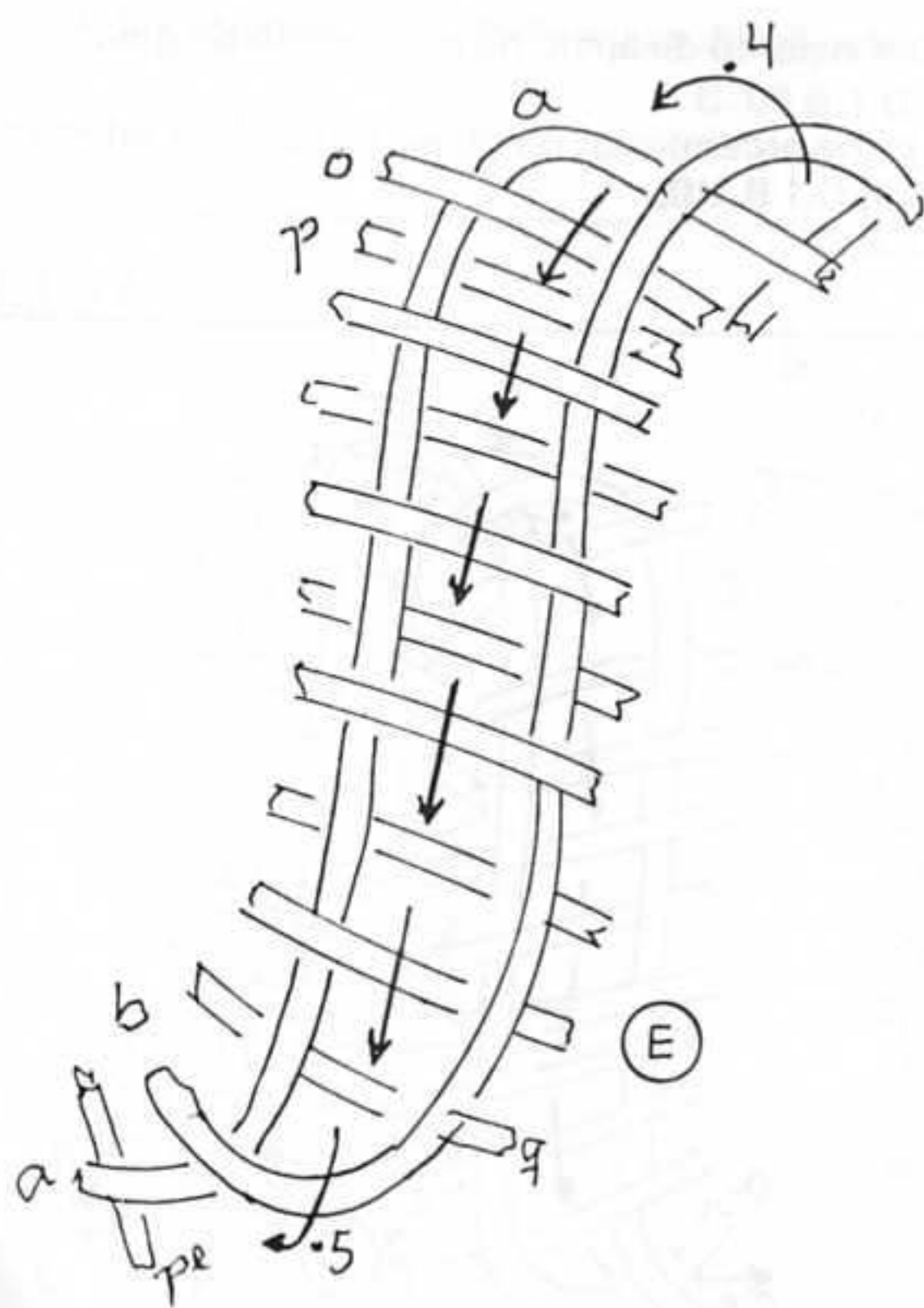
As figuras 87-F.1 e 2 mostram como ficam aglomerados os ramos na parte inferior e como afastá-los.



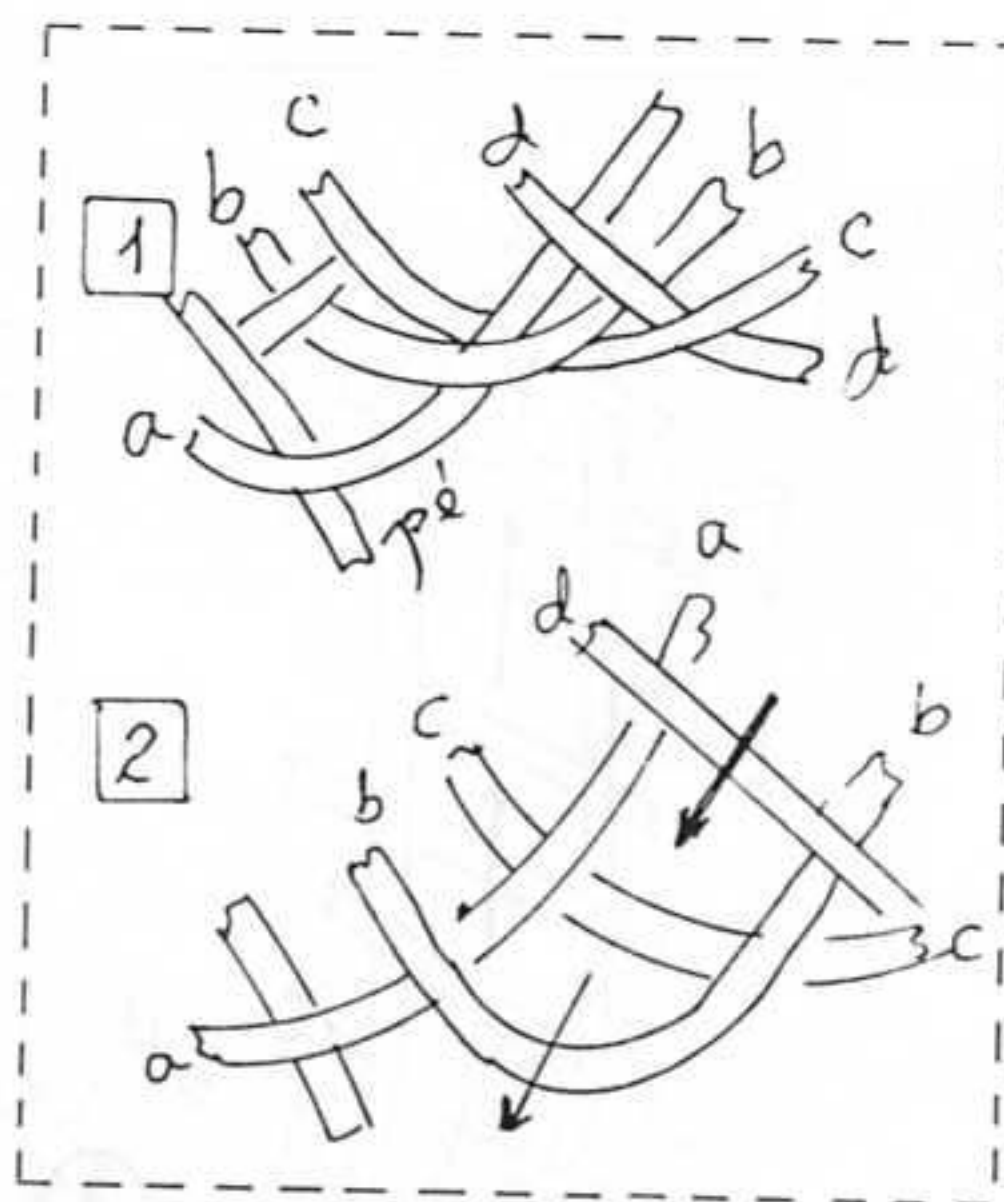
(C)



(D)

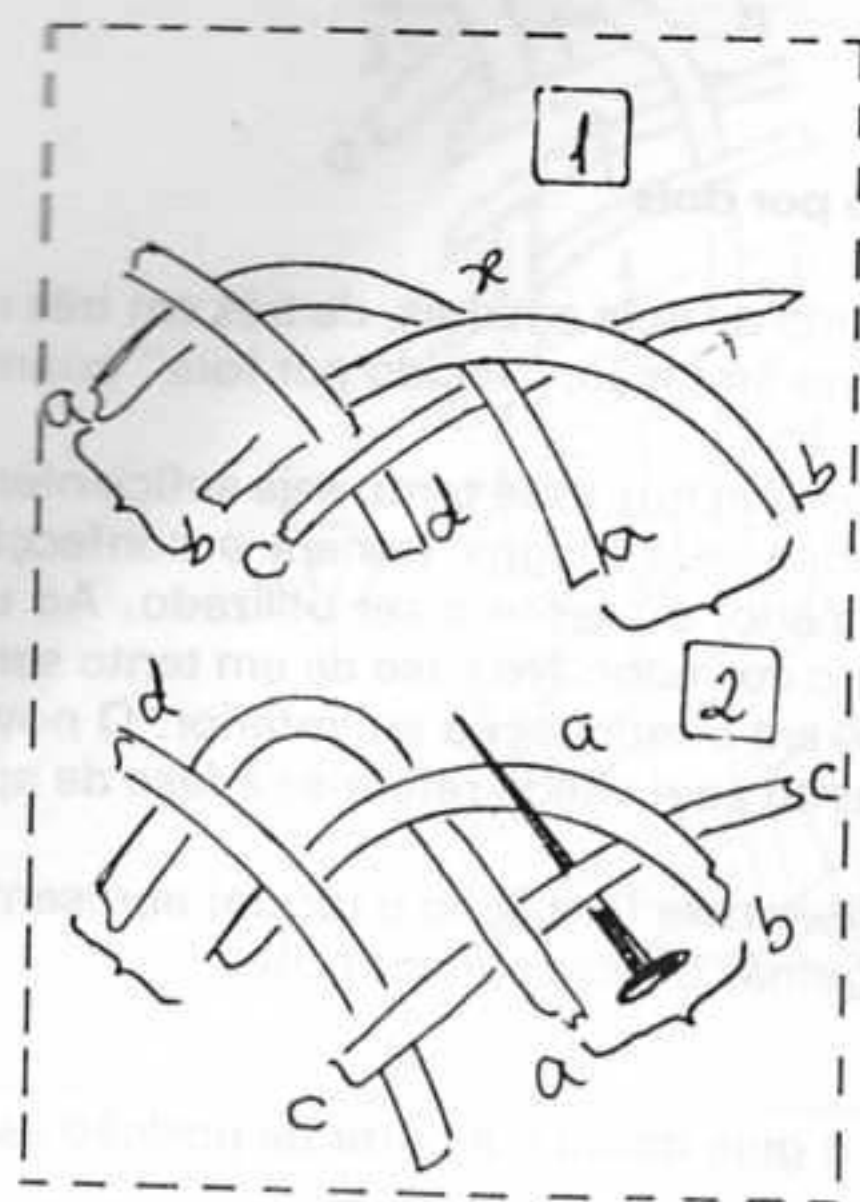


(E)

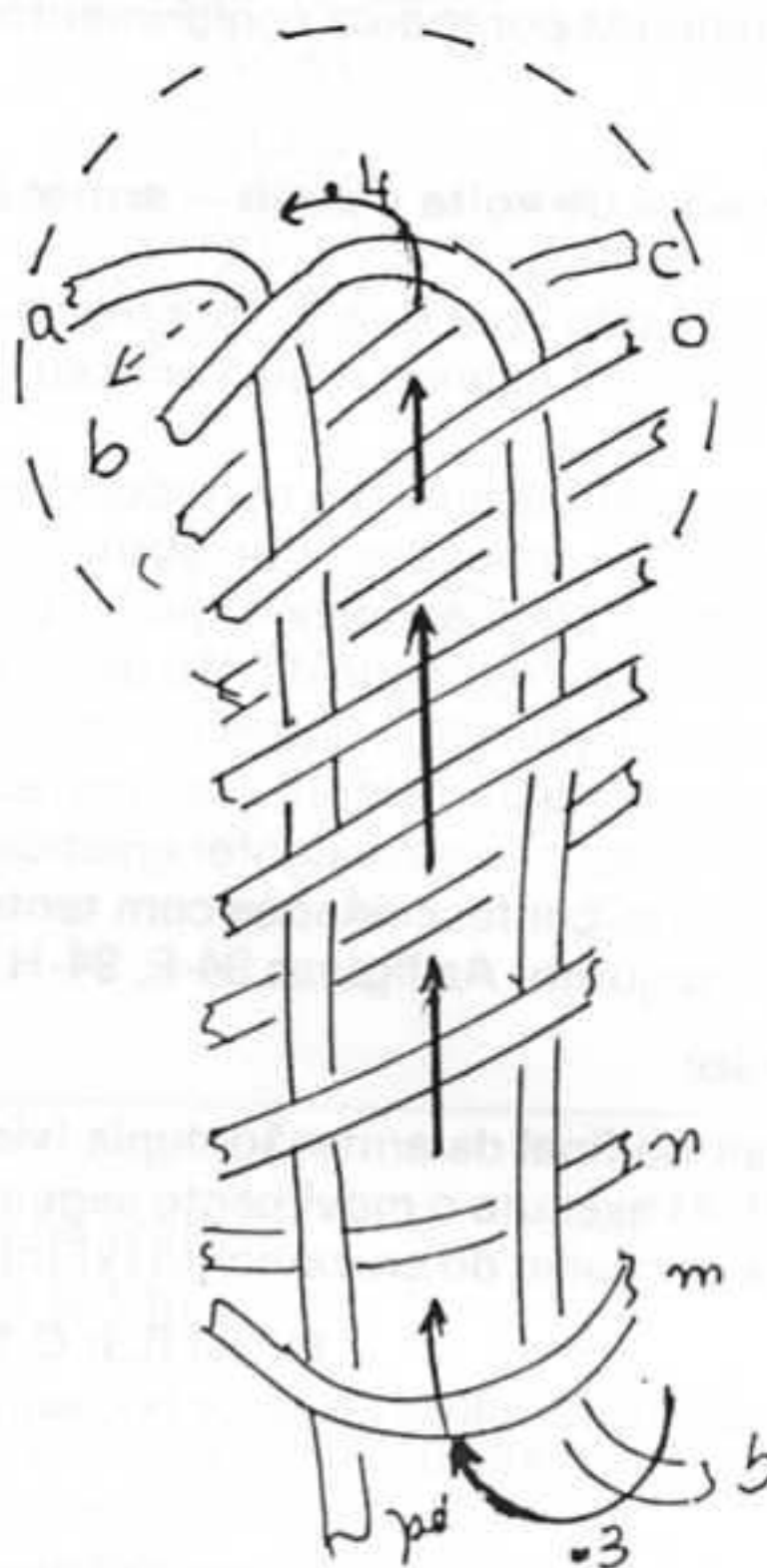


(F)

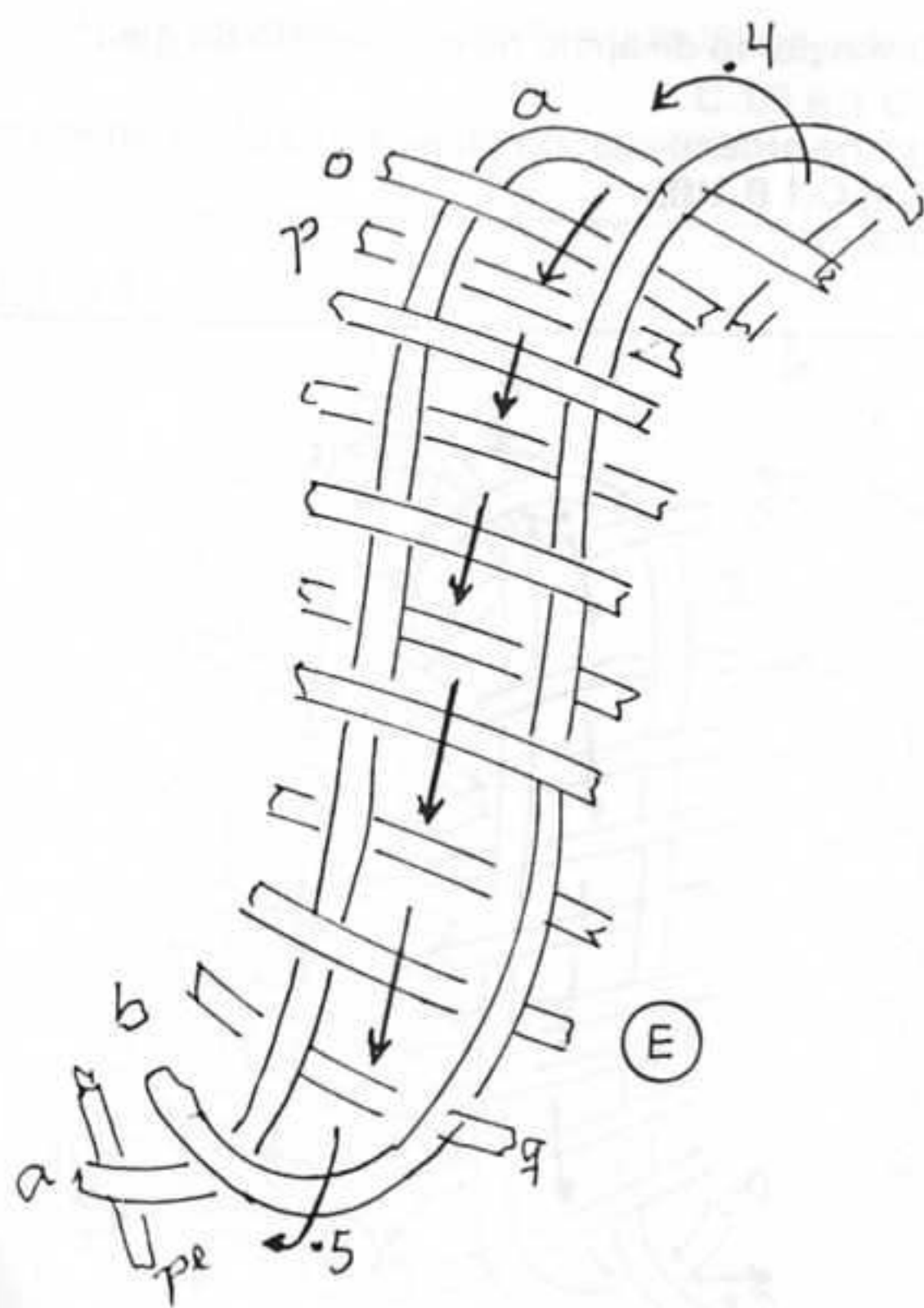
FIG. 87



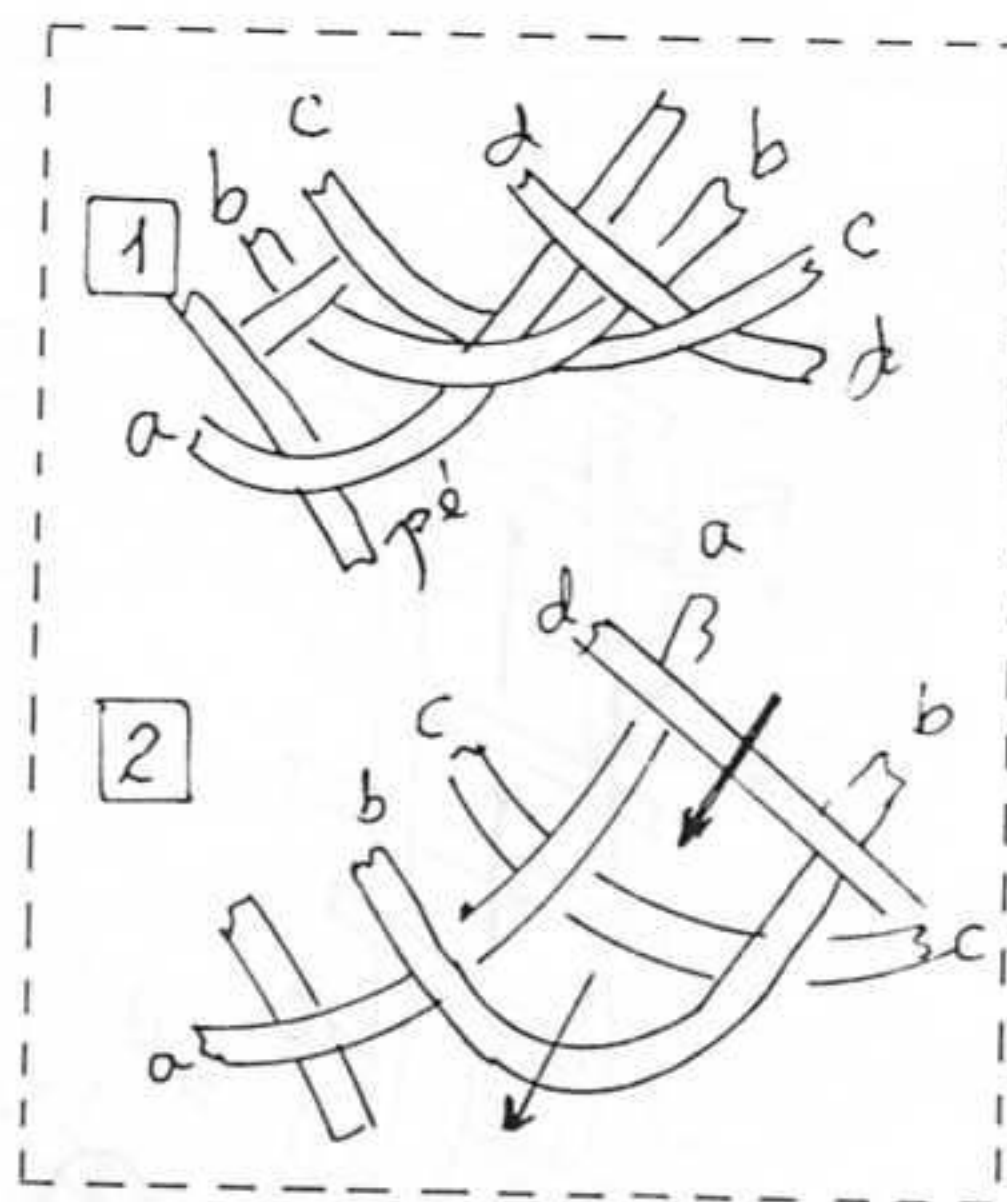
(C)



(D)



(E)



(F)

FIG. 87

3.5.1. Armação de corredor com qualquer número de voltas

Proceder de acordo com as normas expostas no número 3.2.1.

Em se tratando de um objeto comprido a ser revestido, deve-se ter a armação inicial com bastante folga e de tal forma que se estenda por todo o comprimento do objeto.

3.6. Corredor de volta e meia — armação dupla — “tecido por dois”

Um tecido é dito “por dois”, “por três” etc., quando é tramado de dois em dois, de três em três ramos, etc. É dito tecido “por dentro” quando o guia em seu “recorrido” não sai da armação: “tecido por fora” quando o guia sai da armação.

Quando se confecciona um corredor com um único tento convém que esse tento seja suficientemente longo; dessa forma evitam-se emendas. Por outro lado, tentos demasiadamente longos tornam a confecção morosa e cansativa. Somente a prática indicará qual o comprimento (aproximado) do tento a ser utilizado. Ao utilizar-se um tento longo é preciso ter o cuidado de não deixá-lo torcer-se dentro do corredor. No caso de um tento ser insuficiente, continua-se o trabalho introduzindo-se no conjunto um novo tento, em continuação ao anterior. O novo tento deve ser introduzido a partir da parte inferior do corredor. A emenda de tento aqui citada refere-se à fase de aprendizagem, pois a rigor um corredor não deve conter emendas.

Os corredores confeccionados com tentos de tonalidades diferentes (armação e tecido) apresentam aspectos interessantes no conjunto. As figuras 94-E, 94-H e 94-D mostram algumas dessas combinações.

Execução:

1. Ao sair no final da armação dupla (vista no número 3.3) o guia dobra e a partir da posição assinalada com um traço (fig. 88-A) executa o movimento seguinte:

— entra por baixo do cruzamento (x) (convém deixar frouxa essa curva) e na ordem:

C.1(c) B.1; C.1 B.1 (2 vezes consecutivas); C.1(d);

dobra por baixo do cruzamento superior (x), saindo na posição 1.

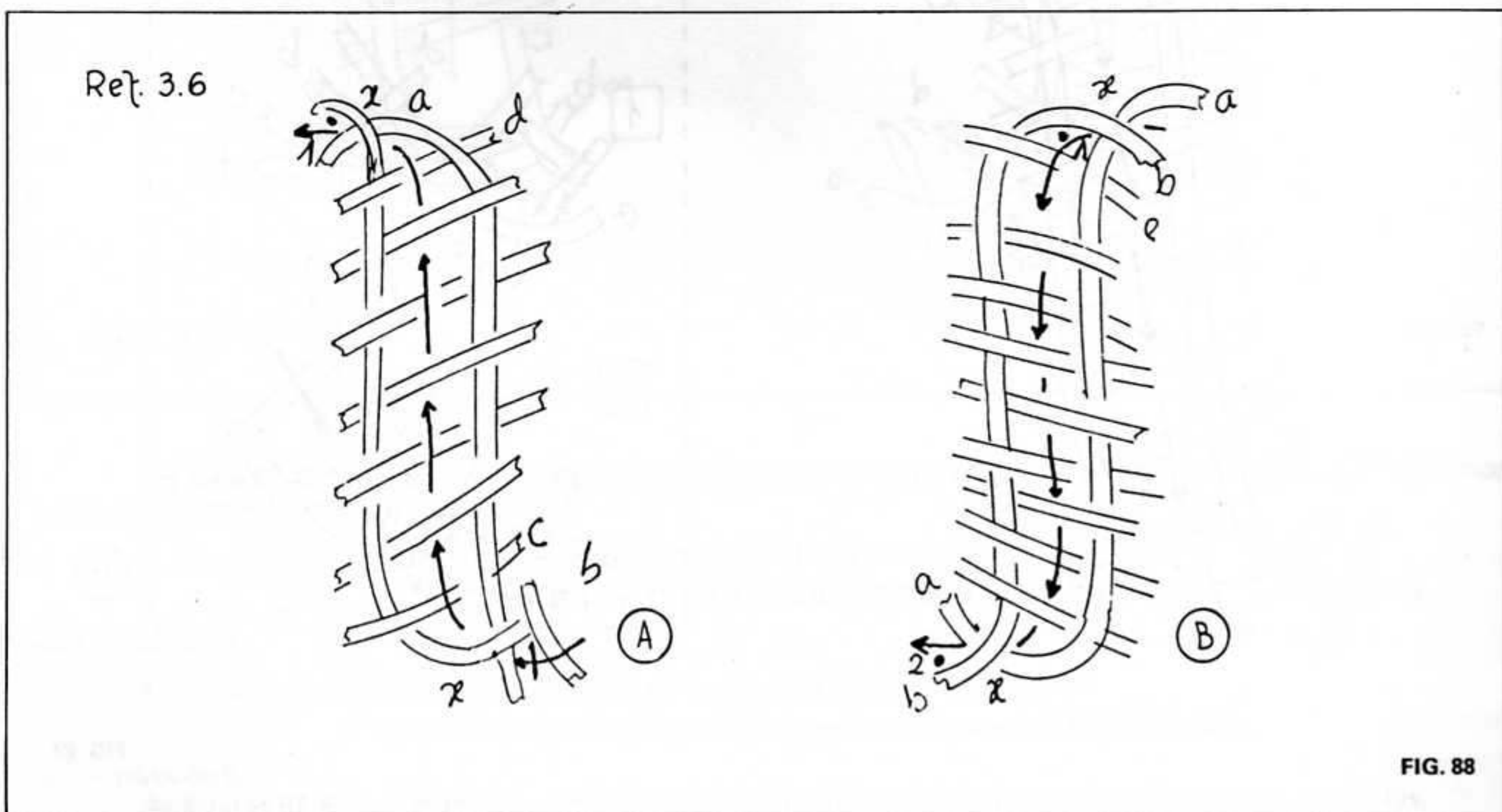
Lembrete:

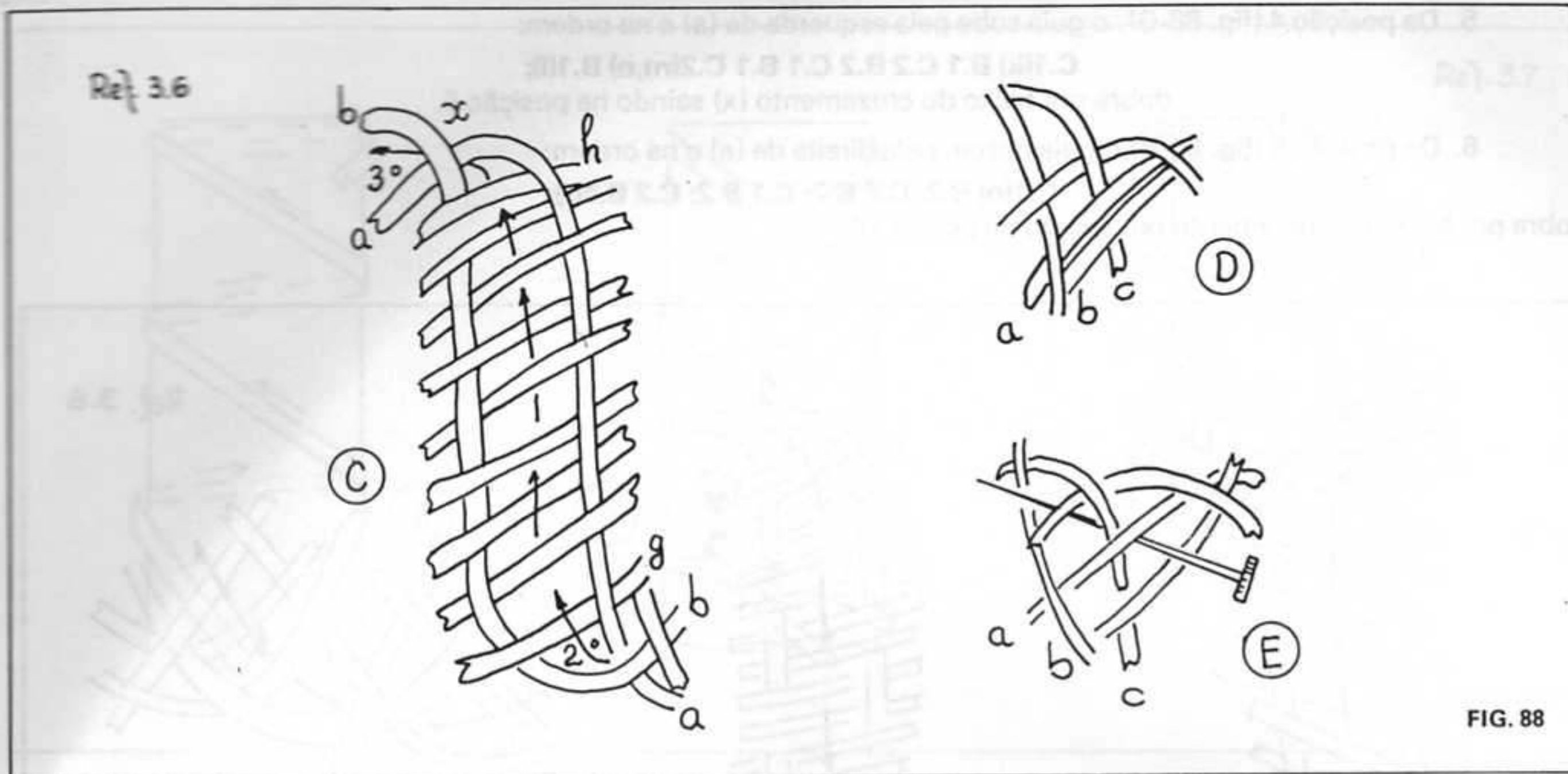
Manter contato com o ramo do “pé” em todo seu trajeto, pois ele é o ponto de apoio no movimento do guia.

2. Da posição 1 (fig. 88-B) o guia desce pela direita de (a) e na ordem:

C.1(e) B.1; C.1 B.2; C.1 B.1; C.1 B.1(f);

dobra por baixo do cruzamento (x) de (a) com (b), saindo na posição 2.





3. Da posição 2 (fig. 88-C), o guia sobe pela esquerda de (a) e na ordem:

C.1(g) B.1 C.1 B.2 C.1 B.1 C.1 B.1(h);

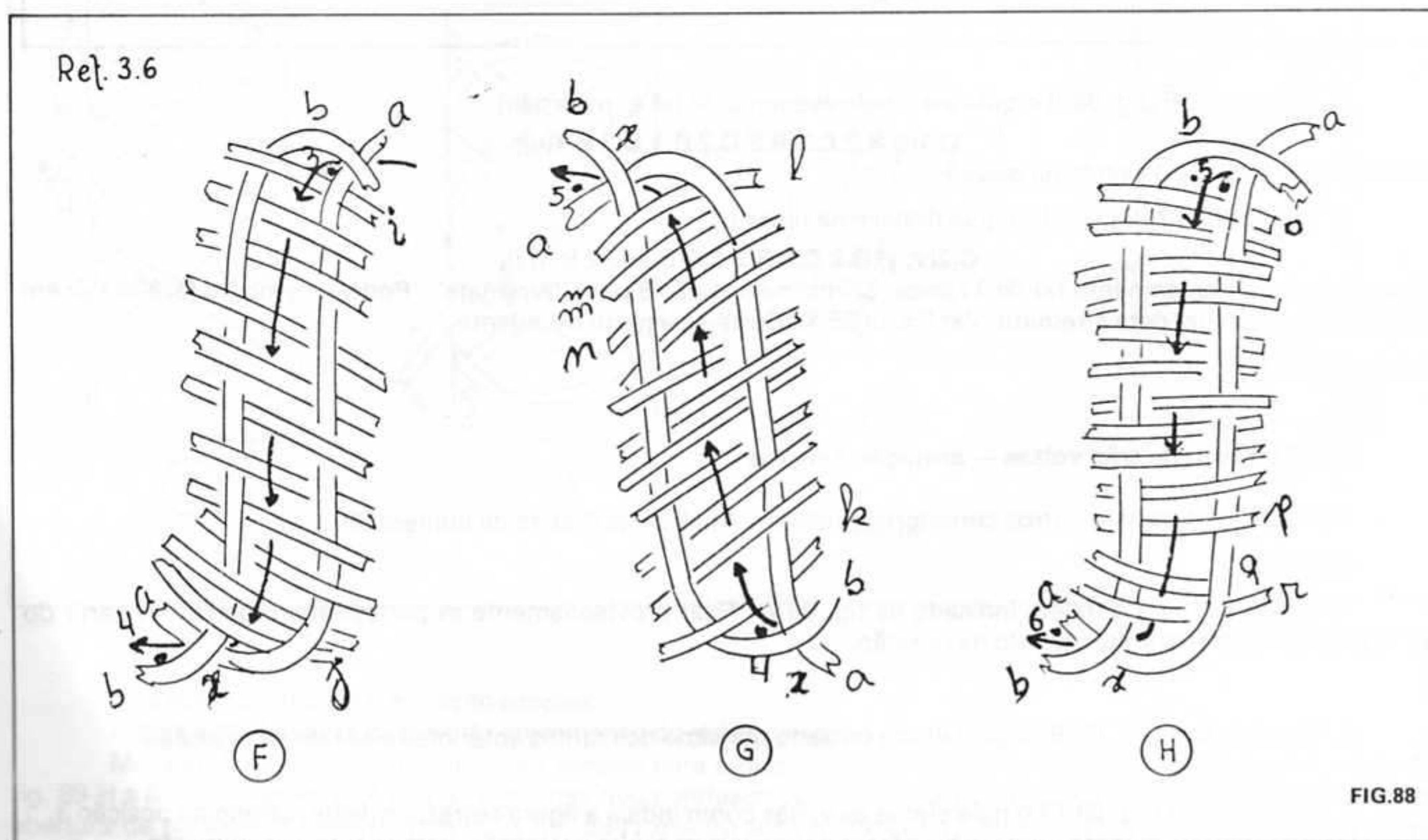
dobra por baixo do cruzamento (x), saindo na posição 3.

As figuras 88-D-E mostram detalhes da abertura de passagem entre os ramos que geralmente se aglomeram.

4. Da posição 3 (fig. 88-F) o guia desce pela direita de (a) e na ordem:

C.1(i) B.1 C.2 B.2 C.1 B.1 C.2 B.1(j);

dobra por baixo do cruzamento (x), saindo na posição 4.



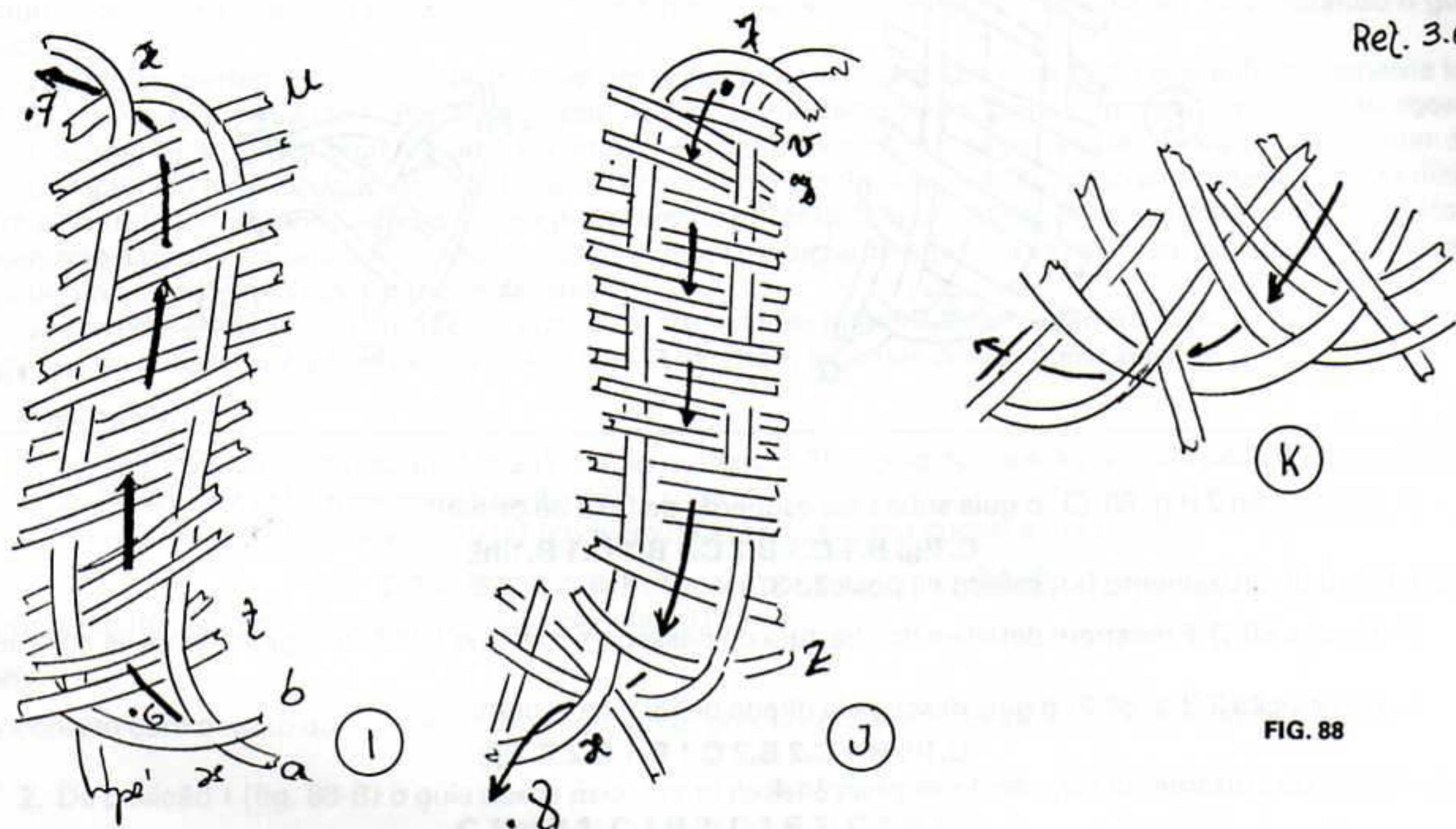
5. Da posição 4 (fig. 88-G), o guia sobe pela esquerda de (a) e na ordem:

C.1(k) B.1 C.2 B.2 C.1 B.1 C.2(m,n) B.1(l);
dobra por baixo do cruzamento (x) saindo na posição 5.

6. Da posição 5 (fig. 88-H) o guia desce, pela direita de (a) e na ordem:

C.1(o) B.2; C.2 B.2; C.1 B.2; C.2 B.1(r);

dobra por baixo do cruzamento (x), saindo na posição 6.



7. Da posição 6 (fig. 88-I) o guia sobe pela esquerda de (a) e, na ordem:

C.1(t) B.2 C.2 B.2 C.2 B.1 C.2 B.1(u);

dobra no cruzamento (x) saindo na posição 7.

8. Da posição 7 (fig. 88-J) o guia desce e na ordem:

C.2(v, y) B.2 C.2 B.2 C.2 B.2 C.2 B.1(z);

dobra por baixo do cruzamento (x) de 3 ramos, saindo na posição 8 para "arremate". Pode-se também fazê-lo sair em outra posição qualquer para arremate. Ver figura 88-K. Corta-se a parte excedente.

Modelo: figura 89.1-D.

3.7. Corredor de três voltas — armação simples

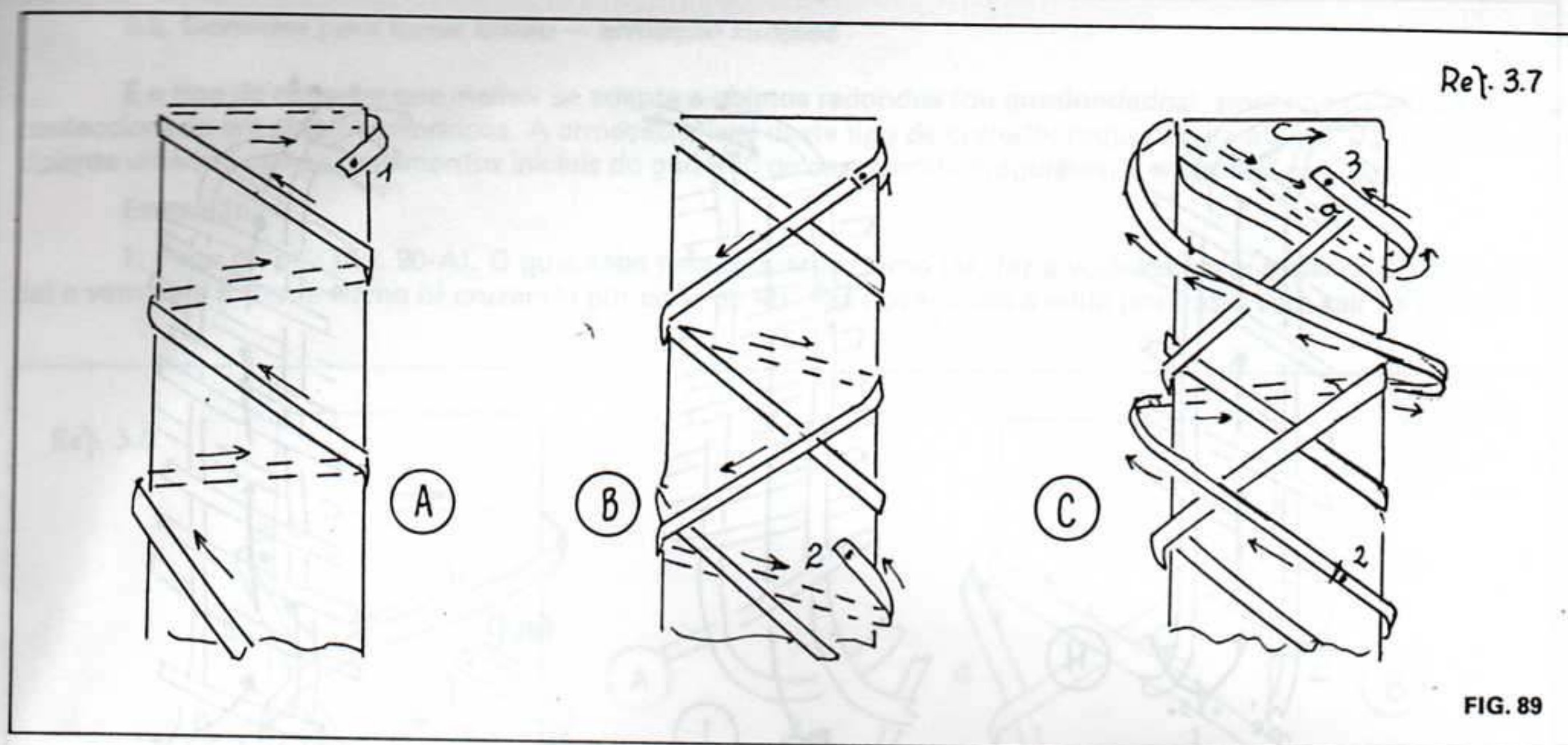
Serve de modelo para outros corredores similares. Analisar as figuras de número 89.

Execução:

1. O guia executa o trajeto indicado na fig. 89-A. Fixar provisoriamente as partes escorregadias. A partir do "pé" o guia executa três voltas saindo na posição.

2. Da posição 1 (fig. 89-B) o guia desce cruzado por cima dos ramos anteriores e saindo na posição 2.

3. Da posição 2 (fig. 89-C) o guia efetua as voltas como indica a figura correspondente, saindo na posição 3. Nessa figura (C) o tento aparece bem frouxo para que se tenha uma visão mais segura de seu trajeto.

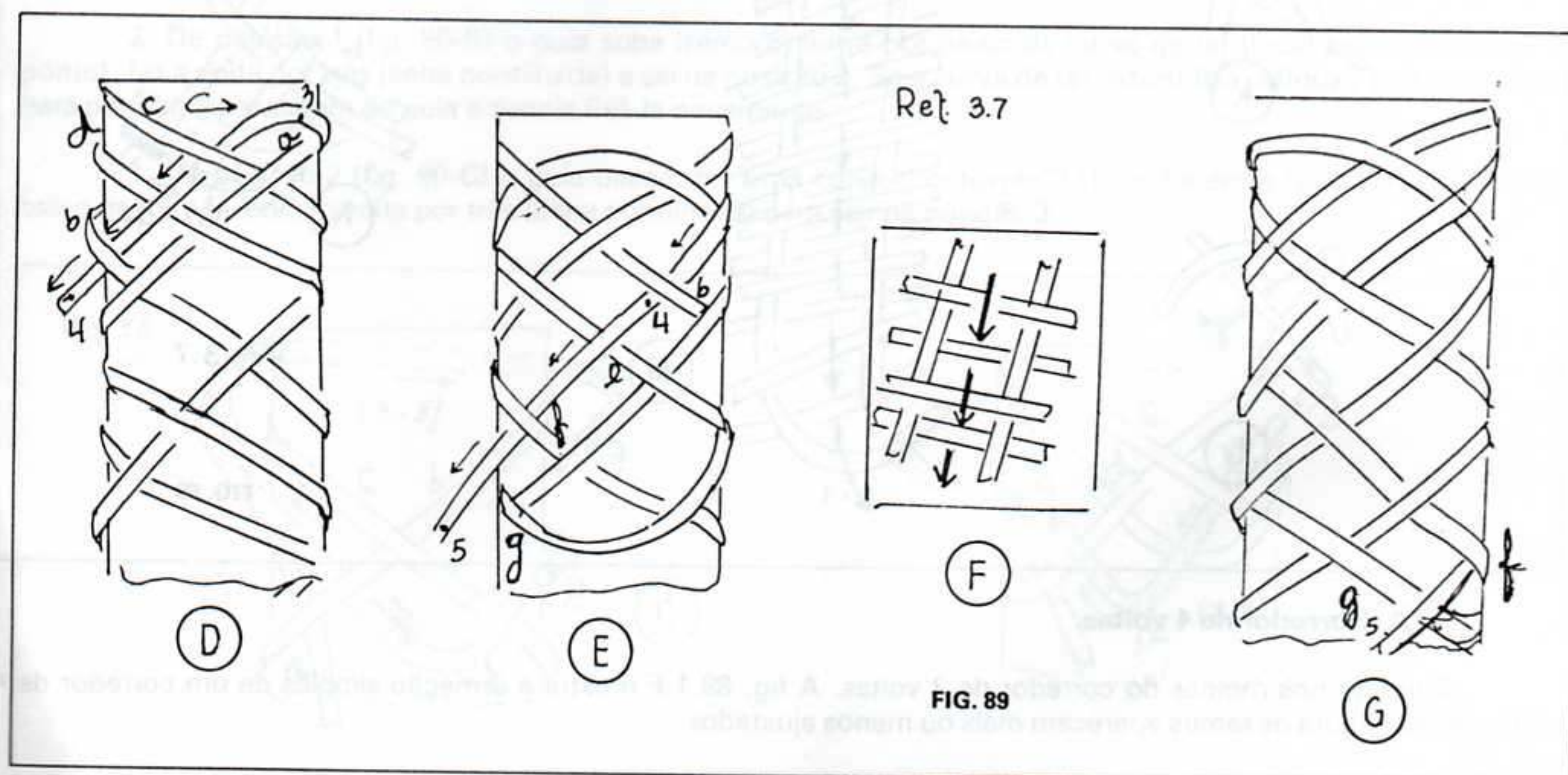


4. Da posição 3 (fig. 89-D) o guia desce, pelo lado de (a), tramando de um em um todos os ramos que encontra em seu caminho, até sair na parte inferior. A seqüência desse movimento, após a posição 3, é:

B.1(c) C.1(d) B.1(b); sair na posição 4 (fig. 89-D)

5. Da posição 4 (fig. 89-E):

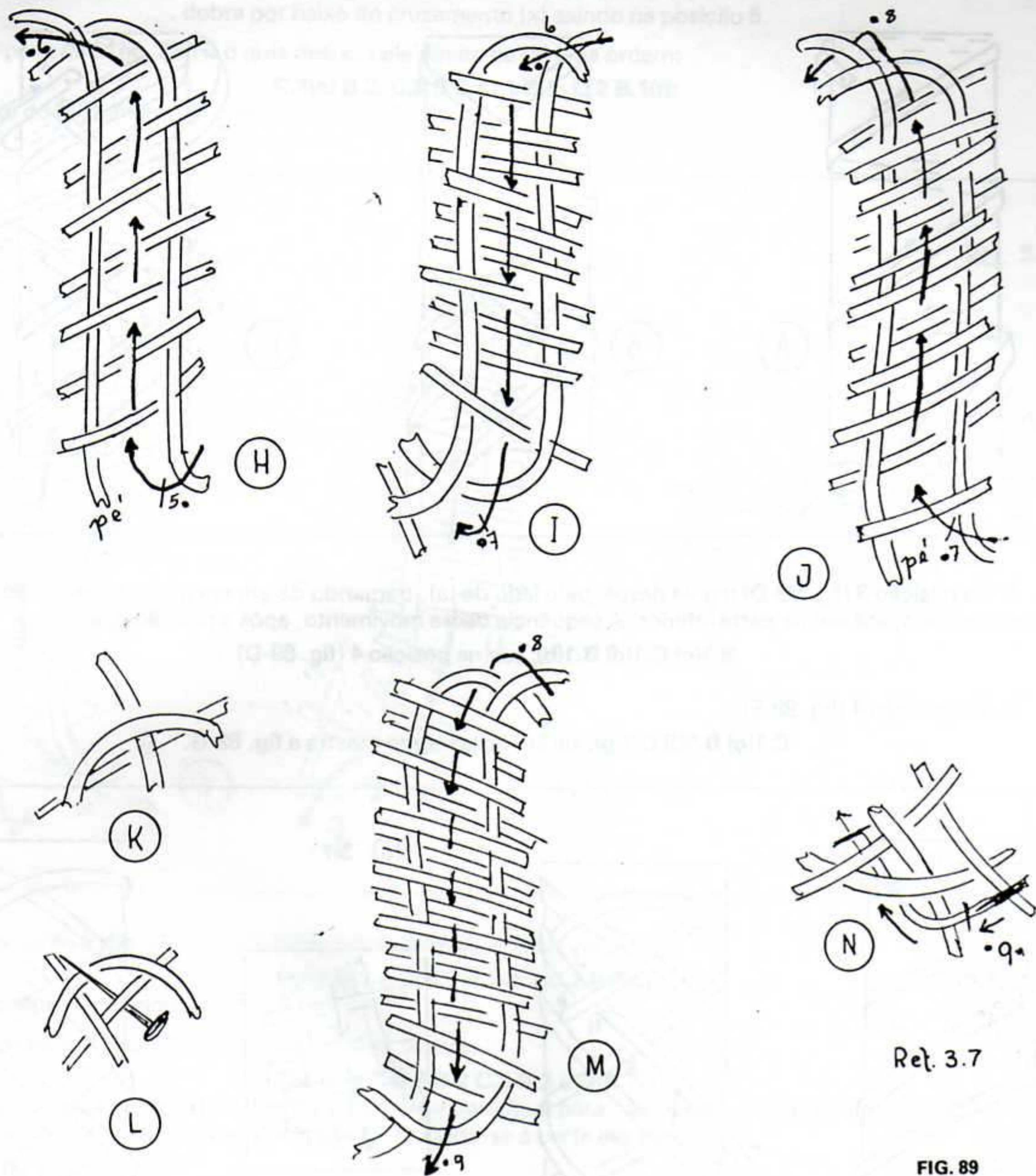
C.1(e) B.1(f) C.1(g); sai em baixo como mostra a fig. 89-G.



Fica assim concluída a armação simples.

A figura 89-F mostra detalhe do cruzamento do guia ao descer.

Modelo: figura 89.1-E. Da armação simples para a dupla, tríplice ou outra, segue-se o mesmo processo. As fig. 89-H a 89-M mostram as 4 etapas seguintes que conduzem à armação dupla. As fig. 89-K-L mostram detalhes da abertura de passagem entre os ramos. A fig. 89-N mostra uma maneira de "arrematar" o guia, após sua saída na posição 9 (fig. 89-M).



Ref. 3.7

FIG. 89

3.7.1. Corredor de 4 voltas

É obtido nos moldes do corredor de 3 voltas. A fig. 89.1-F mostra a armação simples de um corredor de 4 voltas. Nessa figura os ramos aparecem mais ou menos ajustados.



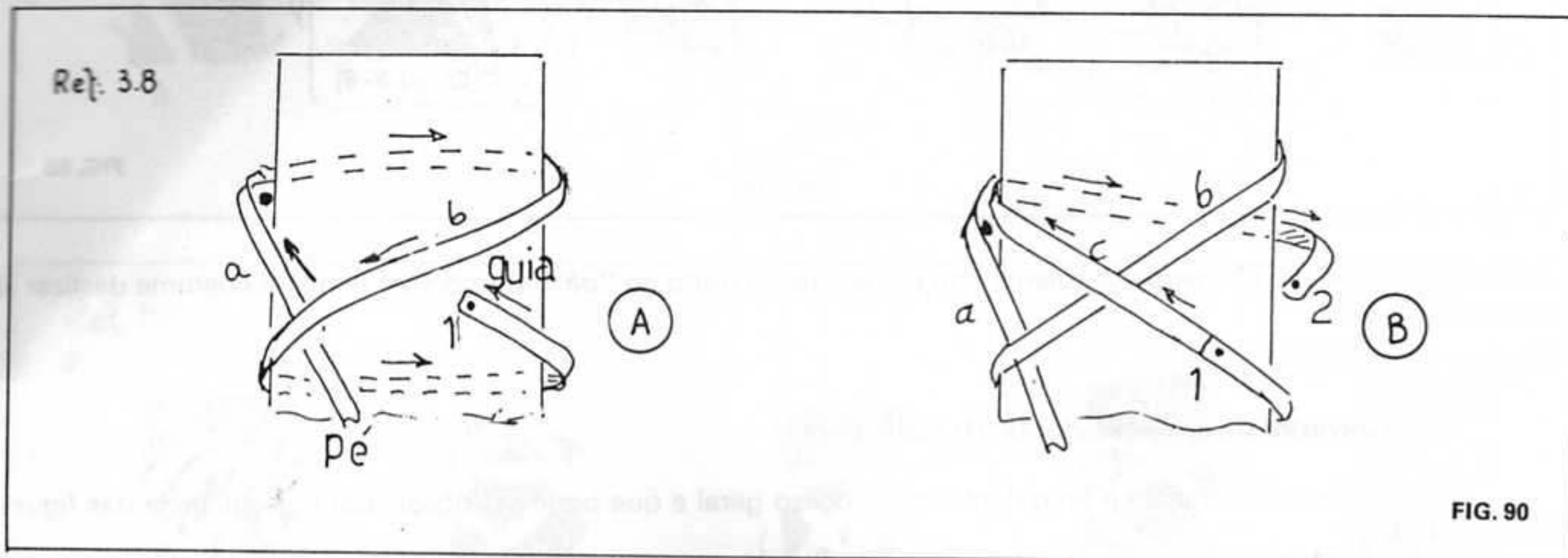
FIG. 89.1

3.8. Corredor para forrar botão — armação simples

É o tipo de corredor que melhor se adapta a objetos redondos (ou arredondados), podendo de igual forma ser confeccionado em objetos cilíndricos. A armação inicial deste tipo de corredor requer muita atenção de parte do principiante uma vez que os movimentos iniciais do guia são de certo modo irregulares, e em posições falsas.

Execução:

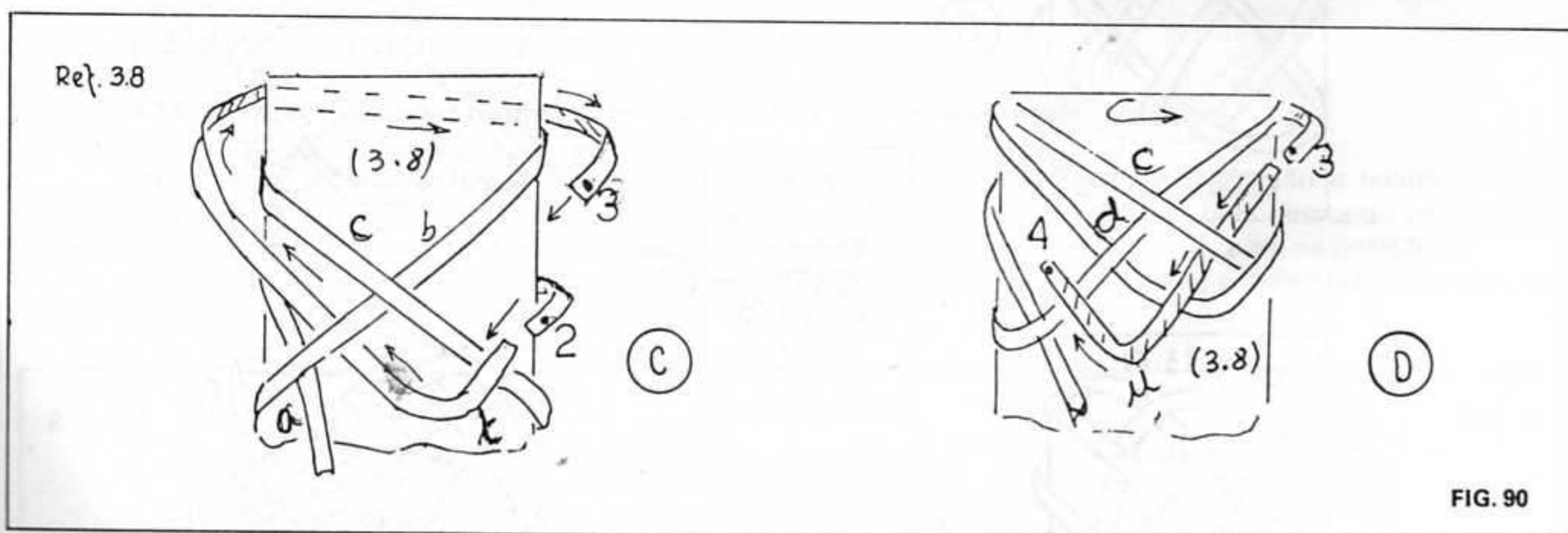
1. Fixar o "pé" (fig. 90-A). O guia sobe pela esquerda, ramo (a), faz a volta na parte superior (linha pontilhada) e vem para a frente (ramo b) cruzando por cima de (a). Faz novamente a volta por trás e vem sair na posição 1. É



necessário manter-se o tento nessa posição (ver fig. 90-A) fixando-o com fita adesiva (provisoriamente) ou pressionando-o com os dedos.

2. Da posição 1 (fig. 90-B) o guia sobe (ramo c) entra por baixo da curva de (a) (local assinalado com um ponto), faz a volta por trás (linha pontilhada) e sai na posição 2. Se a curva de (a) estiver fixa, afrouxá-la (se for o caso) para permitir a passagem do guia e depois fixá-la novamente.

3. Da posição 2 (fig. 90-C) o guia desce, faz uma curva ("cotovelo") (t); sobe entre (a) e (c) passando por baixo de (b) e fazendo a volta por trás (linha pontilhada) para sair na posição 3.

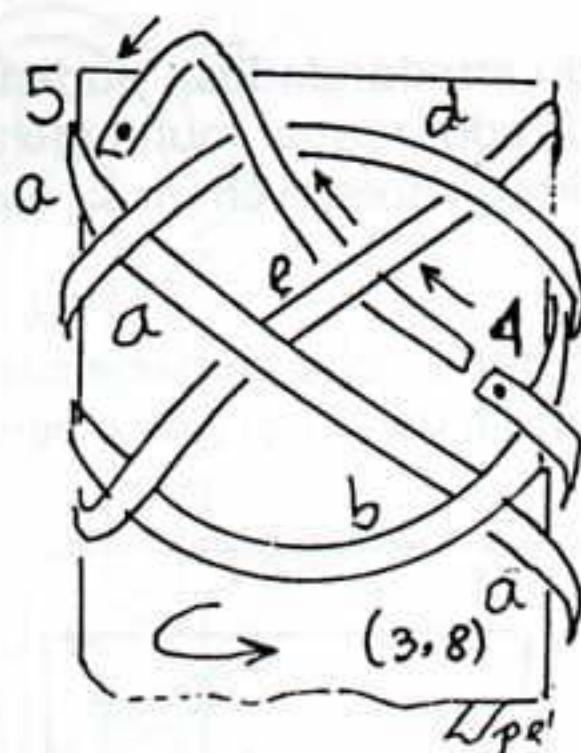


4. Da posição 3 (fig. 90-D) o guia desce cruzando por baixo de (c), por cima de (d); dobra em baixo formando outro cotovelo (u) e sai na posição 4, como mostra a fig. 90-D.

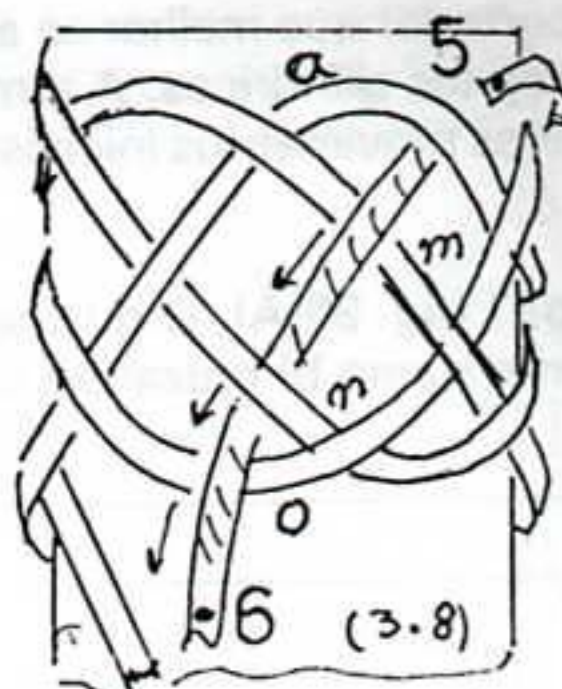
5. Da posição 4 (fig. 90-E) o guia sobe passando por baixo de (e) (que por vezes deve ser "pescado", pois costuma deslizar para o interior do corredor); passa por cima de (d) dobrando na posição 5.

6. Da posição 5 (fig. 90-F) o guia cruza por baixo de (a) (curva superior do "pé") e desce tramando de um em

Ref. 3.8



E



F

FIG. 90

um os ramos que lhe são perpendiculares, até sair em baixo junto ao "pé". O ramo (n) também costuma deslizar de sua posição inicial.

Modelo: figura 90.1-J.

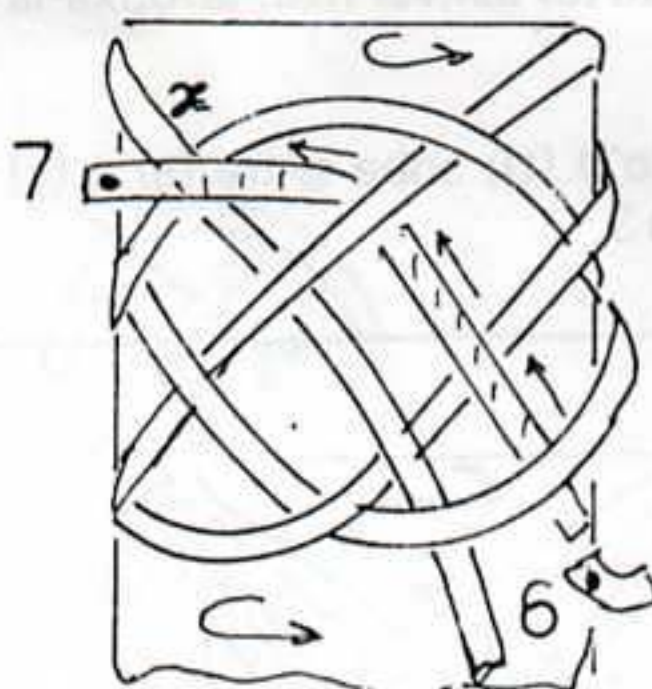
3.9. Corredor de armação dupla (de forrar botão)

O aumento de armação é feito dentro do proceso geral e que pode ser observado na seqüência das figuras 90-G, H, I, J, K.

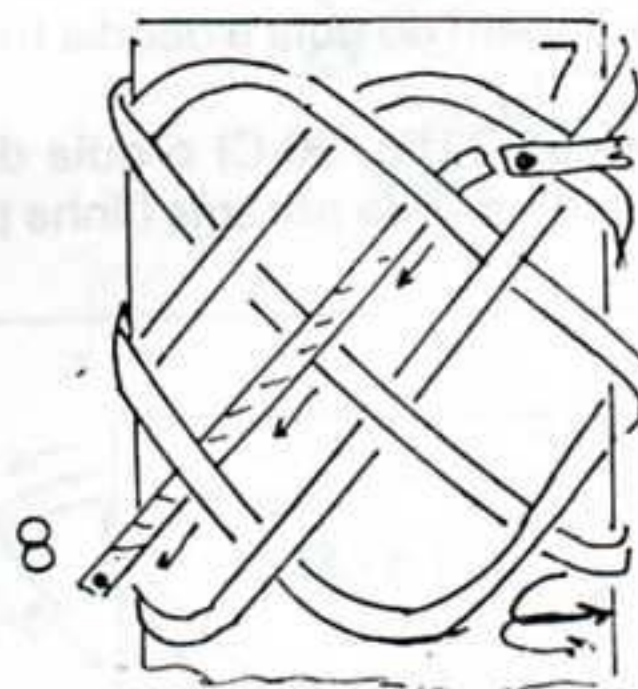
A figura 90-I mostra o caso de aglomeração de ramos. O ramo (o) deve ser levado para a posição da linha pontilhada. A fig. 90-K mostra a armação dupla terminada (não ajustada).

As figuras 90.1-A-B-...H, I — mostram a seqüência da confecção do corredor, em torno de um pequeno cilindro (com fios roliços). As figuras 90.1-J-K mostram as armações simples e dupla, respectivamente.

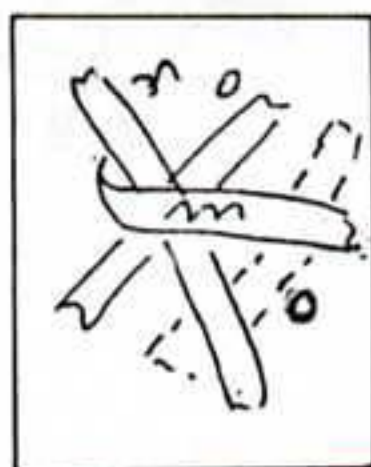
Ref. 3.8



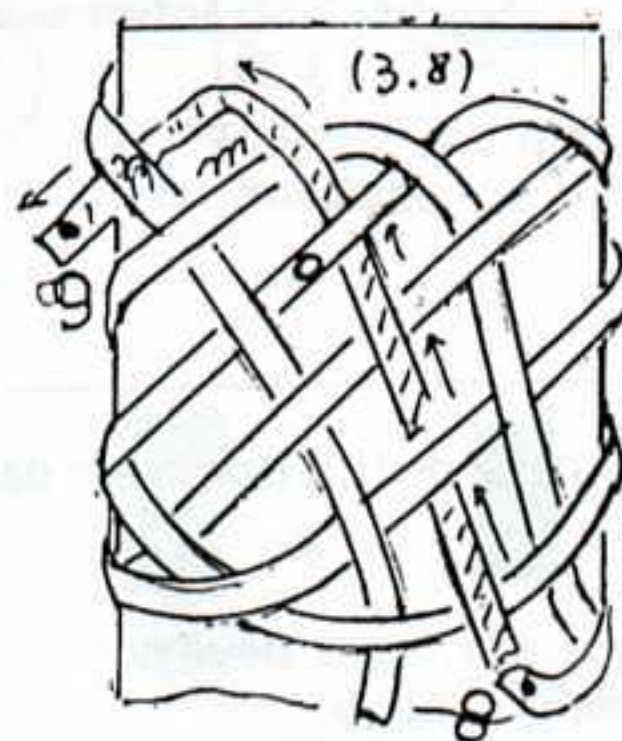
G



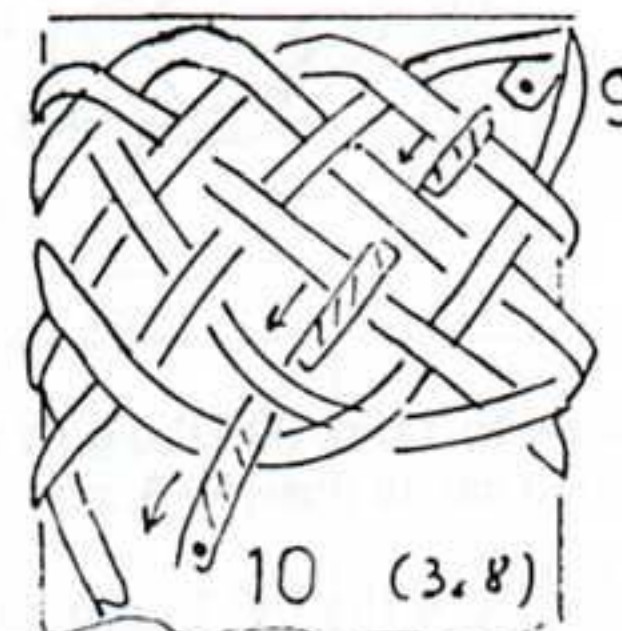
H



I

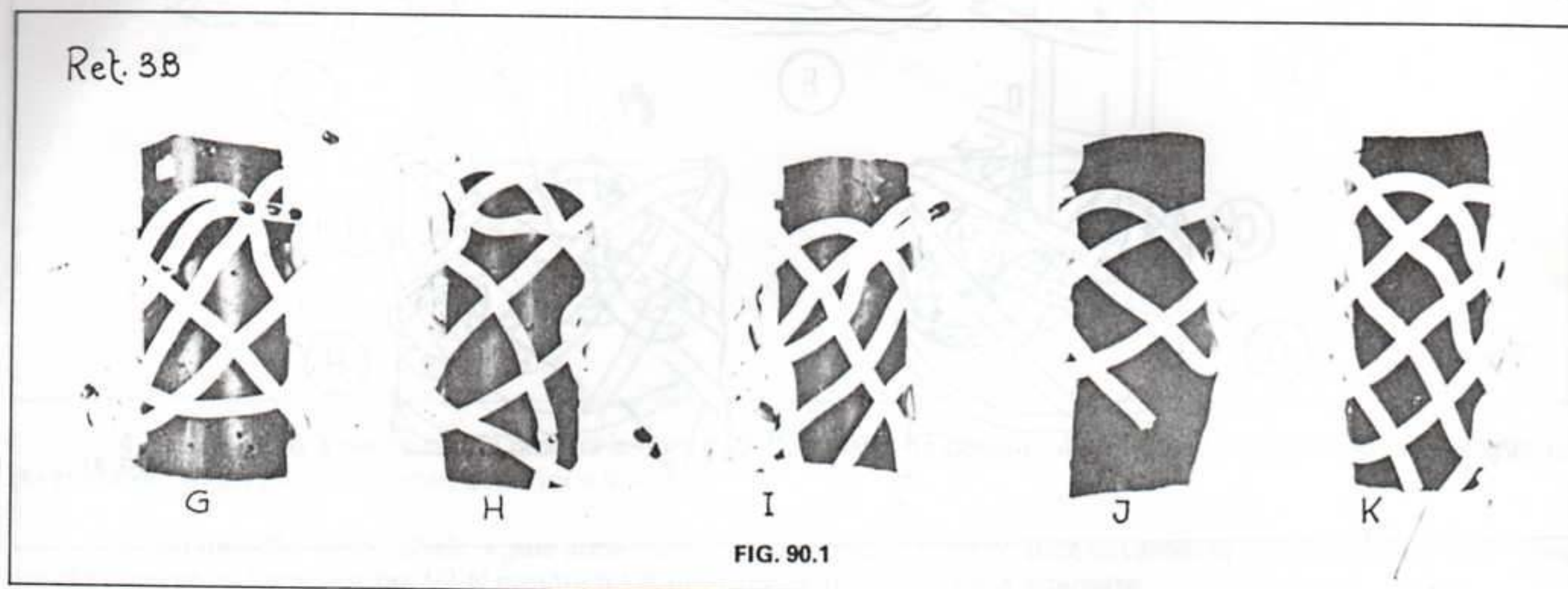
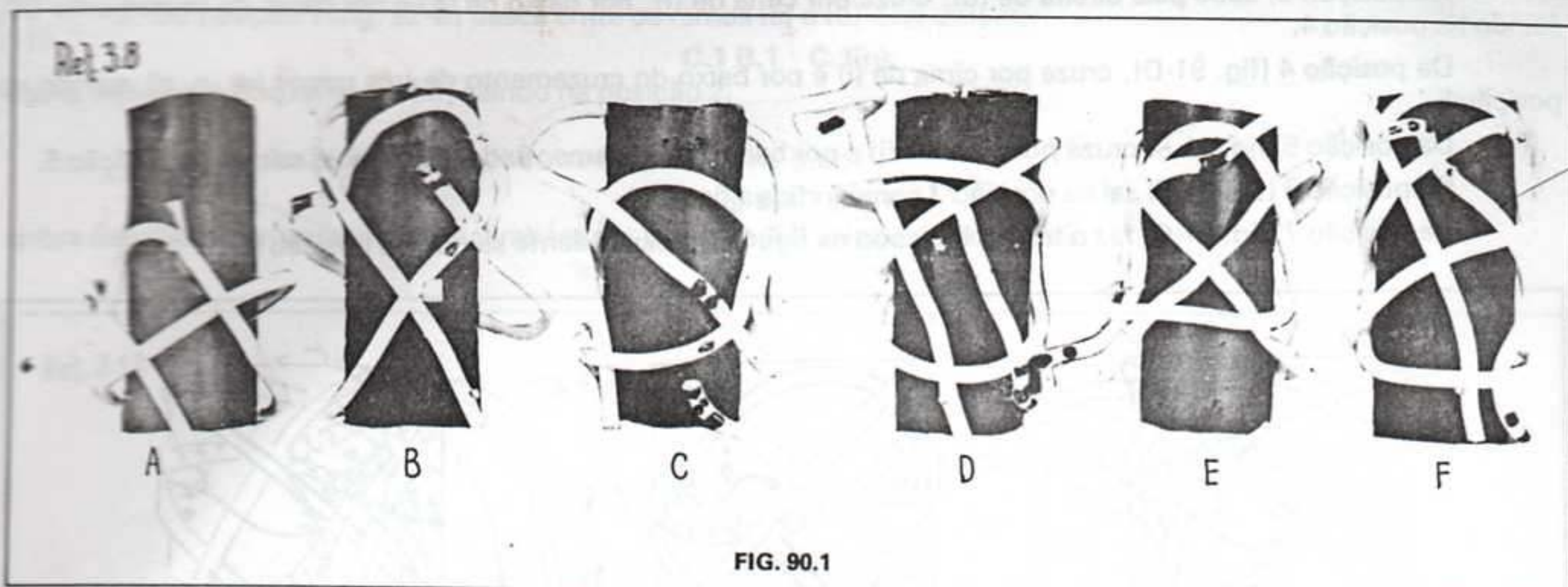


J



K

FIG. 90

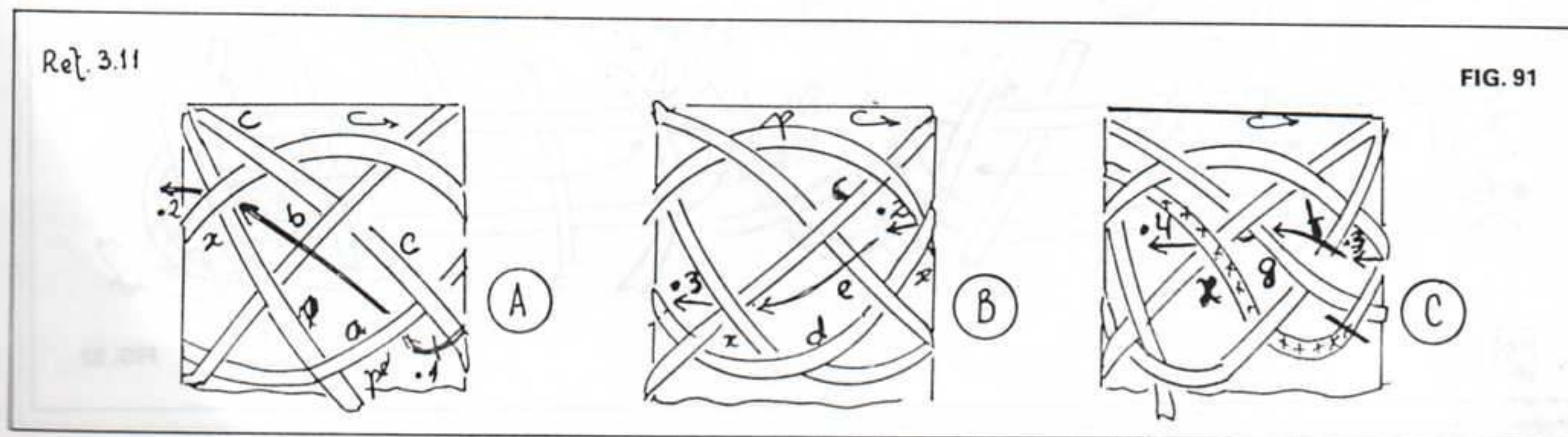


Proceder da mesma forma exposta no número 3.8.

3.11. Corredor de forrar botão — “tecido por dois” — armação simples

Para fins de aprendizagem é conveniente utilizar dois tipos de tentos, para armação e tecido. Partir da armação simples da fig. 90-F. Ao sair da armação simples — posição 1 — o guia sobe pela direita do pé, cruza por baixo de (a), por cima de (b) e dobra por baixo do cruzamento (x) como mostra a fig. 91-A, e sai na posição 2.

Da posição 2 (fig. 91-B), o guia desce pela esquerda de (c); cruza por cima de (e) e dobra por baixo do cruzamento (x) saindo na posição 3.



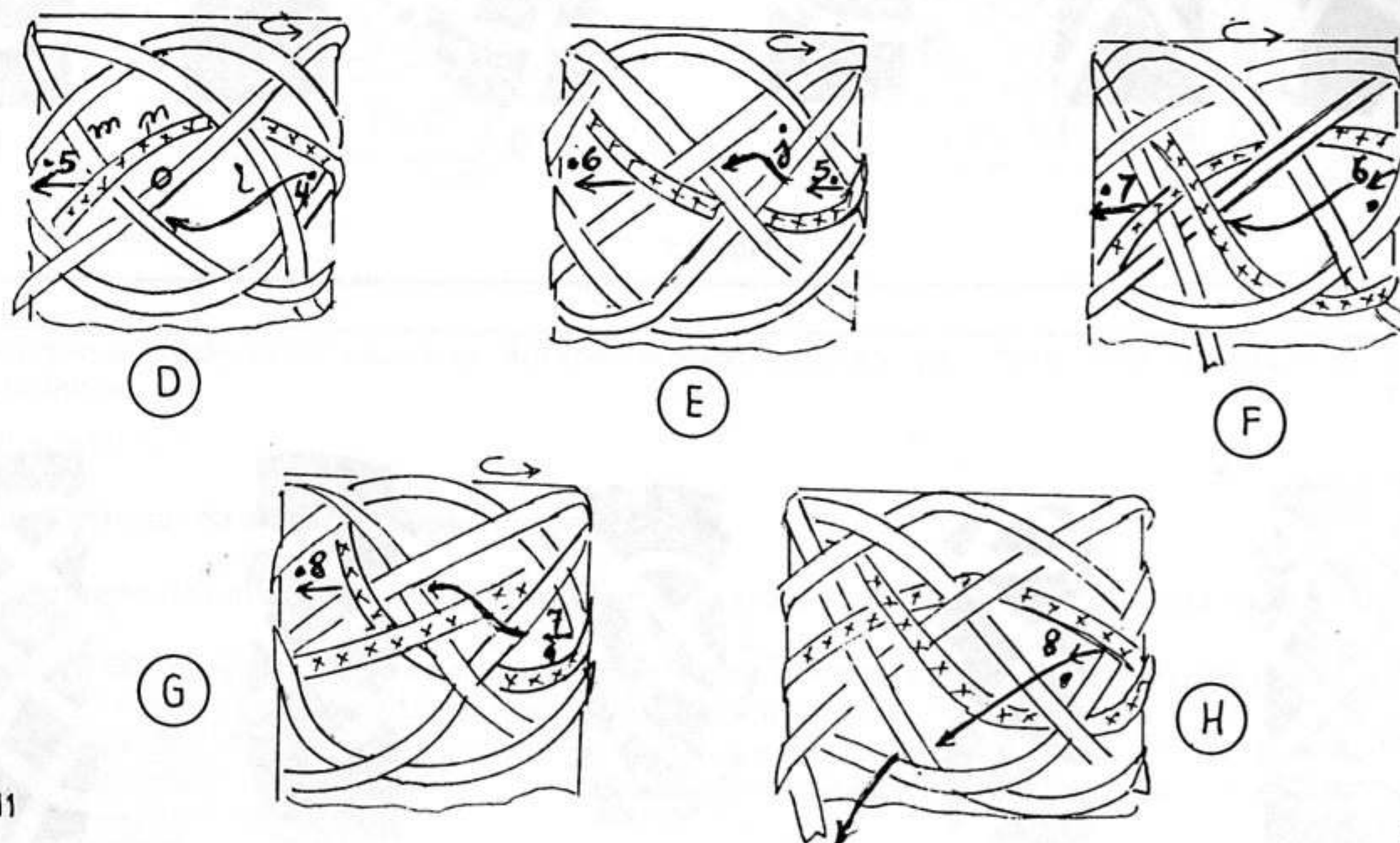
Da posição 3, sobe pela direita de (d); cruza por cima de (f), por baixo de (g) e por baixo do cruzamento (x), saindo na posição 4.

Da posição 4 (fig. 91-D), cruza por cima de (i) e por baixo do cruzamento de três ramos (m, n, o), saindo na posição 5.

Da posição 5 (fig. 91-E) cruza por cima de (j) e por baixo do cruzamento de três ramos, saindo na posição 6.

Da posição 6 (fig. 91-F) sai na posição 7 como indica a figura.

Da posição 7 (fig. 91-G) faz o trajeto indicado na figura correspondente saindo na posição 8.



Ref. 3.11

FIG. 91

A figura 94-H mostra a armação simples; a figura 94-B, a armação dupla e a figura 94-C mostra o corredor terminado (em que foram utilizados um tento branco e um tento escuro).

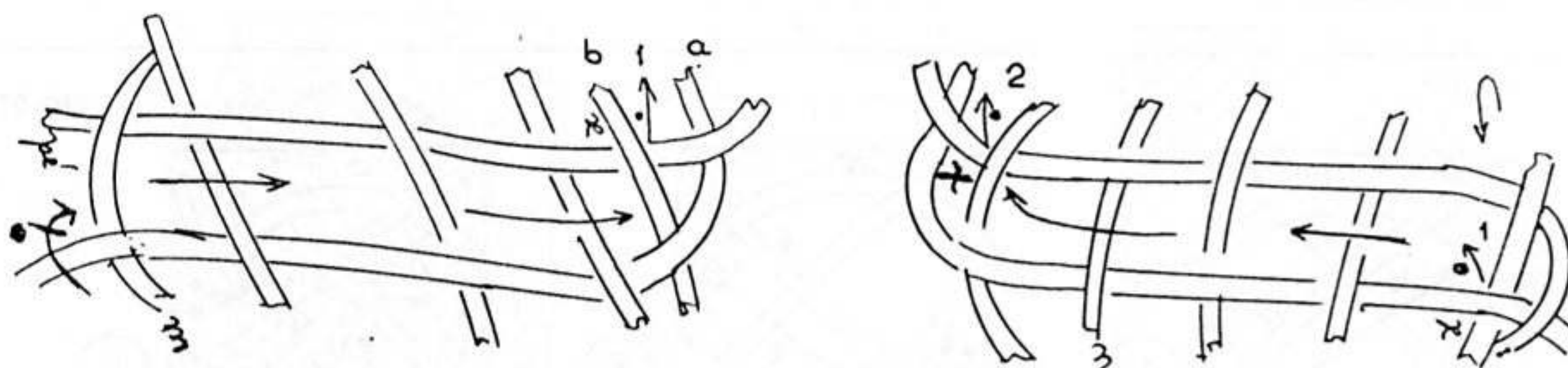
3.12. Corredor "tecido por dentro" — armação dupla

Efetuar a armação dupla do corredor de forrar botão. Após a armação dupla:

1. Da posição inicial (ponto) o guia sobe pela direita do pé (fig. 92-A) e na ordem:

B.1(m) C.1 B.1 C.1;

dobra debaixo do cruzamento (x) e sai na posição 1.

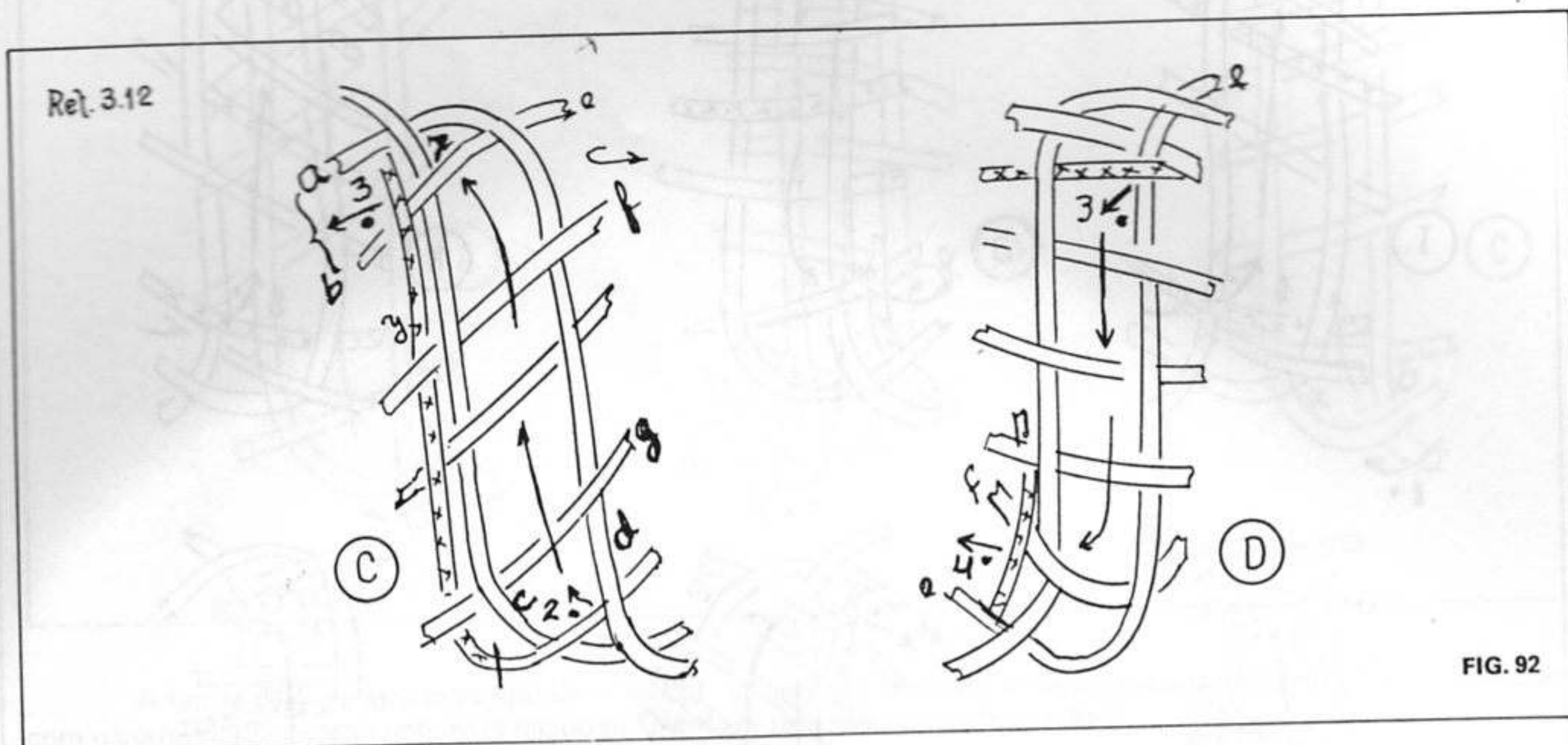


Ref. 3.12

FIG. 92

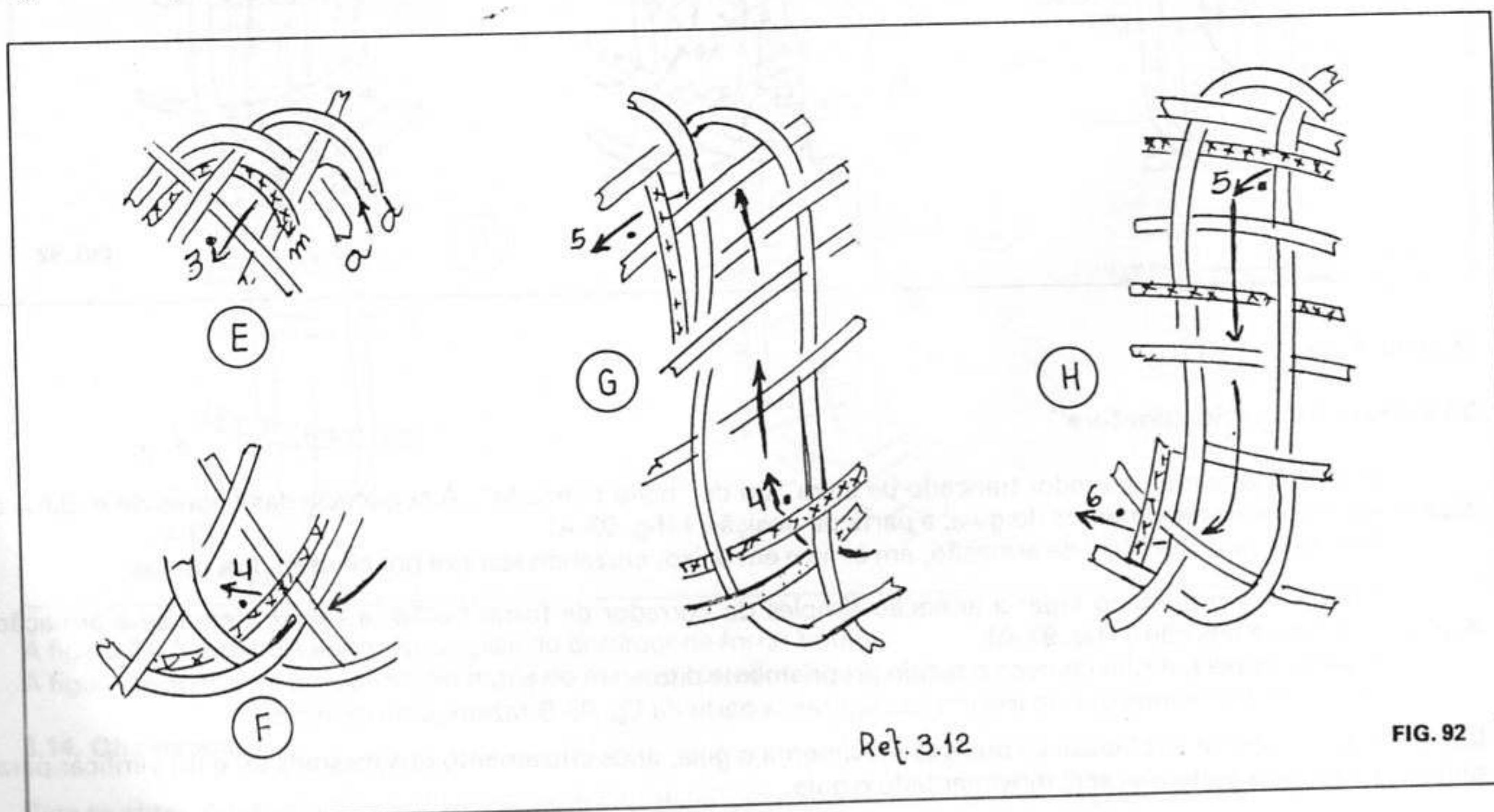
2. Da posição 1 (fig. 92-B) desce entre os ramos (a) e (b) e na ordem:
C.1 B.1 C.1(n);
 dobra debaixo do cruzamento (x), saindo na posição 2.

3. Da posição 2 (fig. 92-C) sobe entre (c) e (d) e na ordem:
C.1(g) B.1 C.1(f);
 dobra debaixo do cruzamento (x) e também por baixo de (y), saindo na posição 3.



4. Da posição 3 desce como mostra a figura 92-D, saindo na posição 4. As figuras 92-E-F mostram detalhes do cruzamento do guia nas partes superior e inferior.

5. Da posição 4 (fig. 92-G) o guia sobe saindo na posição 5. E assim sucessivamente, dentro da indicação das figuras correspondentes. A fig. 92-N mostra a 12ª etapa onde o guia sai para arremate.



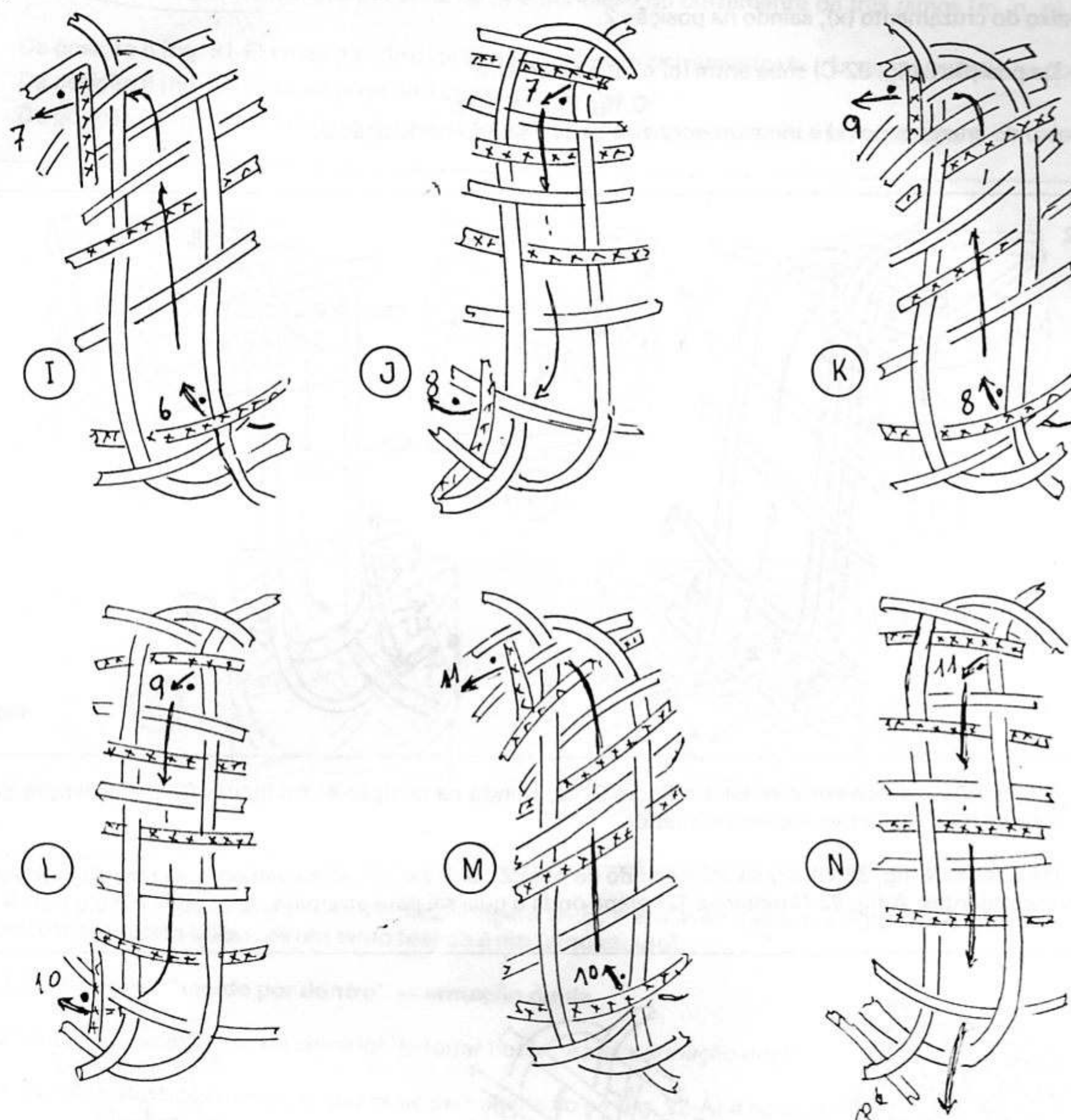


FIG. 92

Modelo: figura 94-F-G.

3.13. Corredor "tecido por fora"

Conhecido como "corredor trançado de beira" ou de "beira trançada". A seqüência das figuras de nº 93-A a 93-J mostra todos os movimentos do guia, a partir da posição 1 (fig. 93-A).

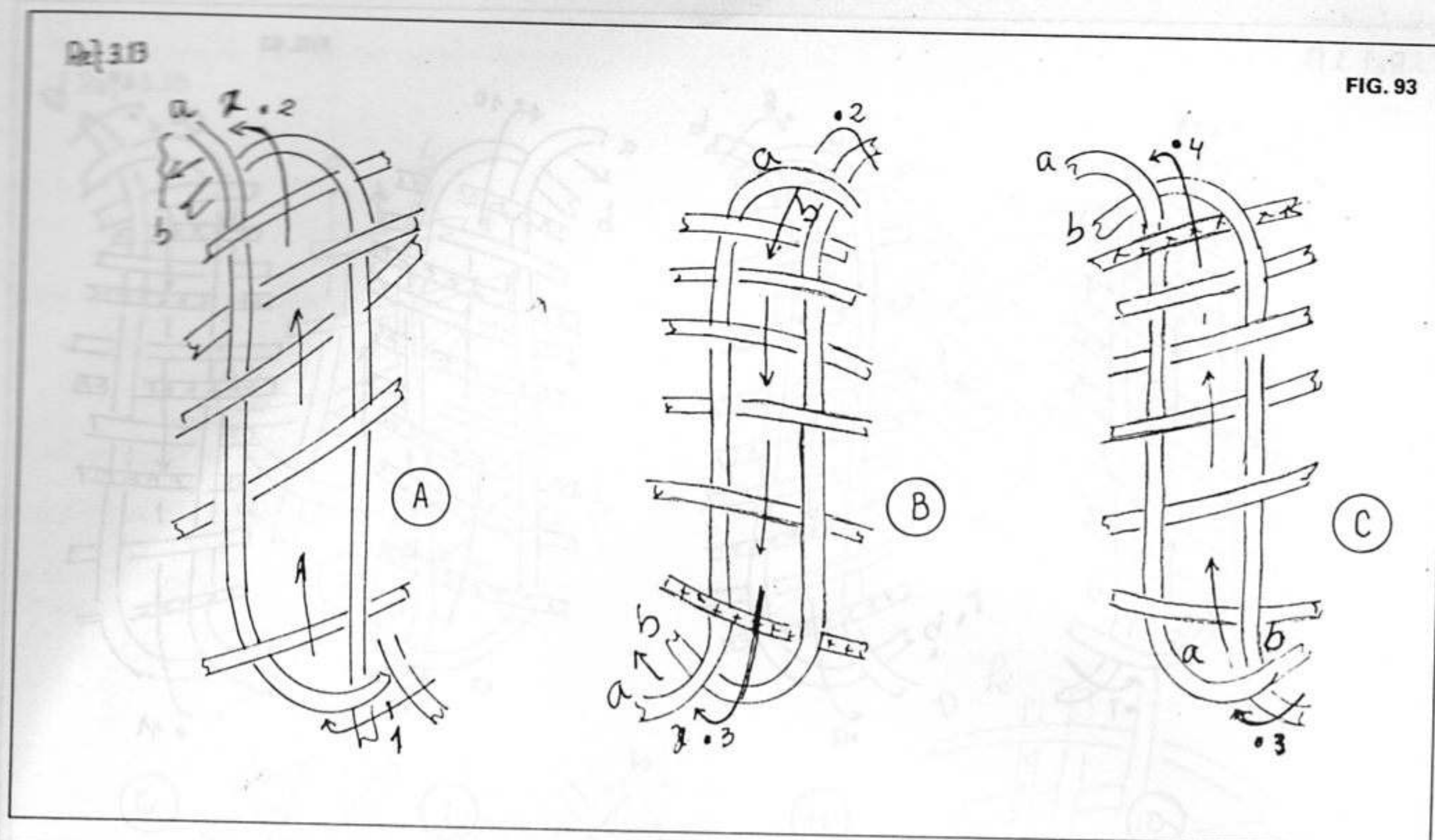
Observar que o guia sai da armação, em cima e em baixo, cruzando sempre por cima de dois ramos.

Efetua-se em primeiro lugar a armação simples do corredor de forrar botão; a seguir efetua-se a armação dupla cujo final é a posição 1 (fig. 93-A).

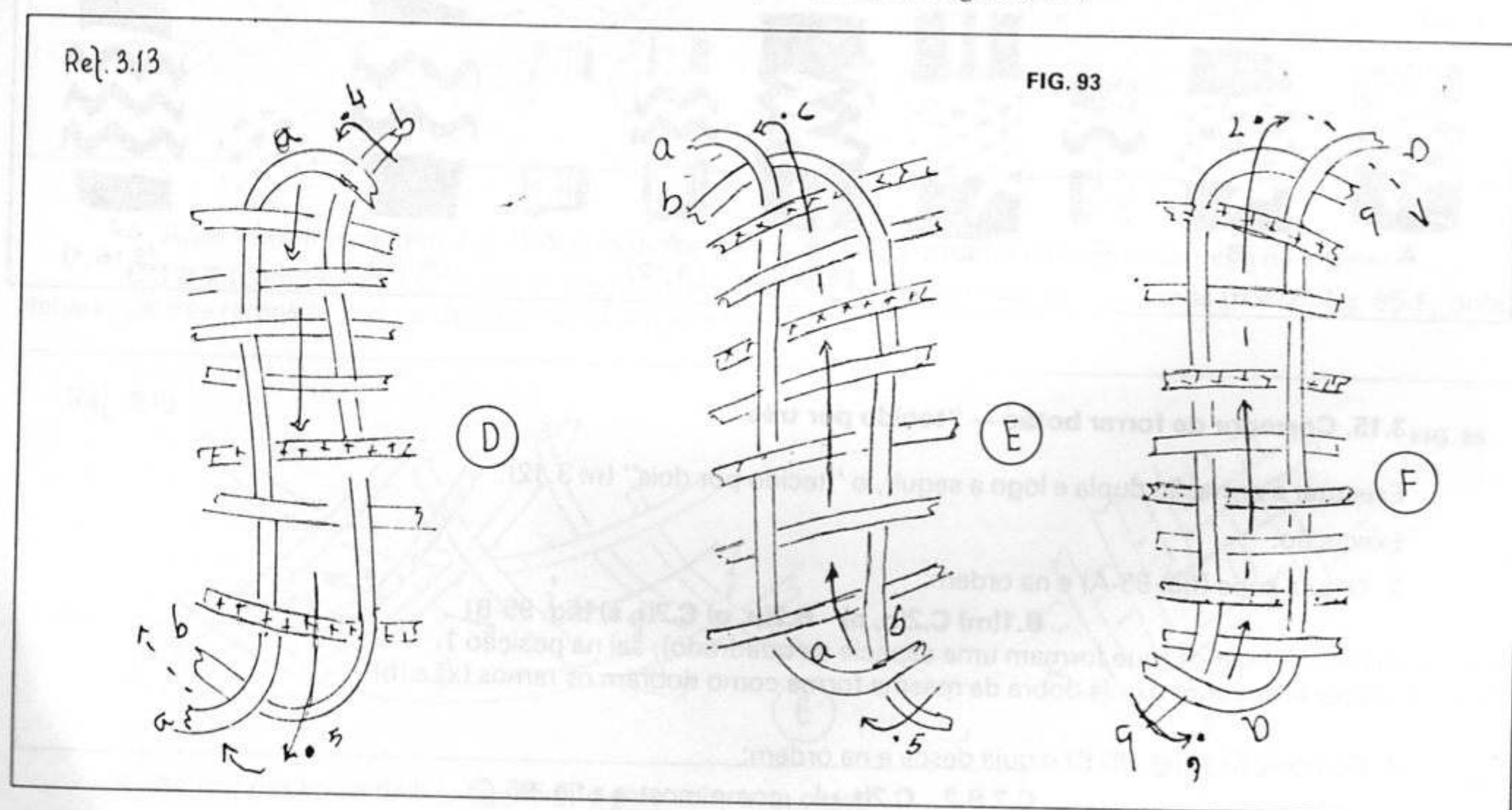
A partir dessa posição começa o tecido propriamente dito.

Os ramos tracejados que aparecem nas figuras, a partir da fig. 93-B fazem parte do tecido.

Identificar os ramos (a) e (b) entre os quais se movimentava o guia; após cruzamento dos mesmos (a) e (b) verificar para onde seguem, pois entre eles será movimentado o guia.



A figura 94-E mostra esse tipo de corredor. Observar a posição do tento escuro, em ziguezague e comparar com o corredor do mesmo tipo, mas tecido por dentro e que aparece na figura 94-F.



A figura 94-A mostra a armação simples do corredor de forrar botão.
A figura 94-B mostra uma armação dupla do mesmo corredor.

3.14. Observação:

Para se obter, por exemplo, um "tecido por três", deve-se primeiramente obter o "tecido por dois", etc.

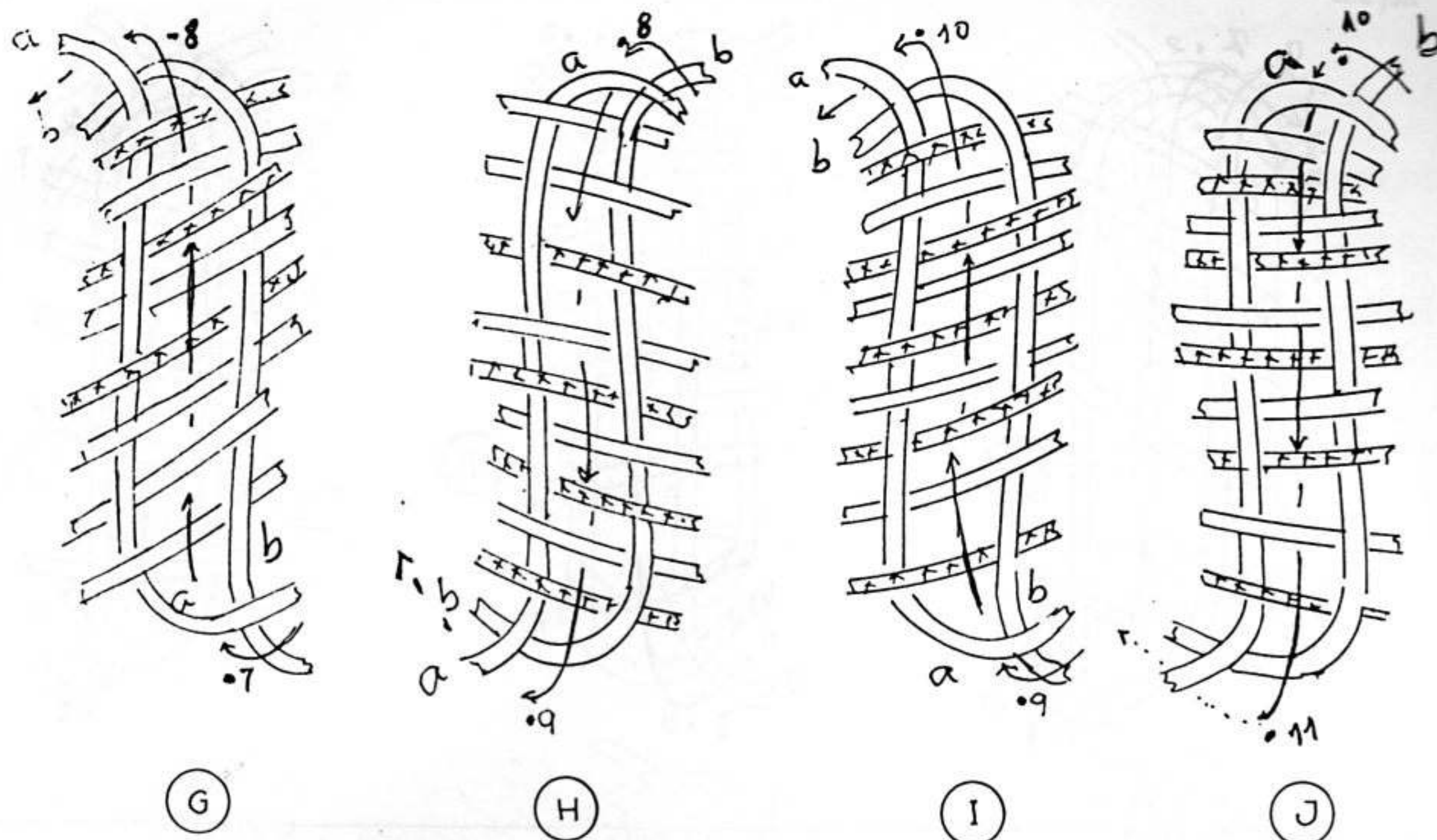
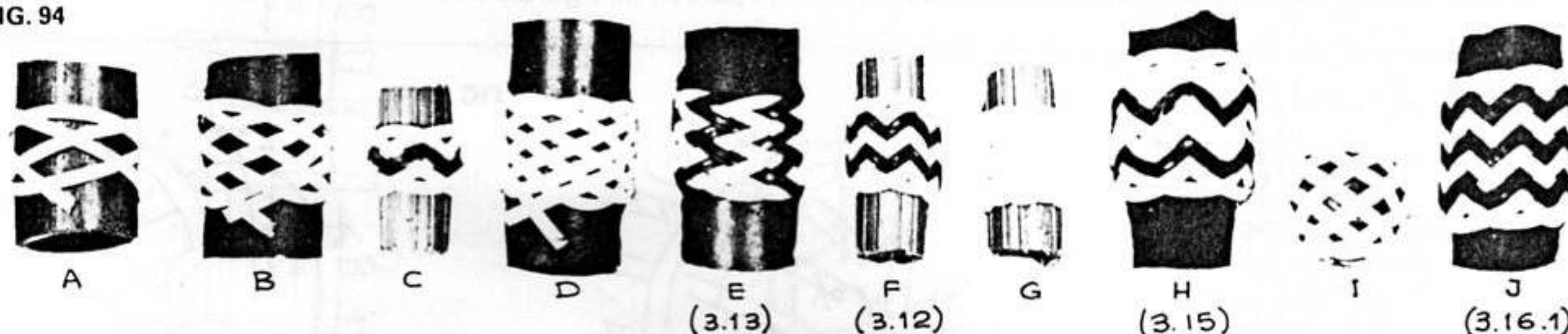


FIG. 94



3.15. Corredor de forrar botão — "tecido por três"

Executar a armação dupla e logo a seguir, o "tecido por dois" (nº 3.12).

Execução:

1. O guia sobe (fig. 95-A) e na ordem:

B.1(m) C.2(n, o) B.2(p, q) C.2(r, s) (fig. 95-B)

dobra debaixo de 4 ramos (que formam uma espécie de quadrado); sai na posição 1.

Detalhe: na parte superior o guia dobra da mesma forma como dobram os ramos (x) e (b).

2. Da posição 1 (fig. 95-B) o guia desce e na ordem:

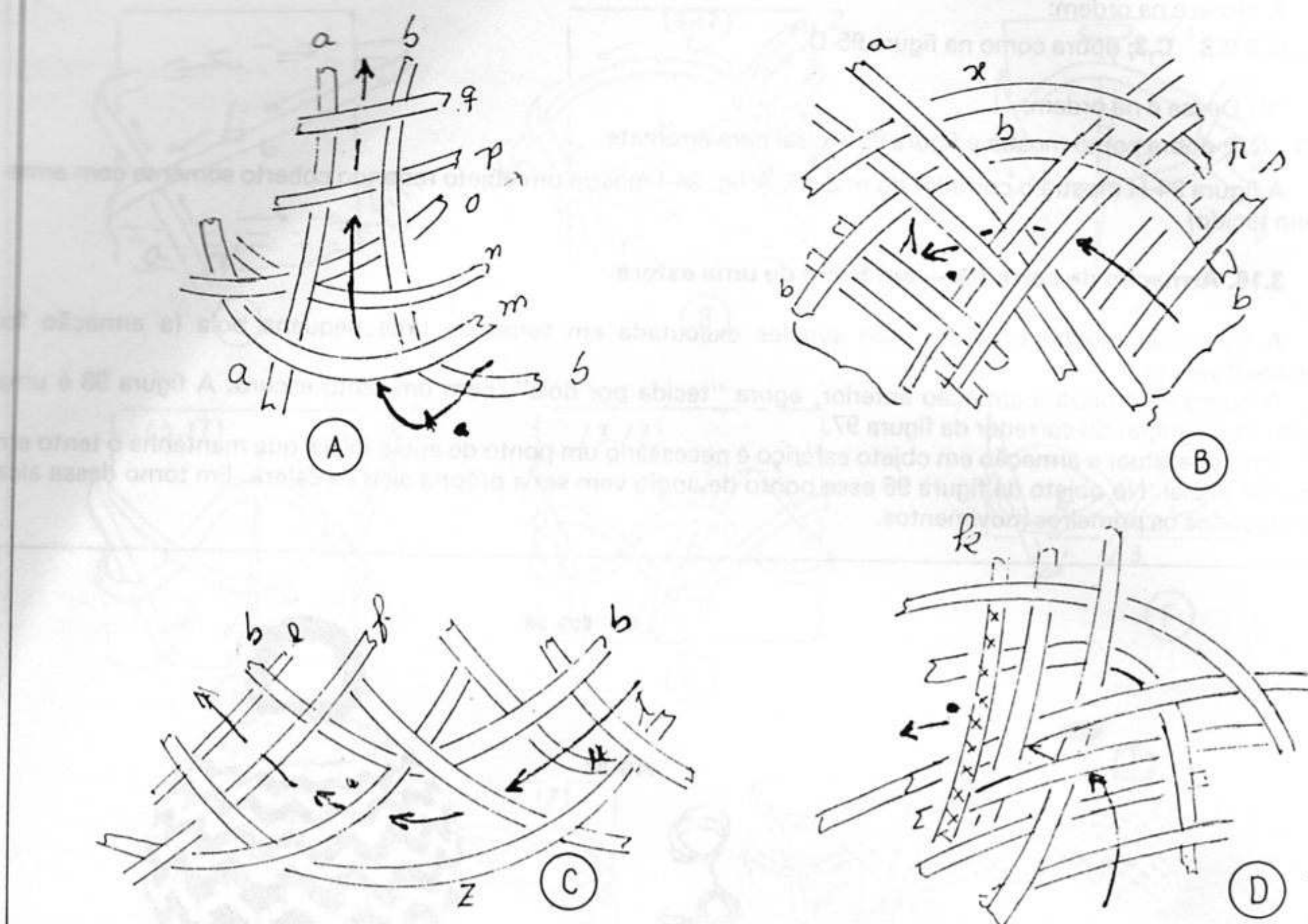
C.2 B.2 C.2(t, u) como mostra a fig. 95-C;

dobra circundando o ramo (b) e sai na posição assinalada com um ponto.

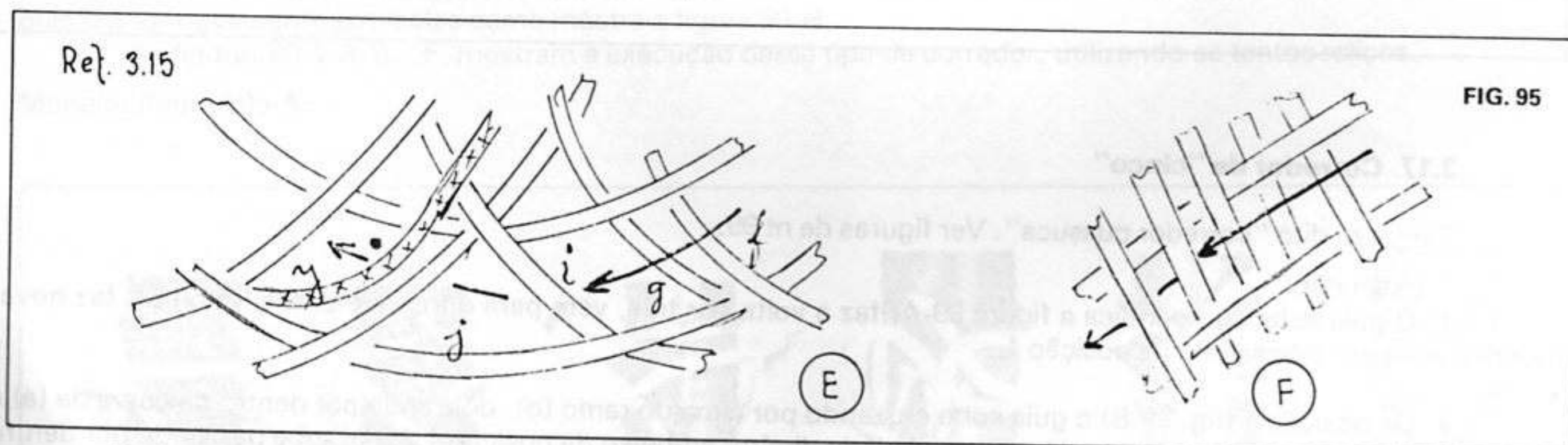
3. Da posição assinalada com um ponto (fig. C) o guia sobe e na ordem:

C.2(e, f) B.2 C.2 (como **r, s** da fig. 95-B);

dobra por baixo de cruzamento como indica a fig. 95-D. Observar que além do quadrado existe mais um ramo (escuro) em baixo do qual o guia também passa. Sai na posição assinalada com um ponto (fig. D).



4. Após dobrar (ponto na fig. D) o guia desce (como na etapa anterior correspondente) e na ordem: **C.3 B.2** (como mostra a fig. 95-E); segue descendo cruzando por cima de dois ramos (f) e (g) fig. 95-F; dobra debaixo de três ramos (i, j, y) conforme mostra a figura 95-F.



5. Ao sair por baixo de (y), fig. 95-F, o guia sobe e na ordem: **C.3 B.2 C.2**; dobra por baixo de 5 ramos como mostra a fig. 95-D e,
6. Desce: **C.3 B.3 C.2** dobrando como indica a fig. 95-F; a seguir:
7. Sobe, e na ordem: **C.3 B.3 C.2**; dobra por baixo de 5 ramos (como na fig. 95-D); sai do cruzamento,

8. Desce e na ordem:

C.3 B.3 C.3; dobra como na fig. 95-F. As saídas debaixo de cruzamento estão assinaladas com um ponto.

9. Sobe e na ordem:

C.3 B.3 C.3; dobra como na figura 95-D.

10. Desce e na ordem:

C.3 B.3 C.3; dobra como mostra a figura 95-F e sai para arremate.

A figura 94-H mostra o corredor do nº 3.15. A fig. 94-I mostra um objeto redondo coberto somente com armação (sem tecido).

3.16. Armação de corredor — em torno de uma esfera

A figura 96 mostra uma armação simples executada em torno de uma pequena bola (a armação foi aumentada 8 vezes).

A figura 97 mostra a armação anterior, agora "tecida por dois", com um tento escuro. A figura 98 é uma ampliação (fotografia) do corredor da figura 97.

Para se efetuar a armação em objeto esférico é necessário um ponto de apoio inicial que mantenha o tento em sua posição inicial. No objeto da figura 96 esse ponto de apoio vem ser a própria alça da esfera. Em torno dessa alça foram efetuados os primeiros movimentos.



FIG. 96



FIG. 97

FIG. 98



3.17. Corredor de "cinco"

Também dito "corredor pussuca". Ver figuras de nº 99.

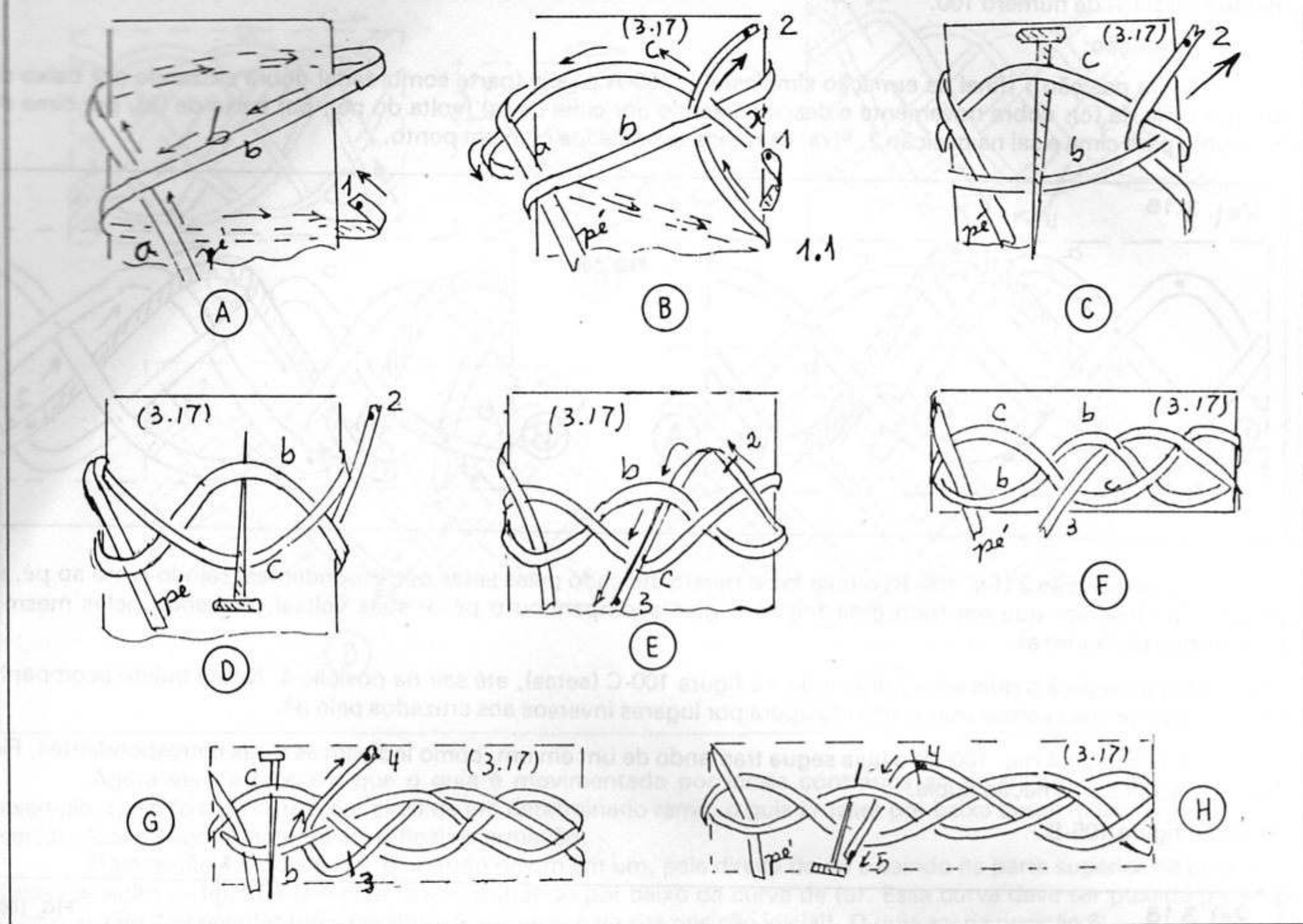
Execução:

1. O guia sobe como indica a figura 99-A; faz a volta por trás, vem para a frente e desce (ramo **b**); faz novamente a volta por trás saindo na posição 1.

2. Da posição 1 (fig. 99-B) o guia sobe cruzando por cima do ramo (b), dobrando por dentro da curva de (a) e efetuando a volta por trás (linha pontilhada) sai do lado direito, embaixo da posição 1.1; daí sobe passando por dentro do cruzamento de (b) com (c). Sai na posição 2. Nessa posição o guia deve ser puxado para a direita e para cima (fig. 99-B).

Como o cravador introduzido entre os ramos (c) e (b), como mostra a fig. 99-C, troca-se a posição desses ramos (movimenta-se o cravador para a posição indicada na fig. 99-D).

3. Da posição 2 (fig. 99-D) após a troca de posição dos ramos (c) e (b) o guia dobra para a esquerda e desce entre (b) e (c) como mostra a fig. 99-E. Sai junto ao pé. Está concluída a armação simples (fig. 99-F).



Pode-se efetuar esta armação em torno de um objeto arredondado como por exemplo, uma garrafa. Para tal, repetem-se as operações indicadas nas figuras 99-D e 99-E, tantas vezes quantas necessárias (até o conjunto ficar compacto). Introduz-se novamente o cravador entre (c) e (b) - fig. 99-G; troca-se a posição desses ramos e faz-se o guia passar novamente entre eles como mostra a figura 99-H.

As figuras 99.1-A-B...F. mostram a execução desse tipo de corredor, utilizando-se tentos roliços.

Modelo: figura 105-A.

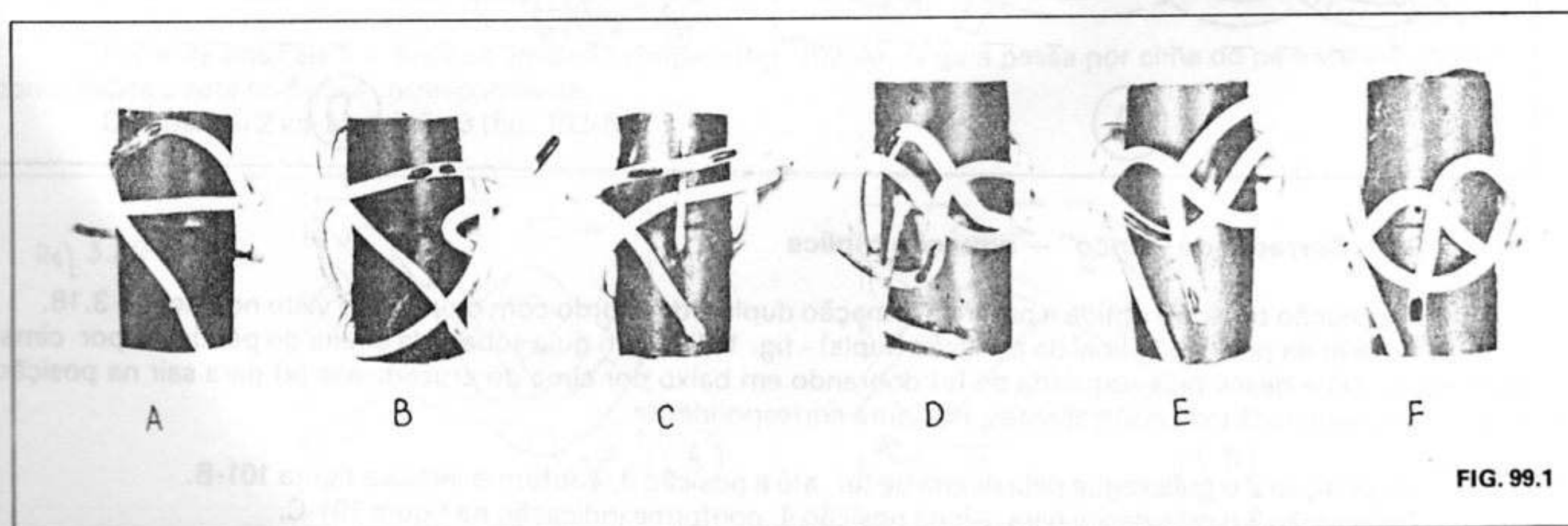


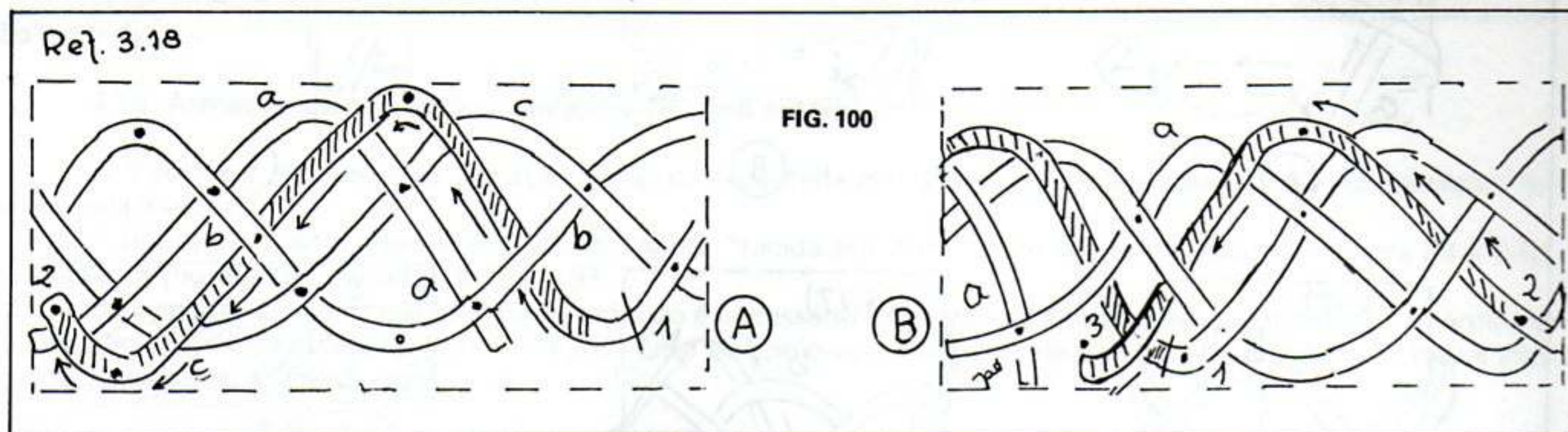
FIG. 99.1

3.18. Corredor de "cinco" — armação dupla

Para efeito de aprendizagem utilizar tentos de tonalidades diferentes para a armação e tecido. Analisar previamente as figuras de número 100.

Execução:

1. Da posição 1 (final da armação simples) fig. 100-A o guia (parte sombreada) dobra cruzando por baixo de (b), por cima de (c); dobra novamente e desce cruzando por cima de (a) (volta do pé); por baixo de (b), por cima de (c); dobra para cima e sai na posição 2. Fixar os ramos assinalados com um ponto.

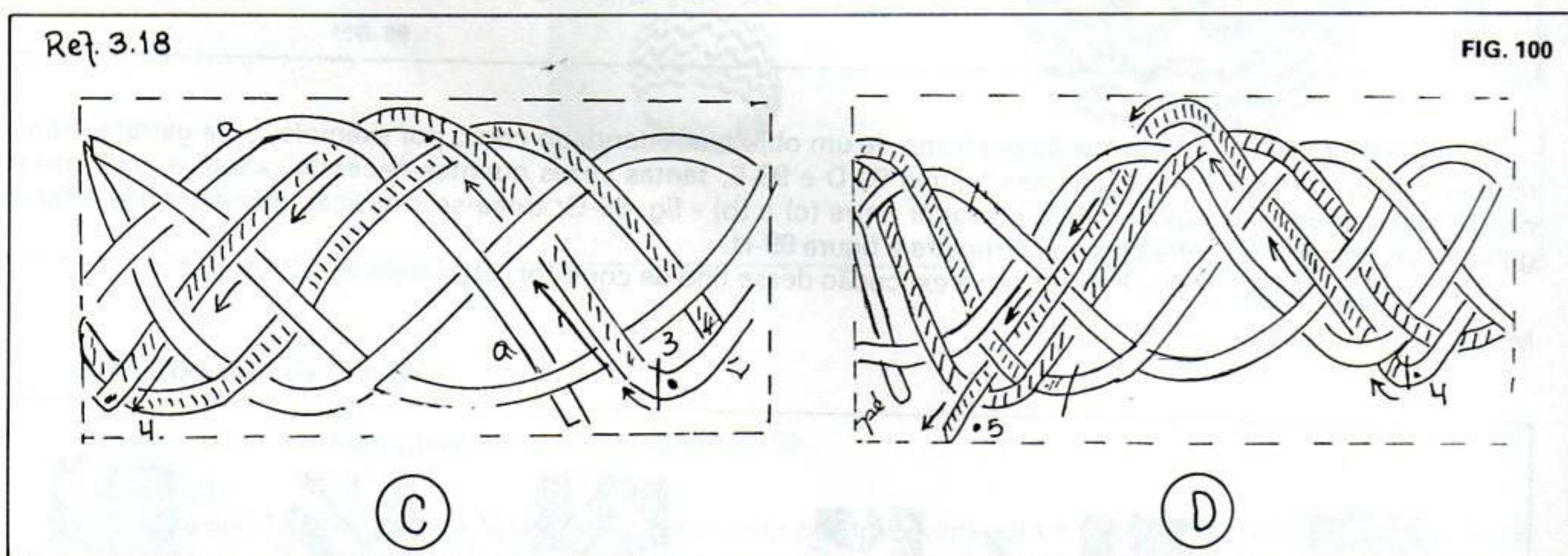


2. Da posição 2 (fig. 100-B) o guia faz o trajeto indicado pelas setas correspondentes, saindo junto ao pé, na posição 3. Observar que em todo esse trajeto o guia acompanhou o pé (e suas voltas), cruzando pelos mesmos lugares que ele (ramo a).

Da posição 3 o guia sobe como indica a figura 100-C (setas), até sair na posição 4. Nesse trajeto acompanha de novo o pé (e suas voltas) mas cruzando agora por lugares inversos aos cruzados pelo pé.

Da posição 4 (fig. 100-D) o guia segue tramando de um em um, como indicam as setas correspondentes. Fica assim concluída a armação dupla.

Modelo: figura 105-B.



3.19. Corredor de "cinco" — armação tríplice

A armação tríplice é obtida a partir da armação dupla e de acordo com o processo visto no número 3.18.

A partir da posição 1 (final da armação dupla) - fig. 101-A — o guia sobe pela direita do pé; dobra por cima do cruzamento (x) e desce pela esquerda de (a) dobrando em baixo por cima do cruzamento (x) para sair na posição 2. Todo esse trajeto está indicado por setas, na figura correspondente.

Da posição 2 o guia segue pela direita de (a), até a posição 3, conforme indica a figura 101-B.

Da posição 3 o guia desce para sair na posição 4, conforme indicação na figura 101-C.

Ref. 3.19

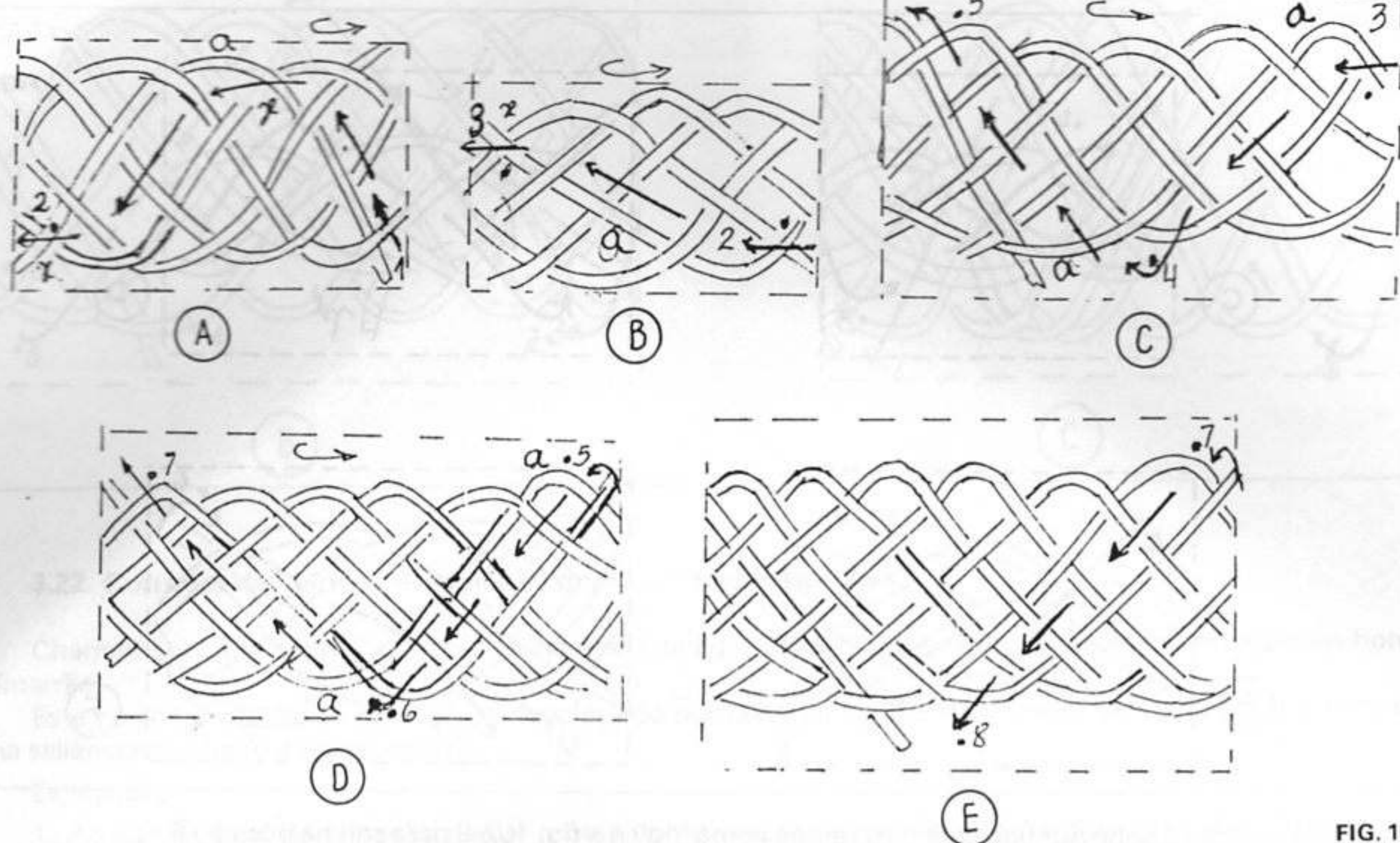


FIG. 101

Agora vem a fase em que o guia é movimentado por locais contrários ao do trajeto do pé ou seja, por exemplo, quando o pé cruzar por cima de um determinado ramo, o guia cruzará por baixo desse mesmo ramo (e vice-versa). Assim sucessivamente até o final da armação.

Da posição 4 o guia sobe, tramando de um em um, pela direita do pé e saindo na parte superior na posição 5. Dessa posição — fig. 101-D o guia desce, entrando por baixo da curva de (a). Essa curva deve ser puxada para fora com o auxílio do cravador (pois geralmente escorrega de sua posição inicial). O guia sai na posição 6.

Da posição 6 (fig. 101-D) o guia sobe pela direita de (a), saindo na posição 7. Da posição 7 desce, tramando de um em um até sair na posição 8, junto ao pé. Fica concluída assim a armação tripla (fig. 101-E).

Procedendo-se de igual forma obtêm-se armações maiores.

Quando do aumento de uma armação, se tornar difícil a passagem do guia entre os ramos da mesma, deve-se afrouxar todo o conjunto. Para isso faz-se o guia retroceder, de trecho em trecho (usar o cravador), como se fôssemos retirá-lo do conjunto.

Modelo: figura 105-C.

3.20. Corredor de "cinco" — armação simples — "tecido por dois"

Partir da posição 1 — final da armação simples (fig. 102-A). O guia passa por cima do pé e vai até a posição 2 como indica a seta na figura correspondente.

Da posição 2 vai à posição 3 (fig. 102-B).

Ref. 3.20

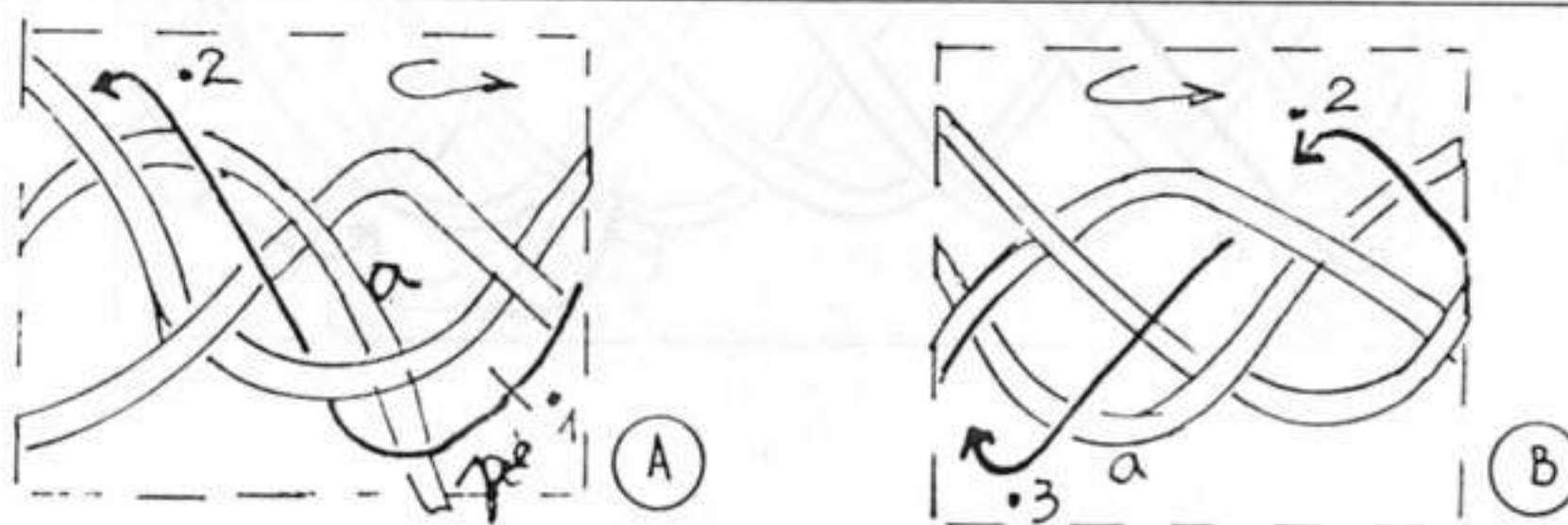
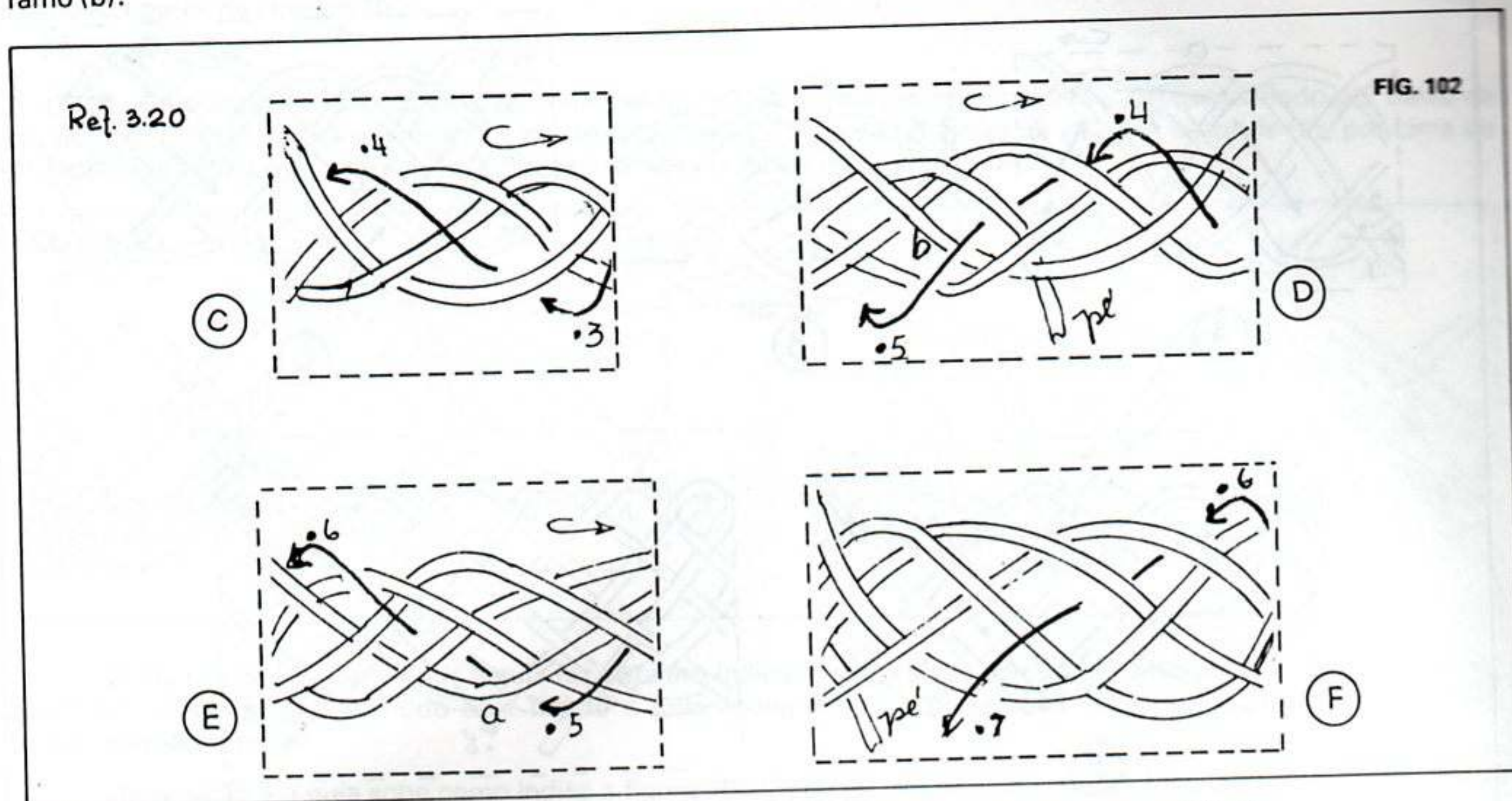


FIG. 102

Da posição 3 vai até a posição 4 como indica a fig. 102-C.
Da posição 4 desce até a posição 5, conforme indicação da fig. 102-D. Nesse trajeto separa em baixo, o pé do ramo (b).



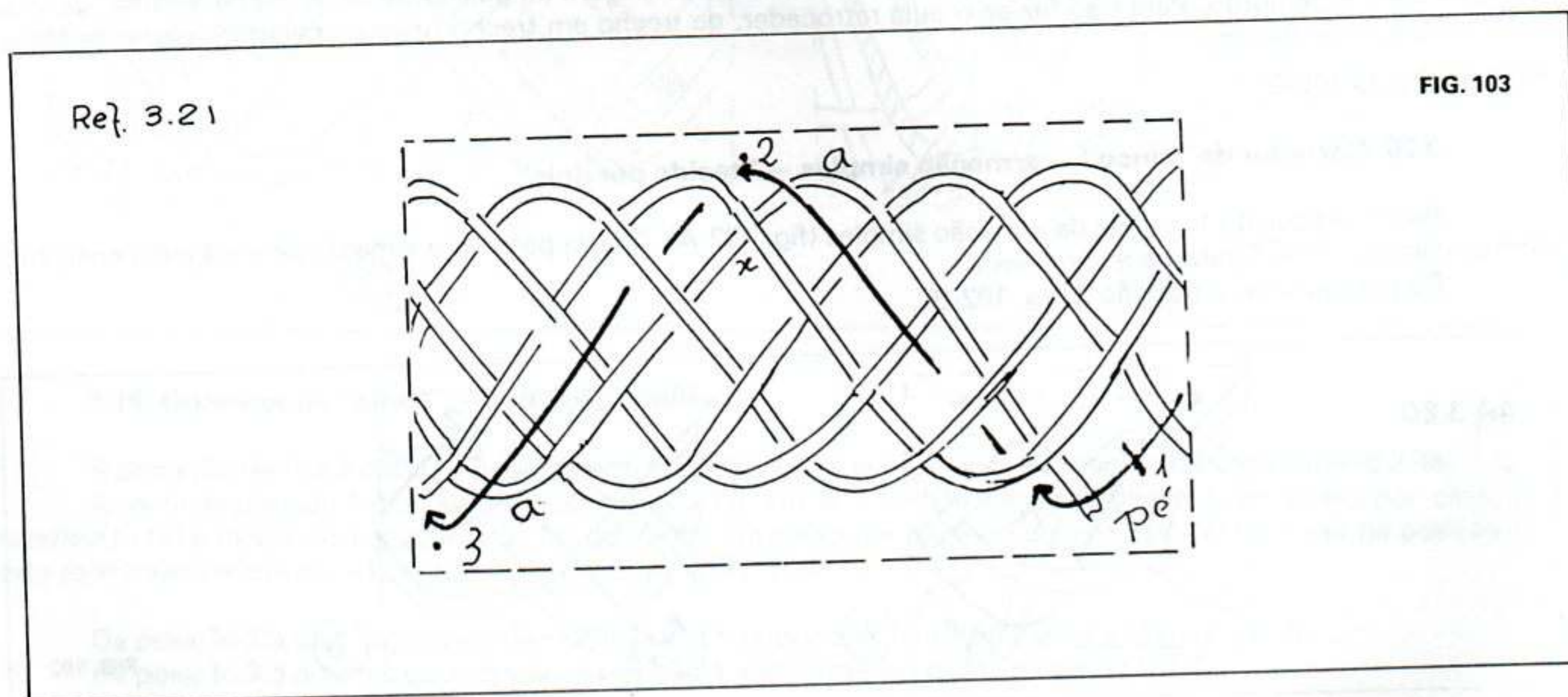
Da posição 5 sobe por baixo de dois ramos como indica a fig. 102-E para sair na posição 6.
Da posição 6 desce, tramando de dois em dois até sair na posição 7 como indica a figura 102-F. Fica assim concluído o "tecido por dois". Ajustar.

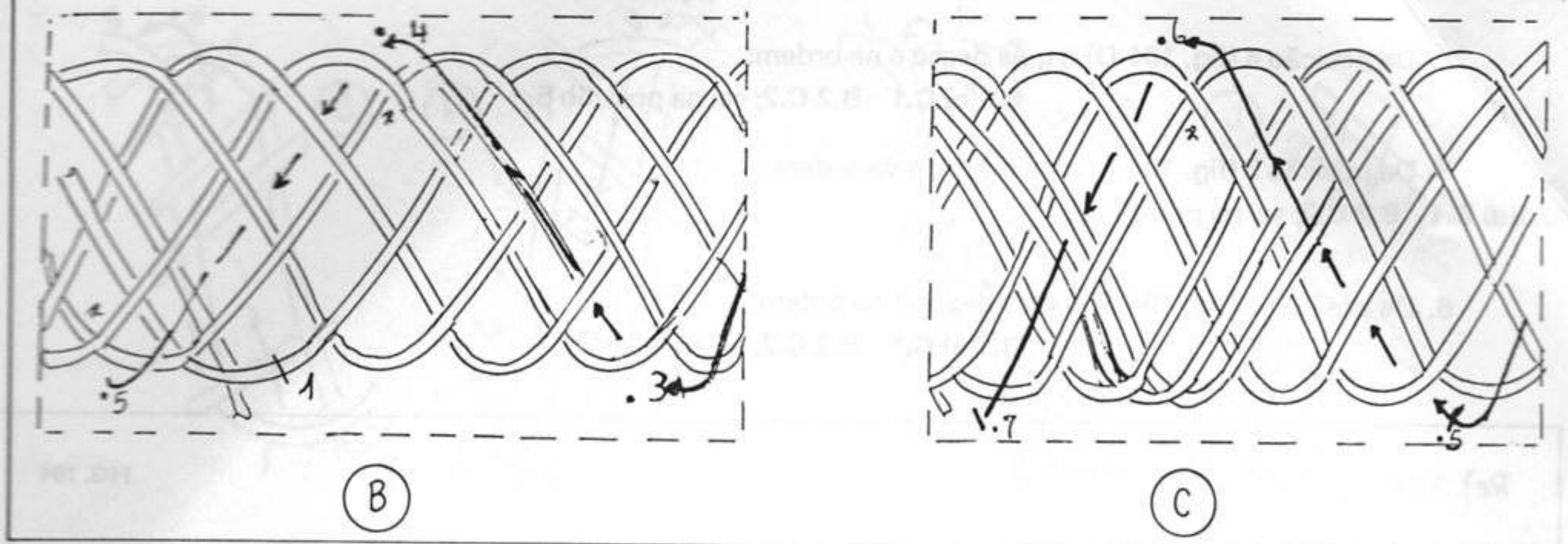
Modelo: figura 105-D.

3.21. Corredor de "cinco" — armação simples — tecido por três

Partindo do corredor "tecido por dois" o guia após a posição 1 (fig. 103-A) passa por cima do pé e sobe até a posição 2 como indicam as setas correspondentes. Em seis etapas efetua-se este tipo de corredor. Basta seguir o trajeto indicado na seqüência das figuras 103-A-B-C.

Modelo: fig. 105-E.





3.22. Corredor de "cinco" — armação dupla — "tecido por dois"

Chamado, por alguns, de "bomba". Assemelha-se àqueles anéis salientes que aparecem em algumas bombas de chimarrão.

Este corredor, de modo geral, é confeccionado por cima de um outro corredor de "cinco" ou por cima de alguma saliência no objeto a ser recoberto.

Execução:

1. Ao sair no final da armação dupla, o guia dobra cruzando por cima do pé, posição 1 (fig. 104-A). Dessa posição o guia sobe como indicam as setas, até sair na posição 2. Sequência dos movimentos, a partir da posição 1 (traço):

B.1(a) C.1(c) B.1(d) C.2(e, b); sai na posição 2.

Observação:

Os ramos em traços claros correspondem à armação e os em traços sombreados, ao tecido.

2. Da posição 2 (fig. 104-B) o guia desce e na ordem:

B.1 C.1 B.1 C.2; sai na posição 3.



3. Da posição 3 (fig. 104-C) o guia sobe e na ordem:

B.1(b) C.1 B.1 C.2; sai na posição 4.

4. Da posição 4 (fig. 104-D) o guia desce e na ordem:

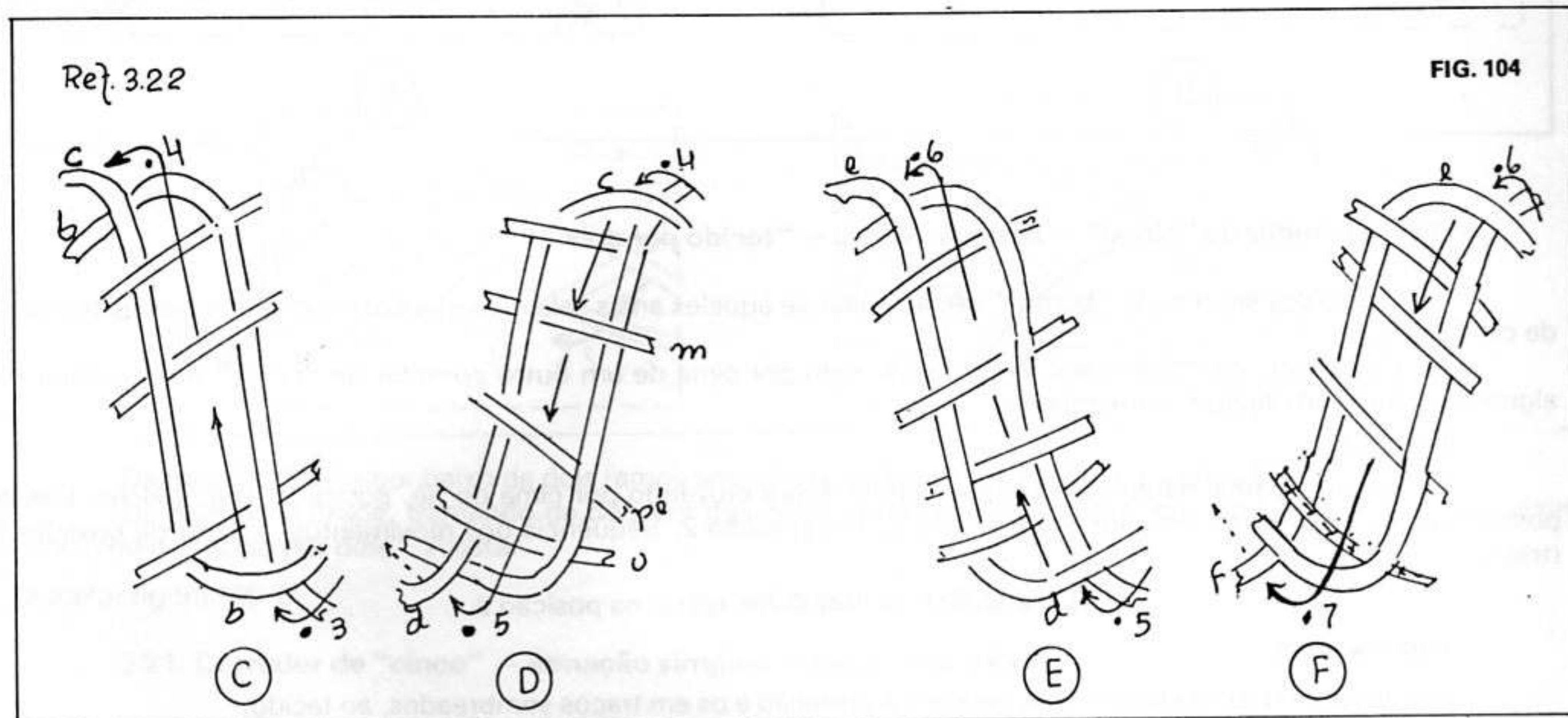
B.1(c) C.1 B.2 C.2; sai na posição 5.

5. Da posição 5 (fig. 104-E) o guia sobe e na ordem:

B.1(d) C.1 B.2 C.2; sai na posição 6.

6. Da posição 6 (fig. 104-F) o guia desce e na ordem:

B.1(e) C.1 B.2 C.2; sai na posição 7.



7. Da posição 7 (fig. 104-G) o guia sobe e na ordem:

B.1(f) C.1 B.2 C.2; sai na posição 8.

8. Da posição 8 (fig. 104-H) o guia desce e na ordem:

B.1(g) C.2 B.2 C.2; sai na posição 9.

9. Da posição 9 (fig. 104-I) o guia sobe e na ordem:

B.1(h) C.2 B.2 C.2; sai na posição 10

10. Da posição 10 (fig. 104-J) o guia desce e na ordem:

B.1(i) C.2 B.2 C.2; sai na posição 11.

11. Da posição 11 (fig. 104-K) o guia sobe e na ordem:

B.1(j) C.2 B.2 C.2; sai na posição 12.

12. Da posição 12 (fig. 104-L) o guia desce e na ordem:

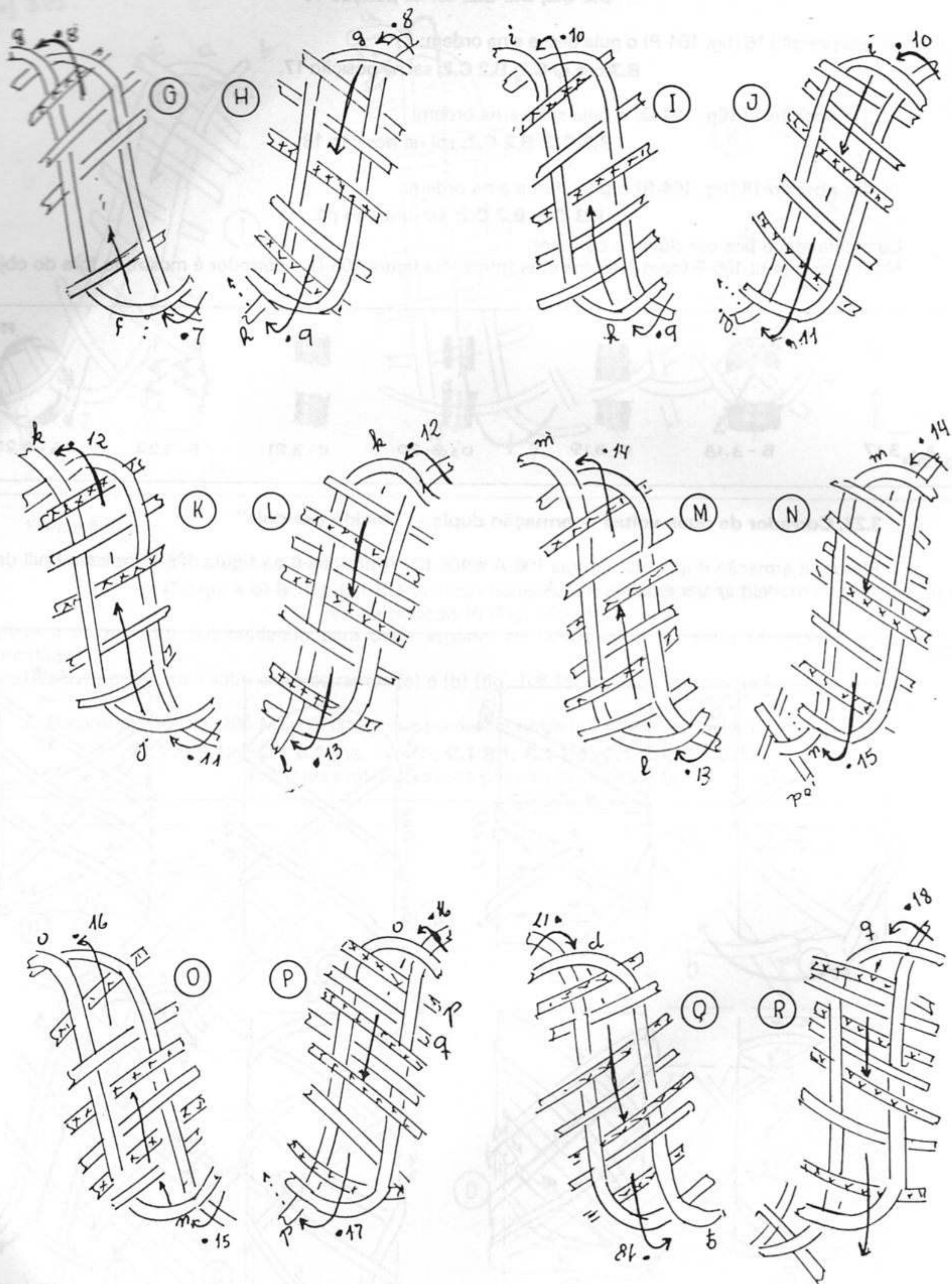
B.2 C.2 B.2 C.2; sai na posição 13.

13. Da posição 13 (fig. 104-M) o guia sobe e na ordem:

B.2 C.2; B.2 C.2; sair na posição 14.

14. Da posição 14 (fig. 104-N) o guia desce e na ordem:

B.2 C.2; B.2 C.2; sai na posição 15.



Ref. 3.22

FIG. 104

15. Da posição 15 (fig. 104-0) o guia sobe e na ordem:

B.2 C.2; B.2 C.2; sai na posição 16

16. Da posição 16 (fig. 104-P) o guia desce e na ordem:

B.3(o,p,q) C.2; B.2 C.2; sai na posição 17.

17. Da posição 17 (fig. 104-Q) o guia sobe e na ordem:

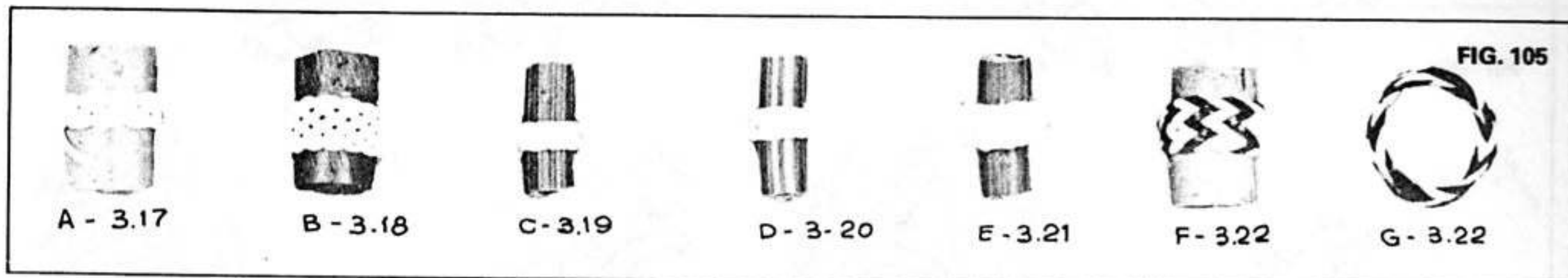
B.3 C.2; B.2 C.2; sai na posição 18

18. Da posição 18 (fig. 104-R) o guia desce e na ordem:

B.3 C.2; B.2 C.2; sai junto ao pé.

Com esta etapa fica concluído o corredor.

Modelo na figura 105-F (com 2 tentos diferentes). Na figura 105-G o corredor é mostrado fora do objeto.



3.23. Corredor de duas voltas — armação dupla — “tecido por dois”

Efetuar a armação dupla (ver figuras 106-A a 106-K). A posição 9 na figura 106-K indica o final da armação dupla, cujo modelo aparece na fig. 107-A.

Ref. 3.23

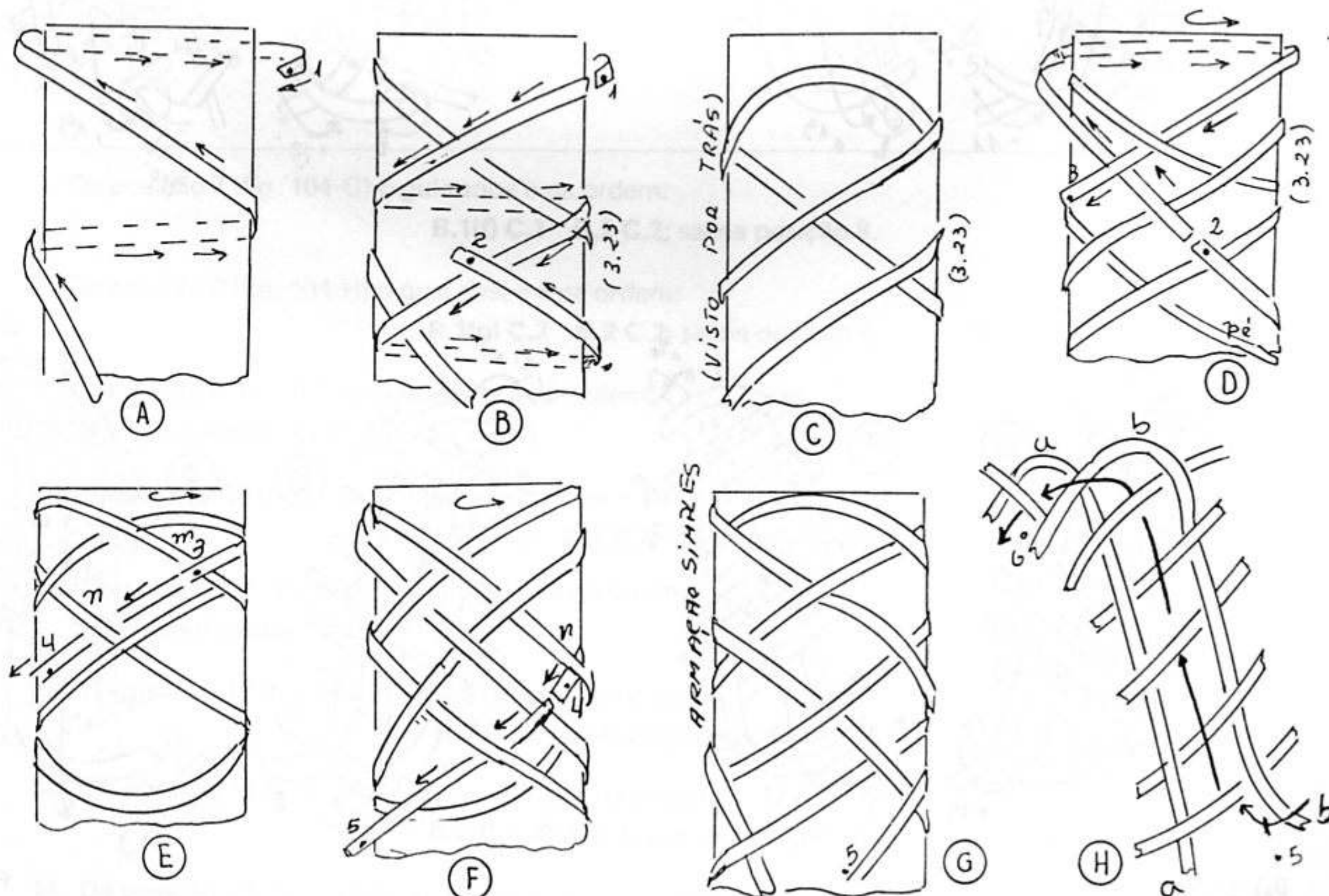


FIG. 106

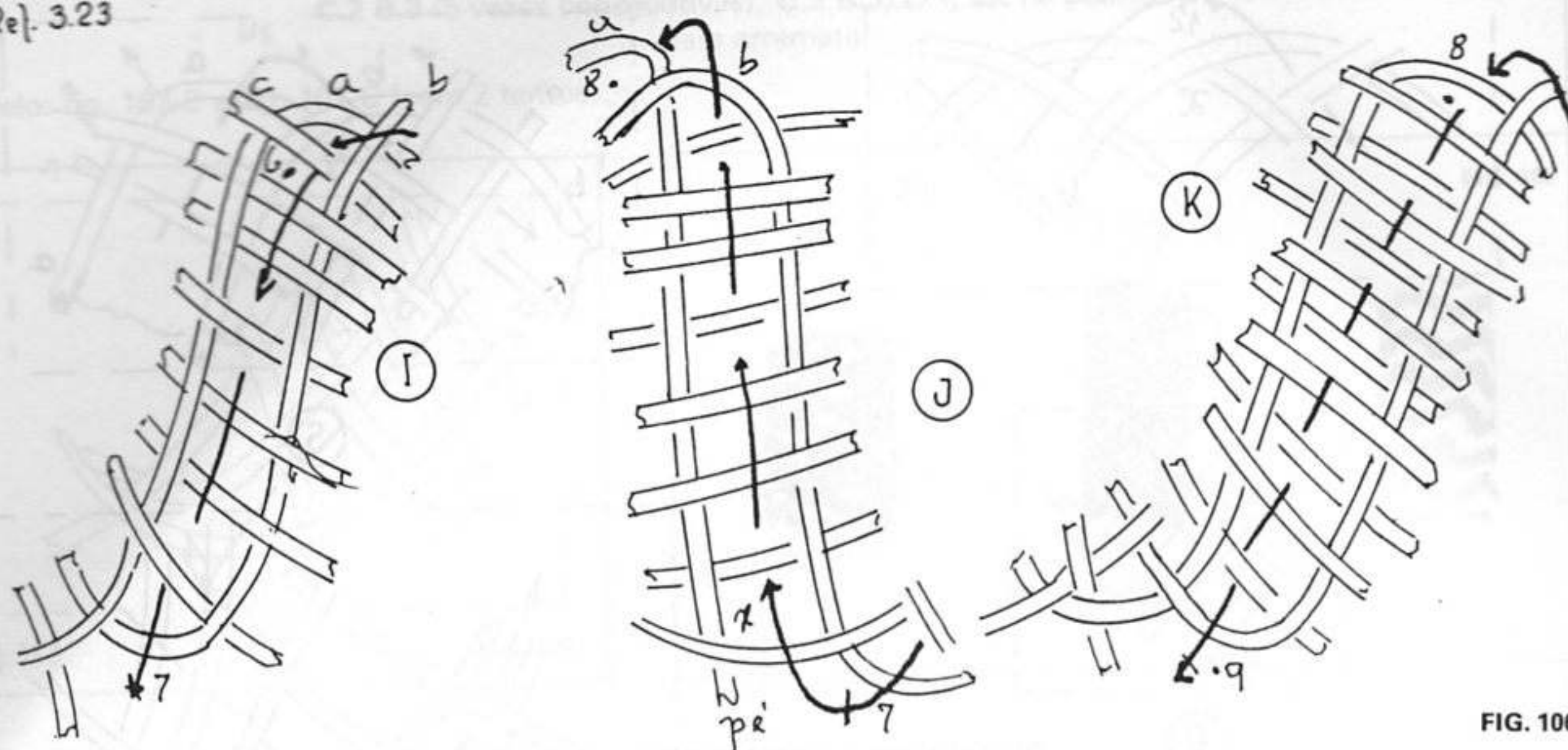


FIG. 106

Execução:

1. Da posição 9 (fig. 106-L) o guia dobra e na ordem:

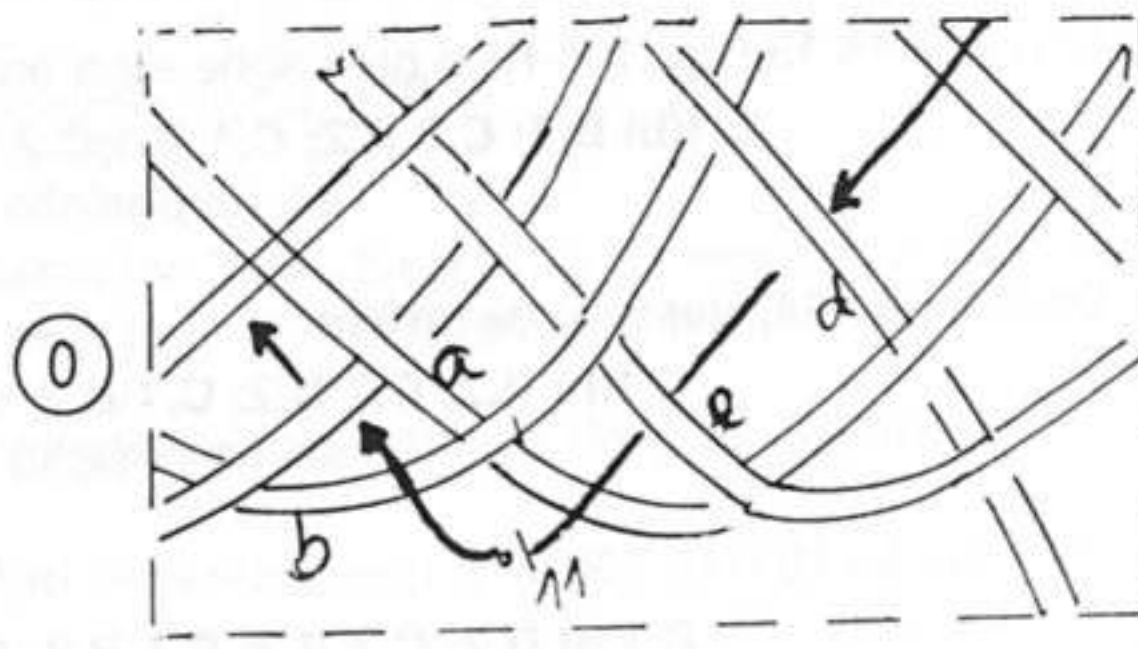
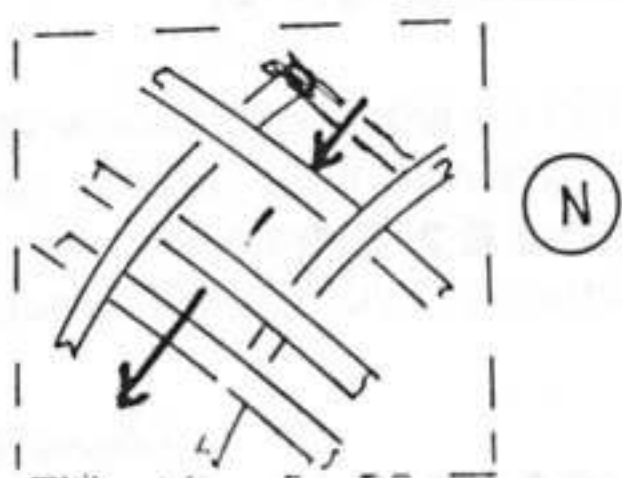
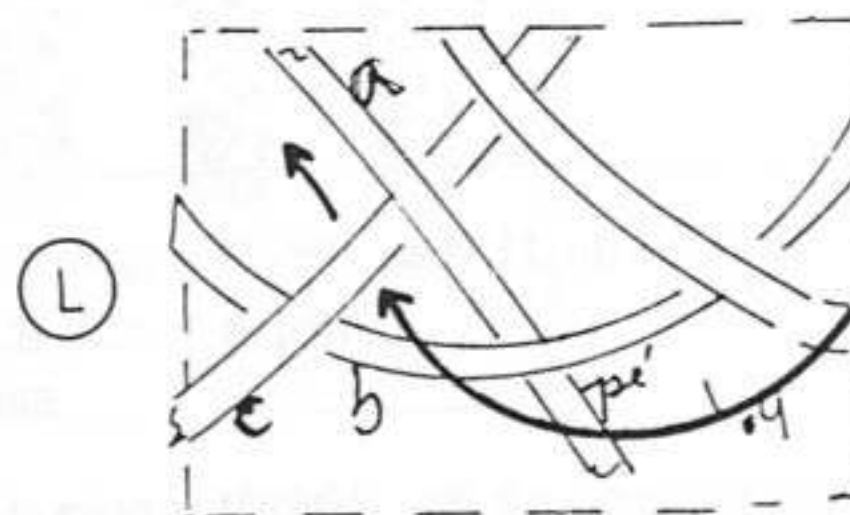
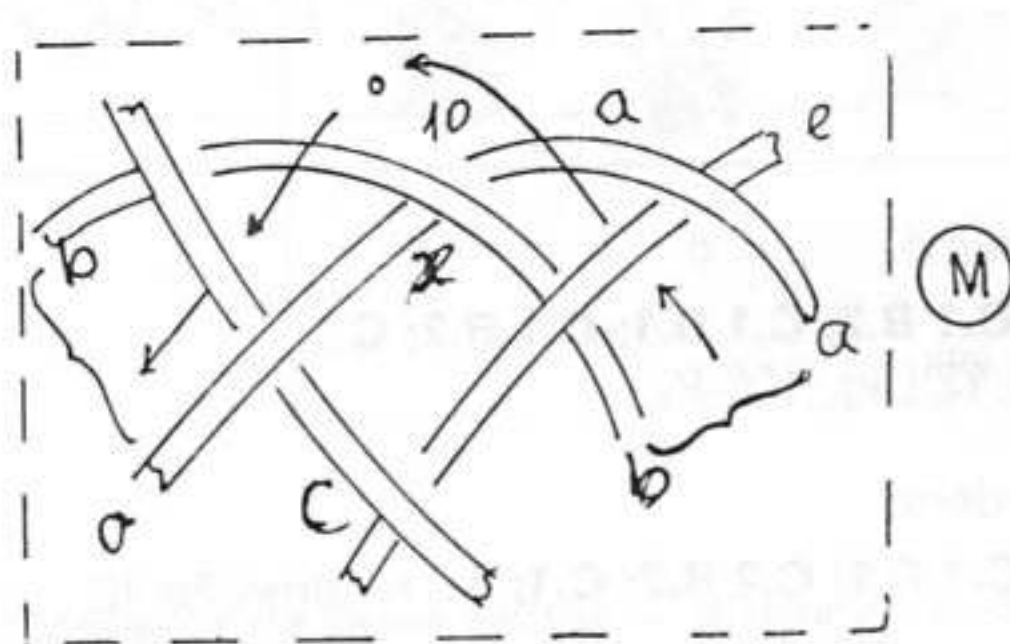
C.2 (pé e b) B.1(c); C.1 B.1 (4 vezes consecutivas); C.1 B.1(e) C.1(a);
sai na posição 10 (Fig. 106-M).

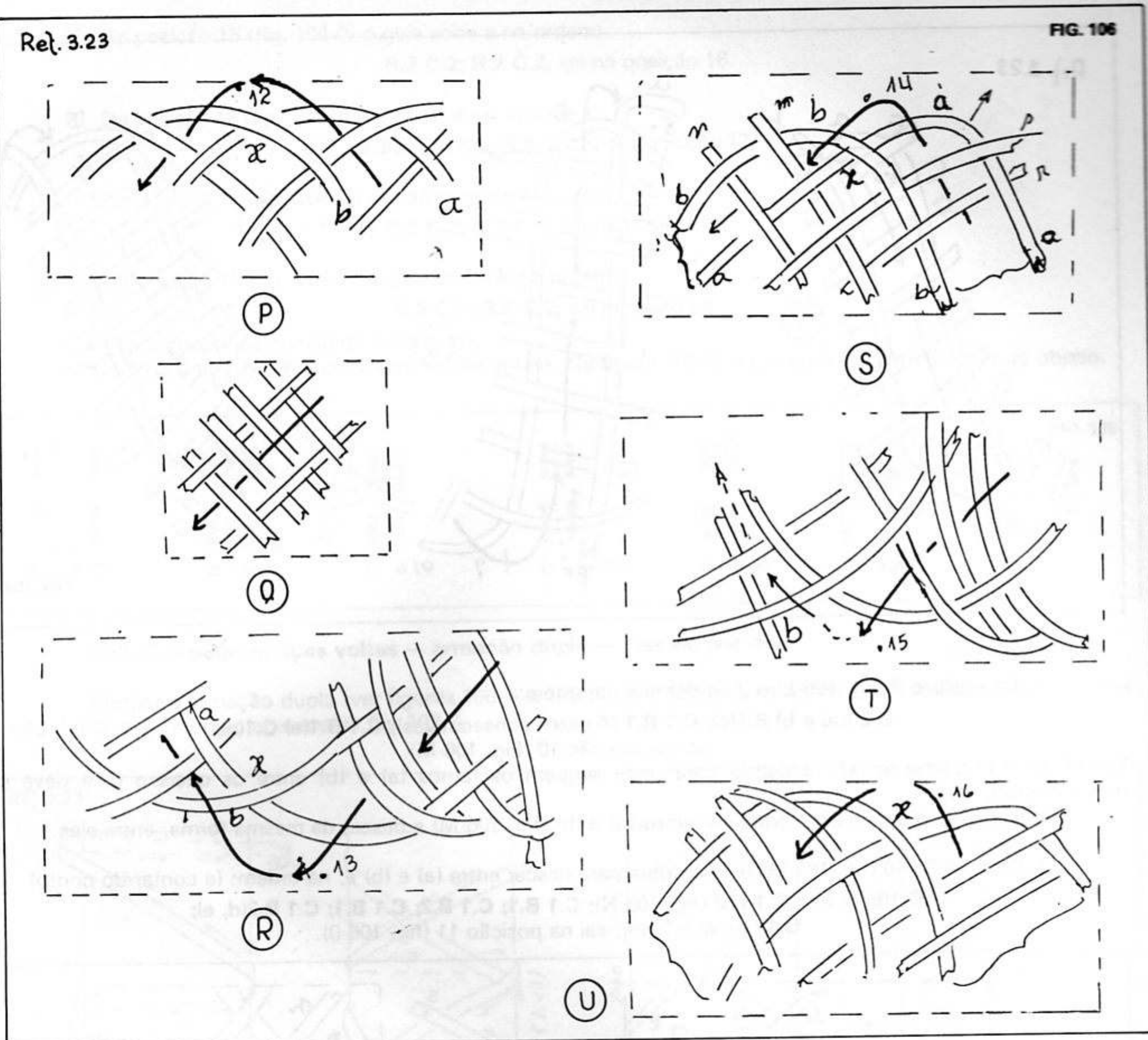
Identificar o cruzamento (x), cuidando para onde seguem os ramos (a) e (b) entre os quais o guia deve ser movimentado.

Observar que o guia sobe entre os ramos (a) e (b) (fig. 106-M) e desce, da mesma forma, entre eles.

2. Da posição 10 (fig. 106-M) o guia dobra para descer entre (a) e (b) e, na ordem: (a contar do ponto)

C.1(b) B.1(c); C.1 B.2 (fig. 106-N); C.1 B.1; C.1 B.2; C.1 B.1; C.1 B.2(d, e);
C.1 (curva inferior; sai na posição 11 (fig. 106-O).





3. Da posição 11 (fig. 106-0) o guia sobe e na ordem:

C.1(b) B.1; C.1 B.2; C.1 B.1; C.1 B.2; C.1 B.1; C.1 B.2; C.1;
sai na posição 12 (fig. 106-P)

4. Da posição 12 (fig. 106-P) o guia desce e na ordem:

C.1(b) B.1; C.2 B.2; C.1 B.1; C.2 B.2; C.1 B.1; C.2 B.2; C.1; sai na posição 13

5. Da posição 13 (fig. 106-R) o guia sobe e na ordem:

C.1(b) B.1; C.2 B.2; C.1 B.1; C.2 B.2; C.1 B.1; C.2 B.2(r, s); C.1 (t);
sai na posição 14 (fig. 106-S).

6. Da posição 14, desce e na ordem:

C.1(b) B.2; C.2 B.2; C.1 B.2; C.2 B.2; C.1 B.2; C.2 B.2; C.1;
sai na posição 15 (fig. 106-T).

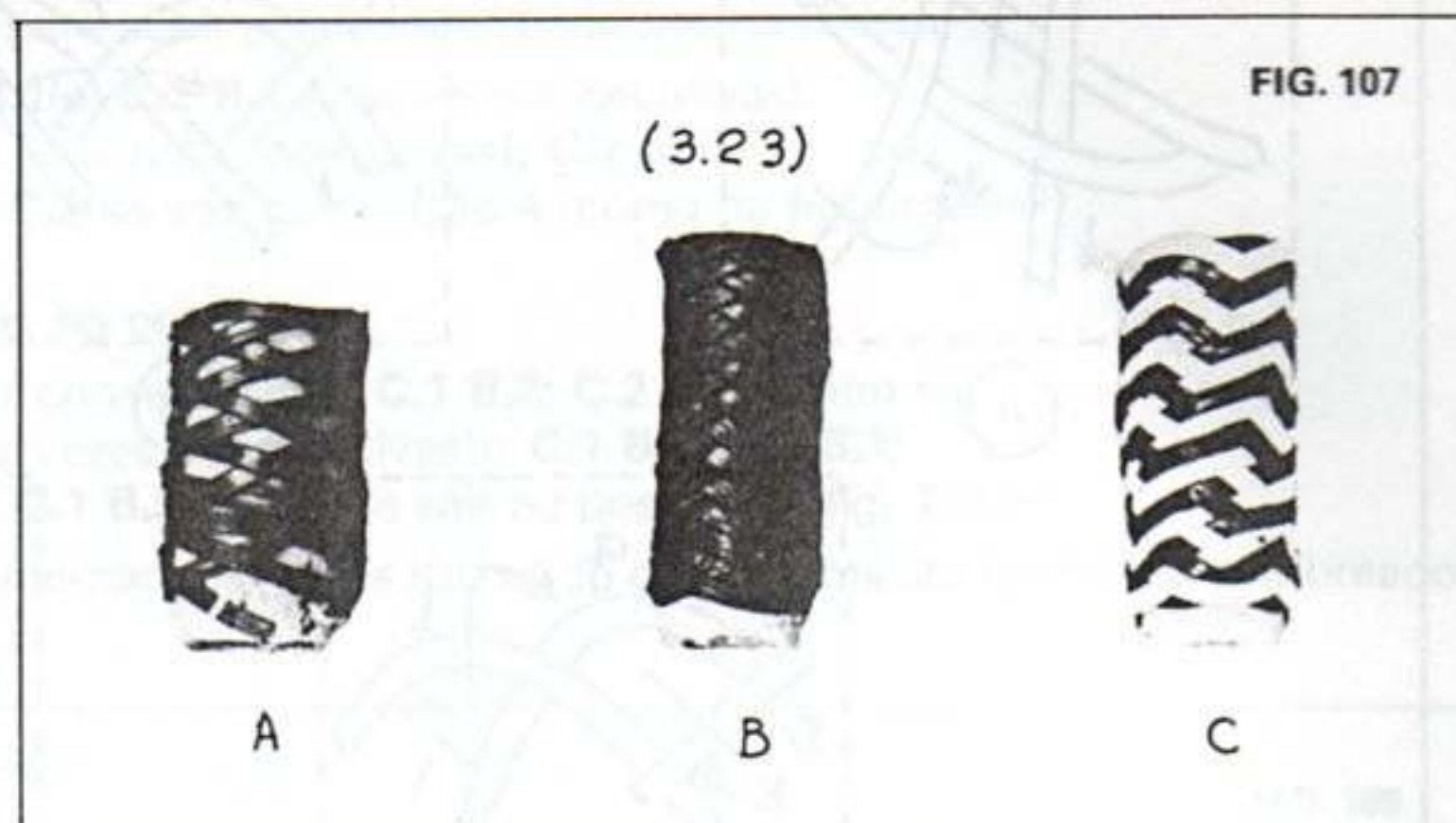
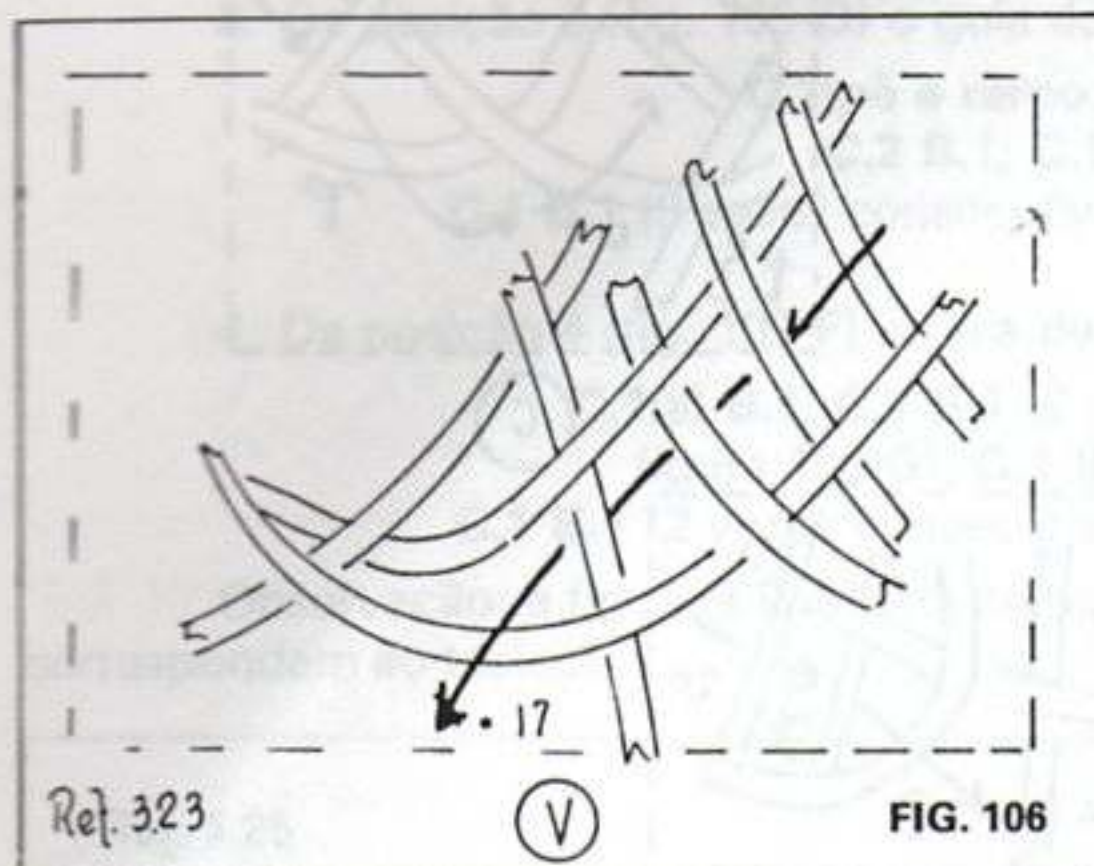
7. Da posição 15 (fig. 106-T) o guia sobe e na ordem:

C.1(b) B.2; C.2 B.2; C.1 B.2; C.2 B.2; C.1 B.2; C.2 B.2; C.1;
sai na posição 16 (fig. 106-U).

8. Da posição 16 (fig. 106-U) o guia desce e na ordem:

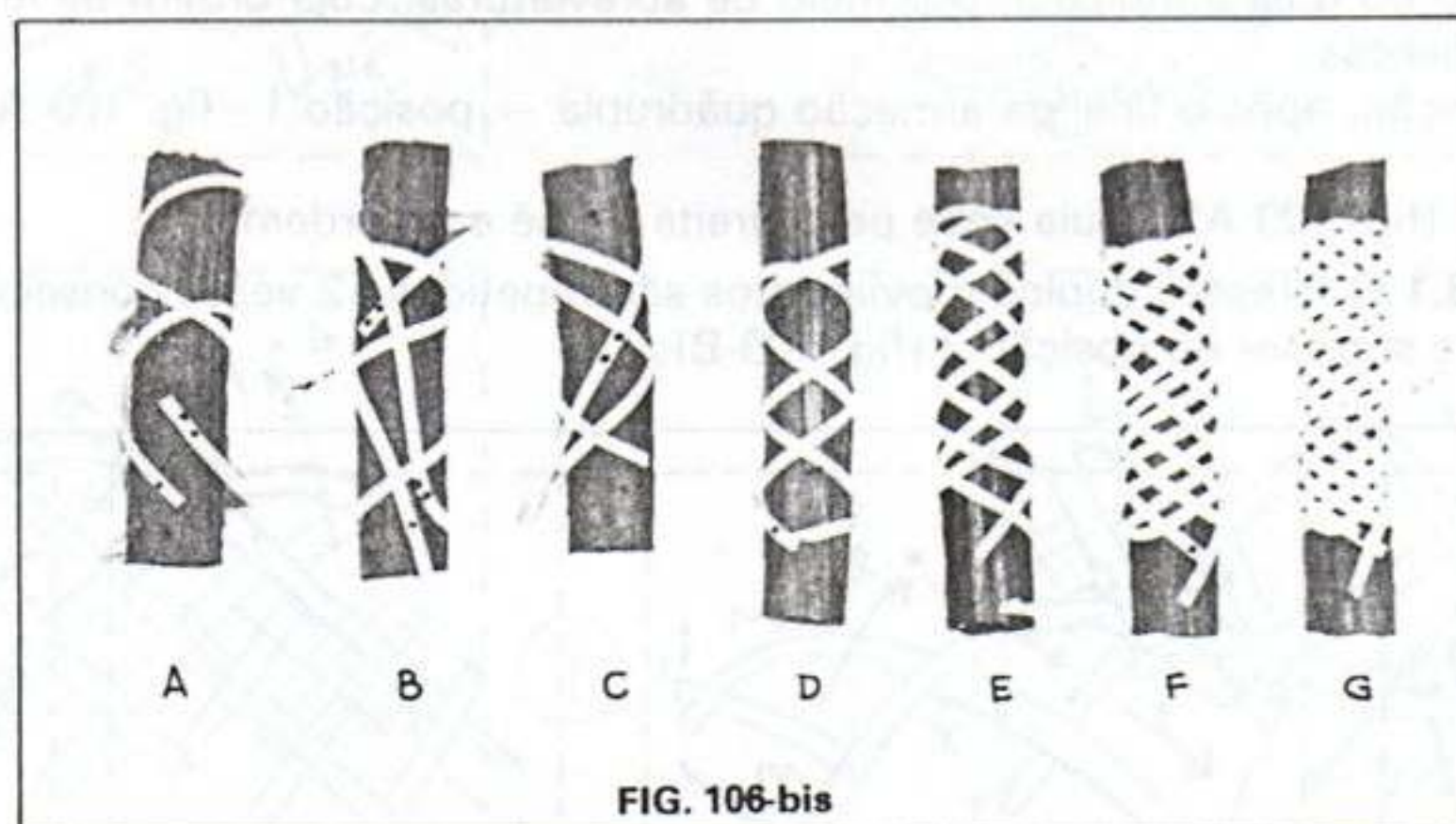
C.2 B.2 (5 vezes consecutivas); **C.2 B.3**; **C.1**; sai na posição 17 para arremate.

Modelo: fig. 107-B e fig. 107-C (com 2 tentos).



3.24. Amostras de alguns corredores elementares — sem tecido

- corredor de duas voltas — armação simples — figura 106-bis-D
- corredor de duas voltas — armação dupla — figura 106-bis-E
- corredor de duas voltas — armação tríplice — figura 106-bis-F
- corredor de duas voltas — armação quádrupla — figura 106-bis-G



3.25. Corredor de duas voltas — armação quádrupla — “tecido por dois”

Conhecido como corredor de “barqueiro”. Ver modelo na fig. 110.

Execução:

Efetuar a armação dupla do corredor de duas voltas (nº 3.23). Seguindo o mesmo processo para o aumento de armação, efetuar uma armação tríplice e logo a seguir, uma quádrupla. As figuras 110-A e 106-bis-G mostram esse tipo de armação.

As figuras 108-A, 108-E mostram detalhes (já conhecidos) das dobras do guia no processo de aumento de armação.

Observação:

a. O guia sempre sobe e desce entre dois ramos determinados, como mostra a figura 109-K. Esses ramos cruzam-se nas partes superior e inferior do corredor (cruzamentos assinalados com um x).

Ref. 3.25

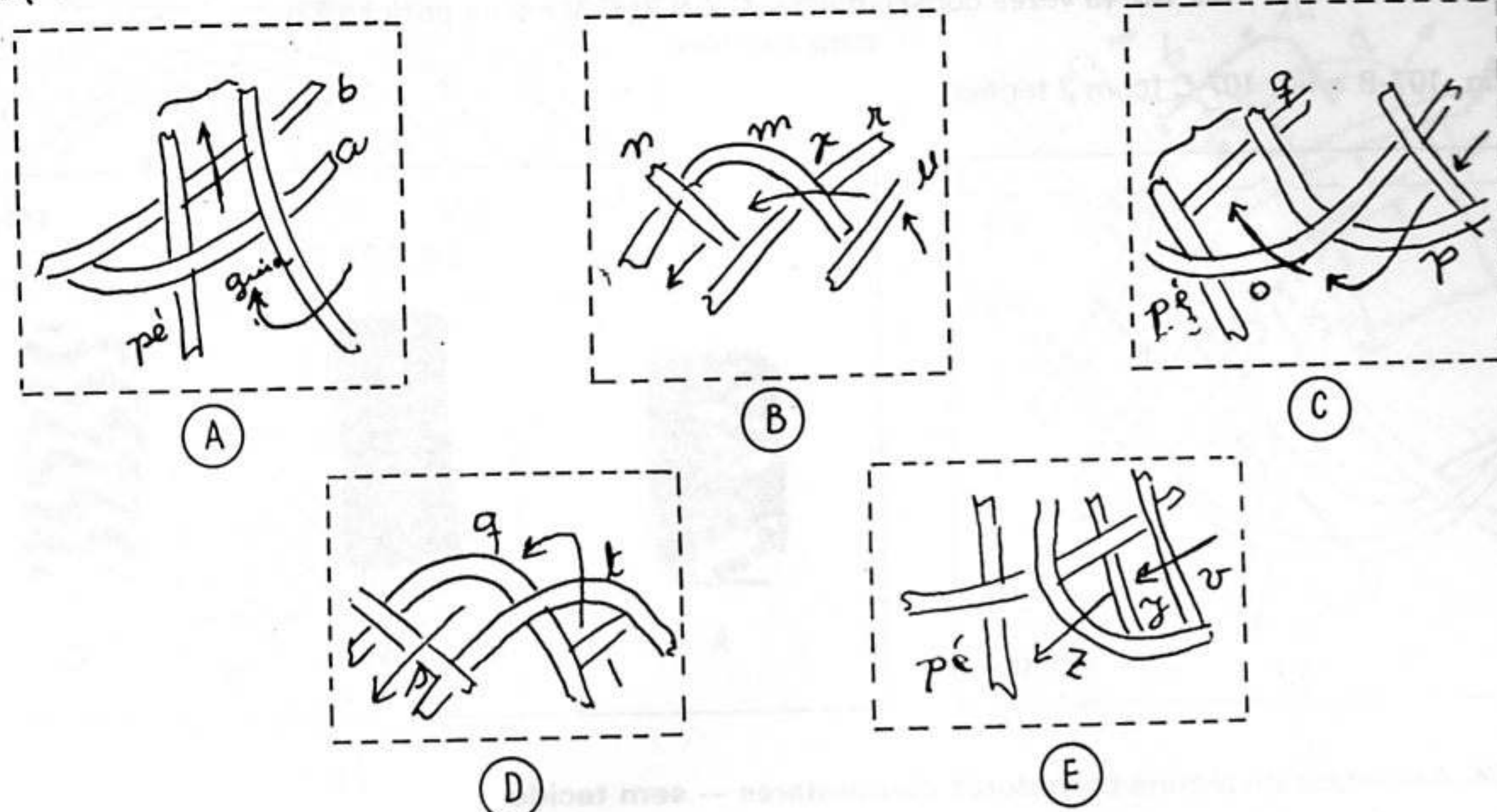


FIG. 108

Lembrete:

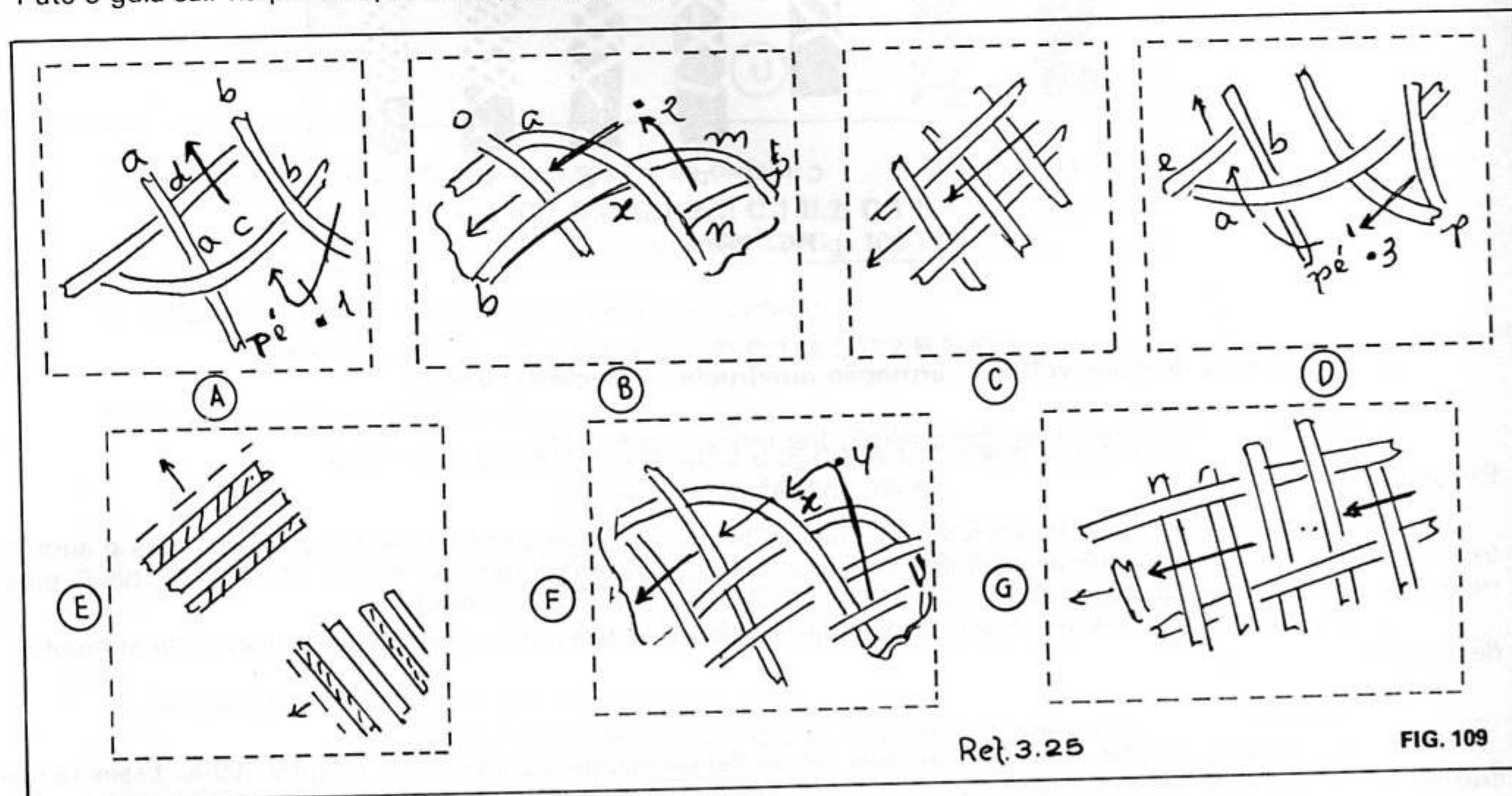
identificar o ponto (x) desses cruzamentos, cuidando a direção que tomam os ramos correspondentes, pois entre eles deverá ser movimentado o guia.

b. O movimento do guia é indicado por meio de abreviaturas, cuja ordem de leitura corresponde à ordem de execução dos movimentos.

Etapas de execução, após o final da armação quádrupla — posição 1 - fig. 109-A.

1. Da posição 1 (fig. 109-A) o guia sobe pela direita do pé e na ordem:

B.1(c) C.1(d); B.1 C.1; B.1 C.1 (esses duplos movimentos são repetidos 12 vezes consecutivas, a contar da posição 1 até o guia sair na parte superior na posição 2 (fig. 109-B).

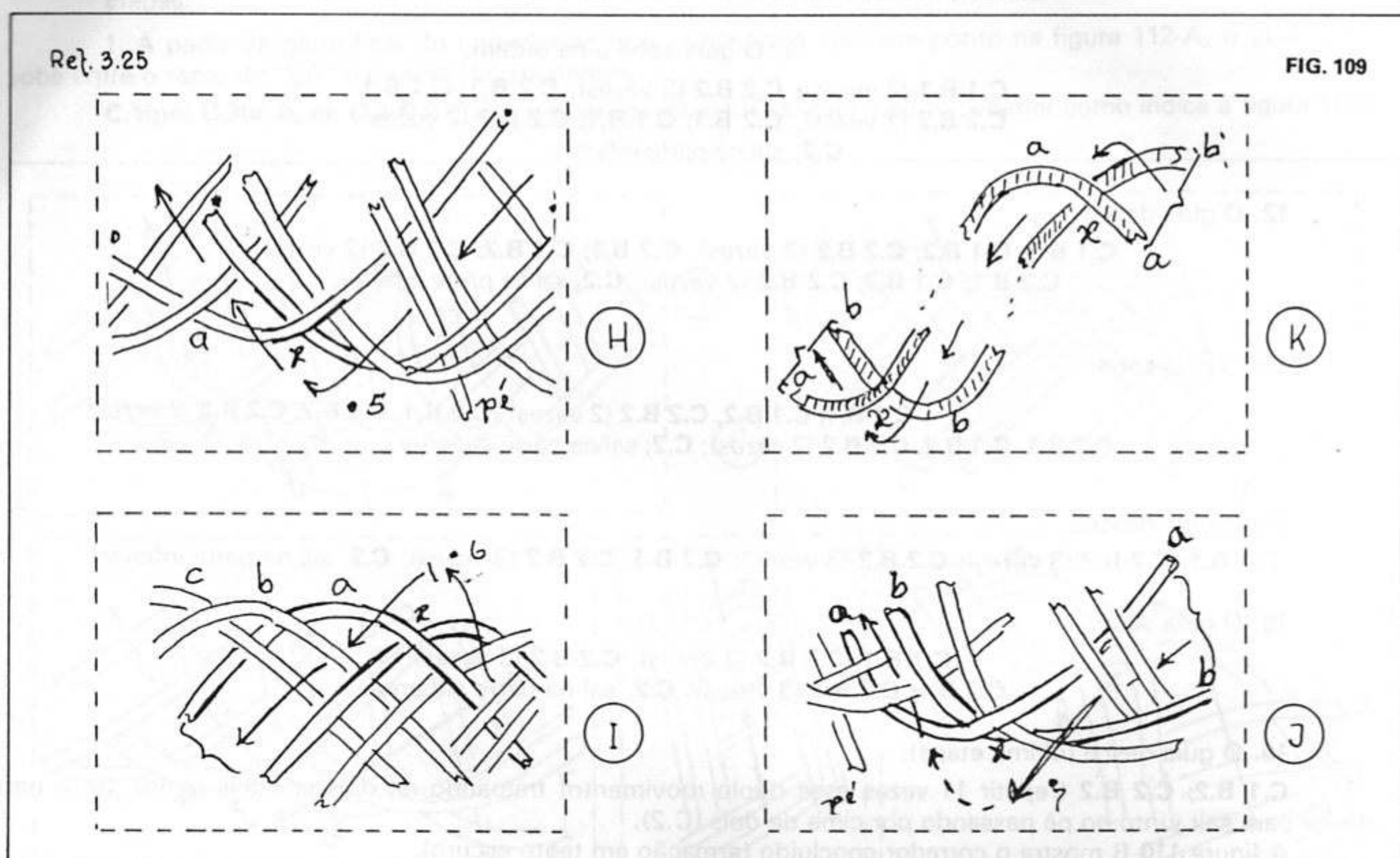


Ref. 3.25

FIG. 109

2. Da posição 2 (fig. 109-B) o guia desce e na ordem:
C.1(a) B.1(o); C.1 B.1 (3 vezes consecutivas); **C.2 B.1** (como mostra a fig. 109-C);
C.1 B.1 (3 vezes consecutivas); **C.2 B.1; C.1 B.1** (3 vezes consecutivas),
C.1(p) (como na fig. 109-D); sai na posição 3.
3. Da posição 3 (fig. 109-D) o guia dobra para subir pela esquerda do pé, na ordem:
C.2(pé e ramo a) B.1(e) C.1 B.1 (3 vezes consecutivas)
C.2 B.1; C.1 B.1 (3 vezes consecutivas); **C.2 B.1;**
C.1 B.1 (3 vezes consecutivas); **C.2** saindo na posição 4 (como na figura 109-F).
4. Da posição 4 (fig. 109-F) o guia desce e, na ordem:
C.1(a) B.1; C.1 B.1 (2 vezes consecutivas); **C.1 B.2; C.2 B.1**, como na
figura 109-G), **C.1 B.1** (2 vezes consecutivas)); **C.1 B.2; C.2 B.1;**
C.1 B.1 (2 vezes consecutivas); **C.1 B.2; C.2** para sair na posição 5 (fig. 109-H).

Observação: a fig. 109-E mostra como se alternam os ramos do tecido com a armação (os traços sombreados correspondem ao tecido).



5. Da posição 5 (fig. 109-H) o guia sobe e, na ordem:
C.1(a) B.1; C.1 B.1 (2 vezes consecutivas); **C.1 B.2; C.2 B.1; C.1 B.1;**
(2 vezes consecutivas); **C.1 B.2; C.2 B.1; C.1 B.1** (2 vezes consecutivas);
C.1 B.2, C.2 para sair na posição 6 (fig. 109-I).
6. Da posição 6 (fig. 109-I) o guia desce e, na ordem:
C.1 B.1 (3 vezes consecutivas); **C.2 B.2; C.2 B.1**
C.1 B.1 (2 vezes consecutivas); **C.2 B.2; C.2 B.1**
C.1 B.1 (2 vezes consecutivas); **C.2 B.2; C.2;** saindo na posição 7 (fig. 109-J).
7. Da posição 7, sobe (entre (a) e (b) fig. 109-J) e na ordem:
C.1(a) B.1; C.1 B.1 (2 vezes); **C.2 B.2; C.2 B.1**
C.1 B.1 (2 vezes); **C.2 B.2; C.2 B.1**
C.1 B.1 (2 vezes); **C.2 B.2; C.2;** sai em cima como na fig. 109-F; (posição 8).

8. **Observação:** a partir da posição 7, ficam dispensadas as figuras, uma vez que as saídas e entradas do guia nas partes superior e inferior se processam, respectivamente, como indicam as figuras 109-F e 109-H. A contagem dos movimentos (abreviaturas) deve ser feita sempre a partir da posição do guia fora do corredor (quando sai em cima e em baixo).

Da posição 8, o guia desce e na ordem:

C.1 B.1 (2 vezes); C.1 B.2; C.2 B.2; C.2 B.1
C.1 B.1; C.1 B.2; C.2 B.2; C.2 B.1; C.1 B.1
C.1 B.2; C.2 B.2; C.2; sai em baixo como na fig. 109-H.

9. O guia sobe (como na fig. 109-H) e na ordem:

C.1 B.1 (2 vezes); C.1 B.2; C.2 B.2; C.2 B.1; C.1 B.1
C.1 B.2; C.2 B.2; C.2 B.1; C.1 B.1; C.1 B.2
C.2 B.2; C.2; sai em baixo (como na fig. 109-H).

10. O guia desce:

C.1 B.1 (2 vezes); C.2 B.2 (2 vezes); C.2 B.1; C.1 B.1; C.2 B.2 (2 vezes);
C.2 B.1; C.1 B.1; C.2 B.2 (2 vezes); C.2, sai na parte inferior.

11. O guia sobe e na ordem:

C.1 B.1 (2 vezes); C.2 B.2 (2 vezes); C.2 B.1; C.1 B.1
C.2 B.2 (2 vezes); C.2 B.1; C.1 B.1; C.2 B.2 (2 vezes)
C.2, sai na parte inferior.

12. O guia desce:

C.1 B.1; C.1 B.2; C.2 B.2 (2 vezes); C.2 B.1; C.1 B.2; C.2 B.2 (2 vezes);
C.2 B.1; C.1 B.2; C.2 B.2 (2 vezes); C.2, sai na parte inferior.

13. O guia sobe:

C.1 B.1, C.1 B.2, C.2 B.2 (2 vezes), C.2 B.1, C.1 B.2, C.2 B.2 (2 vezes),
C.2 B.1, C.1 B.2, C.2 B.2 (2 vezes); C.2; sai na parte superior.

14. O guia desce:

C.1 B.1; C.2 B.2 (3 vezes); C.2 B.2 (3 vezes); C.2 B.1; C.2 B.2 (3 vezes); C.2, sai na parte inferior.

15. O guia sobe:

C.1 B.1; C.2 B.2 (3 vezes); C.2 B.2 (3 vezes)
C.2 B.1; C.2 B.2 (3 vezes), C.2, sai na parte superior.

16. O guia desce (última etapa):

C.1 B.2; C.2 B.2 (repetir 11 vezes esse duplo movimento) tramando de dois em dois ramos até a parte inferior para sair junto ao pé passando por cima de dois (C.2).

A figura 110-B mostra o corredor concluído (armação em tento escuro).

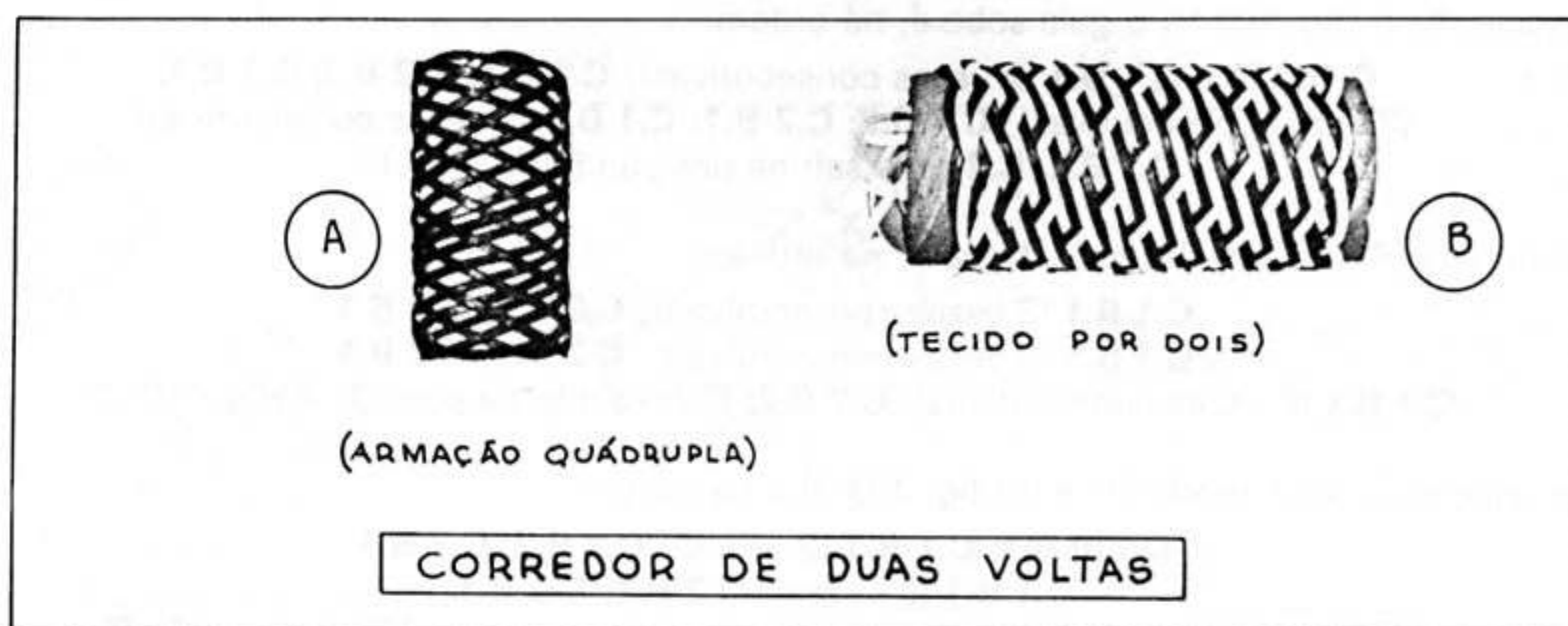


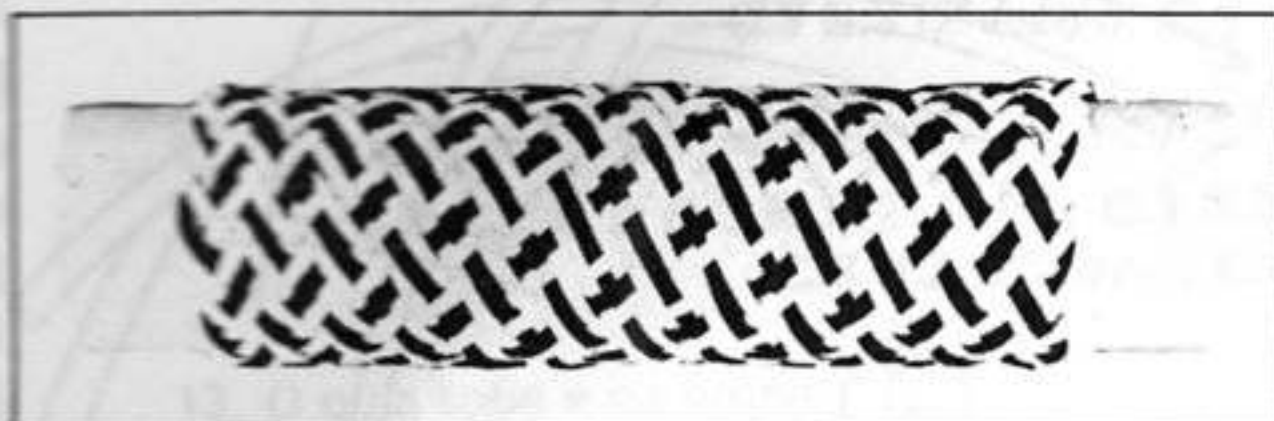
FIG. 110

3.26. Corredor de duas voltas — armação quádrupla — "tecido por três"

A figura 111 mostra o corredor concluído (armação em tento escuro). A figura 11-bis mostra o mesmo corredor, mas executado com tento de uma só tonalidade.

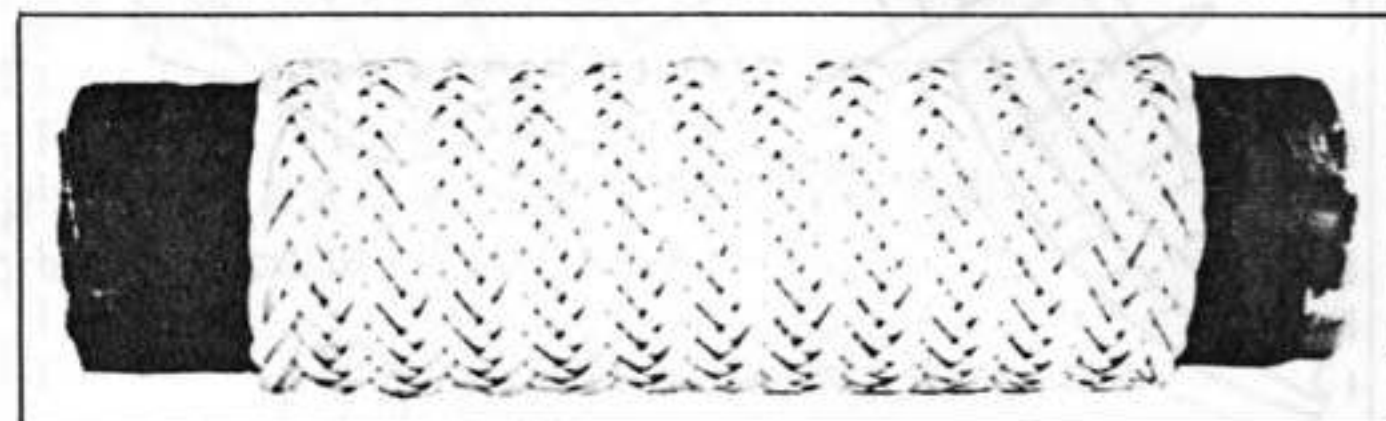
Este corredor é uma complementação do corredor anterior visto no nº 3.25.

Com mais 16 etapas, a partir do "tecido por dois", obtém-se o "tecido por três".



Ref. 3.26

FIG. 111



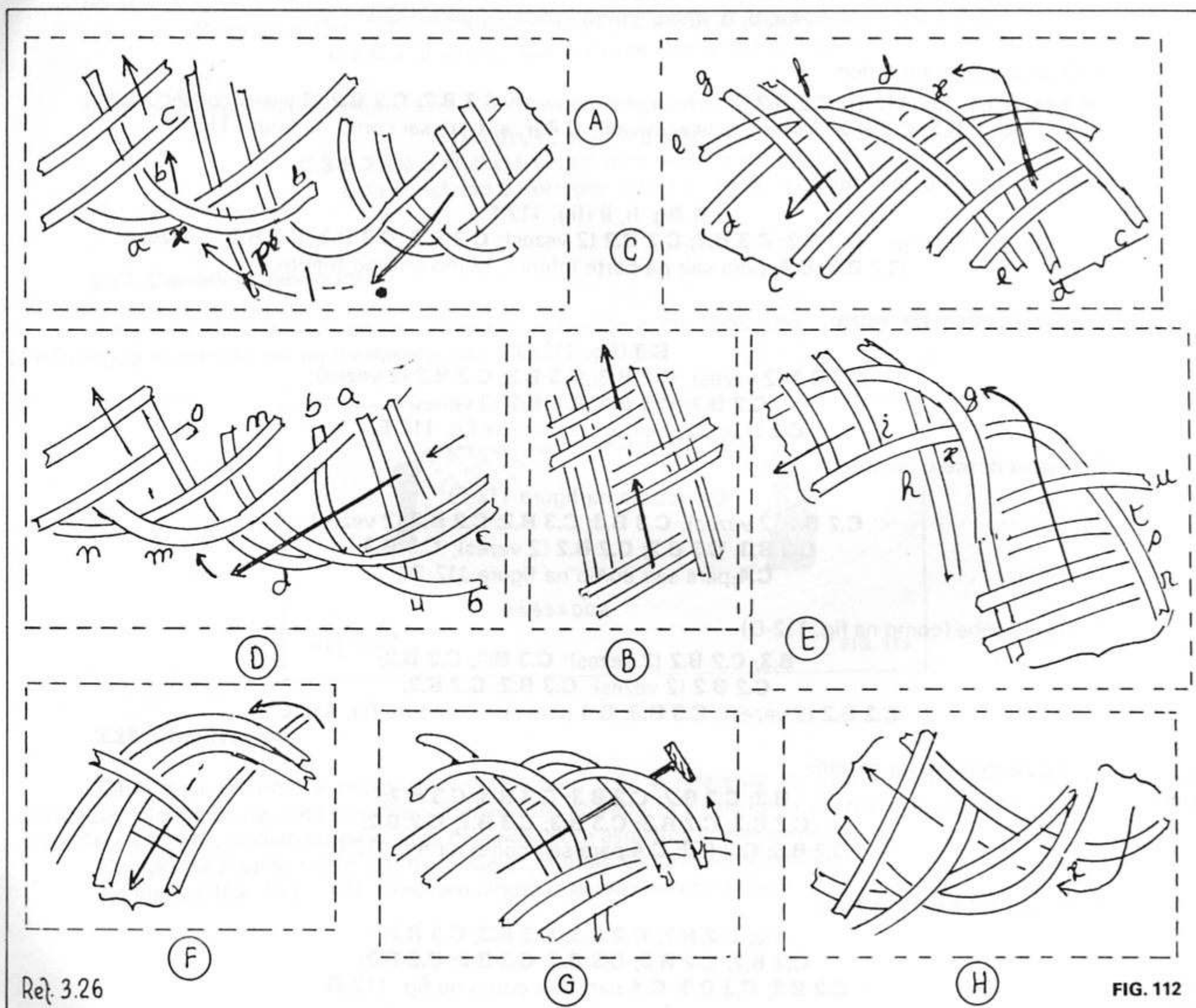
Ref. 3.26

FIG. 111

Etapas:

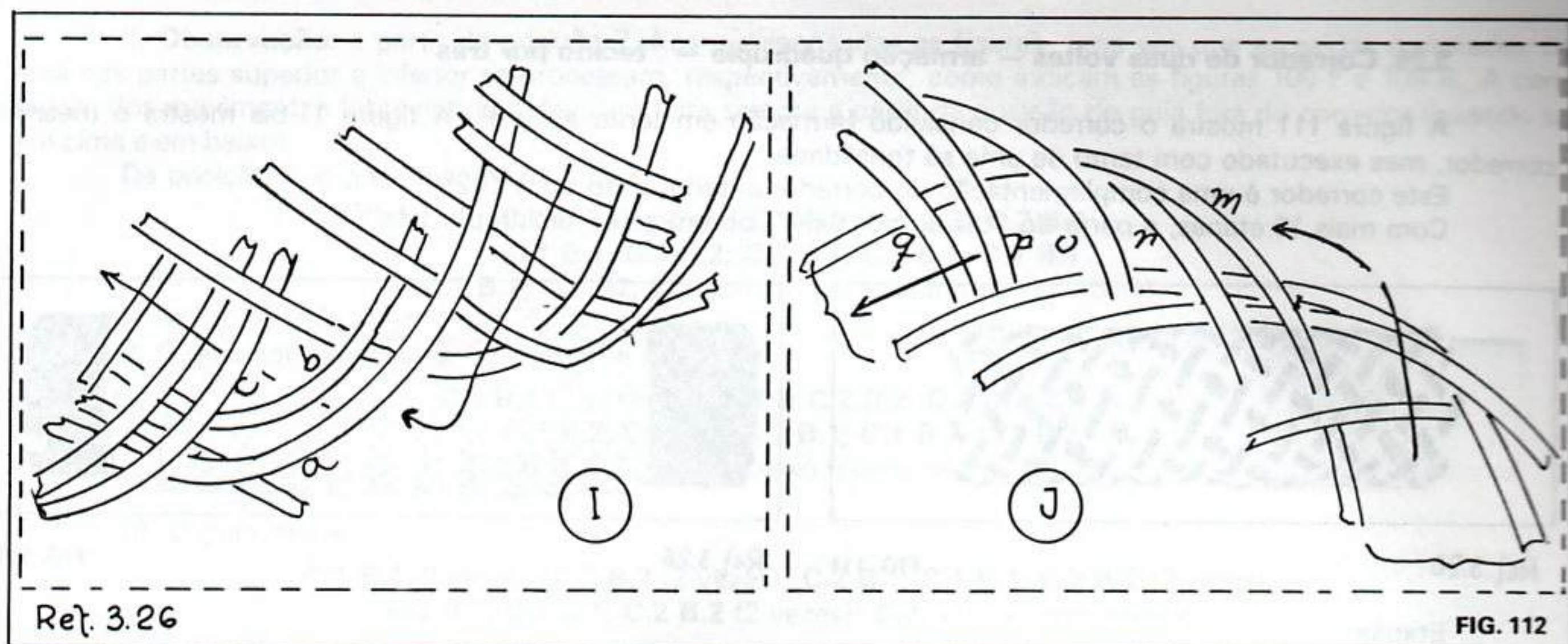
1. A partir da parte final do corredor anterior, assinalada com um ponto na figura 112-A, o guia dobra e sobe entre o ramo do "pé" e o ramo (b), na ordem:

C.1(pé) B.3(a, b, c); C.2 B.2 (11 vezes consecutivas); **C.3**; sai na parte superior como indica a figura 112-C.



Ref. 3.26

FIG. 112



2. O guia desce e na ordem:

B.3(d, f, e) - fig. 112-C; **C.2 B.2** (3 vezes consecutivas)
C.3 B.2; C.2 B.2 (3 vezes consecutivas); **C.3 B.2; C.2 B.2** (3 vezes consecutivas);
C.4(a, b, c, d); sai como indica a figura 112-D.

3. O guia sobe e na ordem:

B.3(m, n, o) - fig. 112-D; **C.2 B.2** (3 vezes consecutivas); **C.3 B.2; C.2 B.2** (3 vezes consecutivas);
C.3; B.2; C.2 B.2 (3 vezes consecutivas); **C.4 (r, s, t, u)**; sai como na figura 112-E.

4. O guia desce e na ordem:

B.3(g, h, i) (fig. 112-E);
C.2 B.2 (2 vezes); **C.2 B.3; C.3 B.2; C.2 B.2** (2 vezes); **C.2 B.3; C.3 B.2; C.2 B.2** (2 vezes);
C.2 B.3; C.4; para sair na parte inferior, como anteriormente.

5. O guia sobe e na ordem:

B.3 (fig. 112-D)
C.2 B.2 (2 vezes); **C.2 B.3; C.3 B.2; C.2 B.2** (2 vezes);
C.2 B.3; C.3 B.2; C.2 B.2 (2 vezes)
C.2 B.3; C.4; para sair como na fig. 112-E.

6. O guia desce e na ordem:

B.3 (como na figura 112-E)
C.2 B.2 (2 vezes); **C.3 B.3; C.3 B.2; C.2 B.2** (2 vezes)
C.3 B.3; C.3 B.2; C.2 B.2 (2 vezes); **C.3 B.3;**
C.4; para sair como na figura 112-D.

7. O guia sobe (como na fig. 112-D)

B.3; C.2 B.2 (2 vezes); **C.3 B.3; C.3 B.2;**
C.2 B.2 (2 vezes); **C.3 B.3; C.3 B.2;**
C.2 B.2 (2 vezes); **C.3 B.3; C.4** para sair como na fig. 112-E.

8. O guia desce e na ordem:

B.3; C.2 B.2; C.2 B.3; C.3 B.3; C.3 B.2;
C.2 B.2; C.2 B.3; C.3 B.3; C.3 B.2; C.2 B.2;
C.2 B.3; C.2 B.3; C.4 para sair como na fig. 112-D.

9. O guia sobe e na ordem:

B.3; C.2 B.2; C.2 B.3; C.3 B.3; C.3 B.2;
C.2 B.2; C.2 B.3; C.3 B.3; C.3 B.2; C.2 B.2;
C.2 B.3; C.3 B.3; C.4 para sair como na fig. 112-D.

10. O guia desce e na ordem:

**B.3, C.2 B.2, C.3 B.3 (2 vezes), C.3 B.2; C.2 B.2
C.3 B.3 (2 vezes); C.3 B.2; C.2 B.2; C.3 B.3 (2 vezes);
C.4 para sair como anteriormente.**

11. O guia sobe e na ordem:

**B.3; C.2 B.2; C.3 B.3 (2 vezes); C.3 B.2; C.2 B.2; C.3 B.3 (2 vezes), C.3 B.2; C.2 B.2;
C.3 B.3 (2 vezes); C.4 para sair como anteriormente.**

12. O guia desce e na ordem:

**B.3; C.2 B.3; C.3 B.3 (2 vezes); C.3 B.2; C.2 B.3; C.3 B.3 (2 vezes); C.3 B.2, C.2 B.3;
C.3 B.3 (2 vezes); C.4 para sair na parte inferior.**

13. O guia sobe e na ordem:

**B.3; C.2 B.3; C.3 B.3 (2 vezes); C.3 B.2; C.2 B.3; C.3 B.3 (2 vezes); C.3 B.2; C.2 B.3;
C.3 B.3 (2 vezes); C.4 para sair na parte superior.**

14. O guia desce e na ordem:

**B.3; C.3 B.3 (3 vezes); C.3 B.2; C.3 B.3 (3 vezes); C.3 B.2;
C.3 B.3 (3 vezes); C.4 para sair na parte inferior.**

15. O guia sobe e na ordem:

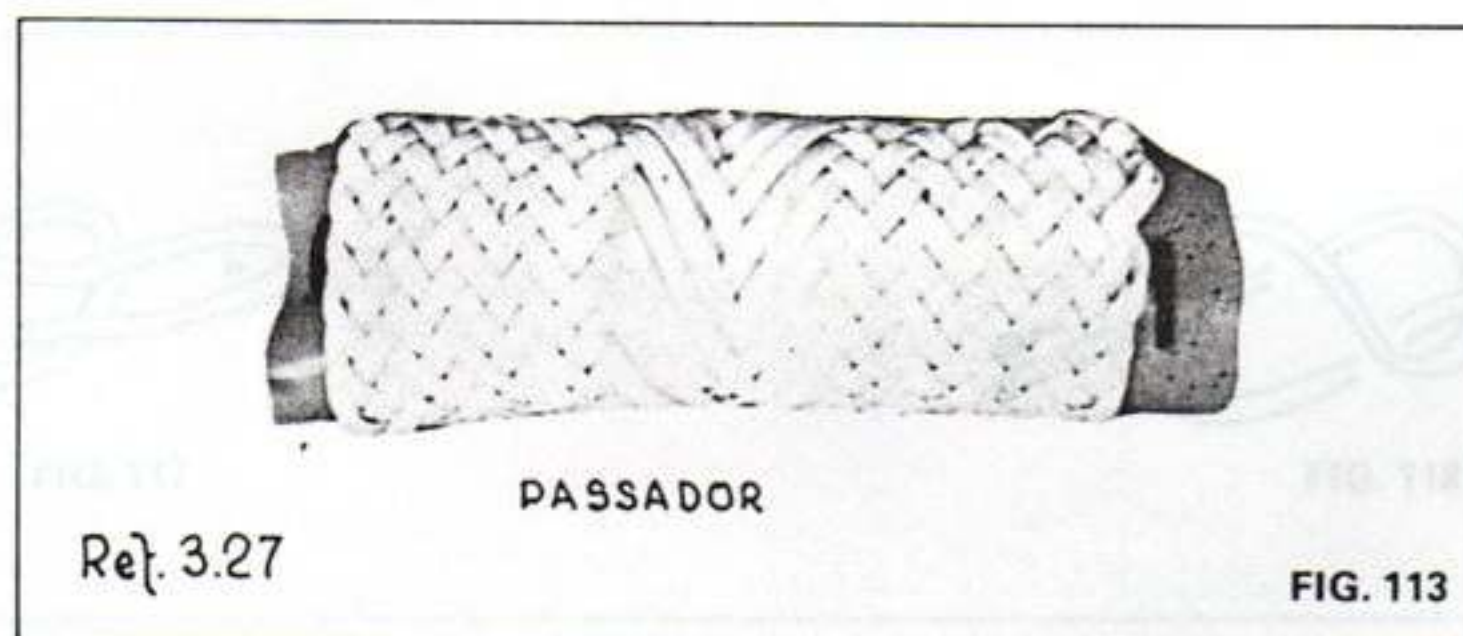
**B.3(a, b, c) (fig. 112-I); C.3 B.3 (3 vezes); C.3 B.2; C.3 B.3 (3 vezes); C.3 B.2;
C.3 B.3 (3 vezes); C.4 para sair como na fig. 112-D.**

16. O guia desce (última etapa) e na ordem:

**B.4(m, n, o, p) (fig. 112-J)
C.3 B.3 até o final (11 vezes) para sair como na fig. 112-I.
Está concluído o corredor. Ajustar, se for o caso.**

3.27. Corredor "passador"

A figura 113 mostra um tipo de corredor conhecido como "passador". Sua confecção (assunto do volume 2) não segue as normas até aqui estabelecidas para corredores.



3.28. Observação:

Cabe aqui também a observação do número 2.67 e referente às tranças. Os tipos de corredores aqui abordados são parte de uma enorme variedade de corredores similares e outros. Da combinação de uns tipos, alteração de outros, podem surgir efeitos diversos, com aspectos interessantes.

No volume 2 serão vistos outros modelos, a título de complementação.

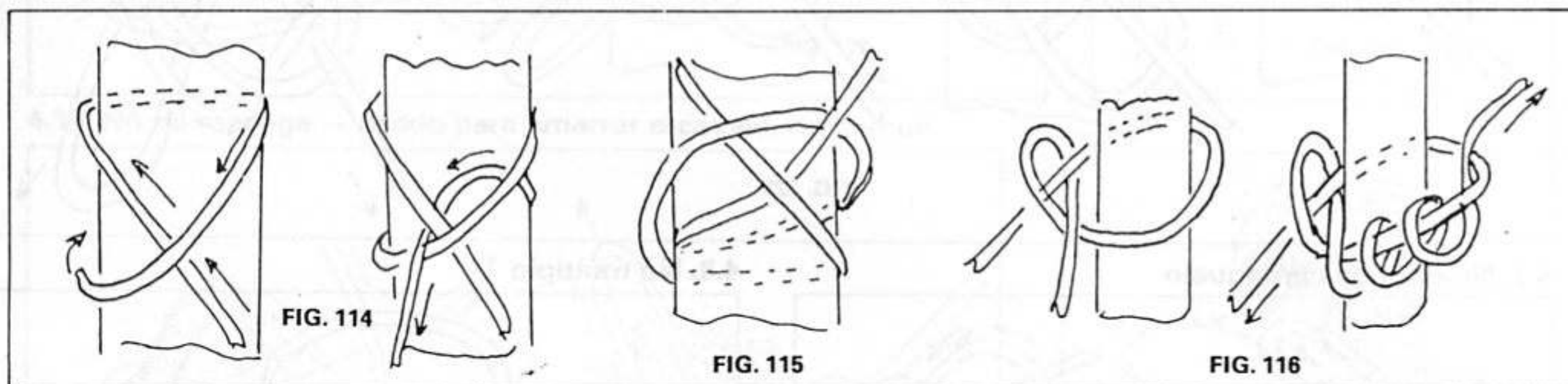
As figuras 159, 160... 164, mostram algumas dessas combinações.

4. NÓS

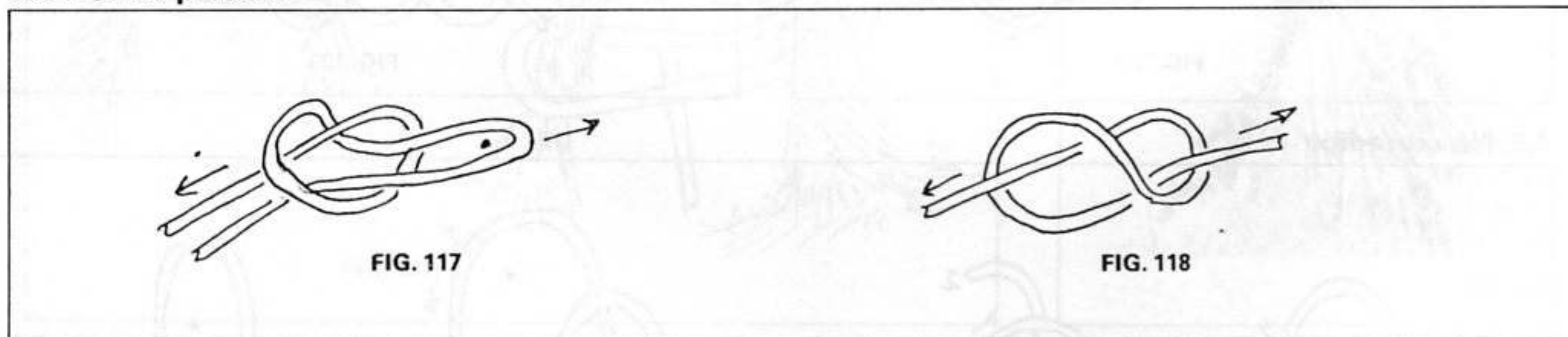
Os nós encontram múltiplas aplicações não só no artesanato em couro como também em outras habilidades.

As gravuras que seguem mostram por si próprias como executar uma apreciável variedade de nós. Nessas gravuras os nós aparecem como que frouxos, sem ajuste, tendo-se em vista um melhor e mais rápido entendimento como confeccioná-los.

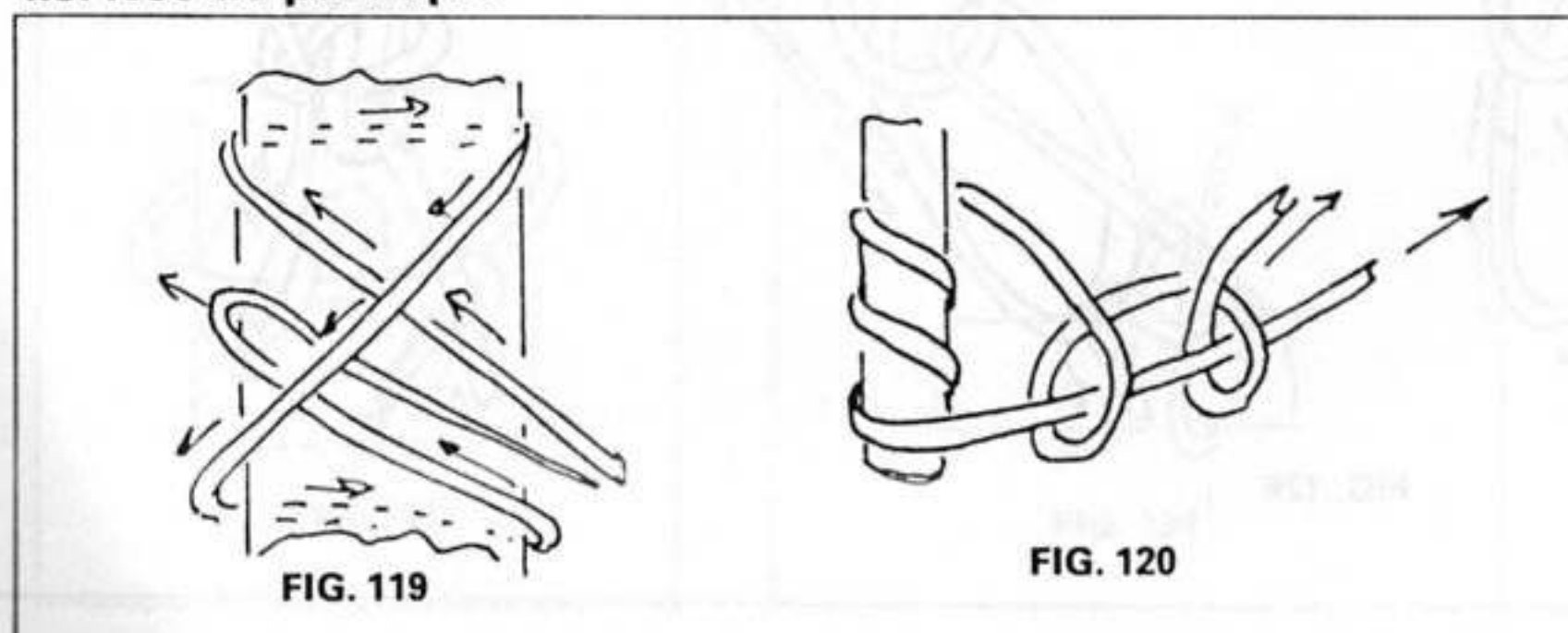
4.1. Nós de tronco



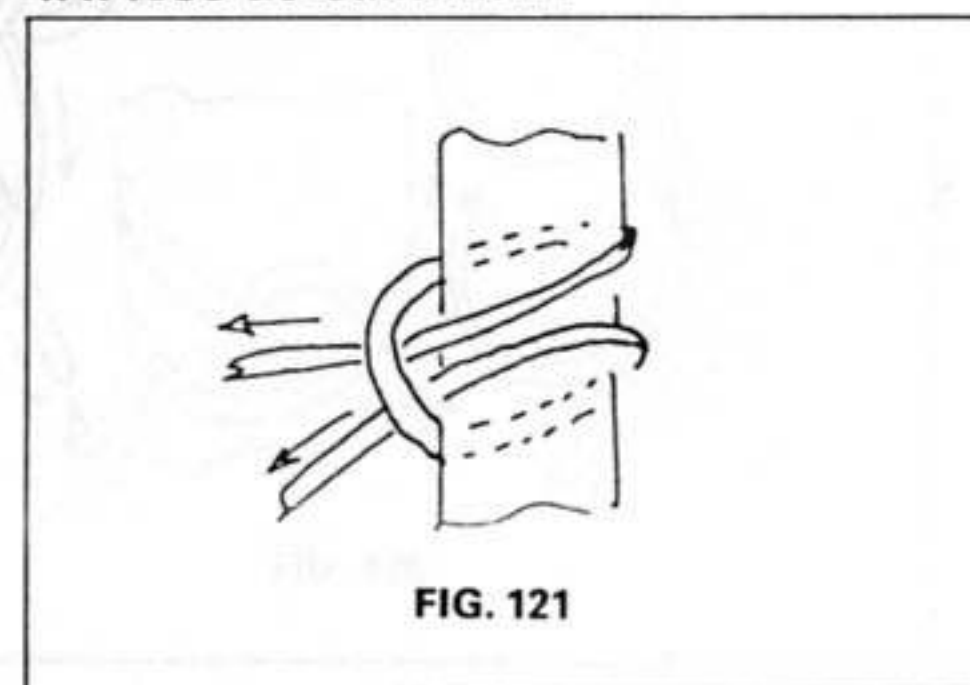
4.2. Nós de presilha



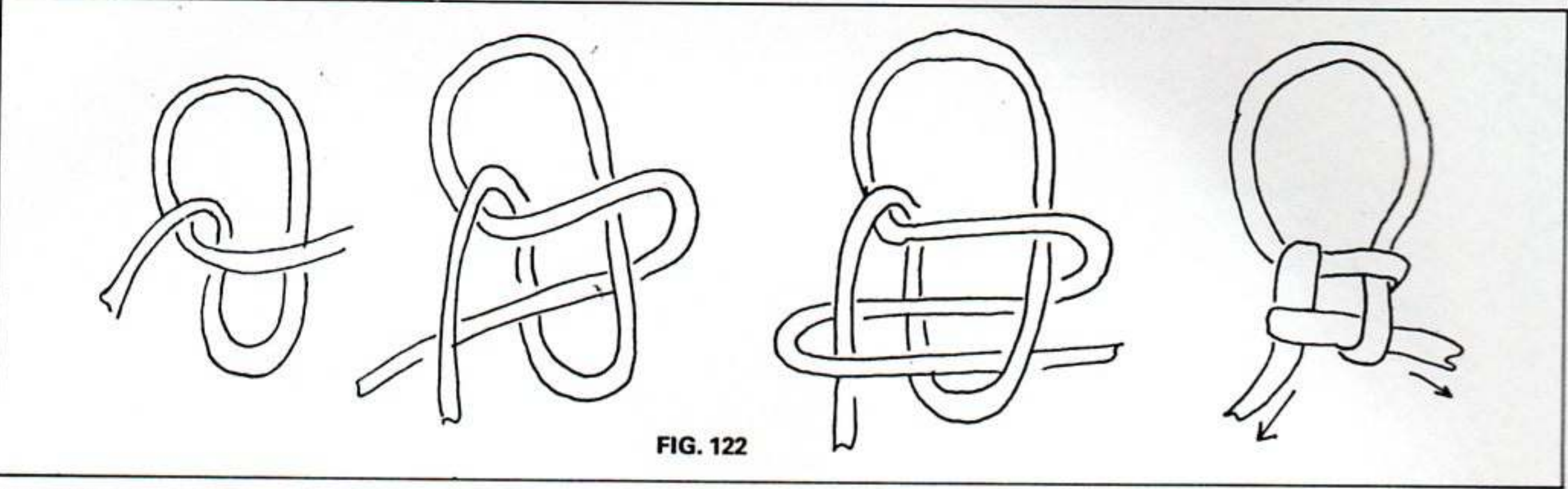
4.3. Nós de palanque



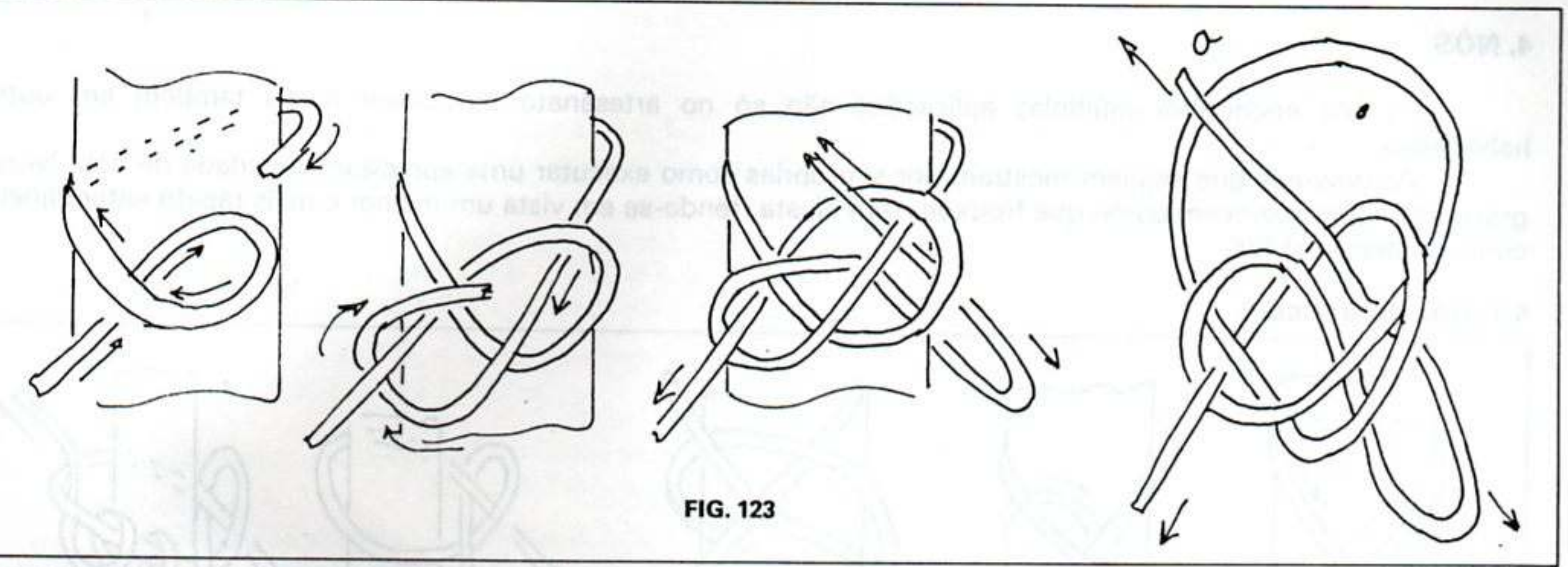
4.4. Nós de calhandra



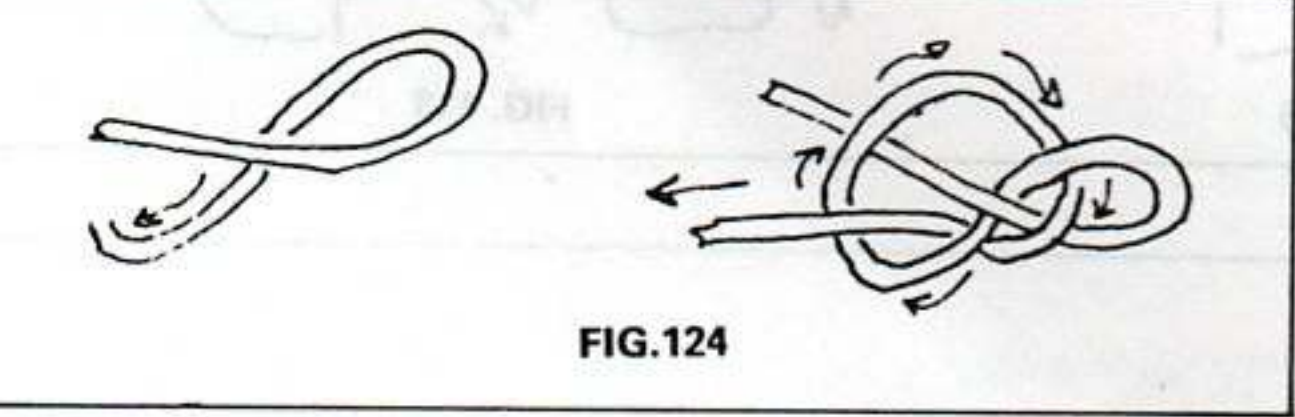
4.5. Nó quadrado



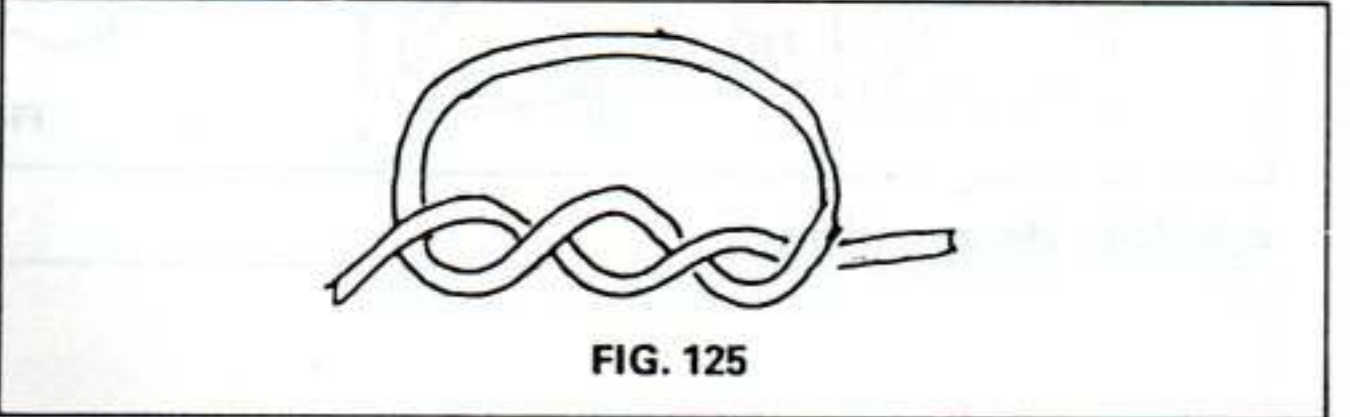
4.6. Nó de sogá



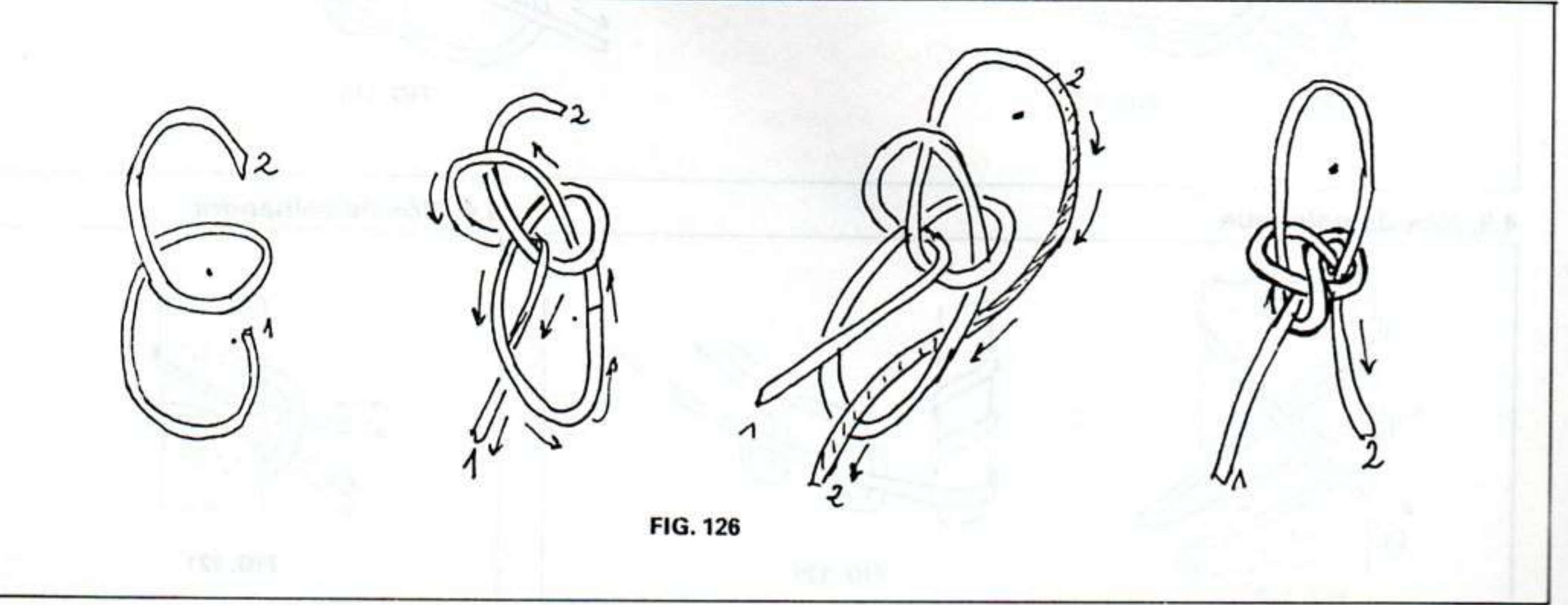
4.7. Nó olho de caranguejo



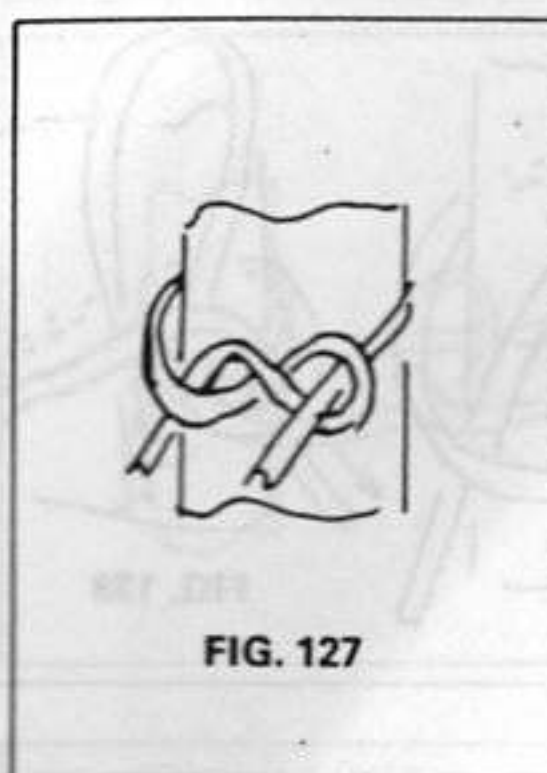
4.8. Nó múltiplo



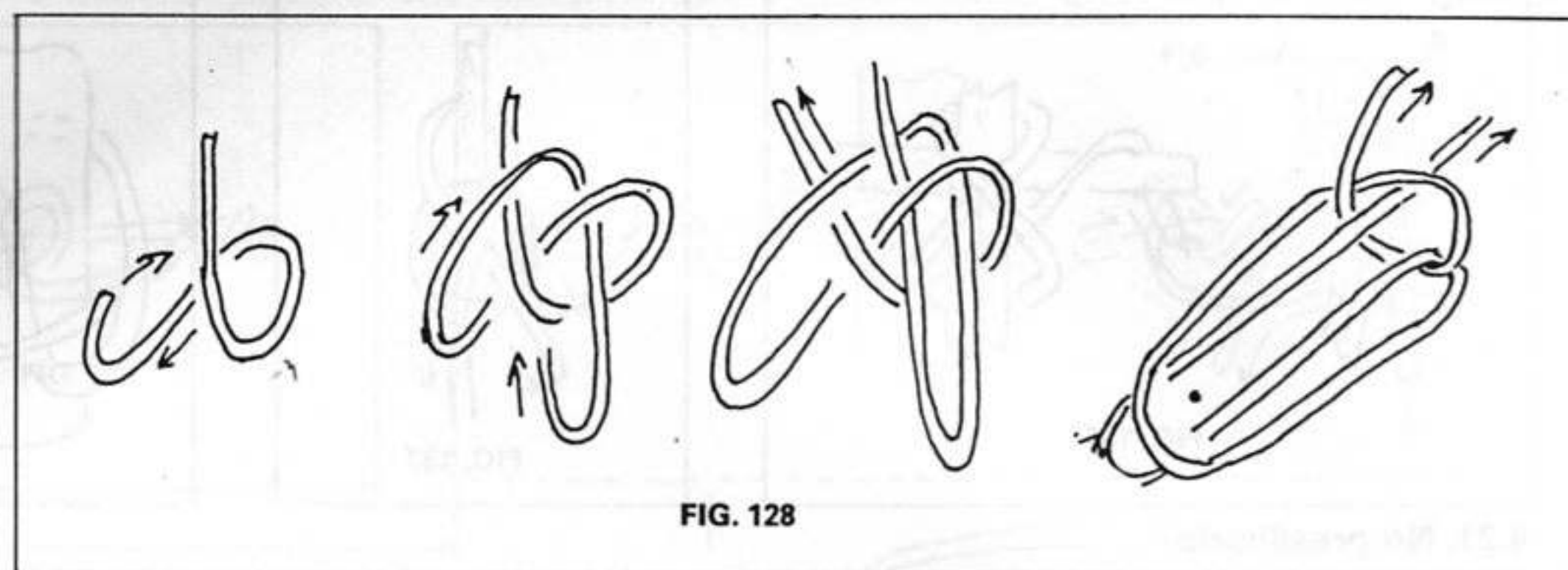
4.9. Nó correição



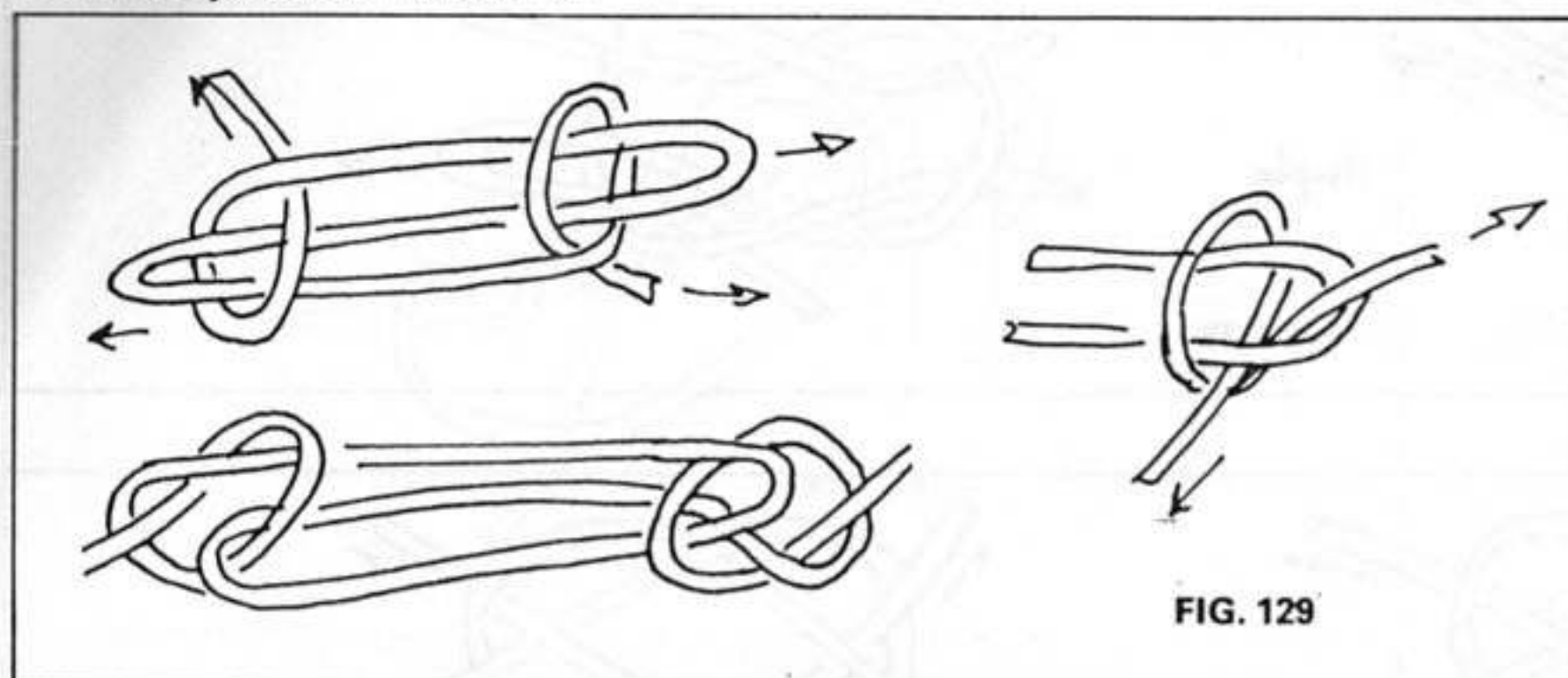
4.10. Nó de "gringo"



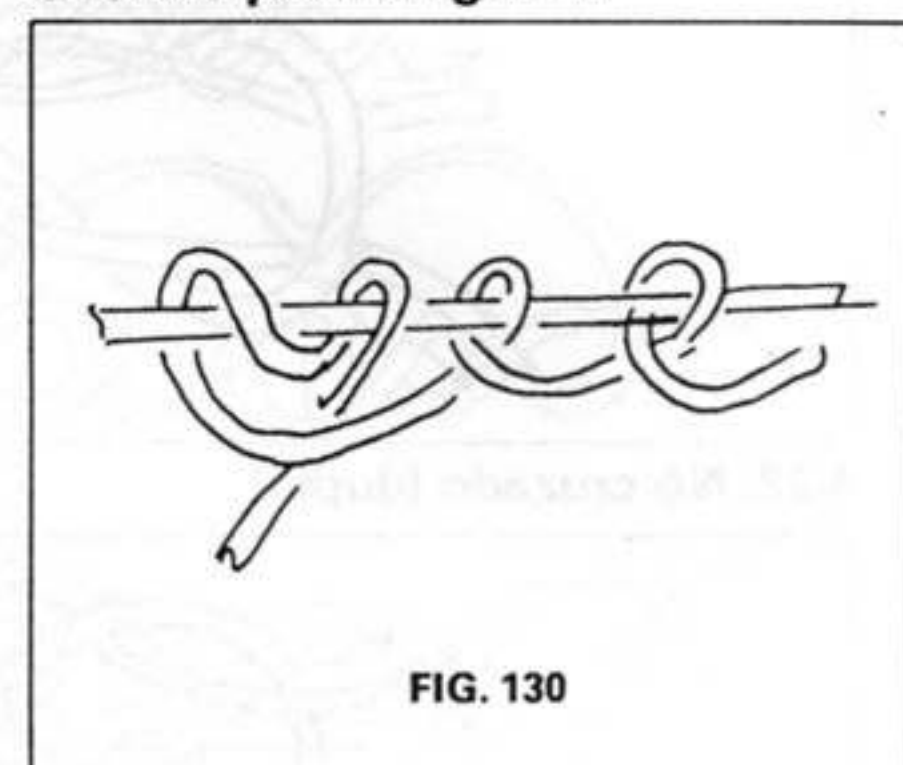
4.11. Nó pata de gato



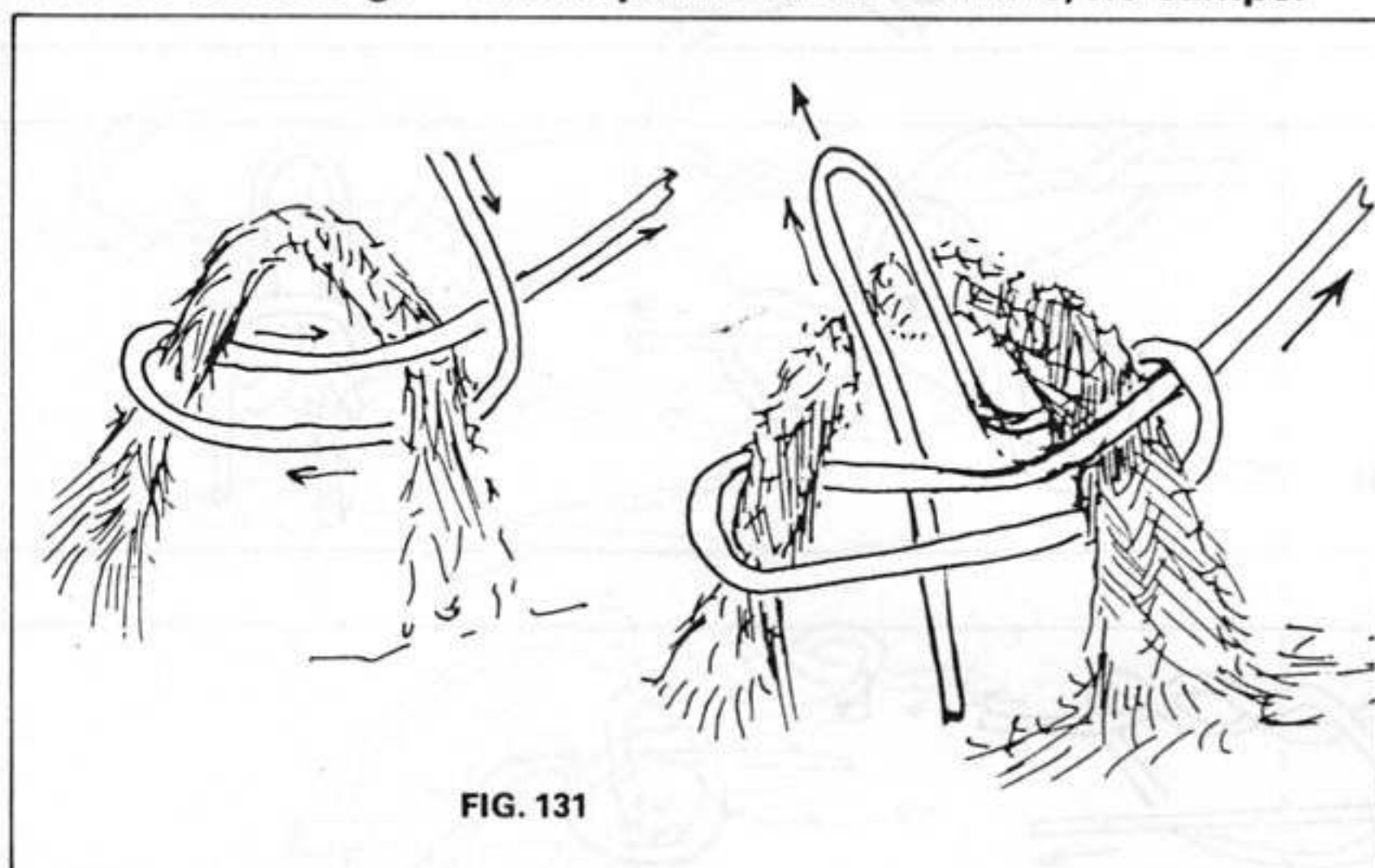
4.12. Nó pata de cachorro



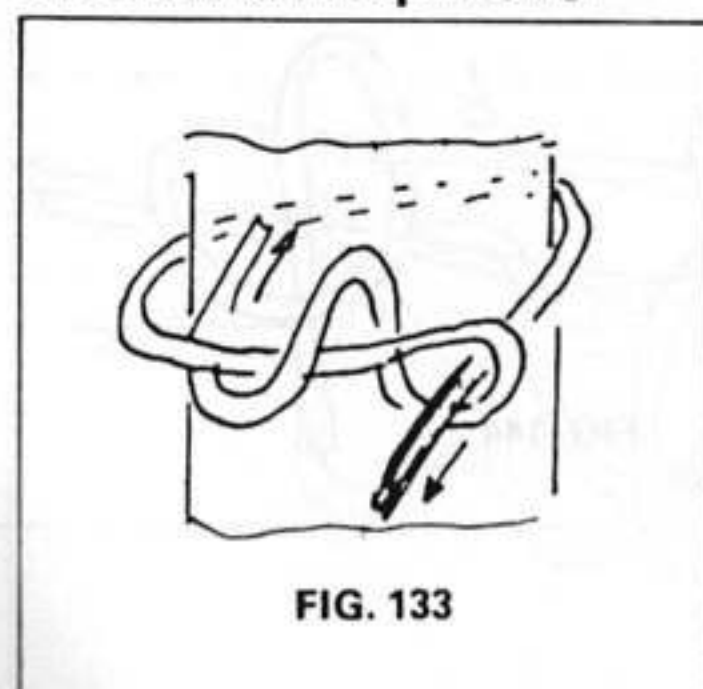
4.13. Nó pata de ganso



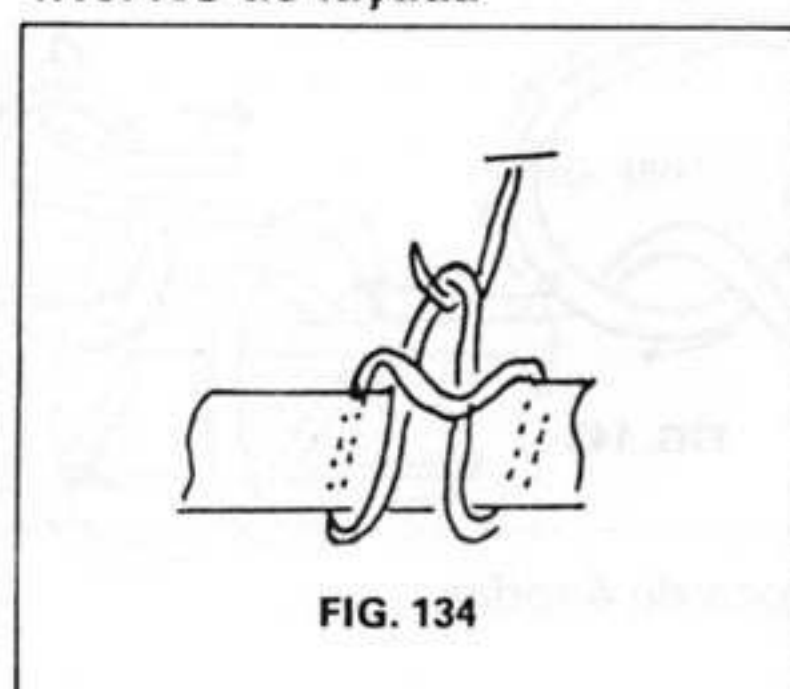
4.14. Nó de macega — usado para amarrar o cavalo, no campo.



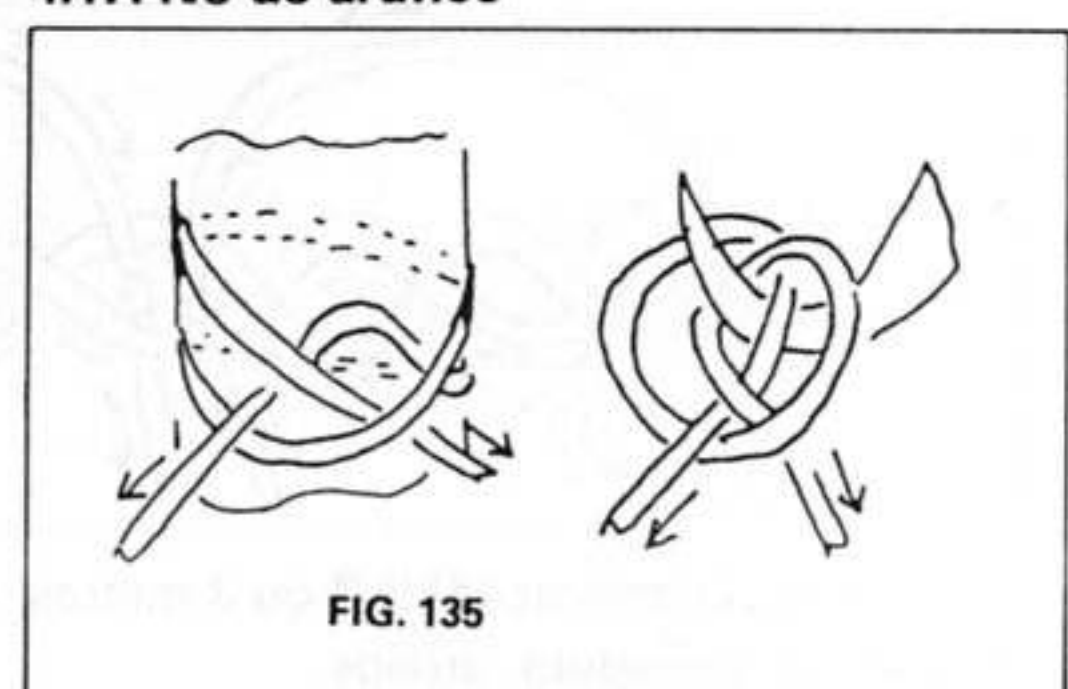
4.15. Nó de carpinteiro



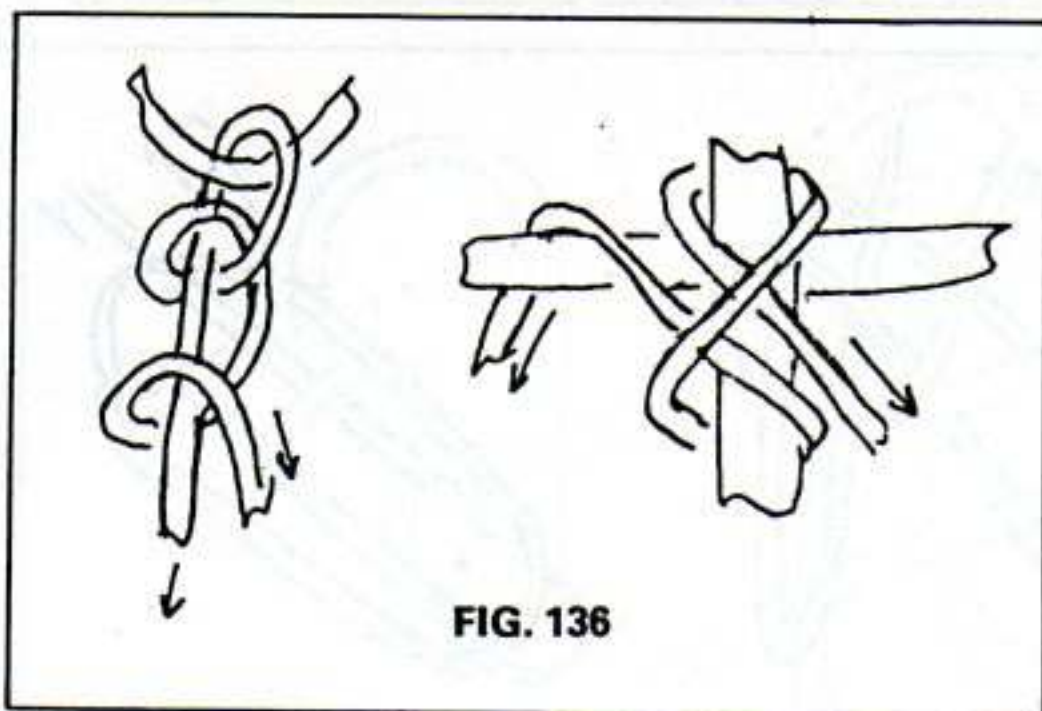
4.16. Nó de laçada



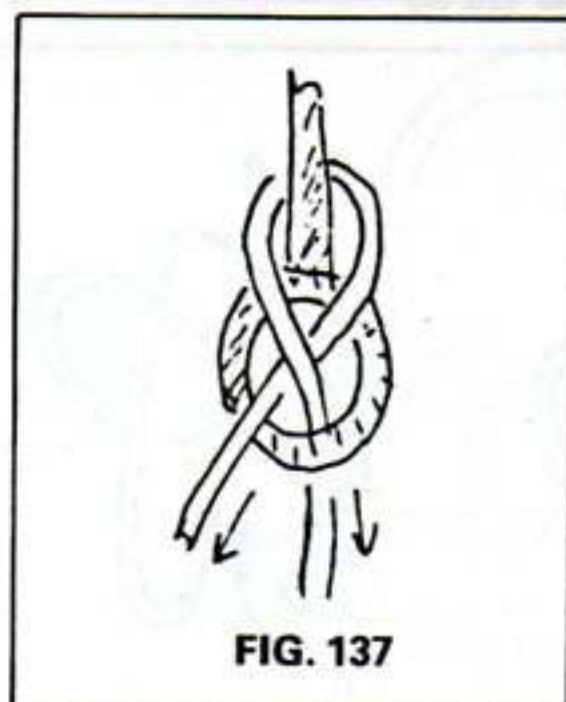
4.17. Nó de artífice



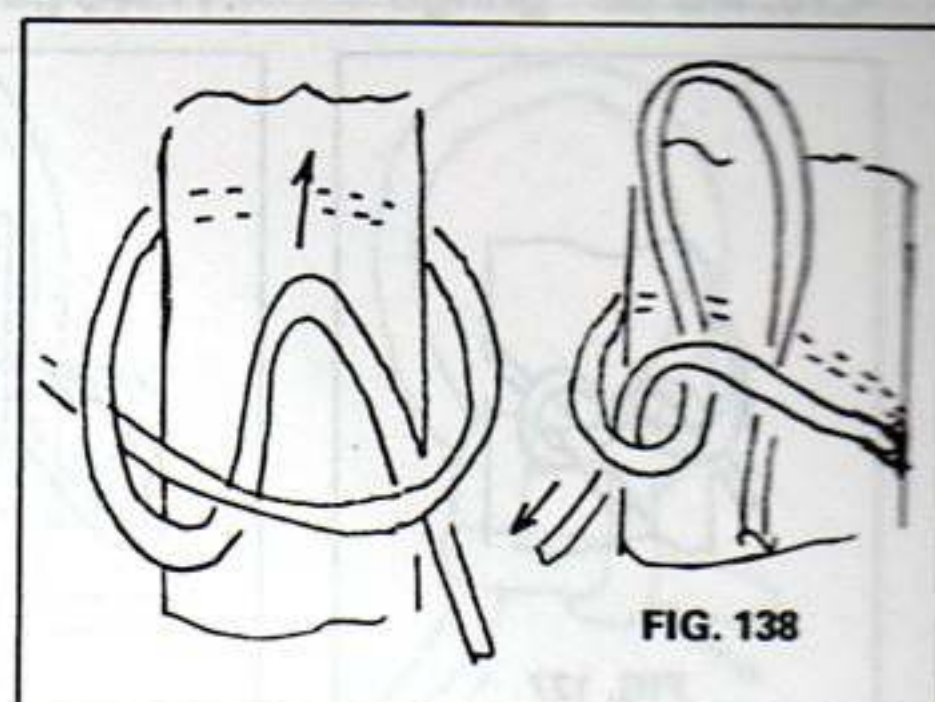
4.18. Nó de amarre



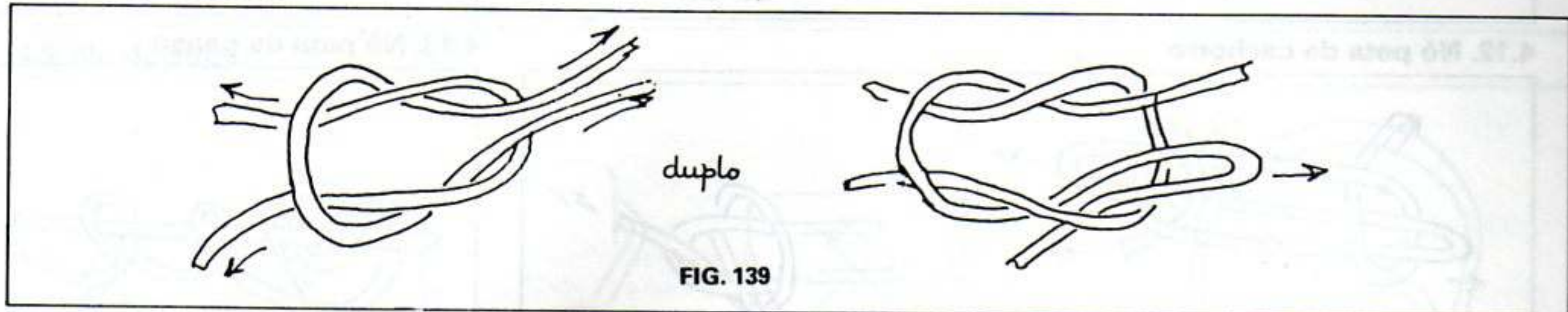
4.19. Nó de canhão



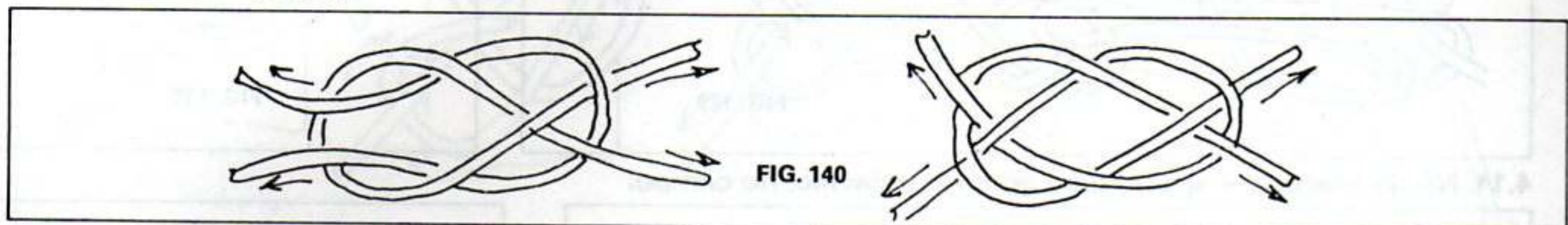
4.20. Nó de galera *



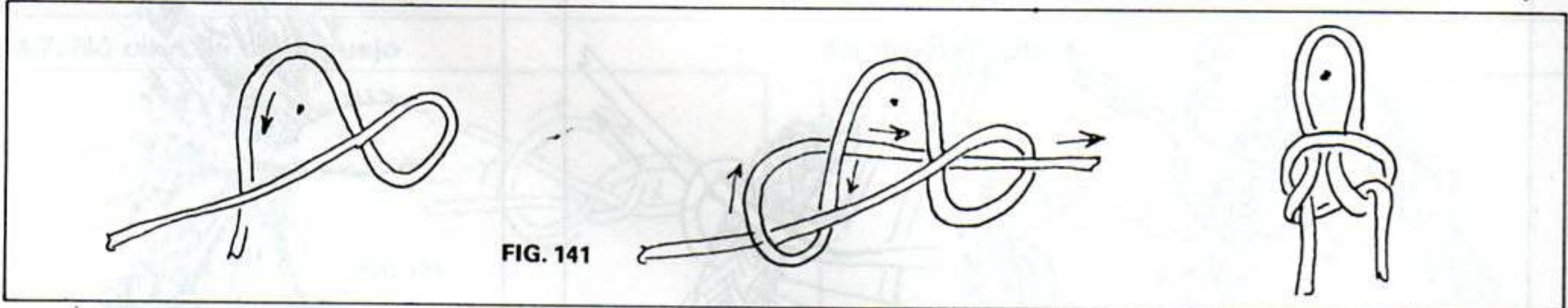
4.21. Nó presilhado



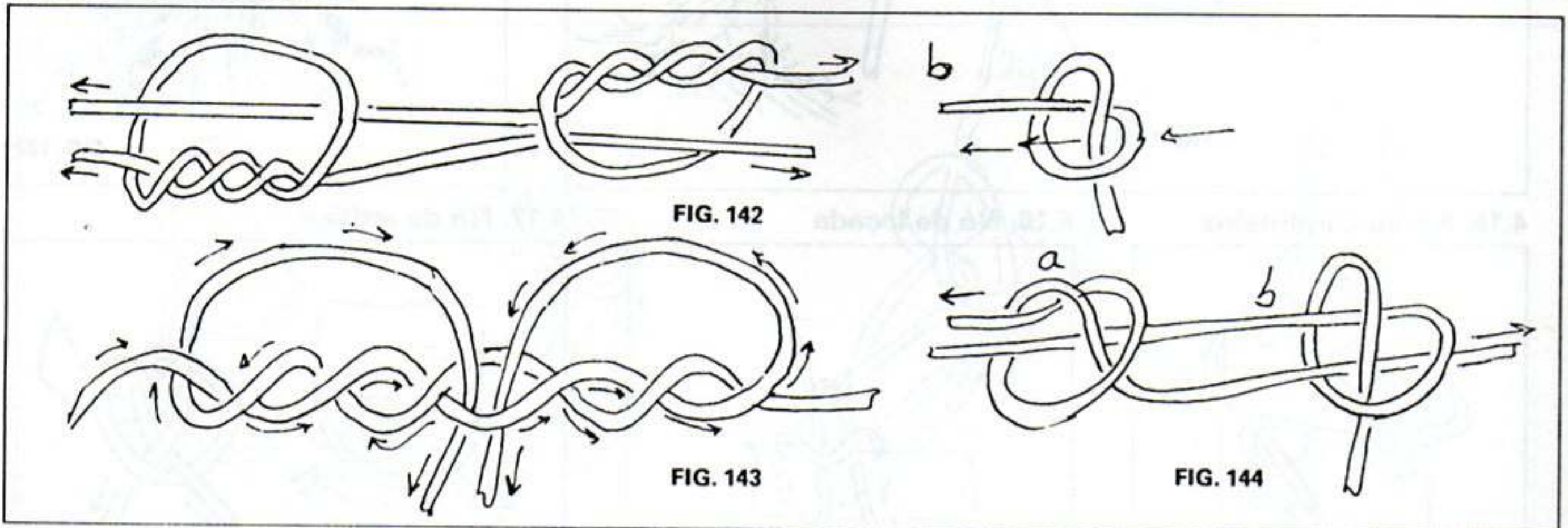
4.22. Nó cruzado (duplo)



4.23. Nó arnês **



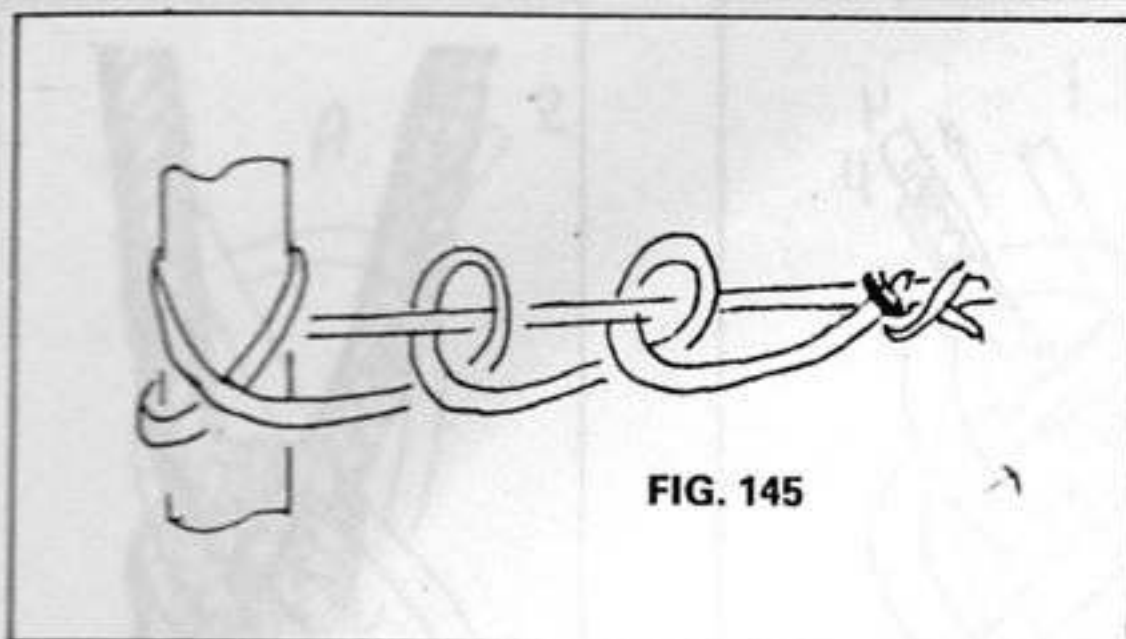
4.24. Nós de emenda



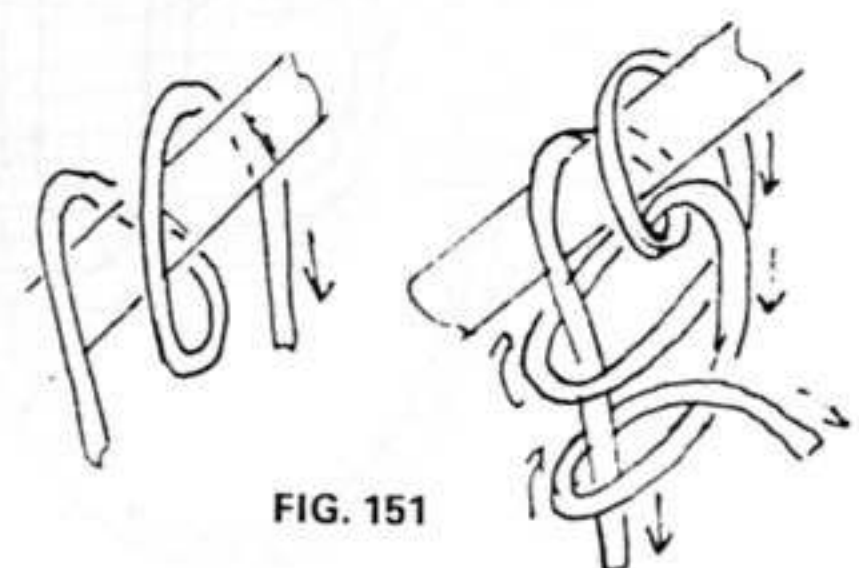
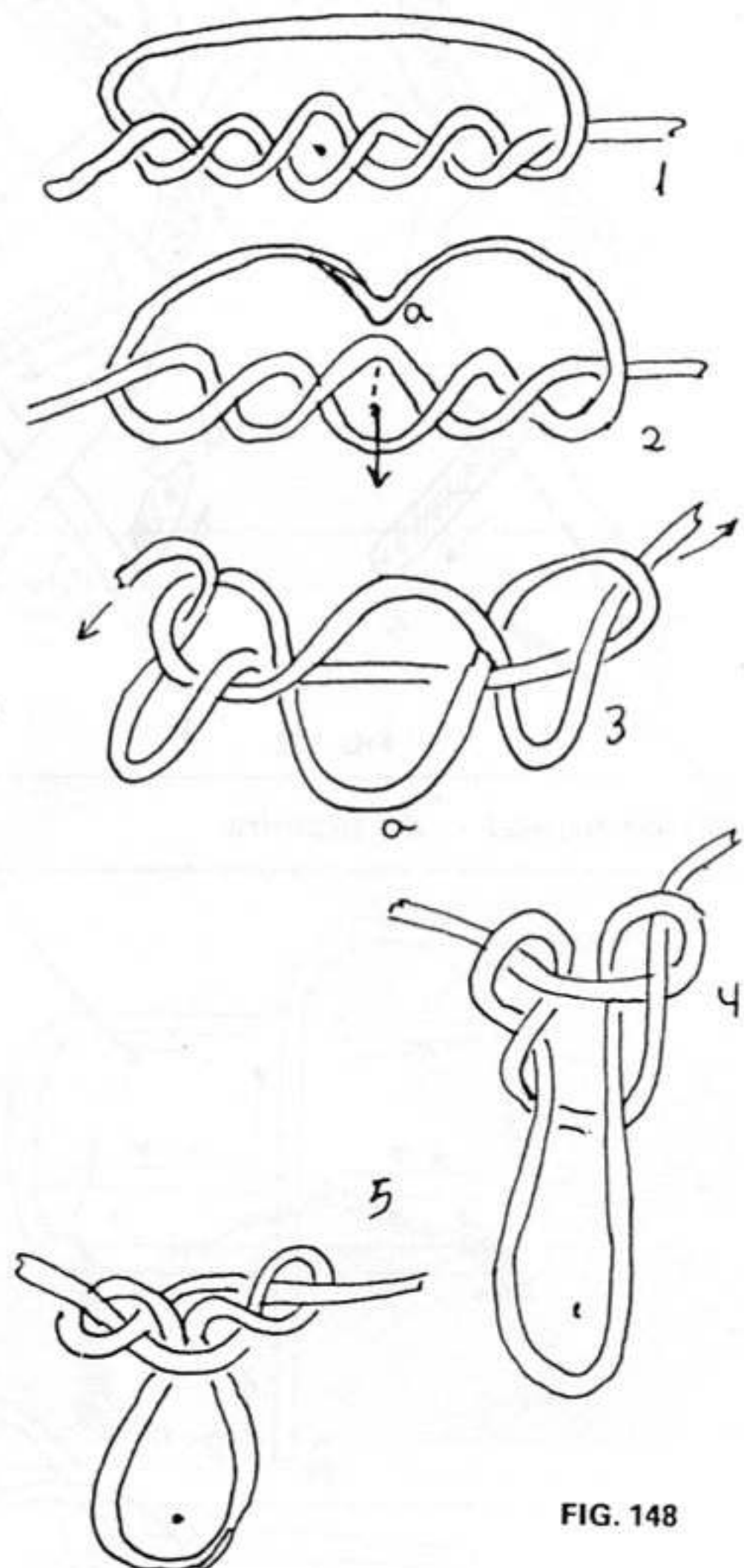
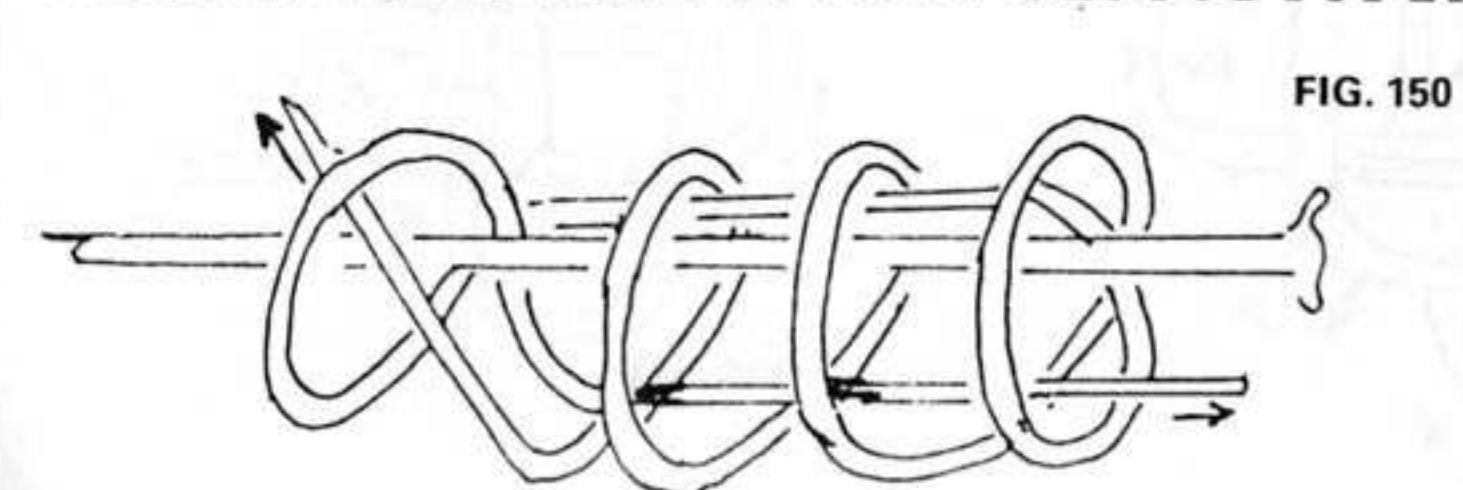
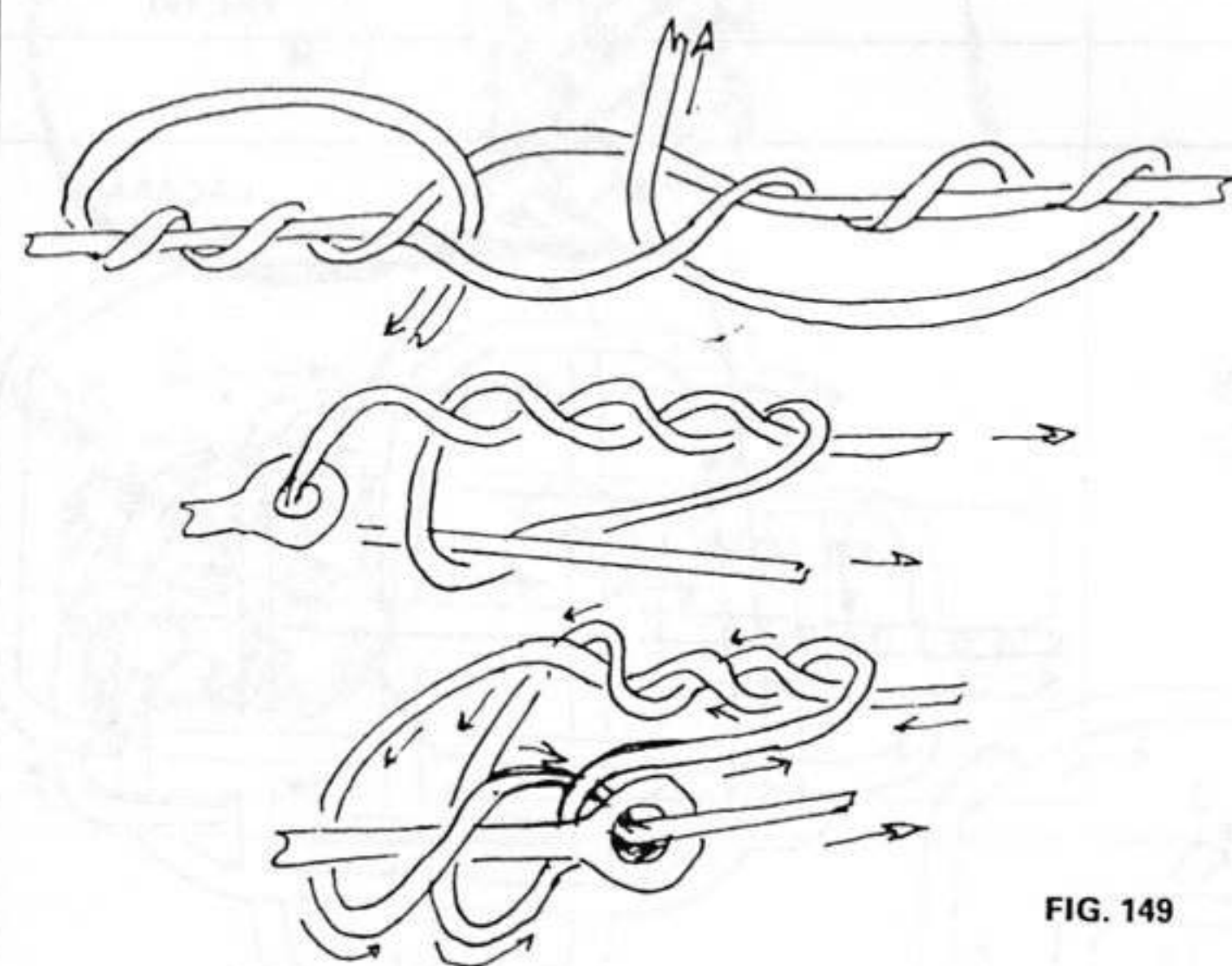
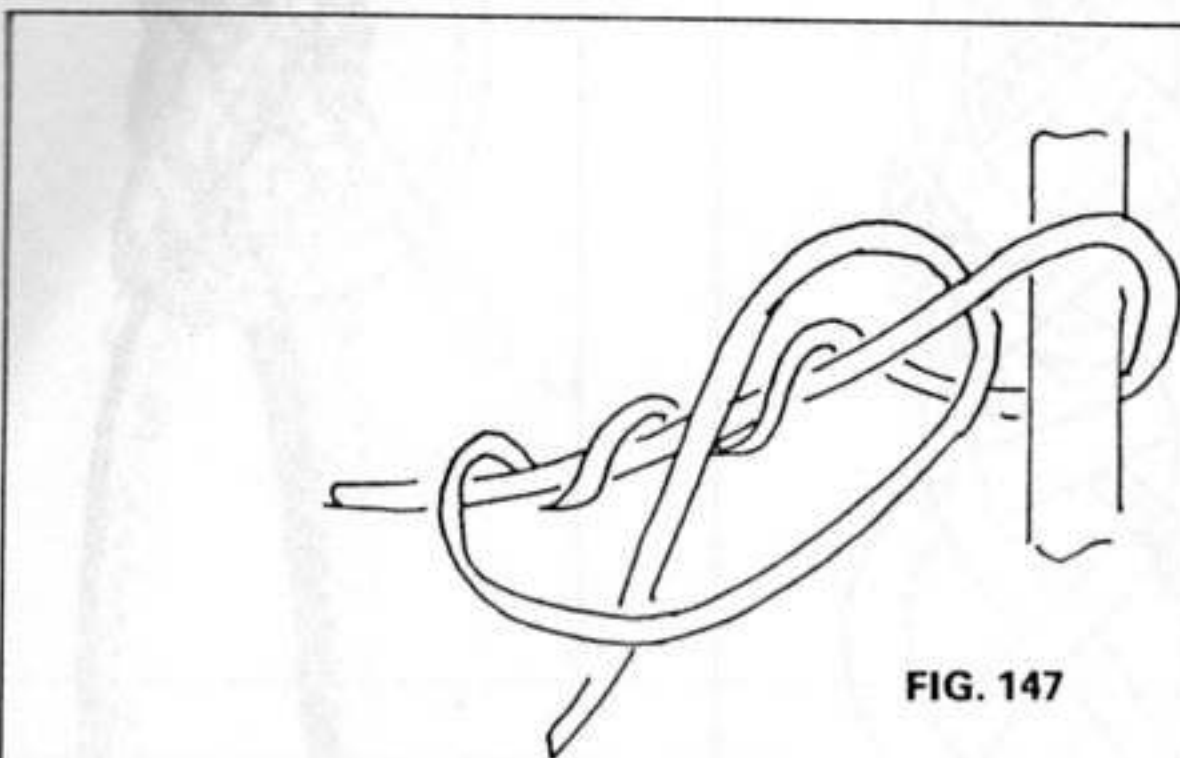
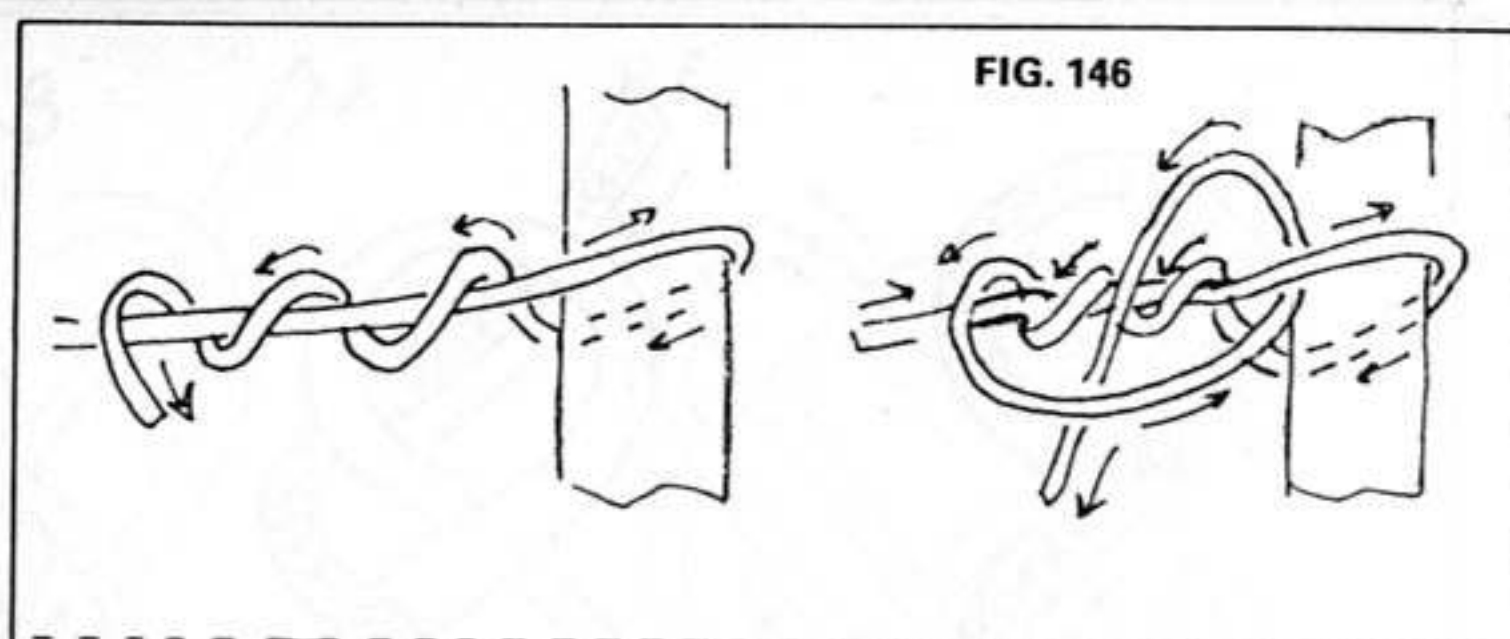
(*) galera: embarcação de 2 ou 3 metros; carroça de 4 rodas.

(**) arnês: armadura, arreios.

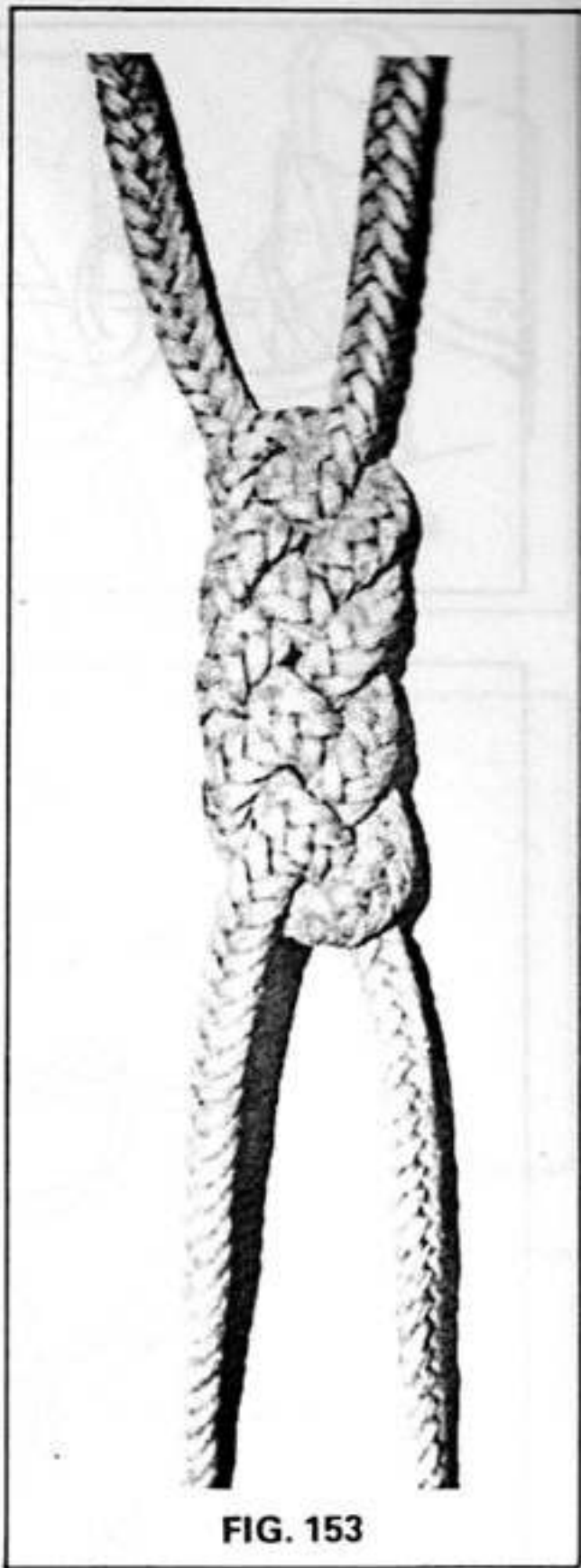
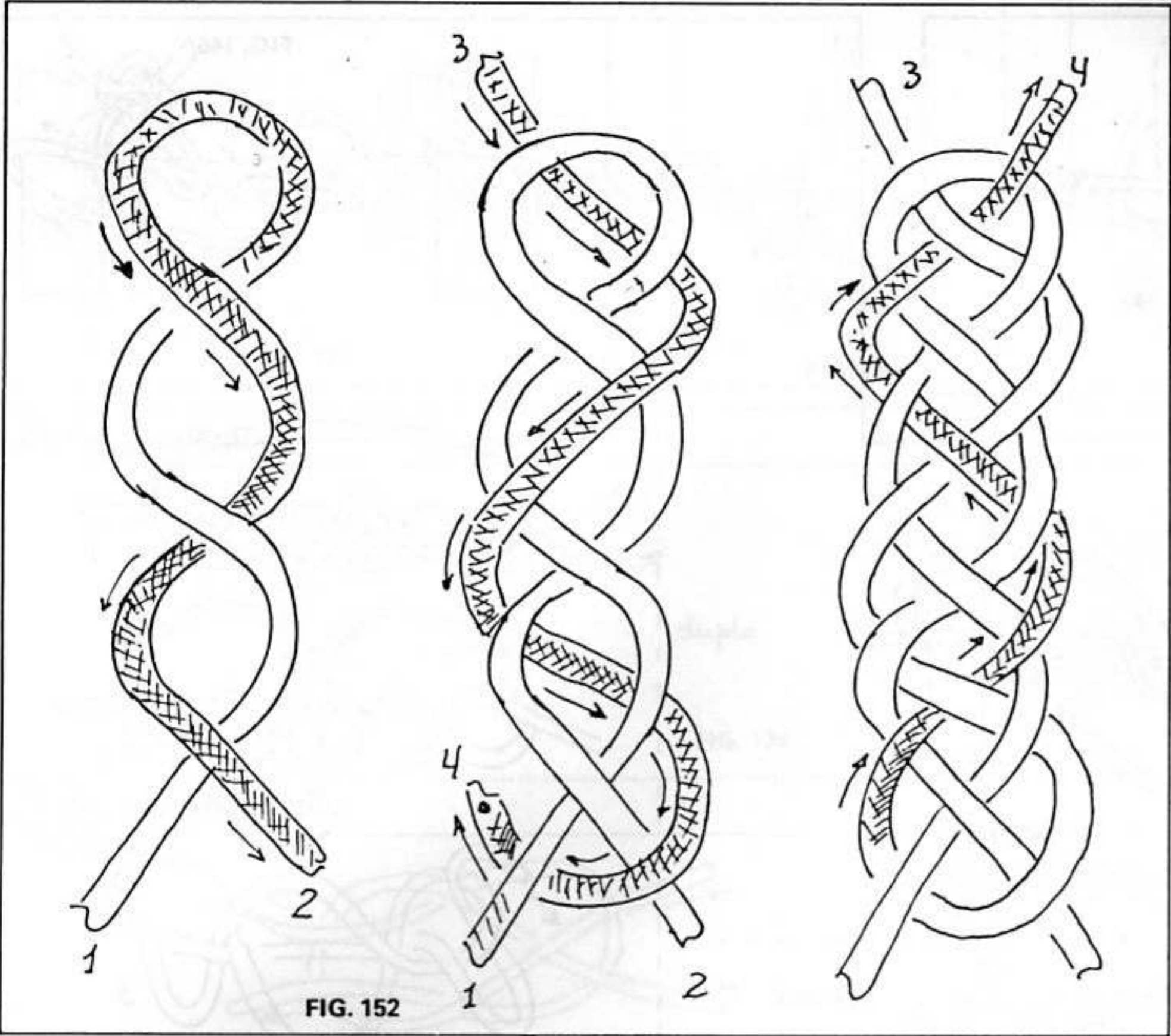
4.25. Nó de meia-chave



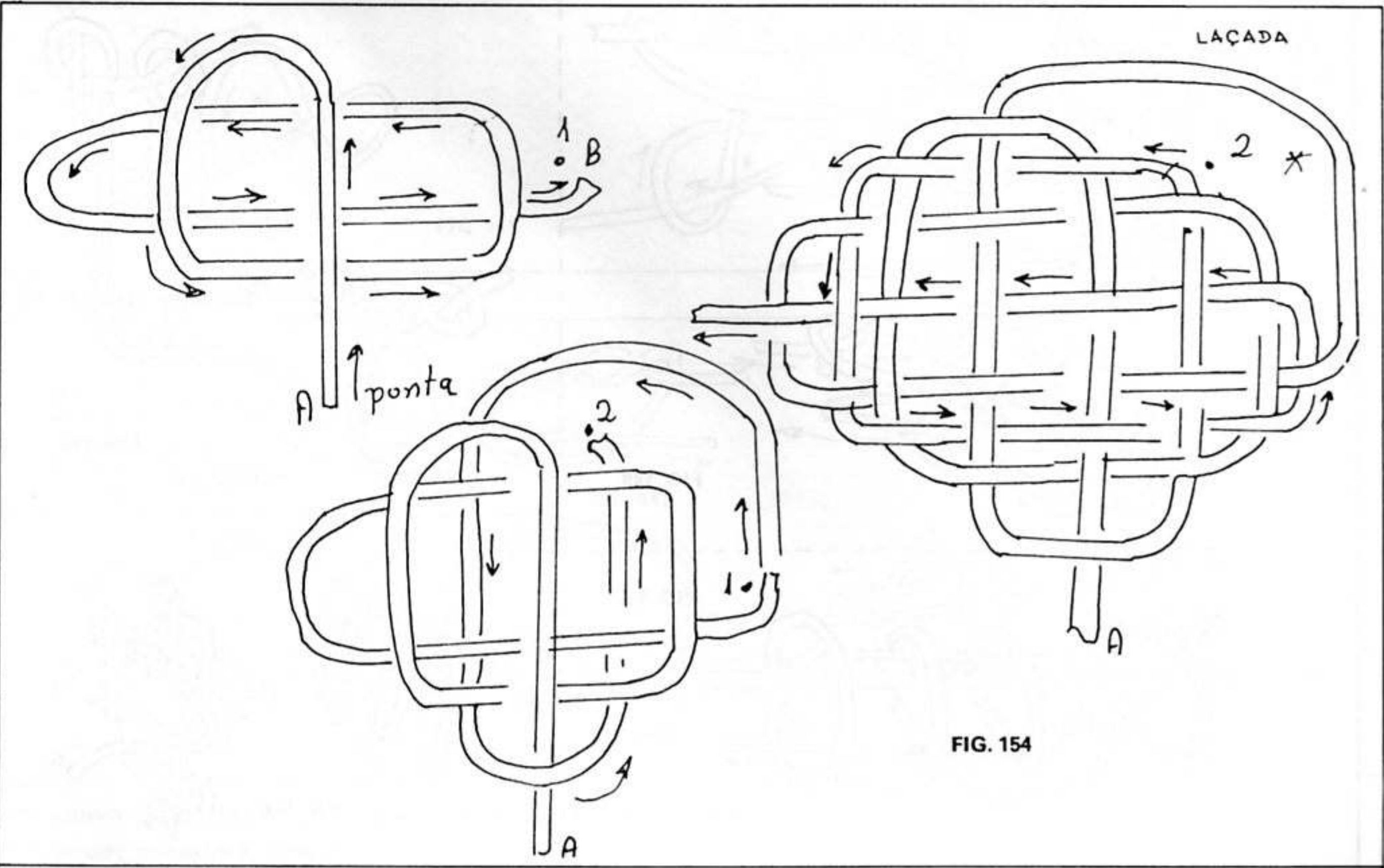
4.26. Nós de pescador



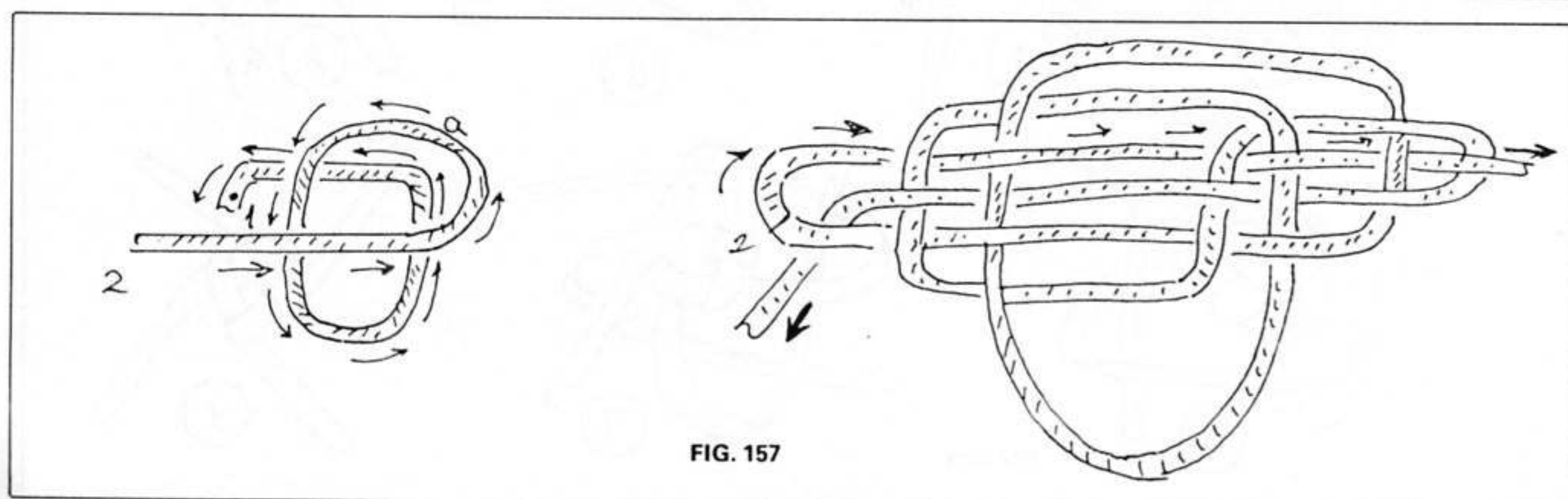
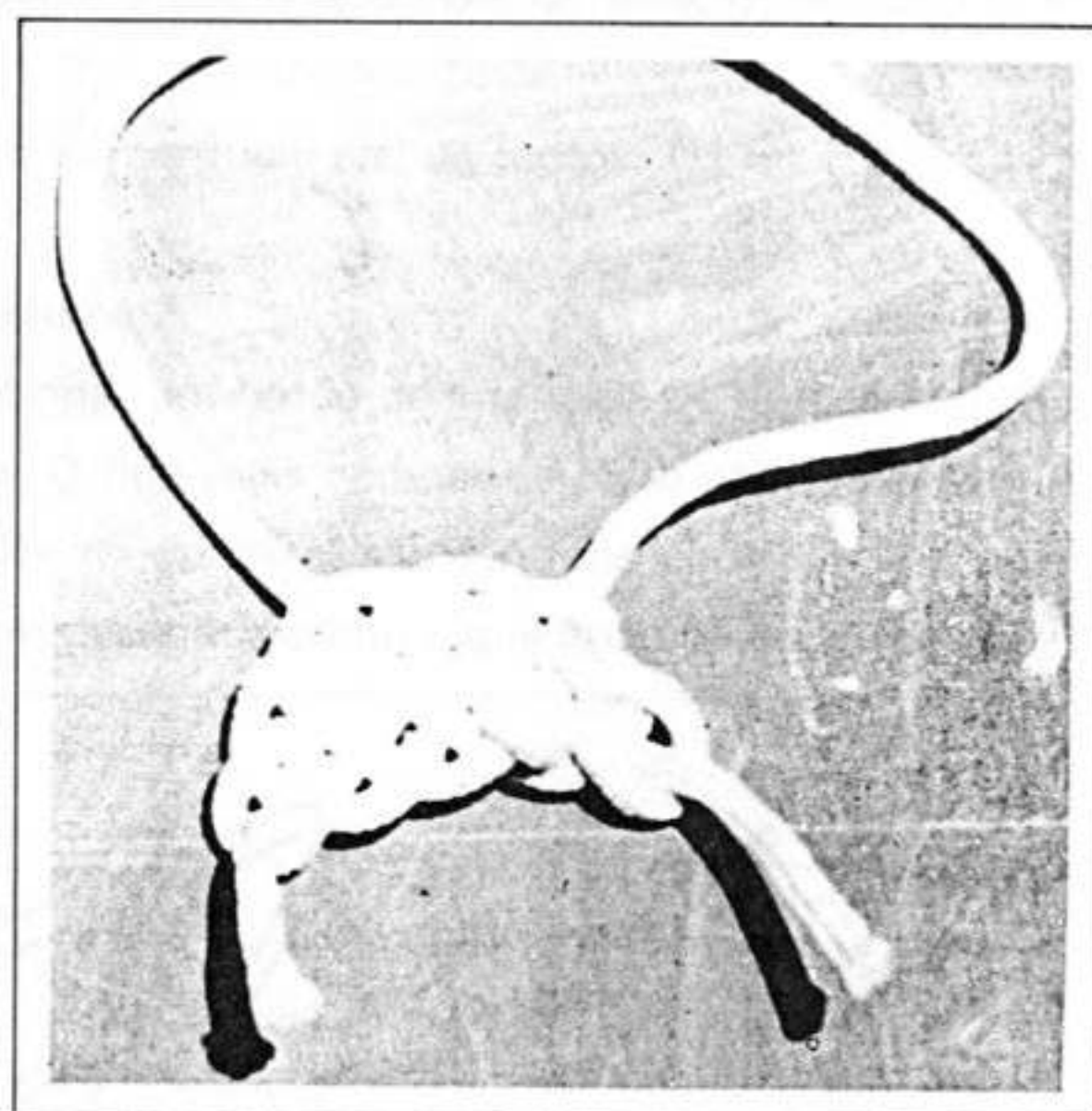
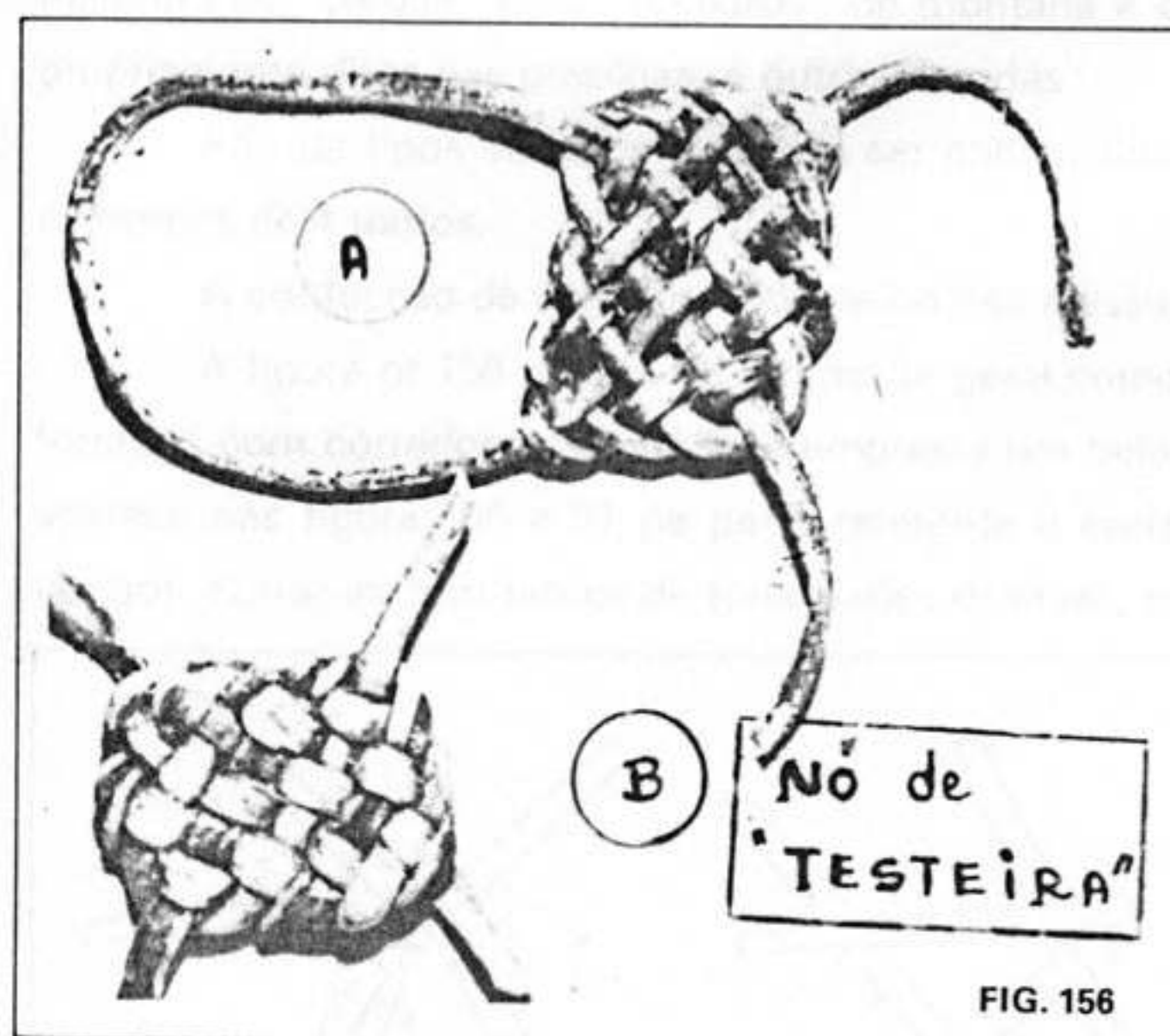
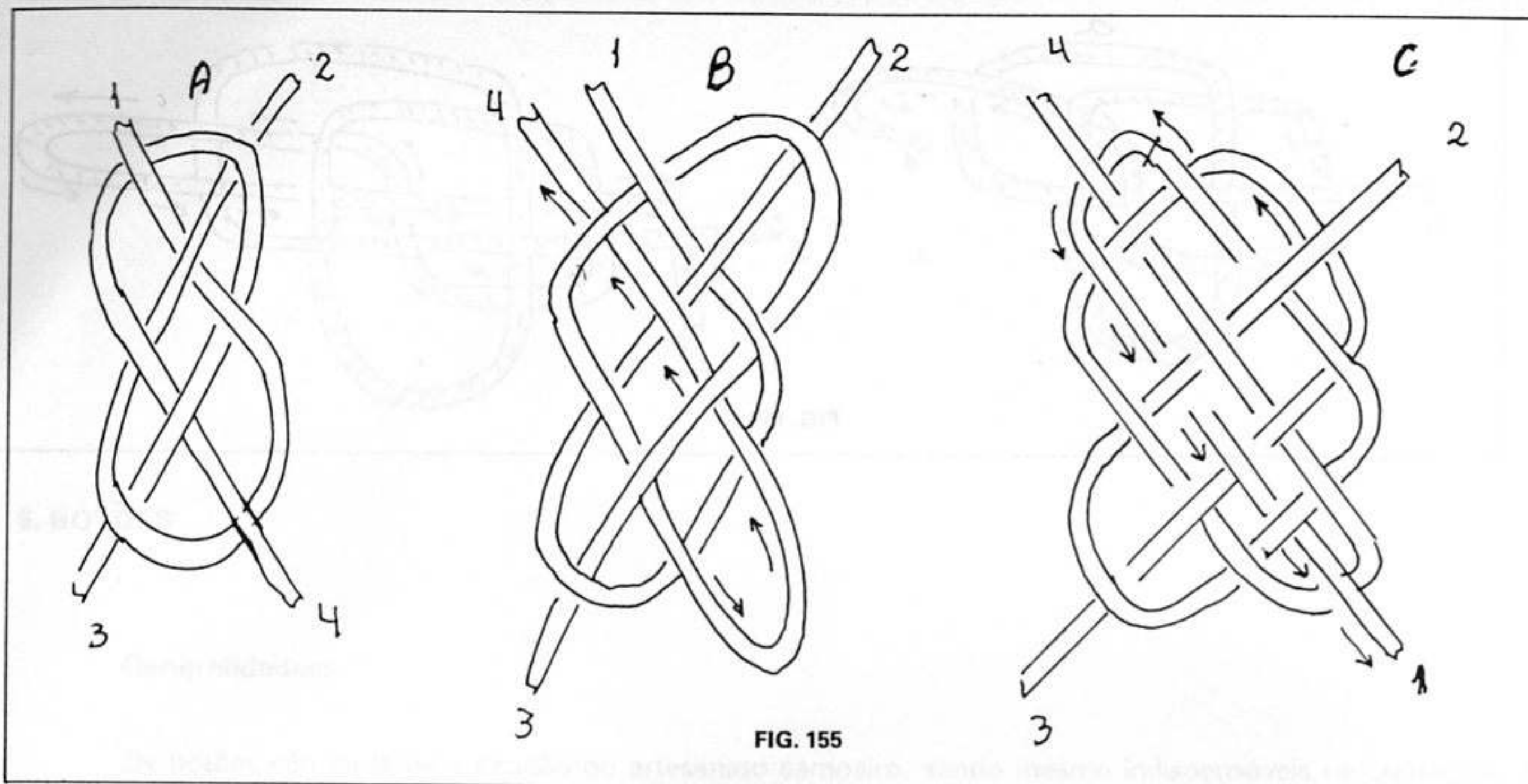
4.27. Nó de sapo



4.28. Nó frontal — de testeira



4.29. Nó de alça



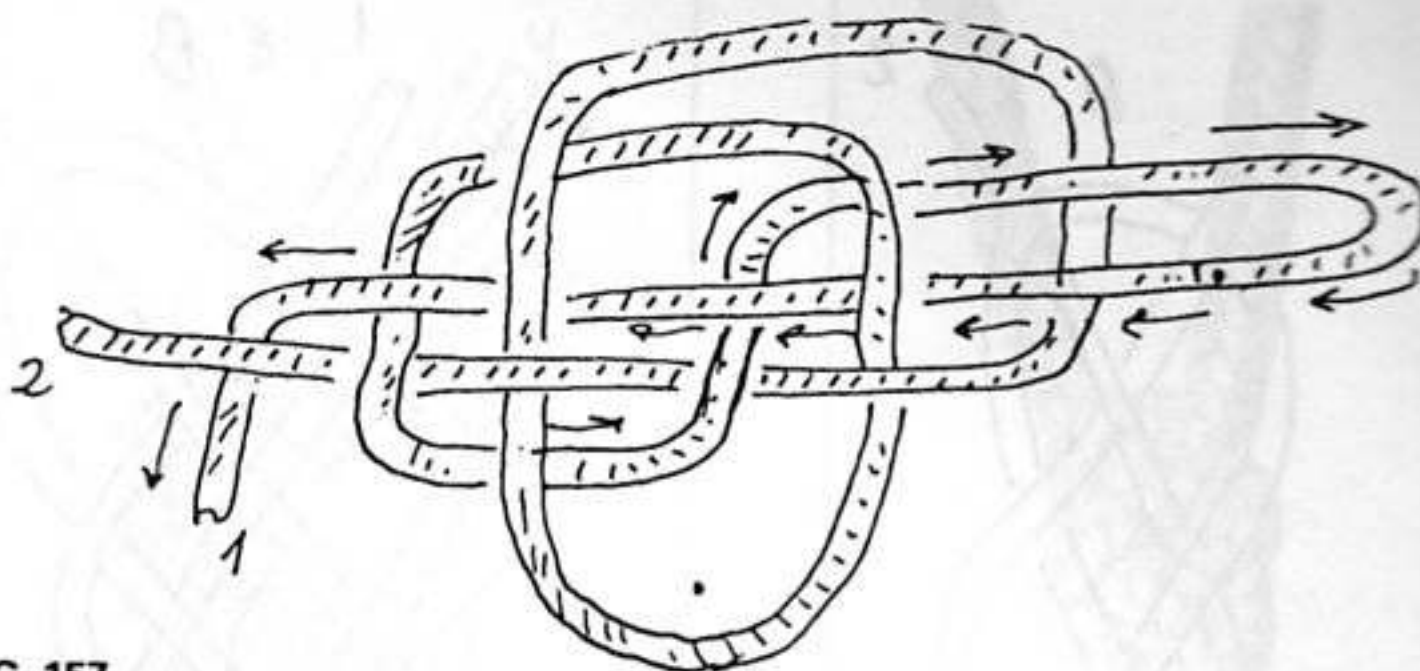
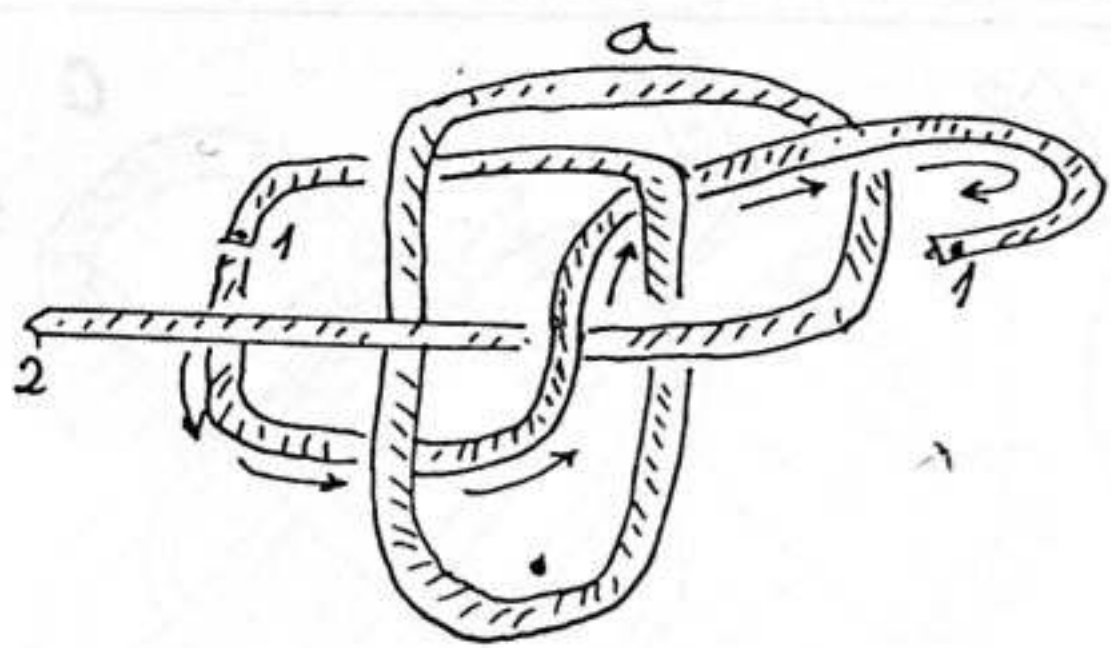


FIG. 157

5. BOTÕES

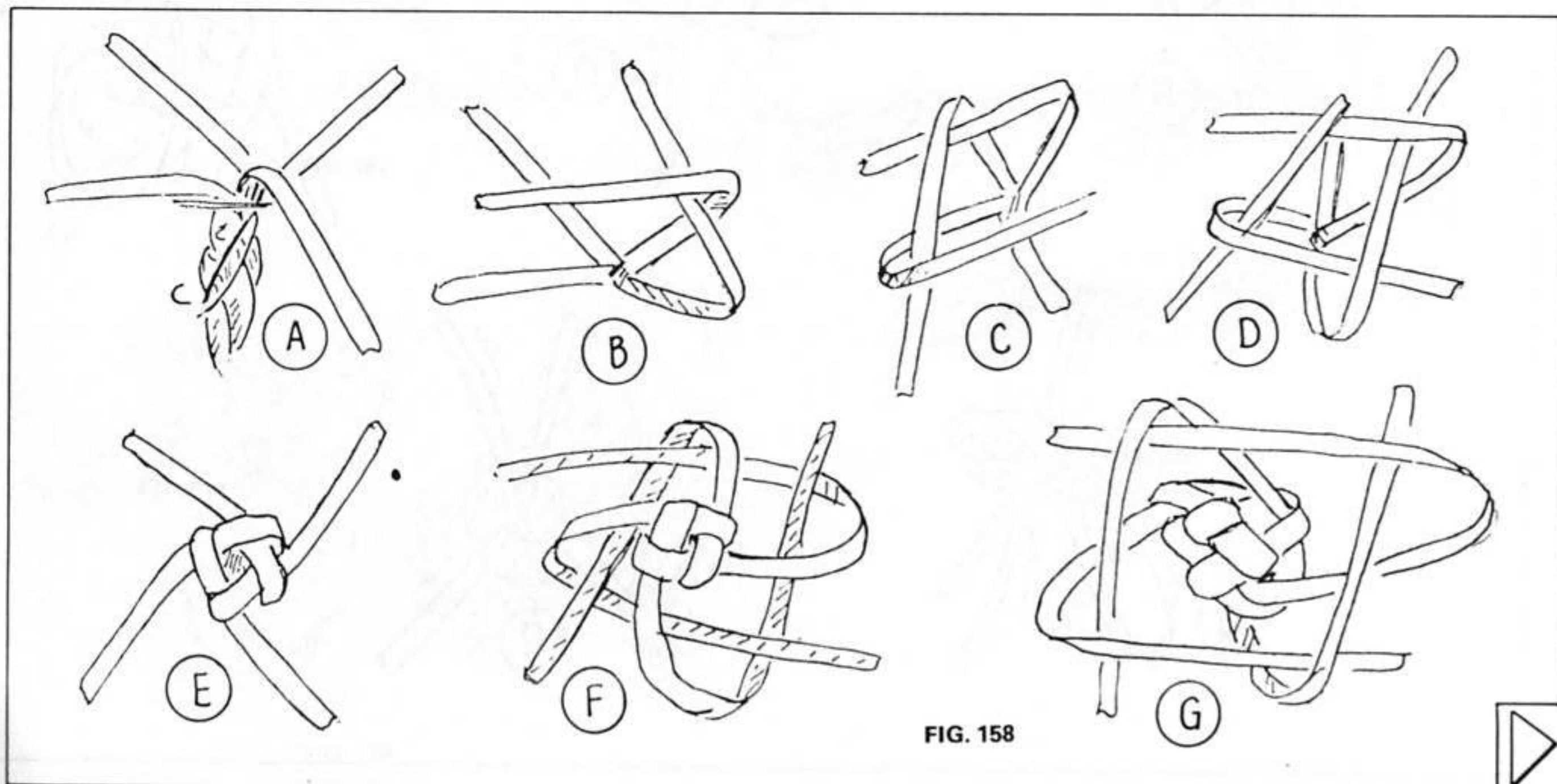
Generalidades:

Os botões são de larga aplicação no artesanato campeiro, sendo mesmo indispensáveis na confecção da maioria das "cordas" para "preparos" de montaria e outras. Servem como terminais de tranças, e como botões propriamente ditos nas presilhas, e outras "cordas".

São de tipos variados e podem ser confeccionados com número variável de tentos. Os mais comuns são os botões de 4 tentos.

A confecção de diversos tipos de botões é assunto do volume 2.

A figura nº 158 mostra de um modo geral como confeccionar um botão de 4 tentos. Os botões podem ser forrados com corredores, o que lhes empresta um belo aspecto. O tipo mais comum de forro para botão é o que aparece nas figuras 96 e 97 na parte referente a corredores. De modo geral são forrados com um único tento (longo). Forrados com tentos de tonalidades diversas, apresentam desenhos como o que aparece na fig. 97 ou 98.



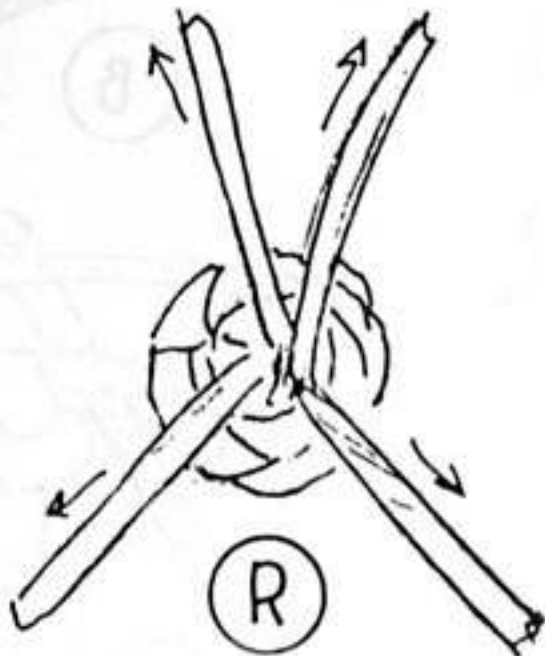
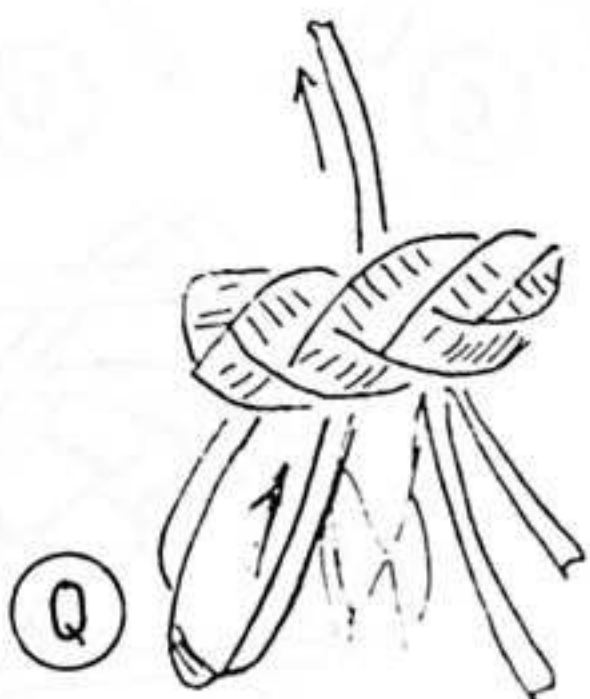
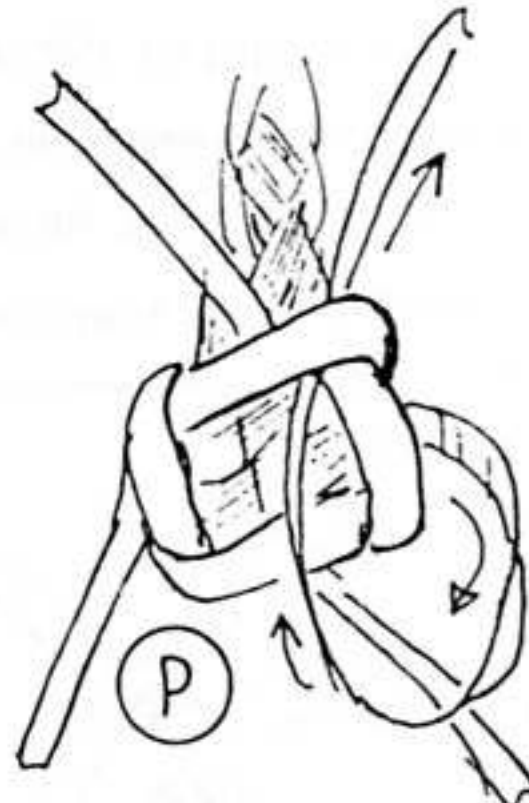
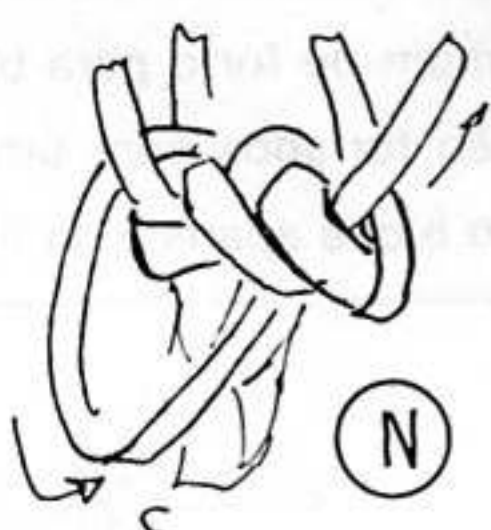
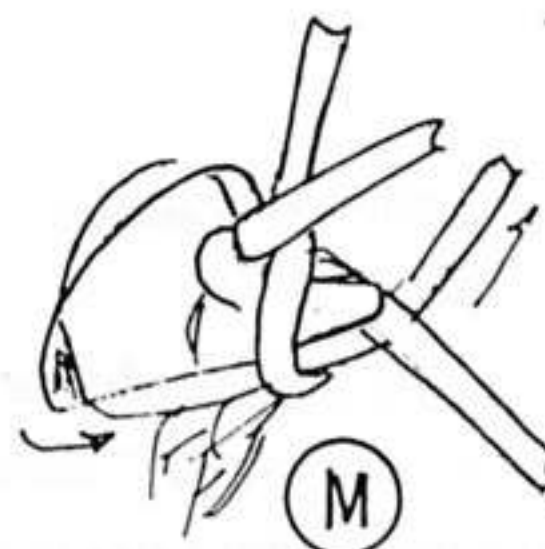
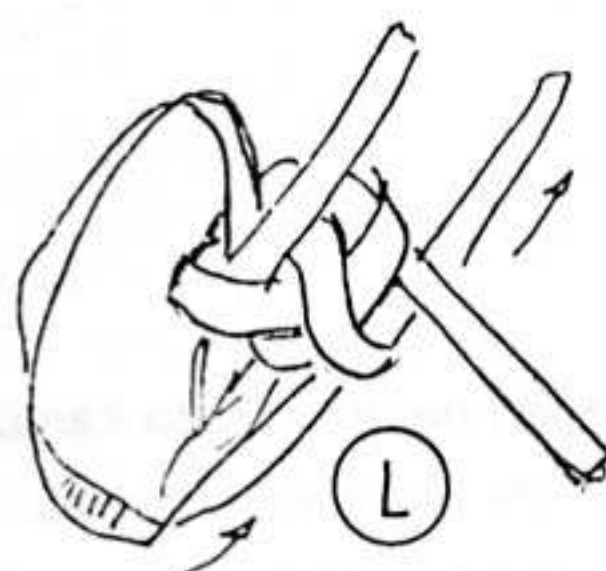
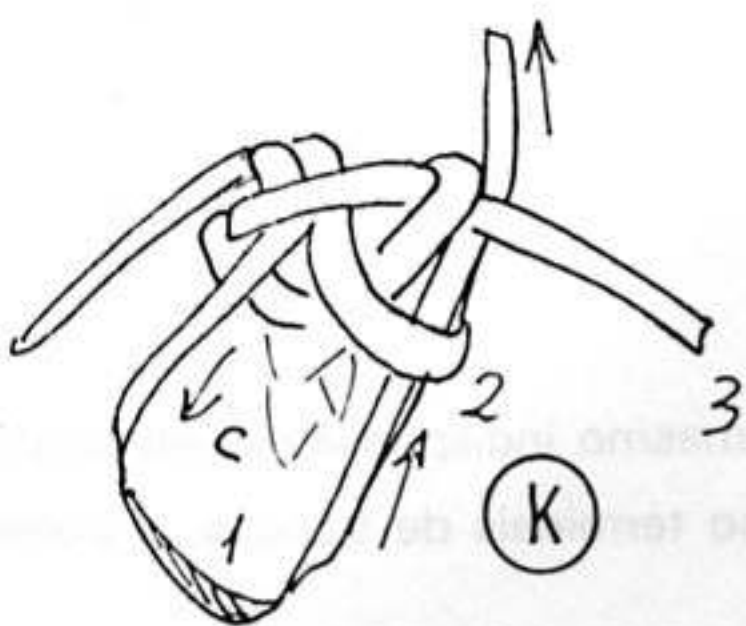
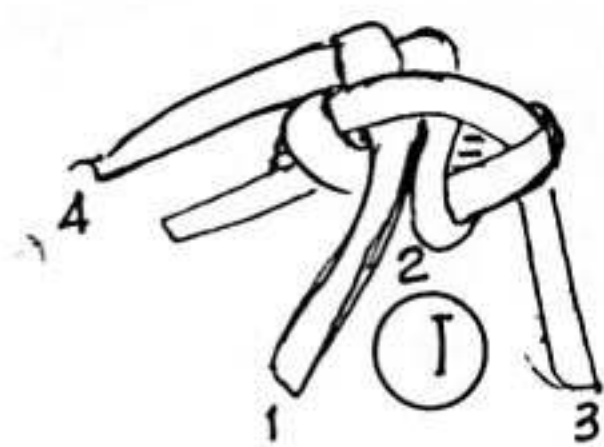
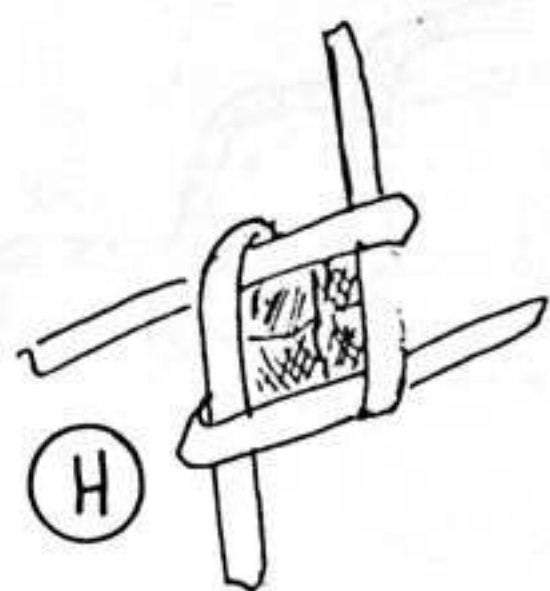


FIG. 158

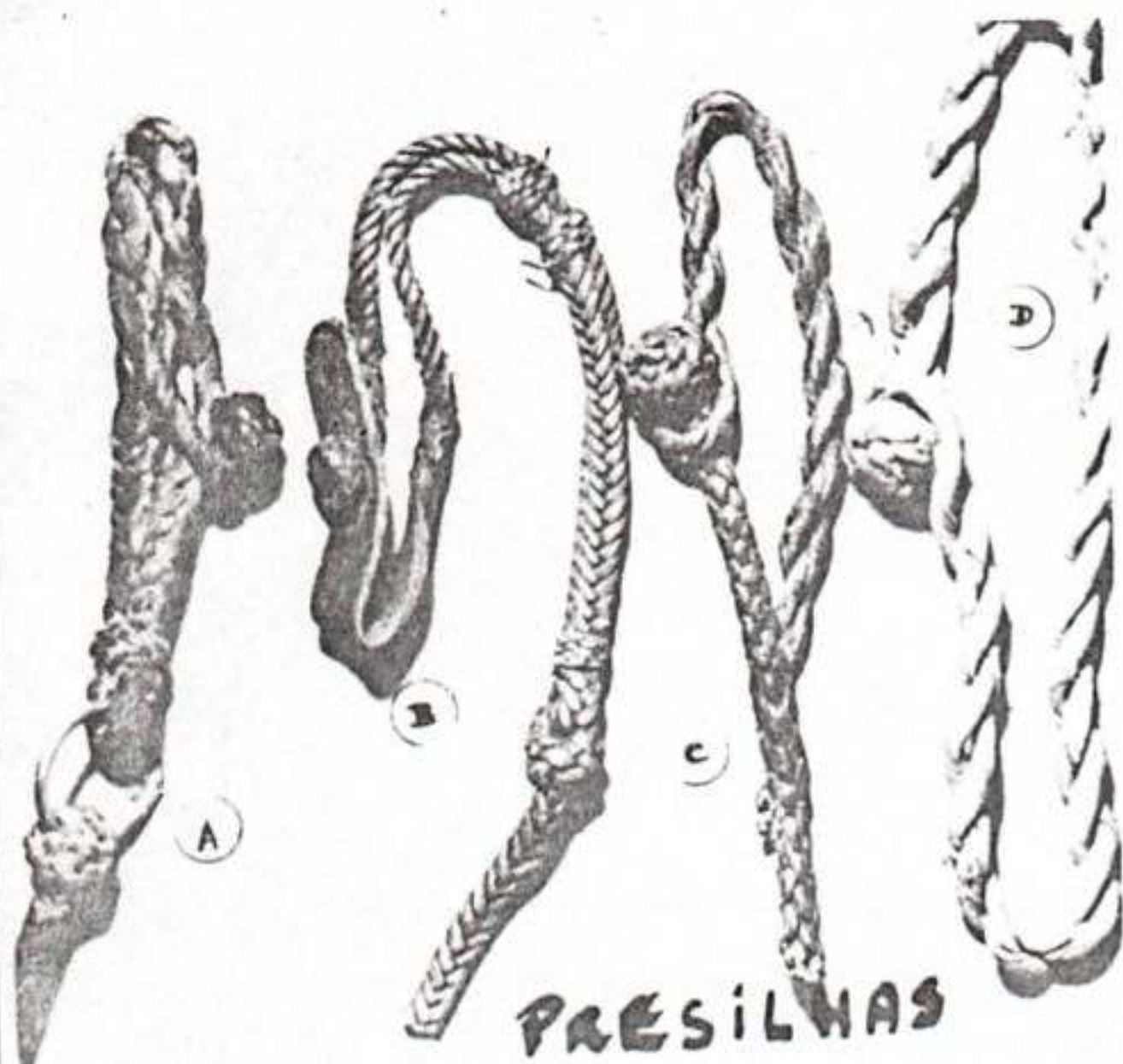


FIG. 160

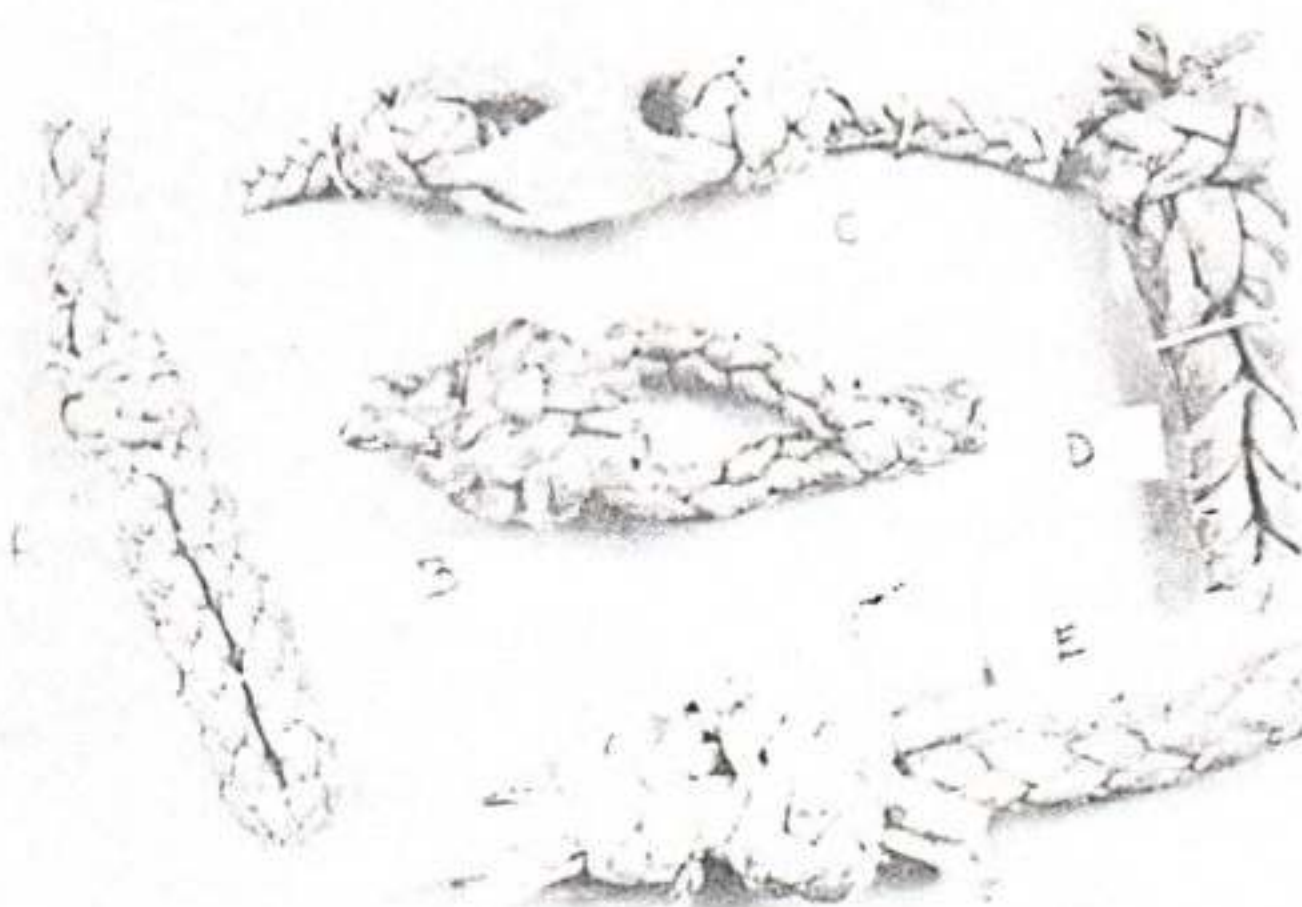


FIG. 162

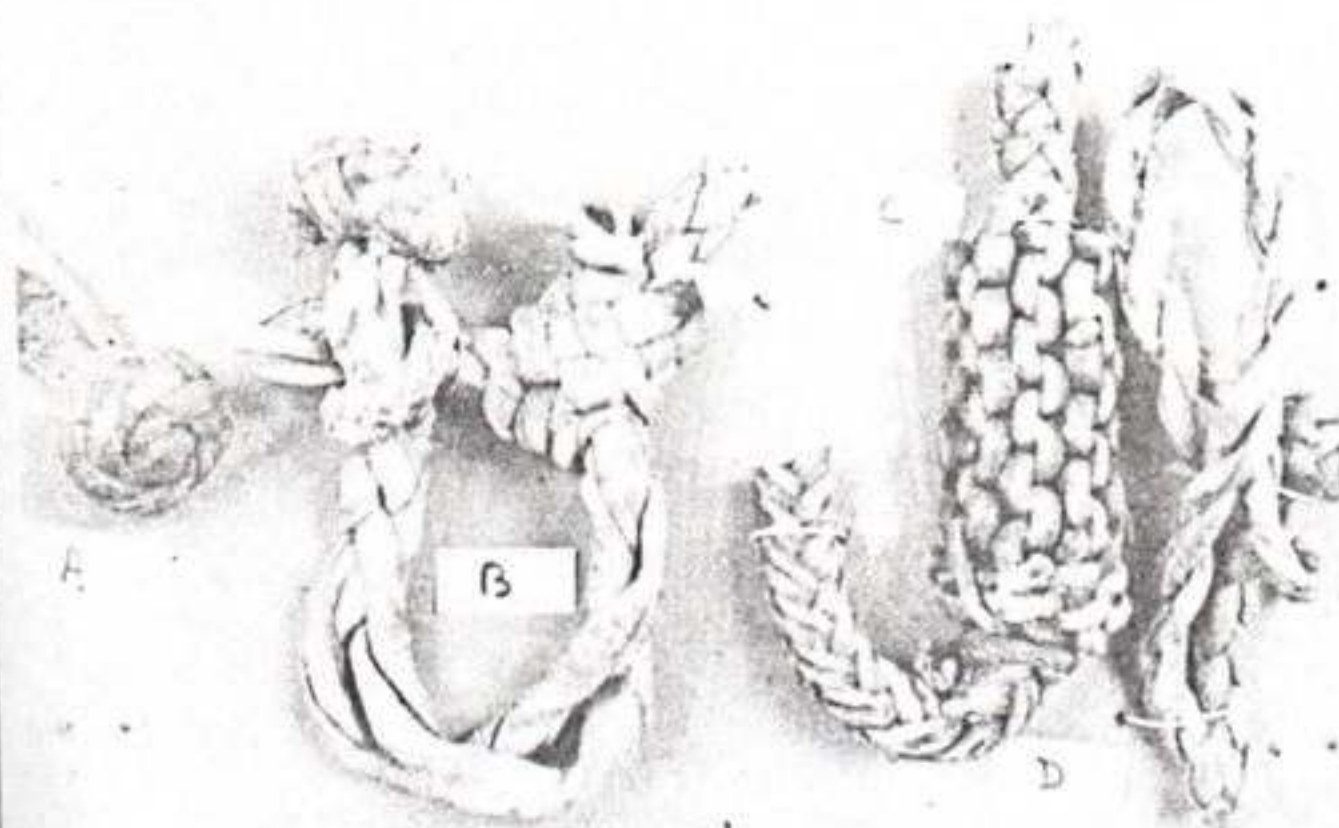


FIG. 164

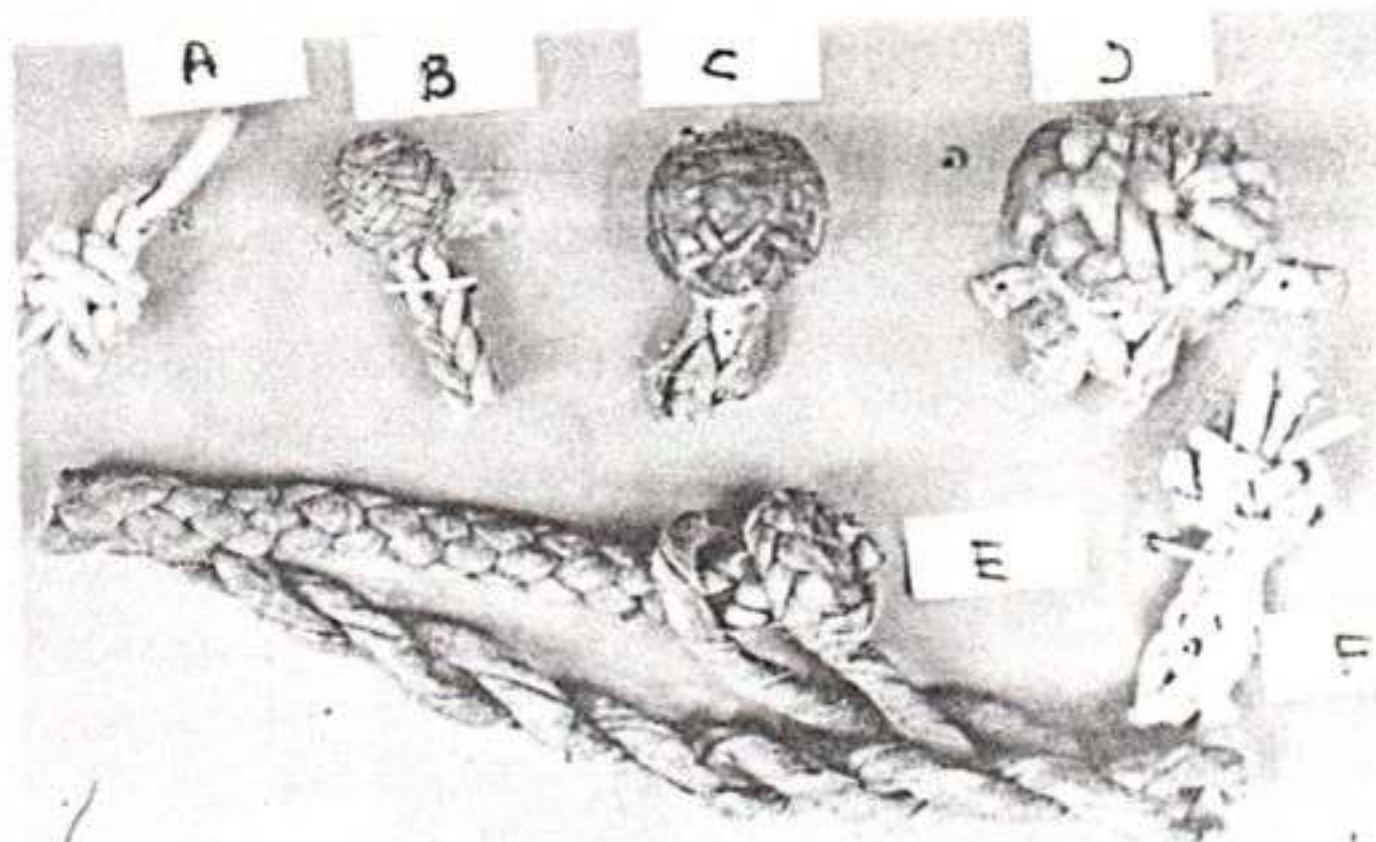


FIG. 161

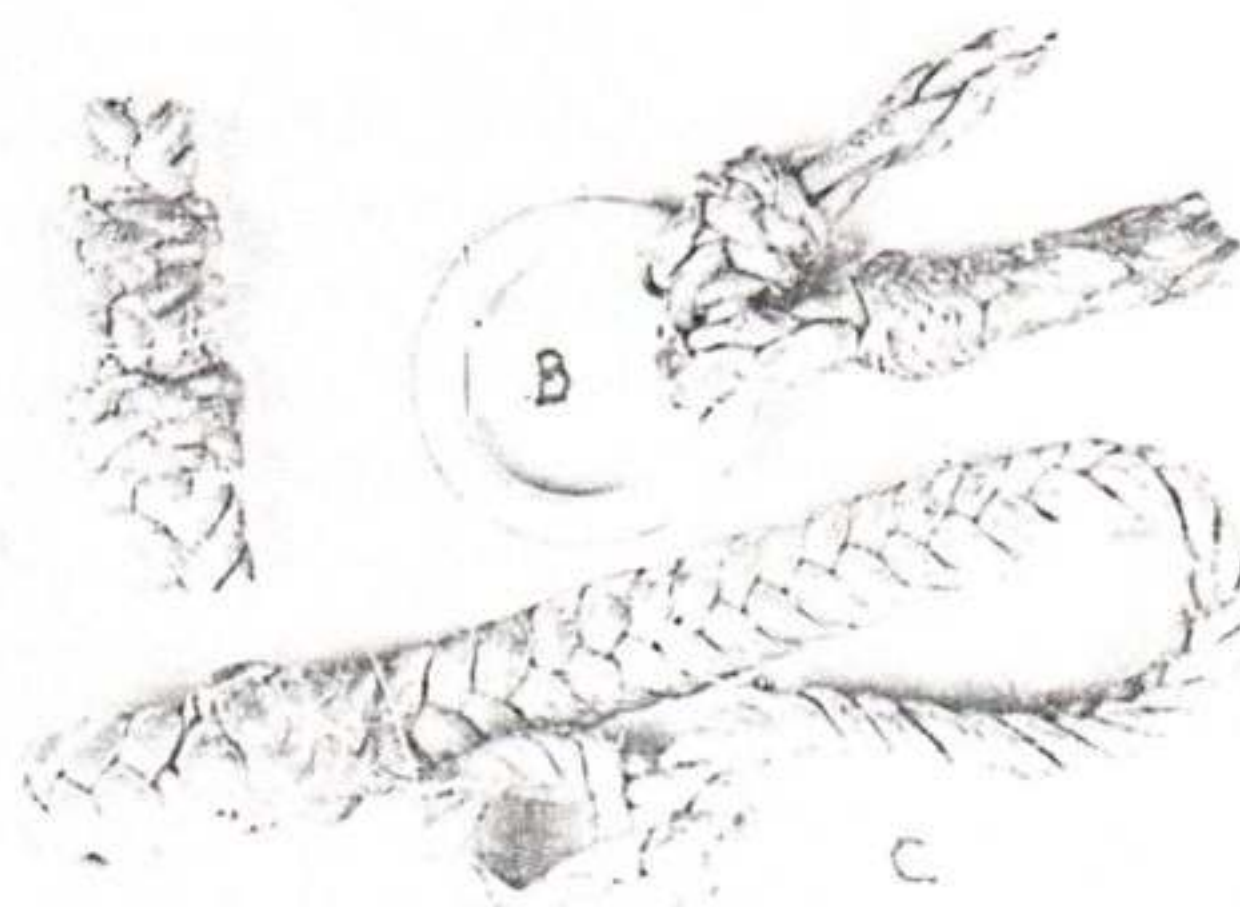


FIG. 163

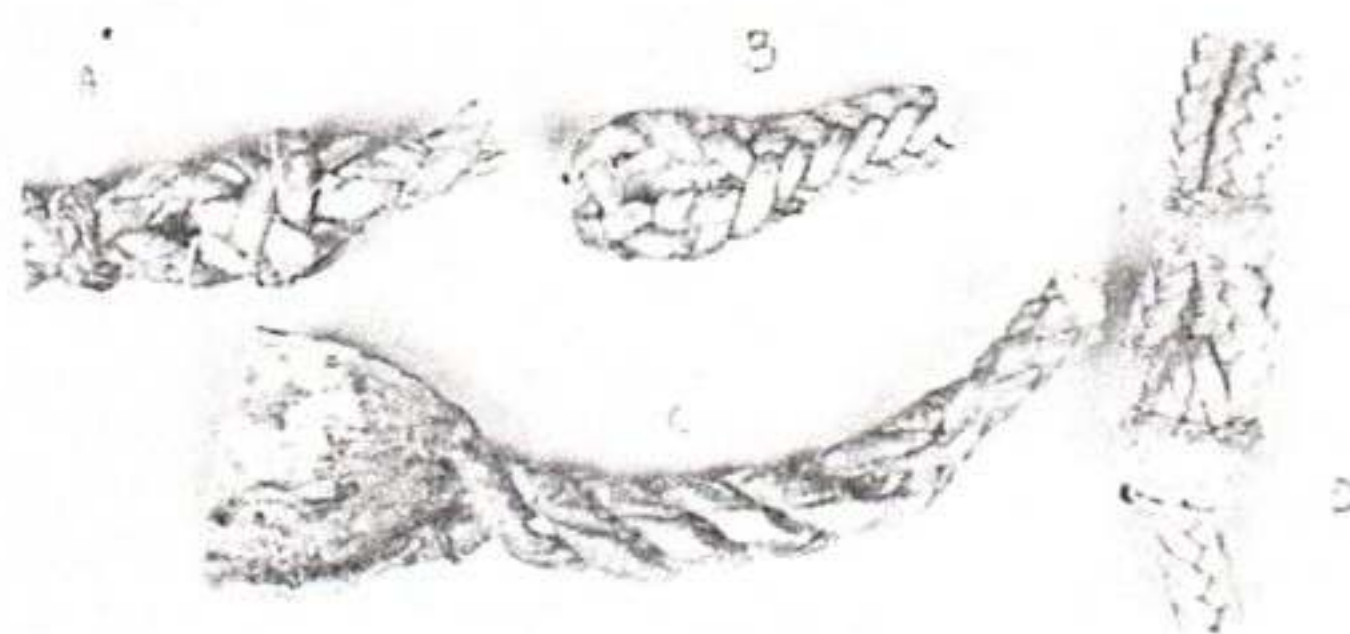


FIG. 165

6. CONCLUSÃO

Através do que foi exposto neste volume, procuramos mostrar o desenvolvimento deste tipo de artesanato em nosso meio rural. A variedade de formas e combinações na confecção de "cordas" e "corredores", botões, laços, emendas, boleadeiras e revestimentos diversos constituem verdadeira glorificação à inteligência do HOMEM simples do campo. Instrumentos de trabalho, objetos de uso diário, enfeites e até móveis e construções revelam-nos o capricho, o gosto, a criatividade e o amor com que o gaúcho supre necessidades da vida cotidiana, transformando matéria-prima rudimentar em verdadeiros objetos de arte.

O estudo de suas habilidades e da maneira inteligente como ele enfrenta as dificuldades ambientais e se realiza como pessoa constitui parte importante da tradição gaúcha.

No segundo volume em fase de elaboração, pretende o autor apresentar novas formas de artesanato praticado pelo gaúcho, tais como novos tipos de tranças e corredores, confecção de botões, terminais de tranças, costuras, revestimentos diversos, boleadeiras, laços e emendas, muito comuns nas "cordas" de uso cotidiano do homem do campo, a par de outros aspectos (miscelânea) da tradição gaúcha.